

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
DOUTORADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA E CONEXÕES ATLÂNTICAS

FRANSUEL LIMA DE BARROS

O PIAUÍ ENTRA EM CAMPO:
as condições sociais para o surgimento do futebol no Piauí (1916-1941)

São Luís
2024

FRANSUEL LIMA DE BARROS

O PIAUÍ ENTRA EM CAMPO:

as condições sociais para o surgimento do futebol no Piauí (1916-1941)

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História e Conexões Atlânticas: Culturas e Poderes – Doutorado Acadêmico, da Universidade Federal do Maranhão, para obtenção do título de Doutor.

Linha de pesquisa: **Poderes, Políticas e Sociabilidades**

Orientador: Prof. Dr. Luiz Alberto Couceiro

São Luís

2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Barros, Fransuel Lima de.

O PIAUÍ ENTRA EM CAMPO : as condições sociais para o surgimento do futebol no Piauí 1916-1941 / Fransuel Lima de Barros. - 2024.

232 p.

Orientador(a): Luiz Alberto Couceiro.

Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em História/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2024.

1. História. 2. Futebol. 3. Crônicas. 4. História Conectada. 5. Piauí. I. Couceiro, Luiz Alberto. II. Título.

FRANSUEL LIMA DE BARROS

O PIAUÍ ENTRA EM CAMPO:

as condições sociais para o surgimento do futebol no Piauí (1916-1941)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal do Maranhão, visando a aquisição do grau de doutor em História e Conexões Atlânticas: Culturas e Poderes.

Aprovada em: 14/11/2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Alberto Alves Couceiro

Orientador - UFRJ e PGHIS-UFMA

Prof. Dr. Lyndon de Araújo Santos

Participante Interno- PPGHis-UFMA

Profa. Dra. Rita de Cássia da Silva Almico Saraiva

Participante Externo- UFF

Profa. Dra. Rejane Valvano Corrêa da Silva

Participante Externo- UFRJ

Prof. Dra. Mariane da Silva Pisani

Participante Externo-UFPI

O Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal do Maranhão, certifica que esta é a versão final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para a obtenção do título de doutor em História e Conexões Atlânticas: Culturas e Poderes.

Documento assinado digitalmente
 **LUIZ ALBERTO ALVES COUCEIRO**
Data: 12/03/2025 09:11:48-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Luiz Alberto Couceiro

UFRJ e PGHIS-UFMA

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, cuja presença iluminou meu caminho em cada etapa desta jornada acadêmica, sem o qual nada seria possível.

À minha esposa, Lays Vitória, pelo carinho, paciência e dedicação, essenciais para enfrentar os desafios deste processo. Seu apoio incondicional, mesmo nos momentos mais difíceis, foi fundamental para que eu seguisse em frente. Você é, sem dúvida, um presente de Deus em minha vida.

À minha filha, Isabella, que, apesar da pouca idade, demonstrou uma admirável compreensão ao aceitar que, muitas vezes, eu não pudesse estar presente para brincar com ela. Sua maturidade me deu forças para continuar. Cada conquista minha também é sua.

À minha mãe, Deuzita, cujo exemplo de vida me ensinou o verdadeiro significado de resiliência e determinação. Sou grato por seu cuidado e amor incondicional.

Aos meus irmãos, François, Fredson e Andreza, por sempre acreditarem em mim e me apoiarem com palavras de incentivo.

Agradeço a minha sogra, Rosângela, por tantas vezes cuidar de minha filha, permitindo que eu focasse nos estudos. Seu apoio foi indispensável.

Agradeço à FAPEMA pela concessão da bolsa de doutorado, que possibilitou a participação em eventos e a aquisição de livros essenciais ao desenvolvimento deste trabalho.

Aos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em História da UFMA, meu sincero agradecimento pelo acolhimento.

Sou especialmente grato a Mariani Pisani e Lyndon de Araújo, cujas leituras cuidadosas e observações valiosas na qualificação contribuíram para o aprimoramento desta pesquisa. À Rita Almico, por ter aceitado de pronto o convite para participar da banca de defesa.

Aos meus colegas de doutorado, especialmente Luana e Tonny, por compartilharem suas experiências e por serem companheiros de jornada, reforçando a amizade e o companheirismo.

Agradeço em especial a Alissoney, cuja parceria nos estudos sobre o futebol foi uma experiência enriquecedora e de grande aprendizado.

À Rejane, pelas discussões ricas do grupo de pesquisa Flutua e pela generosidade em compartilhar perspectivas que enriqueceram esta análise.

Por fim, ao meu orientador, Luiz Couceiro, minha mais profunda gratidão. Sua sensibilidade, paciência e orientação cuidadosa foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho, sua confiança em meu potencial me deu a motivação necessária para prosseguir. Muito obrigado por todo o apoio e dedicação.

RESUMO

O futebol, introduzido no Piauí em 1905, começou a ganhar maior destaque a partir de 1916, quando se consolidou como uma prática regular nas principais cidades do estado. Nesse período, embora ainda distante do poder e da influência adquiridos ao longo do século XX, o esporte já se apresentava como um espaço significativo para interações sociais e culturais. Gradualmente, tornou-se um terreno fértil para disputas sociais, formulação de projetos de poder e construção de identidades locais, refletindo as transformações em curso na sociedade piauiense. Inserida nesse contexto de crescente relevância na vida social, esta tese busca analisar como as crônicas sociais de futebol publicadas nos jornais de Teresina, Parnaíba e outras regiões do país funcionaram como veículos para a construção de identidades locais e regionais no estado do Piauí, revelando projetos de poder e práticas culturais distintas, associadas à prática do futebol. Para alcançar esse objetivo, a pesquisa foca nas dinâmicas locais e regionais, examinando como o futebol transcendeu os campos, consolidando-se como uma presença indispensável nos círculos sociais das principais cidades piauienses. A adoção de uma abordagem de história conectada permite revelar as interfaces entre o local e o global, com destaque para o papel de Parnaíba como um importante polo esportivo, sustentado por suas conexões comerciais atlânticas. Esse enfoque evidencia como o futebol no Piauí foi moldado por influências externas e, ao mesmo tempo, adaptado às particularidades locais. As crônicas piauienses oferecem uma janela para os projetos de poder em disputa nesse período. De um lado, o futebol institucionalizado, associado ao controle social e disciplinar, de outro, as “peladas”, práticas populares marcadas pela ludicidade, espontaneidade e flexibilidade de regras, adaptadas aos contextos sociais específicos. Essas diferentes formas de vivenciar o futebol refletiam as tensões sociais e culturais que permeavam a sociedade piauiense, reforçando o caráter simbólico do esporte como espaço de conflitos e negociações. O estudo conclui que o futebol piauiense se consolidou como um campo de disputas sociais, desempenhando um papel central na construção das identidades coletivas no estado. Por fim, a pesquisa ressalta a importância de ampliar os horizontes investigativos para além do eixo sul e sudeste, contribuindo para uma compreensão mais abrangente da história do futebol brasileiro e de suas ramificações culturais em outras regiões do país.

Palavras-chave: História. Futebol. Crônicas. História Conectada. Piauí.

ABSTRACT

Football, introduced in Piauí in 1905, began to gain prominence in 1916, when it became established as a regular practice in the main cities of the state. During this period, although still far from the power and influence it would acquire throughout the 20th century, the sport already served as a significant space for social and cultural interactions. Gradually, it became fertile ground for social disputes, the formulation of power projects, and the construction of local identities, reflecting the ongoing transformations in Piauí's society. Within this context of growing relevance in social life, this thesis aims to analyze how social chronicles of football published in newspapers from Teresina, Parnaíba, and other regions of the country functioned as vehicles for constructing local and regional identities in the state of Piauí, revealing power projects and distinct cultural practices associated with football. To achieve this objective, the research focuses on local and regional dynamics, examining how football transcended the fields, consolidating itself as an indispensable presence in the social circles of the main cities in Piauí. The adoption of a connected history approach reveals intersections between the local and the global, with particular emphasis on the role of Parnaíba as an important sports hub supported by its Atlantic commercial connections. This perspective demonstrates how football in Piauí was shaped by external influences while being adapted to local particularities. The chronicles from Piauí provide valuable insight into the power projects in dispute during this period. On the one hand, institutionalized football reflected ideals of social control and discipline; on the other hand, informal "peladas" stood out as popular practices marked by playfulness, spontaneity, and flexible rules, adapted to specific social contexts. These different ways of experiencing football reflected the social and cultural tensions permeating Piauí's society, reinforcing the symbolic role of the sport as a space for conflicts and negotiations. The study concludes that football in Piauí established itself as a field of social disputes, playing a central role in the construction of collective identities within the state. Finally, the research underscores the importance of expanding investigative horizons beyond the southern and southeastern regions, contributing to a broader understanding of the history of Brazilian football and its cultural ramifications in other parts of the country.

Keywords: History. Football. Chronicles. Connected History. Piauí.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Mapa do Estado do Piauí, 1913	39
Figura 2 -	Obras do Porto de Amarração	43
Figura 3 -	James Frederick Clark	50
Figura 4 -	Anúncio da Casa Inglesa	52
Figura 5 -	Família Castelo Branco Clark	55
Figura 6 -	Casa Inglesa – Propriedade e residência de James Clark	57
Figura 7 -	Av. Getúlio Vargas (Rua Grande)	58
Figura 8 -	Palacete de residência do coronel José de Moraes Correia	58
Figura 9 -	Jardim Municipal e edifício do Banco do Brasil (Praça da Graça)	59
Figura 10 -	Cine Teatro Éden	60
Figura 11 -	Campo do Parnahyba Sport Club	75
Figura 12 -	Estádio do Internacional	77
Figura 13 -	Visita de D. Pedro e das princesas D. Elizabeth e D. Izabel à Parnaíba ...	78
Figura 14 -	Esquadrão do Luna Sport Club no campo do Internacional de Parnaíba	79
Figura 15 -	Time do Theresinense Athletic Club	114
Figura 16 -	Campo do Internacional	119
Figura 17 -	Os <i>sportemens</i> Benjamin Furtado e Luiz Menezes (Internacional-PI)	127
Figura 18 -	Escudo do Parnahyba original à esquerda, e reformulado, à direita	135
Figura 19 -	Hino do Parnahyba (1919)	137
Figura 20 -	Escudo do <i>Internacional Athletic Club</i>	138
Figura 21 -	O Internacional (1917)	141
Figura 22 -	1º Time do Artístico Foot-Ball Club em 1918	142
Figura 23 -	Propaganda do jornal <i>O Nordeste</i> (1919)	147
Figura 24 -	Time do Parnahyba	153
Figura 25 -	Anúncio da partida INTERNACIONAL x PAISSANDU	166
Figura 26 -	Delegação do Luso Brasileiro em Parnaíba, em 1923	174
Figura 27 -	Galeria de Troféus do Parnahyba Sport Club	178
Figura 28 -	ZéCarneiro	188
Figura 29 -	Propaganda do medicamento “Mitigal”	191
Figura 30 -	Jogo Interestadual: Ceará x Piauí	208
Figura 31 -	Arquibancada do Campo do Internacional em jogo interestadual	212

LISTA DE QUADROS E GRÁFICOS

Quadro 1 -	Crônicas esportivas veiculadas em Teresina, entre 1906-1940	94
Quadro 2 -	Publicações sobre futebol em periódicos de Parnaíba-PI, cidades do Sul do Piauí, São Luís e Rio de Janeiro (1910-1940)	102
Gráfico 1 -	Evolução das crônicas sociais futebolísticas no Piauí (1906-1940)	106
Gráfico 2 -	Número de times de futebol fundados por ano (1906-1940)	144

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 CONEXÕES COMERCIAIS E CULTURAIS: PARNAÍBA, O BERÇO DO FUTEBOL PIAUIENSE	37
1.1 Do isolamento ao comércio global: a transformação econômica do Piauí	38
1.2 De Liverpool a Parnaíba: o impacto cultural e comercial da Casa Inglesa e da família Clark	47
1.3 Família Castelo Branco Clark: construindo laços familiares e esportivos no Piauí	53
1.4 A teia global do futebol: perspectivas cruzadas e conexões históricas no Piauí	61
1.5 O “pomposo” futebol em Parnaíba	71
2 A CRÔNICA LITERÁRIA E O FUTEBOL PIAUIENSE: UMA TABELA ENTRE A IMPRENSA E O ESPORTE	82
2.1 Palavras em campo: a construção do futebol piauiense nas crônicas	85
2.2 As crônicas de futebol nos jornais piauienses: um retrato da cultura esportiva	93
2.3 A imprensa esportiva e a linguagem do futebol	108
3 INTEGRAÇÃO E RIVALIDADES: O FUTEBOL AMADOR DO PIAUÍ E SUAS CONEXÕES INTERESTADUAIS	131
3.1 A formação dos primeiros clubes piauienses	132
3.2 Futebol moderno: a emergência das ligas esportivas no Piauí	148
3.3 Os amistosos interestaduais: uma trajetória conectada	161
4 “MANIA DE <i>FOOTBALL</i> ”: UM PONTAPÉ NAS RELAÇÕES SOCIAIS	181
4.1 Futebol, raça e corpo	182
4.2 Do campo às ruas: a popularização do futebol e as tensões entre o formal e as “peladas”	192
4.3 “Jogo sujo”: a criminalização das “peladas”	199
4.4 O 12º jogador: torcida, paixão e emoções	206
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	214
REFERÊNCIAS	219

INTRODUÇÃO

O Brasil se encontra imerso no universo do futebol, especialmente durante os períodos de disputa da Copa do Mundo. Nesses momentos, os meios de comunicação inundam nossa percepção com a fascinação por esse esporte. Surge, assim, um clima de unidade nacional, atingindo até mesmo aqueles que não nutrem tanta afinidade pelo jogo. A identidade brasileira, de maneira crescente, associa-se à fervorosa torcida pela seleção nacional de futebol. Contudo, essa paixão não se restringe meramente aos momentos de competição global; ela representa um fenômeno cultural em constante movimento, demandando uma abordagem mais analítica e menos cética.

Esse impacto duradouro tem chamado a atenção de instituições de ensino superior no Brasil, que avançam no reconhecimento do esporte como um campo legítimo de pesquisa. Ainda que tenha encontrado resistência inicial no meio acadêmico, sua presença nos debates universitários se expandiu, ultrapassando a análise dos grandes eventos esportivos e incorporando as dinâmicas cotidianas que o envolvem. Compreender seu papel na formação da identidade nacional exige uma abordagem que supere interpretações convencionais ligadas ao entretenimento ou lazer, explorando suas múltiplas dimensões e seu papel na cultura brasileira.

A partir dessa abordagem, este trabalho insere o futebol no campo das Ciências Humanas e Sociais, com ênfase na História, destacando sua relevância para a compreensão de processos históricos e sociais. Mais do que um fenômeno esportivo, o futebol reflete dinâmicas políticas, econômicas e identitárias em diferentes contextos, oferecendo um campo de análise que abrange relações de poder, questões de classe, gênero e etnia, além de sua presença em movimentos de resistência e na formação de identidades coletivas. No caso do Piauí, o estudo das práticas esportivas revela formas de sociabilidade e pertencimento que ajudam a compreender transformações e continuidades históricas. O crescente interesse acadêmico nas últimas décadas tem consolidado o futebol como um tema de pesquisa interdisciplinar e historicamente relevante.

No Brasil, esse interesse acadêmico encontrou um marco importante em 2003, com a realização do primeiro Simpósio Temático de História do Esporte, durante o XXIII Simpósio Nacional de História da ANPUH, em João Pessoa, Paraíba¹. Esse evento consolidou o estudo das práticas esportivas como uma área legítima de pesquisa histórica, criando um espaço de

¹ SIMPÓSIO TEMÁTICO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, 1, 2003, João Pessoa. In: Simpósio Nacional de História, 2003. *Anais* [...]. João Pessoa, Paraíba, 2003.

discussão sobre suas relações com a sociedade, a cultura e a política. A partir de iniciativas como essa, o futebol passou a ocupar um lugar central nos debates acadêmicos, reforçando sua relevância para compreender dinâmicas sociais e culturais.

Embora o reconhecimento do futebol como campo de estudo tenha se ampliado recentemente, sua conexão com a identidade nacional já era explorada por intelectuais desde meados do século XX. Entre as décadas de 1930 e 1950, o esporte ganhou destaque nesse debate, sendo interpretado por autores como Gilberto Freyre e Mário Filho como uma expressão da miscigenação e da cultura popular brasileira. Em 1938, por exemplo, Gilberto Freyre publicou no *Diário de Pernambuco*² uma análise sociocultural da seleção brasileira em viagem pela Europa. No texto, destacou a atuação de Leônidas da Silva, atacante negro que se consolidava como um dos grandes ídolos do futebol nacional. Freyre chegou a descrever o estilo de jogo brasileiro como uma “forma de dança dionisiaca”, enfatizando a energia, espontaneidade e alegria presentes no futebol. Essa interpretação foi reforçada em outros textos, como no prefácio de *O Negro no Foot-ball Brasileiro*³ e no artigo *O Futebol e a Dança*⁴, em que o autor associa o futebol brasileiro a uma expressão cultural marcada pela leveza e expressividade.

As interpretações que associavam o futebol à identidade brasileira também encontraram eco na obra de Mário Filho. Publicada em 1947, *O negro no futebol brasileiro* se tornou uma das principais referências na construção do imaginário do futebol no país. Inspirado nas ideias de Gilberto Freyre, Filho sustentava que a presença de jogadores negros foi decisiva para o desenvolvimento de um estilo de jogo marcado pela criatividade e improvisação. Para ele, o futebol teria contribuído para apagar a “linha de cor”, possibilitando a ascensão social de jogadores negros e mulatos e fortalecendo a imagem de um Brasil miscigenado e integrado pelo esporte.

Apesar da relevância de sua obra, a metodologia adotada por Mário Filho apresenta algumas limitações, especialmente no uso das fontes orais. Suas análises foram amplamente baseadas em entrevistas com jogadores e dirigentes, publicadas em sua coluna no jornal *O Globo Sportivo*, sem um tratamento crítico aprofundado desses relatos. Embora a história oral seja um recurso importante na pesquisa histórica, sua interpretação exige o cruzamento com outras fontes e uma atenção às condições em que os depoimentos foram produzidos. Em *O Negro no Futebol Brasileiro*, a ênfase nas memórias individuais resultou em reconstruções

² FREYRE, Gilberto. Foot-ball mulato. *Diário de Pernambuco*, Recife, 17 jun. 1938, p. 4.

³ FILHO, Mário. *O negro no foot-ball brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmão Pongetti Editores, 1947.

⁴ FREYRE, Gilberto. Futebol brasileiro e dança. In: FREYRE, Gilberto. *Seleção para jovens*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

subjetivas dos eventos, sem a devida verificação documental. Além disso, o número reduzido de entrevistados negros pode ter condicionado sua visão sobre a suposta democratização do futebol⁵.

A maneira como o futebol foi interpretado nessas obras moldou a percepção do esporte ao longo das décadas, consolidando-o como uma expressão central da cultura nacional. No entanto, apesar do impacto dessas obras, o futebol permaneceu por muito tempo à margem dos estudos acadêmicos. Apenas no final da década de 1970, com o avanço das Ciências Sociais, o futebol começou a ser incorporado às pesquisas acadêmicas no Brasil, ainda de forma inicial e limitada. Em 1977, a dissertação de Simoni Lahud Guedes, intitulada *O futebol brasileiro: instituição zero*⁶, marcou um momento decisivo na consolidação do futebol como tema de pesquisa acadêmica nas Ciências Sociais, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (UFRJ). Guedes inovou ao romper com a visão predominante de que o futebol era apenas uma fuga da realidade ou o “ópio do povo”. Em sua pesquisa, ela apresentou o futebol como um fenômeno social complexo, com múltiplas significações e interpretações que revelam aspectos profundos sobre a nação e o “povo brasileiro”.

Dando continuidade a esse avanço nas Ciências Sociais, em 1981, Ricardo Benzaquen Araújo apresentou sua dissertação intitulada *Gênios da Pelota: o estudo do futebol como profissão*⁷. Diferente de Guedes, que focou na função social do futebol, Benzaquen abordou questões ligadas à profissionalização do esporte, evidenciando os motivos que levam os jogadores a escolher o futebol como carreira e explorando temas como o enriquecimento, a autorrealização e as categorias fundamentais para o sucesso, como talento e personalidade. Além disso, o autor investigou as dinâmicas de poder entre jogadores e dirigentes, revelando desigualdades hierárquicas e estratégias empregadas pelos atletas para lidar com essas relações.

Ampliando a discussão sobre o papel do futebol na sociedade brasileira, em 1982, Roberto DaMatta publicou *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*⁸, no qual apresenta o futebol como um “drama da vida social”. DaMatta argumenta que o esporte vai além de ser um simples entretenimento, assumindo o papel de uma arena simbólica onde se

⁵ SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; DRUMOND, Maurício. A construção de histórias do futebol no Brasil (1922 a 2000): reflexões. *Revista Tempo*, Niterói, v. 19, n. 34, p. 23-27, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/QNV8GYn3T6V79XCg7R9nr8m/>. Acesso em: 2 dez. 2024.

⁶ GUEDES, Simoni Lahud. *O futebol brasileiro: instituição zero*. 1977. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Museu Nacional, 1977.

⁷ ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Os gênios da pelota: um estudo do futebol como profissão*. 1980. 90 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 1980.

⁸ DAMATTA, Roberto et al. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.

revelam e se negociam normas, valores e hierarquias da sociedade brasileira. Ele vê o futebol como uma metáfora cultural que, por meio de seus rituais e narrativas, expressa as tensões sociais, como a relação entre coletividade e individualidade e entre ordem e improvisação, refletindo as contradições do Brasil. Embora sua abordagem seja formalmente inovadora, DaMatta se conecta à tradição de autores como Gilberto Freyre e Mário Filho, que exploraram o futebol como um elemento central da identidade nacional.

Ainda que tenha trazido uma nova abordagem ao tema, a interpretação de DaMatta não ficou isenta de críticas. Para alguns pesquisadores, sua leitura do futebol retomava ideias já consolidadas, sem levar em conta as mudanças que marcaram o período. Entre eles, o historiador Luiz Carlos Ribeiro⁹ argumenta que a análise do autor apresenta um viés nostálgico e descontextualizado, ao reforçar uma visão da identidade nacional que já vinha sendo questionada nos anos 1980. Para Ribeiro, ao associar o futebol à identidade nacional, DaMatta revisita uma visão predominante entre as décadas de 1940 e 1960, influenciada por pensadores como Gilberto Freyre e Mário Filho, que viam o futebol como um elemento unificador da cultura brasileira. No entanto, nos anos 1980, essa noção de unidade estava sendo desafiada e ressignificada, e associar futebol e identidade cultural tornava-se um esforço de buscar no passado valores e significados que o presente não mais sustentava. Segundo Ribeiro, isso reflete uma tentativa de alguns intelectuais de resgatar uma unidade cultural e política em meio à crise de ideias e fragmentação que o Brasil vivenciava na época.

Se o futebol já era objeto de estudo entre sociólogos e antropólogos, os historiadores passaram a analisá-lo em sua historicidade, diversificando as abordagens e o uso das fontes. Entre os primeiros a se dedicar ao tema, Joel Rufino dos Santos publicou em 1978, na revista *Encontros com a Civilização Brasileira*, o artigo “Na Confederação Brasileira de Desportos (CBD) até o papagaio bate continência”, no qual retratava a crise do futebol brasileiro, associando sua decadência ao regime militar e à exclusão de jogadores negros. Em 1981, ele aprofundou essa análise em *História Política do Futebol Brasileiro*, discutindo as interações entre o esporte e o contexto político da época. Outra contribuição importante veio com a coletânea *Futebol e Cultura: Coletânea de Estudos*, organizada por José Carlos Sebe Bom Meihy e José Sebastião Witter, publicada em 1982, que propôs uma abordagem mais crítica

⁹ RIBEIRO, Luiz Carlos. Futebol: por uma história política da paixão nacional. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 57, p. 15-43, jul./dez. 2012. Editora UFPR.

sobre a relação entre futebol e identidade nacional, sendo possivelmente a primeira a tratar do tema sob uma ótica acadêmica dentro do campo da História¹⁰.

Apesar dessas iniciativas, o futebol ainda levou tempo para se firmar como objeto de estudo nas academias brasileiras. Somente na década de 1990 as pesquisas ganharam maior densidade, impulsionadas, em parte, pela história social inglesa e por novas metodologias voltadas à cultura popular e às dinâmicas sociais do esporte. Eric Hobsbawm, em *Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)*, analisa o futebol como um fenômeno de massa que ultrapassa o mero entretenimento, classificando-o como a “religião leiga da classe operária”. Para ele, o esporte se tornou um espaço de identidade coletiva e pertencimento, especialmente diante das transformações políticas e econômicas do século XX. Nesse contexto, o futebol passou a ocupar um lugar central na experiência social, funcionando como um meio de identificação que transcendia barreiras sociopolíticas. A torcida por um clube ou seleção fortalecia laços de solidariedade e reforçava o sentimento de coletividade, ao mesmo tempo em que refletia disputas mais amplas de poder e status. Com a crescente profissionalização e inserção do esporte na indústria do entretenimento, sua estrutura se transformou, adaptando-se a um mercado global em expansão. Ainda assim, Hobsbawm reconhece que o futebol manteve sua capacidade de mobilização social e continuou a expressar tensões políticas e culturais ao longo do século XX¹¹.

A análise do futebol como um fenômeno de massas permitiu compreender sua dimensão simbólica e sua capacidade de mobilização social. No entanto, além de sua ampla difusão e apelo popular, historiadores voltaram-se para as formas como os trabalhadores incorporavam o esporte em seu cotidiano, explorando suas práticas e significados dentro das relações sociais. Nesse sentido, a obra de E.P. Thompson, embora não trate diretamente do futebol, abriu caminhos para uma leitura mais densa das práticas culturais e das experiências coletivas da classe operária. Seu interesse pelas formas de resistência, pelo tempo livre e pelas relações sociais no ambiente de trabalho influenciou historiadores do esporte no Brasil, que passaram a enxergar o futebol como um reflexo das estruturas sociais e, ao mesmo tempo, um espaço de construção e disputa de identidades no cotidiano¹².

Os debates da década de 1990 consolidaram o futebol como um objeto legítimo de investigação acadêmica, abrindo caminho para novas abordagens no início do século XXI. Com

¹⁰ SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; DRUMOND, Maurício. A construção de histórias do futebol no Brasil (1922 a 2000): reflexões. *Revista Tempo*, Niterói, v. 19, n. 34, p. 27-28, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/QNV8GYn3T6V79XCg7R9nr8m/>. Acesso em: 2 dez. 2024

¹¹ HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996, 2003.

¹² THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

a ampliação das perspectivas historiográficas, o esporte passou a ser analisado dentro de dinâmicas sociais e culturais mais complexas, aprofundando questões antes tratadas de forma marginalizada. Nesse cenário, *Footballmania* (2000), de Leonardo Pereira, tornou-se uma das principais referências sobre o tema. Enquanto *O Pontapé Inicial* manteve uma abordagem mais tradicional, Pereira ampliou suas fontes e se aproximou da história social, incorporando periódicos da época, legislações, documentos policiais, livros de memórias e uma rica iconografia. Seu estudo sobre a difusão do futebol no Rio de Janeiro destacou a importância das pequenas agremiações e o processo de popularização do esporte. No entanto, ao discutir sua introdução no Brasil, a obra ainda reproduz a narrativa dominante que atribui esse protagonismo a imigrantes europeus e jovens brasileiros retornados da Europa, sem explorar com mais profundidade a participação de outros grupos sociais. Essa visão levanta um questionamento essencial: o futebol teria sido, de fato, um esporte restrito às elites em sua fase inicial, ou as camadas populares já participavam desse cenário desde sua chegada ao país?¹³.

Minha pesquisa de doutorado parte dessa lacuna, ao buscar compreender como o futebol foi apropriado em contextos distantes dos grandes centros, muitas vezes invisibilizados por narrativas que enfatizavam apenas sua trajetória entre as elites e sua conexão com modelos europeus. Inicialmente, minha pesquisa se aproximava da perspectiva de Pereira ao analisar a relação entre o futebol, a modernização e a disciplinarização da sociedade. No entanto, com o avanço das investigações, dos estudos, ficou evidente que não há um modelo único para a difusão do futebol no Brasil. No Piauí, embora a influência inglesa tenha sido relevante, o futebol local desenvolveu dinâmicas próprias, marcadas por apropriações e ressignificações que refletiam as particularidades da região. Dessa forma, meu trabalho propôs-se a analisar como as crônicas esportivas publicadas nos jornais de Teresina, Parnaíba e outras regiões do país atuaram como veículos para a construção de identidades locais e regionais no Piauí, revelando projetos de poder e práticas culturais distintas associadas ao futebol.

Essa mudança exigiu uma atenção maior às crônicas esportivas como narrativas que podem moldar as representações do futebol e da sociedade. Nesse sentido, a reflexão de Sússekind¹⁴ contribui para esta tese ao problematizar como os discursos narrativos constroem percepções sobre o país. A autora analisa a criação de um “retrato do Brasil” entre 1830 e 1840, através da lente de um narrador-viajante que alterna entre as funções de cartógrafo, historiador

¹³ SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; DRUMOND, Maurício. A construção de histórias do futebol no Brasil (1922 a 2000): reflexões. *Revista Tempo*, Niterói, v. 19, n. 34, p. 30, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/QNV8GYn3T6V79XCg7R9nr8m/>. Acesso em: 2 dez. 2024.

¹⁴ SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

e cronista. Ao investigar os relatos produzidos por viajantes estrangeiros e brasileiros, Süssekind evidencia como essas narrativas forjavam imagens pitorescas e exóticas do Brasil, que acabaram cristalizadas ao longo do tempo.

Esse processo também pode ser visto nas crônicas esportivas do início do século XX. Assim como os viajantes do século XIX, os cronistas interpretavam o futebol a partir de suas próprias visões e expectativas, consolidando símbolos, identidades e formas de pertencimento. Suas narrativas refletiam tanto aspirações de modernidade quanto tensões sociais mais amplas. A análise dessas crônicas no Piauí e no Brasil exige reconhecer que elas são interpretações situadas no tempo, influenciadas por relações de poder e disputas simbólicas que ajudaram a moldar a memória esportiva.

A escolha desse objeto de estudo também se entrelaça com minha própria trajetória, marcada pelo contato direto com o futebol. Desde a infância, o esporte permeava discussões nas escolas, nas praças e nas conversas entre amigos, moldando experiências e sociabilidades. Esse envolvimento se transformou em investigação acadêmica em 2012, quando iniciei o mestrado no Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí. Na dissertação, motivado pela relação entre futebol e modernidade, dediquei um capítulo à análise das práticas corporais e esportivas em Teresina, explorando como essas atividades se articulavam com o projeto de modernização da cidade nas primeiras décadas do século XX.

Essa pesquisa resultou na publicação do livro *Teresina moderna e civilizada: as sociabilidades teresinenses sob o olhar dos cronistas (1900-1930)*¹⁵, lançado em 2020 pela editora Cancioneiro, com algumas revisões que aprimoraram a análise. Na obra, o futebol aparecia de forma secundária, funcionando mais como parte das dinâmicas da sociabilidade urbana do que como um eixo central da investigação. No doutorado, a pesquisa seguiu outro caminho. Algumas das crônicas estudadas no livro foram revisitadas sob uma nova perspectiva, não só como relatos do cotidiano esportivo, mas também como espaços de construção de identidades e disputas simbólicas. O que antes parecia um detalhe revelou-se essencial para compreender como o futebol no Piauí dialogava com influências externas e, ao mesmo tempo, criava narrativas próprias, adaptadas às realidades locais. Essa abordagem amplia a compreensão do futebol no estado, situando-o em um contexto mais amplo, onde práticas regionais dialogam com influências nacionais e internacionais, revelando um cenário dinâmico e em constante transformação.

¹⁵ BARROS, Fransuel Lima de. Corpo, esporte e saúde em Teresina. In: BARROS, Fransuel Lima de. *Teresina moderna e civilizada: as sociabilidades teresinenses sob o olhar dos cronistas (1900-1930)*. Teresina: Cancioneiro, 2021.

A escolha do recorte temporal (1916-1941) responde a uma lacuna nos estudos históricos sobre o futebol no Piauí. Até o momento, não há pesquisas no campo da História que abordem o futebol como tema central nesse período, o que torna essencial uma análise aprofundada sobre sua consolidação e os significados que lhe foram atribuídos. Inspirado nas contribuições de José Sérgio Leite Lopes¹⁶, que há décadas desafia leituras reducionistas sobre o esporte, este estudo propõe uma abordagem que investiga o futebol piauiense em sua complexidade social, considerando disputas, tensões e interdependências. Nesse sentido, destaca-se o papel da crônica como veículo fundamental na construção de uma identidade esportiva no estado, evidenciando como os discursos impressos moldaram percepções sobre o futebol e suas relações com a sociedade.

O ano de 1916 marca um ponto de inflexão na história do futebol no Piauí, quando a imprensa local, tradicionalmente voltada para questões políticas, começou a abrir espaço para notícias esportivas. Esse movimento foi impulsionado pela fundação de clubes e das ligas esportivas em Parnaíba e Teresina, refletindo o crescimento da prática esportiva no estado. Embora a política ainda dominasse os periódicos, a presença do futebol nas páginas dos jornais indicava sua ascensão como elemento significativo da vida social. A partir desse momento, registros sobre fundação de clubes, inauguração de campos e realização de campeonatos tornaram-se cada vez mais frequentes, revelando um novo interesse pelo esporte e sua capacidade de mobilização.

Na década de 1920, esse processo se intensificou, e o futebol se popularizou por meio de duas vertentes distintas: a expansão dos clubes organizados e a prática das “peladas”. De um lado, o crescimento dos clubes esportivos impulsionou a formalização do esporte, ampliando sua visibilidade social e criando um ambiente competitivo que atraía cada vez mais torcedores. De outro, as “peladas” representavam uma forma alternativa de vivenciar o futebol, disputadas em terrenos baldios, ruas e praças. Essas partidas informais eram espaços de improvisação e liberdade, que contrastavam com a rigidez dos clubes e das ligas oficiais. Contudo, essa prática foi frequentemente tratada como uma ameaça à ordem, já que escapava às regras institucionais que buscavam enquadrar o futebol dentro de um modelo disciplinado e hierárquico.

¹⁶ LOPES, José Sérgio Leite. A vitória do futebol que incorporou a pelada – a invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro. In: *Revista USP*, nº 22, jun./jul. ago., 1994; LOPES, José Sérgio Leite. Lazer, trabalho e cultura popular. *Licere*, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 107-116, 2003; LOPES, José Sérgio Leite. *Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro*. In: BATALHA, Claudio H. M.; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre (org.). *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Unicamp, 2004, p. 121-163.

O ano de 1941 marca um desfecho para esse período de transformações, com a promulgação do Decreto-Lei nº 3.199¹⁷, assinado por Getúlio Vargas. A medida centralizou a organização esportiva no Brasil, determinando que as federações estaduais fossem sediadas nas capitais, o que fortaleceu Teresina em detrimento de Parnaíba, até então um polo esportivo relevante. Além disso, o decreto formalizou a Confederação Brasileira de Desportos (CBD)¹⁸, futura CBF, unificando a regulamentação do futebol no país. Essa nova estrutura modificou a forma como o futebol era gerido no Piauí, impondo um modelo centralizado que reorganizou o cenário esportivo local. A partir desse momento, clubes e jogadores precisaram se adequar às novas exigências institucionais para manter sua competitividade, consolidando a transição do futebol piauiense para um contexto mais regulado e alinhado às diretrizes nacionais.

Essas mudanças evidenciam as disputas e negociações que estruturaram o futebol piauiense, revelando diferentes estratégias de legitimação e consolidação desse campo esportivo. Para compreender essas dinâmicas e os significados que emergem dessas relações, os conceitos de campo, capital, *habitus* e economia das trocas linguísticas, desenvolvidos por Pierre Bourdieu, oferecem uma base teórica essencial. O campo, entendido como um espaço social relativamente autônomo, onde os agentes competem por poder e prestígio, é representado aqui pelo futebol, que envolve clubes, federações, jogadores, cronistas e dirigentes em disputas simbólicas e materiais. As regras do jogo e as condições do campo moldam as possibilidades de ação dos agentes, que utilizam diferentes estratégias para acumular capitais – econômico, cultural, social e simbólico. No futebol piauiense, esses capitais determinam as disputas e as hierarquias. O capital econômico se manifesta nos recursos financeiros e na infraestrutura dos clubes; o social, nas redes de relacionamento e alianças locais, como o apoio da elite e comerciantes; o cultural, nas habilidades técnicas e táticas, legitimadas pela coletividade; e o simbólico, no prestígio e reconhecimento social atribuído às práticas e estilos de jogo. O conceito de *habitus* complementa essa análise, explicando como os agentes internalizam e reproduzem as normas e valores do campo, guiando suas ações de acordo com as disposições

¹⁷ BRASIL. Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. *D.O.U* de 16/04/1941, p. 7.453.

¹⁸ A transformação da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) em Confederação Brasileira de Futebol (CBF), em 24 de setembro de 1979, marcou uma mudança significativa na gestão esportiva do Brasil. Criada em 1916 para suceder a Federação Brasileira de Sports (FBS), a CBD administrava várias modalidades esportivas, mas o crescimento do futebol como principal esporte nacional e internacional exigiu uma reestruturação. Atendendo à determinação da Federação Internacional de Futebol Associação (FIFA) de que as entidades nacionais se dedicassem exclusivamente ao futebol, a CBF assumiu o papel de organizar, regulamentar e desenvolver essa modalidade no país. Essa transição encerrou a gestão multiesportiva e consolidou o futebol como o foco principal do esporte brasileiro.

sociais adquiridas ao longo do tempo, seja através da família, dos clubes ou da mídia esportiva¹⁹.

Nesse contexto de disputas, as trocas linguísticas emergem como uma dimensão central do poder simbólico, especialmente no futebol, em que narrativas e discursos moldam hierarquias e significados. No mercado linguístico do futebol, certos discursos são reconhecidos como legítimos, enquanto outros são marginalizados ou silenciados, conferindo poder àqueles que dominam as formas de expressão aceitas no campo esportivo. Os cronistas esportivos, dirigentes e outros agentes com maior capital linguístico exerciam influência direta sobre a construção das representações do esporte, determinando quais formas de futebol seriam reconhecidas como legítimas. Esse processo envolvia a valorização de padrões específicos, como a prática organizada em estádios adequados, estruturada por ligas e campeonatos regulamentados, em contraste com modalidades informais. Ao impor classificações e naturalizar distinções entre um futebol institucionalizado e suas manifestações periféricas, esses agentes não se limitavam a descrever o cenário esportivo, mas participavam ativamente da definição do que era reconhecido como futebol legítimo. Dessa forma, as trocas linguísticas reforçavam e reproduziam as relações de poder dentro do campo esportivo, consolidando padrões de comportamento, valores e práticas associados à modalidade²⁰.

Para compreender a trajetória do futebol no Piauí, é necessário mapear as principais produções sobre o tema, incluindo estudos acadêmicos, obras memorialistas e jornalísticas. A revisão dessas fontes permite identificar como o esporte foi narrado ao longo do tempo, quais enfoques predominaram e de que maneira novas interpretações vêm sendo incorporadas ao debate. Nesse cenário, torna-se fundamental analisar os trabalhos que serviram de base para a construção do conhecimento sobre o futebol no estado, reconhecendo suas contribuições, limites e possibilidades de diálogo com esta pesquisa.

Entre as obras mais relevantes, destacam-se os estudos de Severino Filho, Carlos Said, João Batista de Oliveira Nascimento e José de Paulo Brito. Suas publicações oferecem subsídios valiosos para compreender a trajetória do futebol piauiense, com ênfase nas cidades de Parnaíba e Teresina. A produção bibliográfica sobre o tema inclui tanto análises de caráter mais abrangente, que investigam a evolução do futebol no estado ao longo do tempo, quanto

¹⁹ MOORE, Rob. Capital. In: BOURDIEU, Pierre. *Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais*. Tradução de Fábio Ribeiro. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

²⁰ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. Prefácio de Sérgio Miceli.

pesquisas mais circunscritas, voltadas para aspectos específicos da prática esportiva ou para determinadas localidades.

O livro *Piauí, 100 anos de futebol*, de Severino Filho, é uma referência essencial para o estudo do futebol no estado. A obra oferece um panorama detalhado sobre a trajetória do esporte, desde suas primeiras manifestações até sua profissionalização. Com uma estrutura cronológica bem definida, o autor apresenta uma linha do tempo coesa, destacando personagens, eventos marcantes e transformações estruturais que marcaram o futebol piauiense ao longo do século XX.

Além dessa obra, Severino Filho organizou a coletânea *Memórias do futebol piauiense*, composta por nove volumes, aprofundando-se ainda mais na documentação do futebol no estado. Essa coleção se diferencia pelo resgate sistemático de informações dispersas em periódicos, fotografias e registros institucionais, consolidando um amplo acervo sobre a história do esporte local. Um dos aspectos inovadores desse trabalho é a seção “Aconteceu... E foi notícia de jornal”²¹, na qual o autor reúne transcrições de matérias publicadas na imprensa esportiva ao longo da primeira metade do século XX. Esses registros primários conferem um valor documental significativo à obra, pois permitem observar como o futebol foi narrado e interpretado à época, além de evidenciar disputas, desafios e conquistas das equipes piauienses.

Seguindo essa preocupação com a preservação da memória esportiva, *O Piauí no futebol* (1966)²², de Carlos Said, oferece uma visão detalhada sobre o desenvolvimento do futebol no estado entre o início do século XX e a década de 1960. O autor documenta a criação de ligas e campeonatos, assim como momentos decisivos para a consolidação do esporte em Teresina. Com uma narrativa rica em detalhes históricos, Said examina tanto o impacto social quanto o cultural do futebol, salientando sua influência na cidade e sua relação com diferentes grupos sociais. Sua obra contribui para o entendimento das transformações do esporte no estado, ao mesmo tempo em que busca preservar a memória de sua trajetória, registrando eventos marcantes e a participação das equipes piauienses em competições regionais e nacionais.

Enquanto Said se concentra no cenário esportivo da capital, em Parnaíba, o futebol tem sua trajetória analisada em obras como *Parnaíba, terra do futebol*, de João Batista de Oliveira Nascimento, e *Memórias urbanas: uma viagem ao passado do futebol em Parnaíba*²³, de José de Paulo Brito. Ambos os autores resgatam a história do futebol na cidade a partir de fontes como jornais da época, documentos institucionais, entrevistas e registros fotográficos. Suas

²¹ FILHO, Severino. *Memórias do futebol piauiense*. 9 v. Teresina: Halley, 2014.

²² SAID, Carlos. *O Piauí no futebol*. 2. ed. Teresina: Nova Aliança, 2021.

²³ NASCIMENTO, João Batista de Oliveira. *Parnaíba, terra do futebol*. Fortaleza: Premium, 2013.

obras desempenham um papel essencial na preservação da memória esportiva local, oferecendo um rico acervo de informações sobre os eventos e personagens que marcaram o futebol parnaibano. No entanto, suas análises permanecem mais voltadas para o registro dos fatos, sem aprofundar as conexões do esporte com dinâmicas sociais e culturais mais amplas.

Nascimento conduz uma ampla pesquisa sobre o futebol parnaibano, narrando sua evolução desde os primórdios da prática até sua consolidação. Seu levantamento percorre a fundação de clubes, a formação de ligas, os confrontos interestaduais e amistosos, além de destacar jogadores que marcaram época. Sua narrativa organiza os eventos esportivos de forma cronológica, destacando a estruturação do futebol na cidade. Seguindo uma abordagem semelhante, Brito enfatiza o papel do futebol no cotidiano urbano a partir de um viés memorialista. Sua obra evidencia os anos áureos do futebol parnaibano, entre as décadas de 1910 e 1940, período marcado pelo surgimento de diversos clubes amadores, como Internacional e Parnahyba. Ao reconstruir esse período, Brito enfatiza as transformações no cenário esportivo e a centralidade do futebol na sociabilidade da cidade, ressaltando sua popularização e a forma como ele se integrou às dinâmicas urbanas. No entanto, sua narrativa mantém um tom descritivo, sem problematizar as disputas simbólicas e as mudanças estruturais que acompanharam a consolidação do futebol parnaibano.

Além dessas obras cujo tema central é o futebol, alguns relatos memorialistas que retratam a cidade em uma perspectiva mais ampla também oferecem subsídios para a percepção do cenário esportivo piauiense, ainda que de forma tangencial. Destacam-se, nesse sentido, *Tempos que não voltam mais: crônica sobre a Parnaíba antiga*²⁴, de Goethe Pires de Lima Rebelo, e o volume 3 da coletânea *Rua da Glória*²⁵, de Carlos Figueiredo Monteiro. Embora não se concentrem exclusivamente no futebol, essas obras resgatam aspectos do cotidiano que permitem compreender a presença do esporte na sociabilidade local, articulando memórias individuais com o contexto histórico e cultural da época.

Na primeira obra memorialista, Rebelo resgata aspectos do cotidiano parnaibano nas décadas iniciais do século XX, dedicando um capítulo, *Primórdios do futebol parnaibano*, ao surgimento da prática esportiva. Além do futebol, sua obra discute moral social, personalidades eminentes, costumes, serviços públicos e diversões, situando o esporte no contexto mais amplo da cultura local. Na segunda, Figueiredo Monteiro adota abordagem semelhante, mas com foco

²⁴ REBELO, Goethe Pires Lima. *Tempos que não voltam mais: crônica sobre a Parnaíba antiga*. Rio de Janeiro: ADOIS, 1984.

²⁵ MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. *Rua da Glória 3: no tempo dos revoltosos (1921-1934)*. v. 2. Teresina: EDUFPI, 2015.

em Teresina. Distribuída em quatro volumes, sua narrativa apresenta, no terceiro, passagens valiosas sobre o futebol na capital. Esses relatos sobre o cotidiano ganham relevância ao possibilitar uma correlação direta com os discursos dos jornais da época. A partir dessa base, torna-se viável uma análise mais abrangente do futebol no Piauí, conectando suas manifestações em Teresina e Parnaíba ao contexto histórico e social mais amplo do estado.

Enquanto os relatos memorialistas trazem uma visão do futebol marcada pela experiência pessoal e pela memória coletiva, as pesquisas acadêmicas ampliam essa abordagem ao contextualizá-lo dentro das transformações estruturais da cidade. Esse esforço analítico pode ser observado na dissertação *A pobreza urbana em Parnaíba, Piauí (1890-1920)*²⁶, de Alexandre Wellington dos Santos, e na tese *Dos sertões aos mares: história do comércio e dos comerciantes de Parnaíba (1700-1950)*²⁷, de Junia Motta Antonaccio Napoleão do Rego. Embora cada estudo tenha um foco distinto, ambos reconhecem o esporte como parte das dinâmicas urbanas, relacionando-o a processos sociais, econômicos e culturais que moldaram a cidade ao longo do tempo.

No capítulo “Festejos Cívicos, Festejos Populares, Carnaval e Futebol”, Alexandre Santos analisa a ascensão e difusão do futebol entre diferentes classes, ressaltando seu impacto econômico e sua relação com as festividades da cidade. Sua abordagem evidencia como o esporte se integrava ao cotidiano urbano, associando-se a práticas coletivas e a redes de sociabilidade. Já no capítulo “Parnaíba: Cenários Urbanos e Sociais”, Junia do Rego enfatiza as interações entre o futebol e o processo de modernização urbana de Parnaíba, tratando-o como um reflexo das transformações culturais que redefiniram a cidade ao longo do século XX. Ao integrar essas perspectivas, esta pesquisa amplia a análise do futebol, realçando sua relevância como um espaço de construção identitária e disputa simbólica. Dessa forma, o futebol, além de uma prática esportiva, fazia parte das dinâmicas sociais e urbanas, interagindo com as estruturas políticas da época. Sua trajetória foi atravessada por processos de apropriação e ressignificação, refletindo as transformações socioculturais em curso e, ao mesmo tempo, contribuindo para moldá-las.

Nos últimos anos, o Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Piauí tem avançado na incorporação do futebol como objeto de pesquisa, ampliando o debate

²⁶ SILVA, Alexandre Wellington dos Santos. *A pobreza urbana em Parnaíba, Piauí (1890- 1920)*. 259 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Ceará, 2018, p. 217-218.

²⁷ REGO, Junia Motta Antonaccio Napoleão do. *Dos sertões aos mares: história do comércio e dos comerciantes de Parnaíba (1700-1950)*. 2010. 291 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Programa de Pós-Graduação em História Social, Niterói, 2010.

sobre o tema, ainda que de forma gradual. Nesse cenário, três dissertações têm se destacado por analisarem diferentes aspectos do futebol piauiense nas décadas de 1960 a 1980, contribuindo para consolidar o estudo do esporte como um fenômeno social, cultural e político. Mayra Izaura de Moura, em *No campo de jogo da memória: as representações sociais do futebol na crônica esportiva em Teresina (1971-1975)*²⁸, investiga como a imprensa construiu discursos sobre o futebol teresinense, evidenciando o papel dos cronistas Carlos Said e Deusdeth Nunes na legitimação desse imaginário esportivo. Deusdete da Rocha Barros, em *Futebol piauiense: entre tramas e memórias (1960 e 1970)*²⁹, analisa a profissionalização do futebol no estado, explorando suas implicações institucionais e os impactos dessa mudança para clubes, jogadores e torcedores. Já Joaquim Kayk Breno Conrado, em *Discute-se futebol, sim: futebol, política e torcidas (1970-1980)*³⁰, investiga as interações entre o esporte e o cenário político, com especial atenção ao papel das torcidas organizadas no período da ditadura militar. Embora cada um desses estudos tenha perspectivas distintas, juntos, eles contribuem para a compreensão do futebol piauiense no contexto da segunda metade do século XX, evidenciando sua relação com a sociedade, a mídia e a política.

Ao direcionar a análise para um período anterior, esta tese amplia o debate ao investigar como o futebol se inseriu no cotidiano de Parnaíba e Teresina entre 1916 e 1941, explorando as condições que possibilitaram sua difusão e os significados atribuídos ao esporte nesse contexto. Em contraste com as dissertações mencionadas, que analisam um futebol já consolidado como parte da cultura local, este estudo se propõe a compreender as condições que permitiram sua difusão no estado, investigando suas conexões com as transformações econômicas e culturais da primeira metade do século XX. Essa abordagem possibilita preencher lacunas na historiografia piauiense, ao explorar como o futebol emergiu como prática social, as disputas em torno de sua legitimação e os diferentes significados atribuídos ao esporte antes de sua profissionalização. Dessa forma, o estudo contribui para uma leitura mais ampla da trajetória do futebol no Piauí, permitindo compreender como ele se estruturou e se tornou um elemento central na vida social e esportiva da região.

²⁸ MOURA, Mayra Izaura de. *No campo de jogo da memória: as representações sociais do futebol na crônica esportiva em Teresina (1971-1975)*. 2016. 114 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, Teresina, 2016.

²⁹ BARROS, Deusdete da Rocha. *Futebol piauiense: entre tramas e memórias (décadas de 1960 e 1970)*. 2018. 151 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, Teresina, 2018.

³⁰ CONRADO, Joaquim Kayk Breno. *Discute-se futebol, política e torcidas (1970-1980)*. 2020. 121f. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, 2020.

Nesse cenário, a ideia de futebolis regionais fundamenta-se na maneira como as crônicas esportivas se tornaram espaços privilegiados para a construção de identidades locais e regionais. Mais do que simples registros de partidas, as crônicas moldavam percepções sobre o futebol piauiense, atribuindo-lhe significados que iam além das quatro linhas. Ao longo das páginas dos jornais, diferentes projetos de poder se desenhavam, enquanto práticas culturais se afirmavam ou eram relegadas à marginalidade. Por meio da escrita dos cronistas, o futebol ganhava contornos que dialogavam com disputas sociais mais amplas, funcionando como um reflexo das transformações vividas no Piauí e de seus vínculos com o cenário nacional e internacional.

Essa construção de identidades futebolísticas regionais também dialoga com debates mais amplos sobre a regionalidade no esporte. Mariane Pisani³¹, em uma apresentação promovida pelo Museu do Futebol, explorou essa questão ao refletir sobre o impacto do futebol em regiões afastadas dos grandes centros urbanos. Ao problematizar a noção de regionalidade, Pisani ressalta a importância de evitar classificações rígidas que reduzam o futebol a uma territorialidade fixa. Para ela, a abordagem de região proposta por Pozenato oferece uma perspectiva valiosa para compreender a complexidade do futebol brasileiro, evidenciando que a regionalidade do esporte não se define apenas por fronteiras geográficas, mas também por construções sociais, decisões políticas e representações culturais.

Pisani ressalta que essa abordagem amplia a compreensão do esporte ao reconhecer as especificidades de cada região e a existência de uma complexa rede de relações futebolísticas. Dessa forma, torna-se essencial adotar uma perspectiva que considere o futebol como um fenômeno social dinâmico, cujas interações políticas e culturais moldam as identidades regionais em diferentes contextos. Sob esse olhar, o futebol deve ser analisado em sua diversidade, considerando as múltiplas formas como se manifesta no território brasileiro.

Ao aprofundar essa reflexão, a autora destaca que a concepção de região e regionalidade no futebol brasileiro é uma construção histórica intrinsecamente ligada a formas de poder e dominação. Para compreender plenamente essas dinâmicas, é necessário examinar os agentes, estratégias e disputas que estruturam os futebolis regionais, bem como as relações entre diferentes territórios e suas manifestações esportivas. Além disso, investigar os vínculos entre centro e periferia, global e local, contribui para uma visão mais integrada do futebol, destacando

³¹ PISANI, Mariane. Região e regionalidades: o futebol piauiense. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE O FUTEBOL, 4, 2022, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo, 2022. Museu do Futebol. Mesa 03: Regionalidades. Mediação: Flavio de Campos. Mesa redonda transmitida pelo YouTube.

sua inserção nos processos sociais, políticos e culturais que estruturaram as identidades regionais no Brasil.

A noção de regionalidade no futebol, ao ser compreendida como uma construção social permeada por múltiplas interações, dialoga com debates historiográficos que problematizam as delimitações rígidas impostas a essa categoria. Nesse sentido, Machado³² argumenta que nenhum evento deve ser considerado, em sua origem, como exclusivamente regional ou local. Para o autor, é a nossa visão de mundo que determina a seleção e organização dos eventos, definindo o papel que eles ocuparão na construção de uma nova interpretação do passado. Até algumas décadas atrás, a concepção de história regional estava fortemente vinculada às narrativas locais, que frequentemente se limitavam à simples enumeração de acontecimentos históricos, muitas vezes desarticulados e descontextualizados. Essas narrativas tinham como objetivo principal preservar e exaltar a memória de indivíduos ou grupos influentes na comunidade. No entanto, ao restringir a história regional a eventos ocorridos dentro de limites geográficos específicos, perde-se a oportunidade de entender os contextos mais abrangentes e as conexões com outros acontecimentos históricos. Dessa forma, o estudo da história regional deve incluir eventos externos e contextos relevantes para a compreensão mais ampla, como o impacto do futebol nacional e internacional.

Esse processo de construção do regional não ocorre de maneira neutra. Como aponta Bourdieu³³, a definição de uma região é uma criação artificial, sustentada por discontinuidades que resultam de imposições arbitrárias, muitas vezes ligadas a relações de poder. Essas imposições emergem de disputas pela definição legítima do espaço, e a historiografia atua como uma ferramenta para desvendar as interações de poder subjacentes a essa categorização. A autoridade discursiva, nesse contexto, é usada para legitimar divisões arbitrárias, moldando a percepção coletiva do que constitui uma identidade regional e estabelecendo fronteiras entre o que é interno e externo.

Essa lógica se reflete nos processos históricos que definem as regiões, articulando relações de poder e construindo representações sobre determinados territórios. É nessa perspectiva que Albuquerque Júnior³⁴ aprofunda o debate ao sustentar que o conceito de região é uma construção social e cultural, uma representação simbólica que molda tanto a

³² MACHADO, André Roberto de Arruda. Entre o nacional e o regional: uma reflexão sobre a importância dos recortes espaciais na pesquisa e no ensino da História. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 24, n. 45, p. 293-319, jul. 2017, p. 306.

³³ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, p.115-122.

³⁴ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do nordeste e outras artes*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

autopercepção dos indivíduos quanto a forma como são vistos pelos outros. O caso do Nordeste brasileiro ilustra essa construção, sendo historicamente estigmatizado por discursos que o associam ao atraso e à pobreza. Albuquerque argumenta que essa imagem foi forjada e perpetuada por discursos políticos, literários e científicos, contribuindo para a marginalização econômica e social do território. A invenção do Nordeste como uma região homogênea teve repercussões profundas nas políticas públicas e na formação de sua identidade regional.

Com efeito, a centralização dos estudos em grandes centros urbanos limita a compreensão das dinâmicas regionais e reforça narrativas que desconsideram a diversidade dos territórios. Diante dessa necessidade de ampliação do olhar, Melo e Fortes observam que “já temos um conjunto de estudos sobre algumas cidades, notadamente capitais, contudo, não temos o mesmo número de investigações sobre outras localidades, especialmente as de menor porte”³⁵, que possuem tradições, costumes e hábitos distintos das grandes capitais brasileiras.

Nesse sentido, ampliar o foco das investigações torna-se essencial para compreender a diversidade das práticas esportivas em diferentes contextos. Ao buscar contribuir para essa descentralização, esta tese investiga os caminhos que levaram à consolidação das primeiras práticas futebolísticas no Piauí, com foco em Parnaíba e Teresina. O estudo examina desde a formação dos primeiros clubes até a criação das ligas esportivas e campeonatos, evidenciando os processos que estruturaram o futebol nessas localidades.

Essa análise exige um olhar que articule diferentes escalas, conectando o local ao global e repensando as hierarquias que moldam a narrativa sobre o futebol brasileiro. Para isso, recorro a autores como Jacques Revel³⁶, José de Assunção Barros³⁷ e Sanjay Subrahmanyam³⁸, que introduzem a perspectiva da história conectada. A partir dessas abordagens, torna-se possível ampliar o campo de visão e questionar uma narrativa que restringe o futebol brasileiro a um fenômeno “único”, fortemente associado ao Sul e Sudeste. Essa visão tende a privilegiar o futebol praticado nesses estados, enquanto as demais regiões, como o Piauí, são frequentemente relegadas a uma posição marginal, desconectadas do cenário nacional. Ao estabelecer interseções entre o centro e a periferia, entre o micro e o macro, esta pesquisa busca reposicionar

³⁵ MELO, V.; FORTES, R. *História do esporte: panoramas e perspectivas*. Fronteiras, v. 12, p. 11-35, 2010, p. 28.

³⁶ REVEL, Jacques. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. In: *Revista Brasileira de Educação*, v. 15, n. 45, set./dez. 2010.

³⁷ BARROS, José D'Assunção. Histórias interconectadas, histórias cruzadas, abordagens transnacionais e outras histórias. *Secuencia* (103), enero-abril, 2019. doi: 10.18234/secuencia.v0i103.1528.

³⁸ SUBRAHMANYAM, Sanjay. Connected histories: notes towards a reconfiguration of early modern Eurasia. In: *Modern Asian Studies*, 31, 3, 1997; SUBRAHMANYAM, Sanjay. Em busca das origens da história global: aula inaugural proferida collège de France em 28 de novembro de 2013. Rio de Janeiro: Estudos históricos, v. 30, n. 60, 2017.

o futebol piauiense dentro de uma rede de interações mais ampla, evidenciando suas conexões e especificidades no contexto nacional.

Com base nessa perspectiva, os jogos de escala orientam a metodologia ao evidenciar como fenômenos locais, como o futebol piauiense, se articulam a dinâmicas mais amplas. A relação entre a crônica e o futebol surge como um eixo fundamental desse processo, uma vez que as crônicas sociais, amplamente difundidas na imprensa da época, foram precursoras da crônica esportiva. Estudar essas interfaces permite captar como o futebol se consolidou como uma expressão cultural que ultrapassa as fronteiras regionais, refletindo transformações sociais e identitárias. Essa análise permite, portanto, mapear como o discurso futebolístico nas crônicas reflete as transformações da sociedade piauiense, ao mesmo tempo em que dialoga com as práticas e narrativas globais sobre o esporte.

Para captar essa interação entre crônica e futebol e compreender a construção histórica do esporte no Piauí, a pesquisa seguiu um rigoroso processo de coleta e análise de fontes primárias e secundárias. O primeiro passo foi um levantamento bibliográfico, no qual foram identificadas as principais obras sobre a história do futebol, tanto no Brasil quanto no contexto piauiense. Esse levantamento possibilitou a contextualização teórica e historiográfica do tema, destacando abordagens vinculadas à história social e aos estudos culturais, além de perspectivas sociológicas que relacionam o esporte à formação de identidades e dinâmicas sociais.

Na etapa seguinte, foram analisadas fontes primárias – jornais, almanaques, livros de memória e registros iconográficos – para compreender como o futebol foi apropriado e representado nos meios de comunicação entre 1905 e 1941. A pesquisa começou com o levantamento em acervos físicos, incluindo coleções particulares e arquivos públicos. Em 2011, durante a experiência como bolsista do Programa de Educação Tutorial de História da UFPI, surgiu a oportunidade de acessar uma coleção de crônicas futebolísticas das primeiras décadas do século XX, disponibilizada por Pedro Vilarinho Castelo Branco. Revisitado em 2021, esse material foi fundamental para definir um recorte inicial sobre a presença do futebol na imprensa local. No entanto, dificuldades de acesso ao Arquivo Público do Piauí, intensificadas pela pandemia de Covid-19, impuseram a necessidade de ampliar a busca para acervos digitais. A consulta a esses repositórios possibilitou identificar periódicos que mencionavam o futebol, permitindo uma análise sistemática do material coletado.

A primeira plataforma consultada foi a Memória do Jornalismo Piauiense³⁹, coordenada pela Profa. Dra. Ana Regina Rêgo. Esse acervo digital reúne edições de jornais, revistas e

³⁹ Disponível em: <http://memoriadojornalismopi.com.br/admin/search-params/>. Acesso em: 15/12/24.

almanaques dos séculos XIX e XX, sendo uma das principais fontes de periódicos piauienses digitalizados. No entanto, a plataforma não dispõe de um sistema eficiente de busca por palavras-chave, o que exigiu a leitura manual das edições disponíveis. Como alternativa, realizou-se um levantamento preliminar dos periódicos piauienses daquele período. Todavia, diante do grande número de jornais no recorte pesquisado, optou-se pela leitura de ao menos dois exemplares de cada título. Esse critério permitiu identificar a linha editorial e selecionar os periódicos mais propensos a publicar matérias sobre futebol. Com isso, o número de jornais analisados foi reduzido para quinze.

Em seguida, realizou-se a consulta ao Museu de História do Piauí (MHP)⁴⁰, criado em 2022 e vinculado ao Departamento de História da UFPI. O projeto digitaliza e disponibiliza documentos históricos, incluindo periódicos do século XIX e XX. A pesquisa nesse acervo seguiu o mesmo método utilizado na Memória do Jornalismo Piauiense, priorizando a leitura direta das edições. Foram analisados dez periódicos, sendo quatro deles os que realmente se concretizaram com notícias de futebol.

Outro acervo consultado foi a Plataforma Digital Mundos do Trabalho Piauí⁴¹, que disponibiliza periódicos, revistas, dissertações, monografias e artigos acadêmicos. Para ampliar a catalogação das crônicas futebolísticas, realizou-se um cruzamento de dados com o objetivo de identificar jornais da Primeira República ainda não analisados que continham notícias sobre o esporte. A estratégia adotada consistiu em comparar os registros encontrados nos acervos anteriores com os disponíveis na plataforma, proporcionando uma visão mais ampla da recepção e disseminação do esporte no Piauí. Entre os periódicos pesquisados, destacam-se os volumes dos *Almanaques da Parnaíba*, que documentaram a evolução do futebol na cidade litorânea ao longo das décadas. A coleção reúne periódicos digitalizados e pode ser acessada na aba “Fontes Primárias”, facilitando a consulta e o aprofundamento das investigações.

A etapa final da pesquisa de periódicos foi realizada na Hemeroteca Digital Brasileira, da Fundação Biblioteca Nacional⁴². Diferente dos acervos anteriores, esse repositório permitia buscas avançadas por palavras-chave, facilitando a identificação de notícias relacionadas ao futebol piauiense em jornais de outros estados. Dessa forma, o primeiro passo foi delimitar o local da busca, selecionando o estado do Piauí (PI) no sistema da plataforma. Em seguida, os resultados foram organizados por períodos, seguindo as divisões predefinidas pela Hemeroteca:

⁴⁰ Disponível em: <https://museudehistoriadopiaui.ufpi.edu.br/acervo/peri%C3%B3dicos-dos%C3%A9culo-xix-xx>. Acesso em: 15/12/24.

⁴¹ Disponível em: <http://www.mundosdotrabalho.com.br/p/jornais.html>. Acesso em: 15/12/24.

⁴² Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 15/12/24.

1900 a 1909, 1910 a 1919, 1920 a 1929, 1930 a 1939 e 1940 a 1949. Dentro desse último intervalo, apenas os dois primeiros anos foram analisados. Mesmo com essa seleção, ainda era necessário um método eficiente para identificar crônicas não mapeadas no recorte trabalhado, uma vez que a grande quantidade de edições disponíveis nos periódicos tornava inviável a leitura manual de cada exemplar. Para otimizar a busca, recorri à ferramenta de pesquisa por palavras-chave, que viabilizou o rastreamento de termos específicos dentro dos jornais digitalizados. A escolha dessas palavras exigiu atenção à linguagem do período, já que “futebol” nem sempre retornava resultados relevantes, pois a grafia mais comum nas primeiras décadas do século XX seguia os padrões do inglês. Assim, empreguei as variações “football” e “foot-ball”, que eram os termos mais utilizados na imprensa piauiense da época. Nos periódicos de outros estados, como os de São Luís e Rio de Janeiro, a busca por “football” retornava um grande volume de notícias dos seus futebolis locais. Para evitar notícias sem vínculos diretos ao Piauí, optei por pesquisar nomes específicos de clubes piauienses que realizavam intercâmbio interestadual, como Parnahyba e Internacional de Parnaíba. Outra estratégia foi buscar a grafia antiga do estado, “Piauhy”, combinada com “football”, o que revelou menções ao futebol piauiense em diferentes contextos.

A partir dessa metodologia, foram analisados 36 periódicos, entre independentes e oficiais, refletindo a diversidade do cenário editorial da época. Em Teresina, destacaram-se 21 periódicos, enquanto Parnaíba contou com dois, além de registros pontuais em Oeiras, Amarante, Floriano e Picos. No Maranhão, seis publicações foram examinadas, e no Rio de Janeiro, três. Mais do que um levantamento quantitativo, a leitura dessas crônicas permitiu mapear a circulação dos discursos sobre o futebol e entender como diferentes contextos editoriais moldavam a abordagem do tema.

A amplitude desse material revelou como a imprensa piauiense teve um papel essencial na construção das narrativas sobre o futebol, acompanhando sua difusão e consolidação como fenômeno social. Inicialmente, o esporte surgia nos jornais de forma esporádica, vinculado a debates sobre cultura física, disciplina e hábitos saudáveis, alinhando-se às concepções modernizadoras da época. Com o tempo, sua presença se intensificou, refletindo a organização dos primeiros clubes e competições, especialmente a partir da década de 1920. Embora a maioria dos periódicos não tivesse seções exclusivas para o futebol, a cobertura jornalística contribuiu para ampliar sua visibilidade e legitimar sua prática. À medida que o esporte se consolidava, conquistou espaço próprio nas páginas dos jornais, desvinculando-se gradualmente das discussões sobre cultura física. Esse processo foi determinante para inseri-lo

na identidade social e cultural do estado, tornando-o parte do cotidiano dos leitores. O cruzamento entre fontes impressas e acervos digitais permitiu mapear essa trajetória, evidenciando como o futebol foi progressivamente incorporado à vida urbana e às dinâmicas sociais das cidades piauienses.

Nesse cenário, embora vários jornais tenham participado da construção das narrativas sobre o futebol, alguns tiveram um papel mais expressivo. Em Teresina, periódicos como *O Piauí*, *Diário do Piauí*, *O Monitor*, *A Imprensa*, *O Nordeste*, *O Momento*, *O Arrebol* e *O Artista* acompanharam a consolidação da modalidade, dedicando espaço para registros de partidas, crônicas esportivas e a organização dos primeiros clubes. Em Parnaíba, os volumes do *Almanaque da Parnaíba* desempenharam um papel fundamental ao registrar de maneira contínua a presença do futebol na cidade, relacionando-o às dinâmicas sociais e culturais locais.

Essa produção jornalística reflete a diversidade de enfoques na cobertura do futebol, com periódicos que, mesmo sem uma linha editorial voltada exclusivamente para o esporte, registraram sua presença de diferentes maneiras. Entre eles, *O Piauí* se destacou como o de maior duração continuada, circulando entre 1867 e 1930. Com uma linha editorial voltada prioritariamente à divulgação dos atos do Poder Executivo, também abrigava poesias, folhetins e crônicas. Redatores como Anísio de Abreu, Miguel Rosa e Matias Olímpio figuraram entre seus principais colaboradores. Ao longo de sua trajetória, o jornal acompanhou as discussões sobre esporte, desde seus primeiros anos até a consolidação do futebol como a principal prática esportiva no estado.

O Monitor (1905-1912), de circulação semanal, foi um dos primeiros jornais a registrar a presença do jogo de bretão em terras piauienses. Com uma linha editorial anticlerical e voltada para debates políticos e sociais, esse periódico noticiou a chegada da bola ao Piauí em 1905. Redigido por intelectuais como Matias Olímpio, Higino Cunha e Bonifácio de Carvalho (sob o pseudônimo de Lineu), contou ainda com a colaboração de Abdias Neves e Jônatas Batista, desempenhando um papel relevante na construção das primeiras narrativas sobre o futebol na imprensa local.

Posteriormente, *O Diário do Piauí* (1911-1914), órgão oficial de periodicidade diária, também incorporou notícias esportivas em meio às publicações do governo estadual. Embora voltado principalmente para divulgar atos administrativos, abrigava crônicas e folhetins e contava com redatores e colaboradores como Simpício Mendes, Clodoaldo Freitas, Jônatas e Zito Batista, Higino Cunha, Abdias Neves, Lucídio Freitas e Antônio Chaves. Apesar de sua

vocação institucional, contribuiu para a legitimação do esporte ao registrar suas primeiras manifestações em Teresina.

A presença do futebol nos jornais se tornou mais sistemática a partir da década de 1920, refletindo o crescimento da modalidade e seu impacto na vida urbana. Nesse contexto, *A Imprensa* (1925-1933) se destacou como um dos periódicos que mais publicaram crônicas esportivas em Teresina. Dirigido pelo advogado Diógenes de Mello Filho, o jornal abordava uma ampla gama de temas, incluindo cultura, política, economia e vida social. Com circulação às terças, quintas e sábados, suas edições regulares permitiam um acompanhamento mais constante dos eventos esportivos, consolidando-se como uma das principais fontes de registro da prática futebolística na capital.

Ainda na década de 1920, *O Nordeste*, fundado por Jônatas Batista, destacou-se por sua abordagem literária e informativa. Embora não fosse um jornal voltado especificamente ao esporte, o envolvimento de seu diretor com o futebol garantiu ao periódico um volume significativo de textos sobre o tema. Publicado semanalmente aos sábados, acompanhou de perto a consolidação da modalidade em Teresina, registrando acontecimentos esportivos ao lado de debates culturais e políticos. Nesse mesmo período, *O Arrebol*, em sua segunda fase (1918-1925), manteve um perfil independente, abordando temas políticos, literários e humorísticos. Com circulação semanal aos domingos, também acompanhou o crescimento do interesse pelo futebol, incluindo crônicas e registros de partidas em meio a outras discussões sociais e culturais.

Na década seguinte, com a evolução da imprensa local, as crônicas futebolísticas continuaram sendo pautas relevantes. Embora sem a mesma força da década de 1920, a cobertura esportiva seguiu ocupando espaço em novos periódicos, que mantinham registros das competições e das práticas esportivas na cidade. Na década de 1930, *O Momento* se sobressaiu nesse cenário, consolidando-se como um dos periódicos que acompanhavam a difusão do futebol em Teresina. Publicado semanalmente, o jornal era dirigido por Gayoso, Almendra e Pires Chaves, trazia colunas especializadas sobre a modalidade e também abordava temas como política, poesia e vida social, reafirmando a importância da imprensa na circulação de informações sobre o esporte.

Os jornais maranhenses também tiveram um papel fundamental na difusão do futebol piauiense. Periódicos como *A Pacotilha*, *O Imparcial* e o *Diário de São Luiz* se destacam no registro de campeonatos locais e confrontos entre equipes maranhenses e piauienses. Além dos resultados, a imprensa discutia a organização dos clubes e a recepção dos adversários,

ampliando o alcance dessas competições. Essa cobertura refletia a importância dos torneios interestaduais, que reuniam equipes do Piauí, Maranhão e, em algumas edições, times do Pará e Ceará. Os jornais apontavam a competitividade entre as equipes e o prestígio dessas competições, ampliando a circulação das informações sobre o futebol interestadual.

Entre esses periódicos, *A Pacotilha* teve um papel crucial. Fundado no final do século XIX, foi um dos mais influentes de São Luís, acompanhando as transformações urbanas e culturais da cidade. Com uma linha editorial politicamente engajada, mas moderada, tratava de política, literatura e acontecimentos sociais. A partir de 1916, passou a dedicar maior atenção ao futebol, criando a coluna “Pelo Esporte” e ampliando sua cobertura esportiva. Durante as décadas de 1910 e 1920, registrou a organização de clubes, campeonatos locais e confrontos com equipes de outros estados, com destaque para o Piauí, especialmente nos torneios interestaduais entre as equipes de Parnahyba e Internacional.

Outro periódico de grande relevância foi *O Imparcial*, que começou a circular no Maranhão em 1º de maio de 1926 e se consolidou como o mais antigo do estado ainda em atividade. Fundado pelo empresário João Pires Ferreira, destacou-se por sua proposta apartidária e pela modernização da imprensa. Com a evolução técnica e a incorporação da fotografia, ampliou a cobertura esportiva, incluindo registros detalhados dos confrontos entre clubes maranhenses e piauienses. Já o *Diário de São Luiz*, ativo entre 1920 e 1925, possuía a coluna *Vida Desportiva*, que relatava com detalhes os intercâmbios esportivos entre Maranhão e Piauí, acompanhando a recepção dos clubes e a dinâmica das competições interestaduais.

A presença do futebol piauiense na imprensa, contudo, não se limitava ao cenário regional. A menção à participação da seleção estadual em uma fase eliminatória no estádio das Laranjeiras, em 12 de outubro de 1927, evidencia que a modalidade já alcançava o noticiário de outros centros, como o Rio de Janeiro. Esse episódio motivou uma investigação mais aprofundada sobre as interações do futebol piauiense fora do eixo Norte-Nordeste, levando à identificação de registros pontuais em periódicos cariocas como *Vida Sportiva*, *Sport Illustrado* e *O Globo Sportivo*. Essas referências revelam que, mesmo sem um calendário esportivo estruturado, o futebol do estado começava a ganhar visibilidade em um contexto mais amplo, sugerindo que sua prática já atraía o interesse de uma rede jornalística nacional.

O futebol piauiense passou a figurar em periódicos esportivos de circulação nacional, que destacavam clubes e competições de diferentes regiões do Brasil. O semanário *Vida Sportiva* (1918-1921), órgão oficial da Associação dos Cronistas Desportivos do Rio de Janeiro, sobressaía por registrar a prática esportiva em diversos estados, incluindo o Piauí, por meio de

seções dedicadas aos acontecimentos esportivos de regiões mais afastadas dos grandes centros. Já a *Sport Illustrado* (1920-1956) aprofundava a cobertura com análises detalhadas de partidas, ilustrações táticas e fotografias de equipes, consolidando-se como um dos principais veículos da época. Embora o futebol masculino fosse o foco central, a revista também acompanhava outras modalidades e equipes femininas, refletindo o crescimento do esporte no Brasil.

Também merece destaque a revista *O Globo Sportivo*, lançada em 1938 sob a direção de Roberto Marinho e Mario Filho. Com seu formato tabloide e periodicidade semanal, tornou-se referência na cobertura esportiva nacional, alcançando um público amplo. A inclusão de registros sobre o futebol piauiense nessas publicações, mesmo que esporádica, revela que a modalidade começava a despertar interesse além do Nordeste, conquistando espaço na mídia especializada e inserindo os clubes e jogadores do estado em um circuito mais abrangente. Essa visibilidade contribuiu para romper a limitação geográfica da informação esportiva, conectando o futebol piauiense a um ambiente de maior circulação e reconhecimento.

A inclusão do futebol piauiense em publicações de circulação nacional, ainda que pontual, demonstra como a modalidade começava a alcançar uma cobertura mais ampla, ultrapassando as fronteiras regionais. Esse reconhecimento fora do Nordeste ampliava sua visibilidade e evidenciava as dinâmicas que regulavam a presença do esporte nos periódicos especializados. No entanto, a permanência do futebol na imprensa dependia tanto do interesse pelo esporte quanto das engrenagens que sustentavam a própria produção jornalística. A sobrevivência dos periódicos variava conforme suas fontes de financiamento: os jornais oficiais contavam com o suporte estatal, enquanto os independentes precisavam equilibrar vendas, assinaturas e o investimento de seus proprietários. Em alguns casos, a proximidade com figuras políticas e empresários facilitava aportes financeiros indiretos, garantindo maior regularidade na publicação. Esse jogo de interesses influenciava a cobertura esportiva, definindo o espaço concedido ao futebol, que, gradualmente, deixou de ser um registro esporádico para se tornar parte das narrativas sobre a sociedade piauiense.

Nesse contexto, a atuação de muitos colaboradores da imprensa se estendia além do campo jornalístico. Figuras como Matias Olímpio, Abdias Neves e Jônatas Batista, que escreveram sobre futebol nos periódicos piauienses, posteriormente assumiram posições estratégicas na política local. Essa interseção entre jornalismo e poder fez com que o futebol fosse frequentemente associado a projetos de modernização e construção da identidade urbana, refletindo sua crescente importância na vida social e cultural do Piauí. A maioria dos cronistas que escreveram sobre o tema pertencia à elite intelectual piauiense, com forte vínculo com os

círculos literários, jurídicos e políticos. Muitos eram bacharéis formados na Faculdade de Direito do Recife, instituição central na formação das lideranças intelectuais do estado.

A crônica esportiva, além de relatar jogos e competições, funcionava como um espaço de construção de representações sociais. Os cronistas analisavam o desempenho das equipes, mas também comentavam a postura dos jogadores, a atuação da arbitragem e o comportamento dos torcedores, vinculando o futebol às transformações urbanas e culturais da época. Para garantir maior liberdade na crítica e evitar represálias, muitos cronistas utilizavam pseudônimos, estratégia que também preservava suas carreiras no direito, na política e no jornalismo. Entre os mais conhecidos estavam Calixto e Lagreca, cujos textos influenciaram o público e fortaleceram a crônica futebolística nos jornais piauienses.

Diante desse papel central da crônica na construção das representações sobre o futebol, organizei os textos a partir de critérios temáticos, permitindo uma análise mais detalhada da consolidação do esporte no Piauí e de sua relação com a imprensa. Foram agrupados em eixos recorrentes na cobertura esportiva, como festividades e premiações, que abordavam torneios e homenagens; episódios de violência no futebol, que evidenciavam tensões sociais entre atletas, torcedores e arbitragem; intercâmbios esportivos, que narravam partidas interestaduais e a interação com clubes de outras regiões; e inaugurações de estádios e clubes, associadas à modernização e institucionalização do esporte no estado. A catalogação desses temas possibilitou um mapeamento mais amplo da circulação dos discursos sobre o futebol, abrangendo as 110 crônicas publicadas em Teresina e as 63 veiculadas em outras localidades, como Parnaíba, algumas cidades do sul do Piauí, além de Maranhão e Rio de Janeiro.

Nesse processo, a imprensa ia além do registro dos acontecimentos, convertendo o futebol em um objeto discursivo e estabelecendo distinções entre o modelo institucionalizado, vinculado às elites e aos clubes organizados, e o futebol popular, associado às “peladas” e às práticas espontâneas em espaços públicos. A linguagem empregada reforçava hierarquias, vinculando as equipes organizadas a valores como disciplina, ordem e progresso, enquanto descrevia o futebol informal com termos que evocavam improvisação, descontrole e, em alguns casos, uma ameaça à moralidade pública. Esse enquadramento discursivo contribuiu para a legitimação do futebol regulamentado e para a marginalização de práticas que escapavam aos códigos institucionais, delimitando o que era aceito e o que era relegado a uma posição secundária no imaginário esportivo⁴³.

⁴³ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

Com essa proposta, a presente tese está organizada em quatro capítulos interdependentes. O primeiro capítulo, CONEXÕES COMERCIAIS E CULTURAIS: PARNAÍBA, O BERÇO DO FUTEBOL PIAUIENSE, examina as transformações econômicas e estruturais que permitiram a expansão do futebol no Piauí, destacando Parnaíba como um polo comercial e cultural dinâmico. A cidade, impulsionada pela presença britânica e pelo fortalecimento de suas redes atlânticas de comércio, vivenciou mudanças que estimularam a circulação de bens, ideias e práticas esportivas. Figuras como James Frederick Clark e instituições como a Casa Inglesa desempenharam um papel central nessa dinâmica, contribuindo para a adoção de inovações técnicas e a ampliação das conexões comerciais. O capítulo também investiga como o futebol foi financiado e organizado em sua fase amadora, analisando o papel do comércio local e das elites na estruturação dos primeiros clubes. Além disso, explora as interações culturais que inseriram o esporte na sociabilidade urbana de Parnaíba, evidenciando sua conexão com fluxos globais e desafiando a visão tradicional que restringe a história do futebol brasileiro ao eixo Sul-Sudeste.

O segundo capítulo, A CRÔNICA LITERÁRIA E O FUTEBOL PIAUIENSE: UMA TABELA ENTRE A IMPRENSA E O ESPORTE, examina como as crônicas literárias, publicadas na imprensa entre 1916 e 1941, contribuíram para a construção da identidade cultural no Piauí por meio do futebol. O objetivo é analisar como essas crônicas, inicialmente voltadas para narrativas sociais, tornaram-se instrumentos fundamentais para retratar o futebol e refletir as transformações sociais e culturais da época. Além disso, o capítulo explora o papel dos cronistas na legitimação do futebol como uma prática social e na valorização do esporte como um elemento de integração e identidade coletiva no Estado.

O terceiro capítulo desta tese, INTEGRAÇÃO E RIVALIDADES: O FUTEBOL AMADOR DO PIAUÍ E SUAS CONEXÕES INTERESTADUAIS, avalia o desenvolvimento do futebol amador no Piauí, desde a formação dos clubes e ligas até as interações e rivalidades que surgiram com a prática do esporte na região. O capítulo enfatiza como o futebol em Parnaíba e Teresina se conectou com outras regiões, especialmente por meio de amistosos interestaduais e intercâmbios esportivos. A partir dessas conexões, Parnaíba se firmou como um polo de intercâmbio esportivo, estabelecendo contato com estados como Maranhão, Ceará e Rio de Janeiro, enquanto Teresina permaneceu mais focada em suas atividades regionais. O capítulo analisa também como o futebol foi moldado pela elite local e de que forma ele serviu de agente de integração social e cultural na região, influenciado por dinâmicas de capital econômico, social e cultural, conforme investigado a partir da teoria dos campos de Pierre Bourdieu.

O capítulo 4, MANIA DE FOOTBALL: UM PONTAPÉ NAS RELAÇÕES SOCIAIS, trata do processo de consolidação do futebol amador no Piauí, entre 1905 e 1941. O esporte, inicialmente restrito à elite, foi gradualmente apropriado pelas camadas populares, simbolizado pelas “peladas”, jogos informais que desafiaram as normas impostas pela elite. O capítulo analisa as tensões sociais e culturais que emergiram entre diferentes grupos sociais no contexto do futebol, incluindo a criminalização de práticas populares e a tentativa da elite de controlar o esporte. O futebol funcionava tanto como um instrumento de modernização quanto um espaço de resistência cultural, onde as camadas populares subvertiam as normas elitistas por meio de suas práticas. Além disso, é destacado o papel das torcidas, mostrando como o futebol se tornou um evento emocionalmente carregado, gerando uma profunda identificação social e cultural no Piauí.

A organização dos capítulos demonstra a preocupação em articular o futebol piauiense às transformações sociais, culturais e políticas do período, ressaltando suas conexões com o comércio, a imprensa e as disputas simbólicas presentes no campo esportivo. A análise das crônicas futebolísticas permite compreender como a imprensa participou desse processo, registrando a expansão do futebol e ao mesmo tempo influenciando sua legitimação por meio de narrativas que atribuíam diferentes significados à modalidade. Essas construções discursivas refletiam hierarquias sociais, diferenciando o futebol institucionalizado das práticas informais e estabelecendo parâmetros sobre quais formas de jogo eram valorizadas ou marginalizadas. Diante disso, a investigação exigiu um tratamento criterioso das fontes, garantindo uma abordagem crítica que respeitasse os contextos históricos em que esses textos foram produzidos. A comparação entre diferentes registros jornalísticos e sua articulação com outras fontes históricas possibilitaram uma análise mais equilibrada, evidenciando como os discursos da imprensa refletiam projetos de poder e práticas culturais associadas ao futebol. Dessa forma, a pesquisa investigou a influência das crônicas, publicadas nos jornais de Teresina, Parnaíba e outras regiões do país, na construção de identidades locais e regionais, revelando as disputas simbólicas e os significados atribuídos ao esporte no Piauí.

1 CONEXÕES COMERCIAIS E CULTURAIS: PARNAÍBA, O BERÇO DO FUTEBOL PIAUIENSE

Este capítulo analisa as transformações econômicas que possibilitaram a expansão do estado do Piauí, destacando a influência marcante da presença inglesa em Parnaíba. Essa interação contribuiu para mudanças na paisagem urbana e nas práticas sociais, criando condições favoráveis à introdução do futebol no estado. Nesse contexto, busca-se compreender as condições sociais que impulsionaram o desenvolvimento do esporte, os fluxos comerciais e financeiros existentes e os principais agentes que financiaram o futebol em sua fase amadora.

Na segunda metade do século XIX, o Piauí enfrentava desafios econômicos e estruturais que refletiam problemas comuns ao Brasil naquele período. Entre eles, destacava-se o discurso das elites sobre uma suposta crise de mão de obra, que desqualificava negros e pardos como menos aptos ao trabalho, justificando projetos de imigração europeia alinhados ao ideal de embranquecimento. Paralelamente, o estado sofria com o desinteresse do governo central em fomentar investimentos fora do eixo centro-sul, o que agravava a falta de crédito e limitava seu desenvolvimento. Soluções foram propostas, como a mudança do centro administrativo e político da capital, a criação de estabelecimentos de crédito e melhorias na infraestrutura, incluindo a construção de instalações portuárias para conectar o litoral ao interior por meio do rio Parnaíba e das ferrovias⁴⁴.

Essas mudanças, embora graduais, facilitaram a integração do estado aos mercados nacionais e internacionais, criando um ambiente mais favorável ao crescimento econômico. A presença britânica em Parnaíba foi essencial nesse processo. Exemplificada por iniciativas como a Casa Inglesa e pelo papel de figuras como James Frederick Clark, essa influência introduziu inovações tecnológicas e fortaleceu o comércio local, enquanto moldava aspectos culturais da cidade. Práticas de lazer e eventos sociais, incluindo o futebol, foram incorporados ao cotidiano, transformando Parnaíba em um espaço de intensa interação cultural.

⁴⁴ QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *A importância da borracha de manôba: 1900-1920*. Teresina: FUNDABI, 2006, p. 53.

1.1 Do isolamento ao comércio global: a transformação econômica do Piauí

Localizado na região Nordeste do Brasil, o Piauí possui 3.271.199 habitantes, distribuídos em 224 municípios, de acordo com o Censo de 2022⁴⁵. O estado se destaca por seu patrimônio histórico, cultural e natural, como o Parque Nacional Serra da Capivara, que abriga vestígios das primeiras ocupações humanas na América, e o Delta do Parnaíba, único delta em mar aberto das Américas, ambos reconhecidos internacionalmente por sua relevância. Apesar dessa riqueza, o Piauí ainda enfrenta desafios estruturais, como deficiências na infraestrutura de transporte e comunicação, que historicamente dificultaram sua integração aos principais mercados nacionais e internacionais.

Esse panorama tem raízes históricas. No início do século XX, o Piauí enfrentava sérias dificuldades econômicas e estruturais, sendo frequentemente descrito na historiografia local como uma região isolada e com infraestrutura precária. O mapa do estado de 1913 reflete bem essa realidade, mostrando o rio Parnaíba como o principal eixo de integração territorial, enquanto projetos ferroviários, como o planejado para ligar Amarração (atual Luís Correia) ao interior, ainda se encontravam em estágio inicial.

⁴⁵ IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo IBGE 2022: Panorama Piauí*. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/l>. Acesso em: 27 dez. 2023.

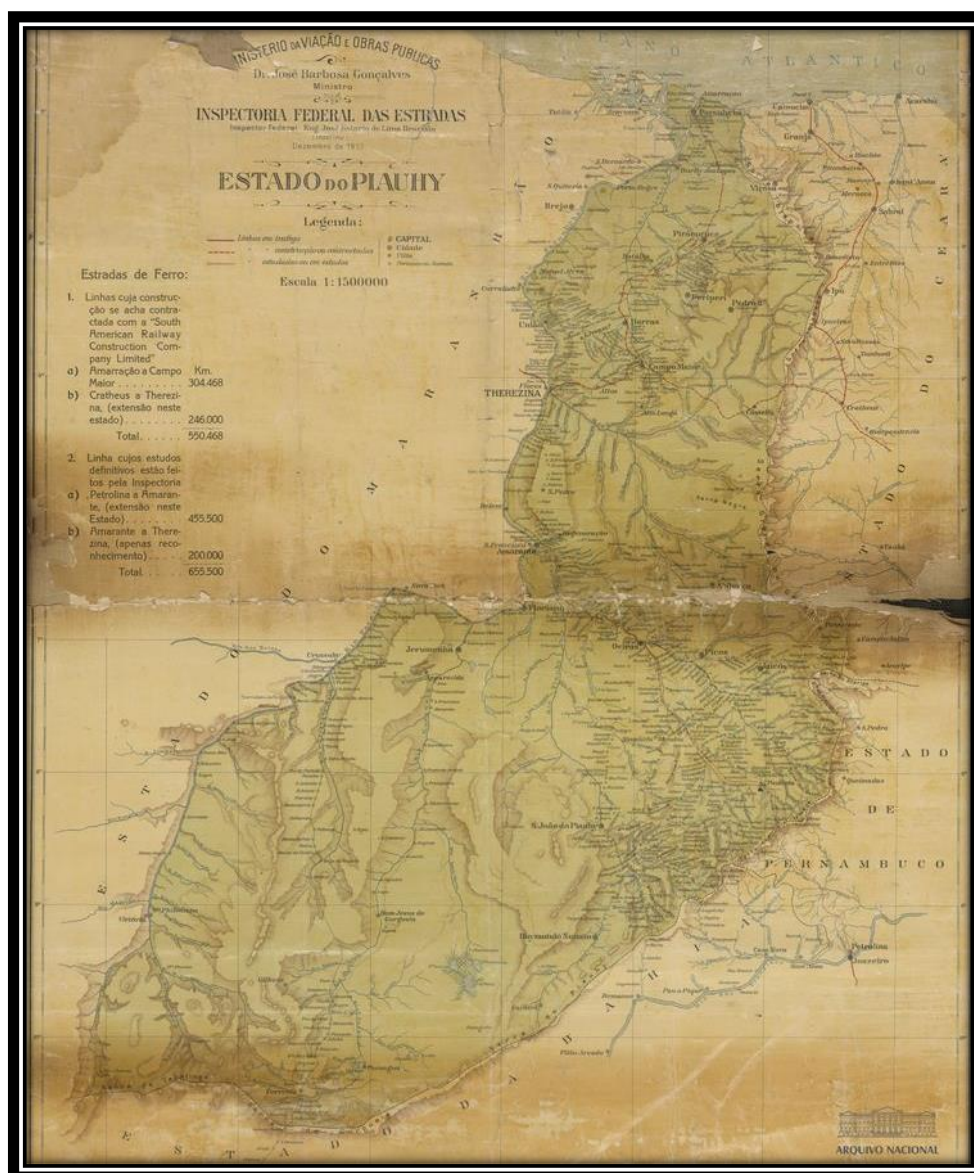


Figura 1 – Mapa do Estado do Piauí, 1913

Fonte: ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Fundo Paulo de Assis Ribeiro. Código de referência: BR_RJANRIO_S7_0_MAP_0371.

Em 1910, o Piauí possuía uma população de apenas 428.216 habitantes, sendo um dos estados menos populosos do Brasil. Teresina, a capital, fundada em 1852 para substituir Oeiras, registrava 48.614 habitantes e enfrentava desafios para consolidar-se como centro político e administrativo, em meio às limitações econômicas e de transporte. Já Parnaíba, sobressaía como o principal polo econômico do estado, aproveitando sua localização estratégica no litoral e o acesso ao rio Parnaíba. Em comparação com outros estados e capitais da época, como o Maranhão (657.453 habitantes; São Luís com 53.484) e São Paulo (3.455.030 habitantes; a

capital, 346.410), as disparidades populacionais e econômicas eram evidentes, refletindo as diferenças de desenvolvimento regional⁴⁶.

Essa situação de atraso já havia sido apontada em 1896 pelo então governador do Piauí, Coriolano de Carvalho, em um diagnóstico das condições do estado. Ele salientou a relação desproporcional entre a pequena população e a vasta extensão territorial, agravada pela falta de infraestrutura de transporte, limitada ao trecho navegável do rio Parnaíba. A economia, baseada na pecuária e na agricultura, enfrentava sérias dificuldades: enquanto a criação de gado entrava em declínio, a agricultura sofria com a escassez de mão de obra⁴⁷. Como solução para a falta de capital, foi proposta a criação de estabelecimentos de crédito para financiar as atividades produtivas, uma ideia que começou a ser implementada nos anos seguintes, como exemplifica a atuação da Casa Inglesa, que emprestava dinheiro a juros de 12% em troca de produtos agrícolas durante a safra⁴⁸.

O cenário econômico do Piauí na segunda metade do século XIX evidencia esse quadro de limitações e contradições. Predominava a pecuária extensiva, ainda marcada por técnicas herdadas do período colonial, enquanto a agricultura permanecia, em grande parte, restrita à subsistência. Como destaca Queiroz, “a exportação se reduzia ao gado em pé e a alguns produtos de ‘mais pronta saída’, e na agricultura de subsistência, geralmente limitada ao consumo local”⁴⁹. A baixa densidade populacional, o isolamento geográfico e a precariedade das vias de comunicação e transporte restringiam a circulação de produtos ao mercado interno, contribuindo, como assinala Queiroz, para a estagnação econômica e a pobreza na região⁵⁰.

Nesse cenário de desafios estruturais, as elites locais justificavam a ausência de crescimento econômico pela alegada escassez de mão de obra. Esse discurso, recorrente no Brasil pós-abolicionista, reforçava preconceitos ao desqualificar negros e pardos como menos aptos ao trabalho agrícola e ao ideal de modernização econômica. Alinhado ao projeto nacional de embranquecimento, defendia-se a ideia de que imigrantes europeus, idealizados como mais capacitados e moralmente superiores, seriam a solução para dinamizar a economia do estado.

⁴⁶ IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Estatísticas do Século XX*. Diretoria-geral de estatística. População do Brasil por Estados (1872, 1890, 1900, 1910). p. 252. Disponível em: https://seculoxx.ibge.gov.br/images/seculoxx/arquivos_download/populacao/1908_12/populacao1908_12v1_018.pdf. Acesso em: 27 dez. 2023; IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Estatísticas do Século XX*. Diretoria-geral de estatística. População das capitais dos estados do Brasil (1872, 1890, 1900, 1910). p. 256. Disponível em: https://seculoxx.ibge.gov.br/images/seculoxx/arquivos_download/populacao/1908_12/populacao1908_12v1_022.pdf. Acesso em: 27 dez. 2023.

⁴⁷ QUEIROZ, 2006, p. 51.

⁴⁸ NUNES, Maria Cecília S. de A. A influência britânica em Parnaíba-PI. In: ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoíno de; EUGÊNIO, João Kennedy (Org.). *Gente de longe: história e memória*. Teresina: Halley, 2006, p. 344.

⁴⁹ QUEIROZ, 2006, p. 53.

⁵⁰ QUEIROZ, 2006, p. 52.

No entanto, o Piauí enfrentava obstáculos que iam além da falta de trabalhadores: as limitações financeiras, a ausência de apoio do governo federal e a fragilidade estrutural da economia local inviabilizaram grande parte dessas iniciativas. Um exemplo marcante foi a tentativa de introduzir imigrantes italianos nas Fazendas Nacionais, lideradas por Antônio José de Sampaio⁵¹. O projeto, que buscava revitalizar a produção agrícola, fracassou devido às condições adversas, refletindo a dificuldade do estado em implementar mudanças significativas em um contexto tão desfavorável.

Parnaíba, contudo, sobressaiu como uma exceção nesse panorama. A cidade, com seu setor extrativista dinâmico e integração a mercados externos, conseguiu atrair ingleses, franceses, alemães, portugueses e sírios, que contribuíram para sua diversidade econômica. Em contraste, outras cidades do estado, especialmente as menores, receberam poucos imigrantes, quase sempre vinculados a iniciativas agrícolas específicas e de curta duração. Assim, enquanto outras regiões do Brasil consolidaram políticas de imigração mais robustas, o Piauí desempenhou um papel específico e mais restrito nesse processo, evidenciando as limitações locais diante do cenário nacional.

Esse dinamismo econômico da cidade litorânea é exemplificado pelas operações das três maiores exportadoras locais, que simbolizavam o papel central de Parnaíba no comércio do estado. A Casa Inglesa, com matriz em Liverpool, especializou-se na exportação de cera de carnaúba e no comércio atacadista de tecidos, consolidando as relações comerciais entre a cidade e o mercado internacional. O grupo Moraes Correia, representando a força econômica local, desenvolveu uma indústria de óleos vegetais e uma usina de processamento de cera de carnaúba, ampliando a capacidade produtiva e agregando valor aos produtos extrativistas. A francesa Casa Marc Jacob, além de atuar na exportação de diversos produtos do Piauí e Maranhão, destacou-se no comércio varejista e no crediário, oferecendo produtos modernos, como bicicletas, máquinas de costura e rádios⁵².

De modo geral, as deficiências na infraestrutura de transporte e comunicações representavam grandes barreiras para o desenvolvimento do comércio no Piauí. Para enfrentar esses desafios, uma das primeiras medidas adotadas foi a transferência do centro administrativo e político da capital, visando melhorar a logística e a conectividade da região. O isolamento de Oeiras, agravado por sua localização distante das principais rotas comerciais, foi o principal fator que motivou a mudança. Embora Parnaíba apontasse como uma alternativa em razão do

⁵¹ QUEIROZ, 2006, p. 56.

⁵² REGO, 2010, p. 117-119.

seu dinamismo econômico e proximidade com o litoral, Teresina foi escolhida como a nova capital. Sua localização estratégica às margens do rio Parnaíba e sua conexão com o polo comercial de Caxias tornaram-na uma opção mais adequada. Além disso, a posição central de Teresina favorecia uma gestão mais eficiente, permitindo maior integração entre o norte e o sul da Província e fortalecendo as redes de comércio e transporte⁵³.

A transferência da capital em 1852 marcou uma virada significativa na economia do Piauí, dando início a um novo modelo, baseado na navegação fluvial, no extrativismo vegetal e no comércio internacional. A partir desse momento, o crescimento econômico do estado passou a ser profundamente influenciado pela dinâmica do rio Parnaíba. Nesse contexto, destaca-se o papel da cidade de Parnaíba, que, com sua infraestrutura portuária fluvial e marítima, consolidou-se como o principal eixo das transformações que se seguiram. Queiroz ressalta que “a transferência da capital da Província e o incentivo à navegação fluvial [...] apontavam para a transformação da cidade de Parnaíba no centro comercial, por excelência, do Piauí”⁵⁴.

Além disso, o rio Parnaíba ampliou as possibilidades de comunicação, que até então eram dominadas pelo uso de animais e pedestres. A partir do final da década de 1850, com a implantação da navegação a vapor, o rio se tornou uma verdadeira “estrada líquida” que ligava Teresina a Parnaíba. Essa conexão comercial integrava as duas cidades e as conectava a portos brasileiros e internacionais, permitindo a consolidação de Parnaíba e Teresina como os principais entrepostos comerciais do estado e retirando o Piauí da dependência econômica do Maranhão.

Outro fator crucial que impulsionou a melhoria das redes de transporte e comunicação foi a construção do Porto de Amarração, localizado na atual Luís Correia. Embora nunca tenha sido completamente concluído, representou uma tentativa significativa de melhorar a infraestrutura de transporte e integrar a economia local aos mercados mais amplos. O *Almanack da Parnahyba* de 1928 traz à luz essa informação:

A construção do porto de Amarração é a mais fogueira esperança do povo piauiense, a mais justa aspiração do povo de Parnahyba e Amarração, principais pioneiros desta infalível cruzada de patriotismo. O Estado do Piauí, vasto território, prodigamente dotado pela natureza com inexplicáveis fontes de riquezas naturais, imensamente farto de indústrias inexploradas, de salubérrimo clima e solo amenamente fértil, certamente não muito longe espera-lhe um futuro risonho, para que possa como seus irmãos do sul, crescer e progredir e concorrer com seu quinhão de progresso para o engrandecimento do Brasil. Entretanto, para que tudo isso se verifique, é necessária a construção

⁵³ REGO, 2010, p. 67-78.

⁵⁴ QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *Os literatos e a república*: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. Teresina: EDUFPI, 1998, p. 16.

do porto de Amarração, genuinamente piauiense, por onde deverão escoar os produtos de nosso trabalho e expandir o comércio com os continentes⁵⁵.

Em 1912, os piauienses iniciaram uma campanha na Câmara Federal, liderada pelo deputado Joaquim de Lima Pires Ferreira, para construir o porto. Uma comissão de estudo foi criada e, entre 1912 e 1915, foram realizados os estudos e plantas do projeto. Em 1922, o deputado Armando César Burlamaqui, gozando de valioso prestígio perante o governo federal, conseguiu que o presidente Epitácio Pessoa comprasse os materiais necessários e decretasse a continuação das obras. No entanto, durante o governo de Artur Bernardes, quase todas as obras no Norte do país foram suspensas, incluindo as do Porto de Amarração⁵⁶.

O porto nunca fora concluído, operava precariamente, sendo mais utilizado durante o inverno, quando os ventos eram menos intensos e o mar mais calmo. Devido à pouca profundidade, o porto enfrentava sérias restrições, incapaz de acomodar navios de grande calado, que precisavam ancorar a cerca de três milhas da costa. O transporte das cargas até o porto dependia de rebocadores e alvarengas. Além dessas dificuldades, as limitações técnicas, a falta de infraestrutura adequada, a ausência de investimentos governamentais e as condições climáticas adversas, restringiram severamente a frequência e a capacidade de transporte, impedindo o seu pleno funcionamento⁵⁷.



Figura 2 - Obras do Porto de Amarração
Fonte: *O Malho*, 25 de janeiro de 1913, n. 541, p. 48.

⁵⁵ PINTO, João Vieira. O porto de Amarração. *Almanack da Parnahyba*, ano 5, 1928, p. 35.

⁵⁶ PINTO, 1928, p. 35.

⁵⁷ REGO, 2010, p. 98, 112.

Apesar de suas limitações, o porto era imprescindível para a economia do Piauí, permitindo a exportação de produtos como algodão, cera de carnaúba e borracha de maniçoba, além de facilitar a importação de mercadorias estrangeiras, integrando a economia regional ao mercado global. Sua localização estratégica próxima a cidade de Parnaíba reduzia custos de transporte, tornando os produtos locais mais competitivos. Como destacado no *Almanack da Parnahyba*, a localização topográfica do porto era ideal para atender a todas as necessidades comerciais do Piauí, pois “colocado a 30 minutos da estrada de ferro do principal empório comercial do Estado, acha-se também ligado por via férrea à cidade de Piracuruca a centenas quilômetros do sertão ingrato e rico do solo piauiense”⁵⁸. No entanto, mesmo nunca tendo sido completamente concluído, o Porto de Amarração representou uma tentativa importante de melhorar as redes de transporte e integrar a economia local com mercados mais amplos.

Outros portos, como o de Tutoia e o Porto Fluvial das Barcas, também enfrentavam desafios significativos. O Porto de Tutoia, situado em uma baía calma e profunda, apresentava custos elevados de operação, principalmente devido à sua subordinação ao Maranhão e à distância de Parnaíba. Esse arranjo implicava em altos custos com frete, estiva e armazenagem, além de tarifas e impostos alfandegários cobrados pelo governo do Maranhão, aumentando o custo de transporte das mercadorias. Isso impactava diretamente nos preços finais e restringia a eficiência do comércio regional. Em contrapartida, o Porto Fluvial das Barcas, também conhecido como Porto Salgado, crucial para o recebimento e distribuição de mercadorias dentro de Parnaíba, necessitava de manutenções frequentes para assegurar a navegabilidade do rio Igaraçu⁵⁹.

No início do século XX, o governo estadual incentivou a instalação de várias empresas de navegação nacionais e estrangeiras, o que aumentou as atividades portuárias e diversificou os serviços de transporte marítimo e fluvial. No entanto, as dificuldades técnicas e a falta de investimentos adequados continuavam a restringir o potencial pleno dos portos de Parnaíba, refletindo diretamente na economia local.

A construção da Estrada de Ferro Central do Piauí também marcou profundamente o desenvolvimento econômico da região. Concebida para conectar diferentes partes do estado, essa ferrovia tornou-se essencial para o transporte de mercadorias e passageiros, oferecendo uma solução estratégica para o incremento da produção e do comércio. O empreendimento

⁵⁸ PINTO, 1928, p. 35.

⁵⁹ REGO, 2010, p. 111-113.

viabilizou o escoamento eficiente dos produtos agrícolas e extrativistas do estado, promovendo assim uma integração econômica sem precedentes.

Embora inicialmente negligenciada pelo poder público, a construção da ferrovia foi finalmente iniciada em 1915, impulsionada pelo fervor dos comerciantes de Parnaíba. Sob a liderança do engenheiro Miguel Furtado Bacelar, genro de James Frederick Clark, o projeto e sua fiscalização avançaram de maneira significativa. A rede ferroviária estendeu-se progressivamente, alcançando cidades do interior do Piauí, como Cocal e Piracuruca em 1923, Piripiri em 1937, Campo Maior em 1952, culminando finalmente na integração de Parnaíba com Teresina em 1966. Dessa forma, com a chegada da ferrovia, inúmeros povoados floresceram ao longo de seu trajeto, catalisando trocas comerciais e sociais entre o litoral e a região norte do estado, promovendo um vigoroso intercâmbio que consolidou o desenvolvimento regional⁶⁰.

No final do século XIX e início do XX, o Piauí passou por significativas melhorias em sua infraestrutura, fundamentais para seu crescimento econômico. Essas mudanças modernizaram a região e abriram portas para novas oportunidades de comércio, permitindo ao Piauí diversificar sua economia e se integrar aos mercados internacionais. Brandão destaca que, até 1870, a pecuária dominava a economia local, sustentando o mercado brasileiro e promovendo um fluxo contínuo de capital e criação de empregos⁶¹. Entretanto, para Felipe Mendes, durante a Primeira Guerra Mundial, o aumento da demanda e dos preços de mercadorias como o algodão e produtos do extrativismo impulsionou a comercialização desses itens, posicionando o Piauí como um dos maiores exportadores do Norte-Nordeste⁶². Essas atividades expandiram a base econômica do estado e fortaleceram sua conexão com o mercado global, evidenciando o impacto positivo das melhorias na infraestrutura para o desenvolvimento regional.

À medida que o Piauí avançava, tanto Teresina quanto Parnaíba passavam por significativas transformações técnicas, refletindo esforços contínuos para modernizar seus espaços. Castelo Branco assinala que a valorização dos espaços urbanos não se restringiu apenas aos grandes centros do país. A ideia de progresso, influenciada por valores europeus, se disseminou por todo o Brasil, incentivando a urbanização e a modernização, mesmo nas regiões

⁶⁰ REGO, 2010, p. 122-124.

⁶¹ BRANDÃO, Tanya Pires. *A elite colonial piauiense: família e poder*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995, p. 35.

⁶² MENDES, Felipe. Formação econômica. In: SANTANA, R. N. Monteiro de. (Org.). *Piauí: evolução, desenvolvimento, perspectivas*. Teresina: Halley, 1995, p. 57.

mais distantes⁶³. Até mesmo as cidades menos prósperas almejavam acompanhar as mudanças globais. Ignorar os novos costumes e hábitos urbanos era visto como um sinal de atraso e resistência ao progresso, condenando essas cidades a permanecer no passado.

Teresina passava por transformações em sua infraestrutura, costumes e sociabilidades. Apesar do desejo de modernização, a cidade vivia uma integração frágil nas relações capitalistas, devido à predominância de um grupo conservador e tradicional, o que limitava seu progresso. As melhorias beneficiavam principalmente grupos médios e elites. Em 1906, foi instalada a água encanada, liderada por Antonino Freire, diretor da Repartição de Obras Públicas. Em 1914, durante o governo de Miguel Rosa, foi implementada a luz elétrica. Já em 1920, o transporte público foi introduzido na forma de bondes que circulavam por algumas ruas⁶⁴. Enquanto isso, Parnaíba prosperava como o coração econômico do Piauí, refletindo a complexidade e a dinâmica multifacetada do desenvolvimento regional. Nunes descreve Parnaíba metaforicamente como “uma menina-moça⁶⁵”, destacando seu espaço urbano em constante evolução e uma população imersa no ideal da modernidade. Essa transformação era marcada pelo dinamismo da navegação no rio Parnaíba, o fortalecimento do comércio e da indústria, o avanço da navegação a vapor e a emergência do futebol na cidade⁶⁶.

Portanto, a dinâmica entre essas duas cidades reflete um fenômeno brasileiro mais amplo, onde algumas cidades, embora não capitais, ultrapassam suas capitais estaduais em importância econômica ou cultural em determinados períodos. Por exemplo, Pelotas, no Rio Grande do Sul, outrora superou Porto Alegre em termos de riqueza durante o século XIX, graças ao seu robusto comércio de charque. Da mesma forma, Juiz de Fora, em Minas Gerais, antes de Belo Horizonte emergir como a capital, foi um polo de industrialização pioneiro no Brasil. Esses exemplos mostram como características únicas e históricas podem moldar o desenvolvimento de cidades de maneiras que transcendem sua importância administrativa formal, refletindo a complexidade e a multifacetada dinâmica de desenvolvimento no Brasil.

⁶³ CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres plurais*. Recife: Edições Bagaço, 2005.

⁶⁴ BARROS, Fransuel Lima de. *Teresina moderna e civilizada: as sociabilidades teresinenses sob o olhar dos cronistas*. Teresina: Cancioneiro, 2021, p. 49-51.

⁶⁵ Parnaíba foi elevada à categoria de cidade em 14 de agosto de 1844, conforme estabelecido pela Lei Provincial nº 166.

⁶⁶ NUNES, 2006, p. 337.

1.2 De Liverpool a Parnaíba: o impacto cultural e comercial da Casa Inglesa e da família Clark

Na obra *Ingleses no Brasil*, Gilberto Freyre⁶⁷ anuncia que a transferência da corte portuguesa para o Rio de Janeiro em 1808 desencadeou os primeiros sinais da crescente influência britânica no país. A abertura dos portos brasileiros, decorrente desse evento, quebrou o monopólio comercial de Portugal, promovendo um fluxo significativo de mercadorias e ideias britânicas. Esse período marcou o início de um processo de modernização no Brasil, impulsionado pelo comércio e inovações britânicas, que começaram a moldar diversos aspectos econômicos e sociais. Freyre relata que, entre 1835 e 1912, essa influência se intensificou, atingindo cidades como Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, e gradualmente se expandindo por todo o mercado brasileiro⁶⁸.

A chegada de produtos ingleses ao Brasil provocou mudanças substanciais na dinâmica do consumo e na modernização do país. Alexandre Volpi relata que as ruas se encheram de itens como algodão estampado, tecidos largos, louças e ferramentas fabricadas em Birmingham, que eram importados diretamente a preços acessíveis, sem a necessidade de passar por intermediários em Portugal⁶⁹. Nessa perspectiva, além dessas mudanças no consumo, Gilberto Freyre observa que os ingleses eram fortemente associados ao avanço tecnológico e industrial no Brasil, simbolizado por máquinas, motores, estradas de ferro, navios de guerra e vapores, rebocadores, dragas, cabos submarinos, telégrafos e artigos de aço e ferro. Produtos do dia a dia, como cadeiras de mola, bicicletas, aparelhos sanitários e fogões a gás ou a carvão, também carregavam a marca inglesa⁷⁰.

No início do século XIX, enquanto a pecuária no Piauí enfrentava uma crise, o algodão emergia como uma nova oportunidade econômica. Cultivado desde o século XVIII para a produção de tecidos mais simples, o algodão começou a se destacar comercialmente por volta de 1815, tornando-se crucial para a economia local e abrindo mercados internacionais para o estado. Esse interesse pelo algodão foi amplificado pela Guerra de Independência das 13 colônias, que reduziu a oferta americana e aumentou a demanda das fábricas inglesas, levando

⁶⁷ FREYRE, Gilberto. *Ingleses no Brasil*: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil. 3. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

⁶⁸ FREYRE, 2000, p. 88.

⁶⁹ VOLPI, 2007 *apud* REGO, Junia Motta Antonaccio Napoleão do. O Piauí na rota do comércio internacional: a presença dos comerciantes franceses no Sertão oitocentista. *Informe Econômico*, Teresina-PI, Ano 14, n. 30, ago. 2013, p. 88.

⁷⁰ FREYRE, 2000, p. 159.

a uma significativa alta nos preços e incentivando os produtores piauienses a intensificar a produção⁷¹.

Durante esse período de crescimento do comércio, empresas de origem inglesa passaram a desempenhar um papel fundamental na economia do Norte e Nordeste do Brasil. Elas atuaram como impulsionadoras, conectando efetivamente essas regiões aos circuitos globais de comércio. Além de responder à crescente demanda europeia por matérias-primas, essas companhias também forneciam ao Brasil produtos manufaturados sofisticados, como tecidos ingleses, contribuindo para transformar *commodities* como o algodão em produtos valorizados no mercado internacional.

Segundo Rego, a Casa Inglesa se destacou no Brasil pelas suas filiais nos estados do Pará, Ceará e Piauí. Contudo, passa a ganhar um caráter global por meio da operação conjunta com a *Red Cross Line* e *Booth Line*, influentes companhias de navegação a vapor de Liverpool que passaram a manter rotas regulares em Amarração nas duas primeiras décadas do século XX. A princípio, a Casa Inglesa teve seus produtos exportados pela cargueira *Red Cross Line*, de propriedade da *Brocklehursts, Singlehurst e Cia.*, que estabeleceu em 1877 as primeiras linhas regulares para Manaus, integrando eficazmente as operações comerciais entre a matriz no exterior e suas filiais no Brasil⁷².

Depois a parceria se estendeu à *Booth Line*. Fundada em 1863 pelos irmãos Alfred e Charles Booth, inicialmente dedicou-se à importação de couros dos Estados Unidos, expandindo rapidamente suas operações para Liverpool e Nova York. Com o avanço para o Norte e Nordeste do Brasil na segunda metade do século XIX, a empresa passou por significativas transformações até a sua fusão em 1901 com a *Singlehurst's Red Cross Line*, formando a *Booth Steamship Co.* Essa fusão fortaleceu as operações de conexão entre Manaus, a Europa e a América do Norte, atuando de forma contínua nessa rota de 1882 até a década de 1980. Além disso, de 1913 até os anos 1960, a empresa desempenhou um papel significativo na navegação de cabotagem e manteve uma doca seca para reparos em embarcações. Nesse período, a empresa controlava o transporte de cargas em Parnaíba, operando navios como *Ambroise*, *Cearense*, *Grangense* e *Teresinense*, consolidando assim a influência global da Casa Inglesa no mercado de navegação⁷³.

⁷¹ REGO, Junia Motta Antonaccio Napoleão do. O Piauí na rota do comércio internacional: a presença dos comerciantes franceses no Sertão oitocentista. *Informe Econômico*, Teresina, Ano 14, n. 30, ago. 2013, p. 88.

⁷² REGO, 2010, p. 117-118.

⁷³ REGO, 2010, p. 117-118.

A influência britânica no Piauí revela-se de maneira única através da Casa Inglesa, uma instituição cuja atuação ultrapassou os limites do comércio, deixando um legado profundo na vida sociocultural do estado. Situada em Parnaíba-PI, foi gerida por figuras importantes como Andrew Miller, Robert Brocklehurst, Paul Robert Singlehurst e James Frederick Clark. Sua trajetória começa em 15 de março de 1849, sob a razão social Andrew Miller & Cia, e evoluiu ao longo dos anos para *Singlehurst & Brocklehurst*, *Singlehurst Nicholson & Co.*, e finalmente *Singlehurst & Co.* O sucesso comercial da Casa Inglesa esteve intrinsecamente ligado ao comércio das províncias do Norte e Nordeste e suas ligações internacionais, especialmente com Inglaterra, França e América do Norte⁷⁴.

Um marco importante na história da Casa Inglesa em Parnaíba ocorreu em 1853, quando o inglês Robert Brocklehurst adquiriu um sobrado construído em 1814. Rego enfatiza que essa aquisição foi feita de maneira estratégica, inaugurando uma era de significativa influência econômica e social na região:

[...] ao se estabelecer em Parnaíba, optou por adquirir um sobrado na Rua Grande, número 25, ao invés de terrenos ou lotes disponíveis para a construção de seu estabelecimento comercial. Essa escolha estava alinhada com as necessidades de um comerciante inglês que precisava de um local adequado para acomodar e armazenar grandes quantidades de mercadorias pesadas. O sobrado oferecia amplo espaço para armazéns e depósitos e tinha uma localização estratégica, próximo ao rio Parnaíba, ao porto Salgado, à alfândega e ao consulado inglês⁷⁵.

A visão estratégica e a habilidade em negócios de *Brocklehurst* pavimentaram o caminho para o crescimento contínuo da empresa. Tempos depois, ele vendeu a Casa Inglesa para Paul Robert Singlehurst, carinhosamente conhecido como “Paul Inglês” ou “velho Paul”. Sob a nova liderança, a firma foi renomeada para *Singlehurst Nicholson & Co.* De acordo com Nunes, o “velho Paul Inglês” viveu em Parnaíba com sua esposa, cinco filhos (três rapazes e duas moças) e dois irmãos (uma irmã e um irmão)⁷⁶.

Para Rego, essa nova dinâmica foi significativamente ampliada com a chegada de James Frederick Clark, em 15 de novembro de 1869. Proveniente de Liverpool, Inglaterra, o jovem desembarcou no Porto do Ceará a bordo do navio “Enterprise”, da *Red Cross Line*. De lá, seguiu para Parnaíba, trazendo uma carta de apresentação e um contrato de aprendizagem de cinco

⁷⁴ REGO, 2010, p. 172.

⁷⁵ REGO, 2010, p. 172.

⁷⁶ NUNES, 2006, p. 337.

anos. Sob a tutela de Paul Robert Singlehurst, Clark demonstrou grande competência e espírito empreendedor e, em 1880, aos 25 anos, tornou-se sócio da Casa Comercial⁷⁷.

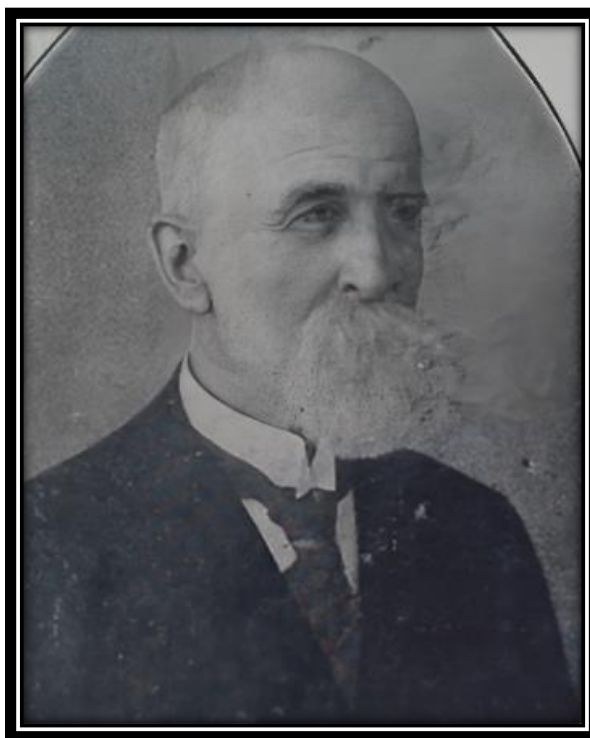


Figura 3 - James Frederick Clark

Fonte: *Almanack da Parnahyba*, 1925, ano 2, p. 5.

A Casa Inglesa em Parnaíba iniciou suas atividades exportando algodão e couros para a Inglaterra, mas ganhou maior destaque com o comércio regular de cera de carnaúba, em 27 de maio de 1889. Clark foi pioneiro na comercialização desse produto, expandindo as exportações para mercados europeus e norte-americanos, transformando a cera de carnaúba o principal produto de exportação do estado. Segundo o depoimento de Berilo Neves:

Durante longos anos ele (Sr. James) remeteu amostras de cera de carnaúba para Liverpool, Manchester e Londres; pôs em atividades os laboratórios ingleses; escreveu a amigos, sugeriu, suplicou!... Em 1894 remetia para a Europa a primeira partida comercial de cera de carnaúba. Era o início de sua riqueza honradíssima e de uma Nova Era de prosperidade para todo o Piauí⁷⁸.

Nesse contexto, o estado passava por um processo de crescimento, impulsionado pelas atividades de importação e exportação. Como aponta Felipe Mendes, Parnaíba consolidou-se como um centro exportador estratégico, destacando-se na comercialização de cera de carnaúba, babaçu, algodão e borracha de manihoba. Embora secundário em relação à borracha amazônica,

⁷⁷ REGO, 2010, p. 173.

⁷⁸ NEVES, 1961 *apud* NUNES, 2006, p. 343.

o látex extraído da maniçoba era altamente valorizado pelas indústrias automobilística e elétrica da Inglaterra, França e Estados Unidos, sustentando uma demanda expressiva até 1915⁷⁹.

À medida que aumentava a utilização das matérias-primas exportadas pelo Piauí, o preço desses produtos crescia proporcionalmente. A cera de carnaúba, por exemplo, começou a ser exportada de forma significativa a partir de 1907, com sua demanda intensificando-se à medida que novas utilidades eram descobertas, incluindo aplicações como graxa para sapato, cera para assoalho e discos. Um grande impulso nas exportações foi observado após 1910, com a Alemanha emergindo como a principal importadora, elevando a cera de carnaúba a uma posição de destaque entre os produtos de exportação do Piauí. Em 1911, a Alemanha também começou a importar o coco babaçu, e a exportação deste produto continuou a prosperar mesmo após o término da Primeira Guerra Mundial⁸⁰.

Essa dinâmica econômica resultou no surgimento de uma próspera elite comercial e uma população consumidora de produtos importados. Nunes retrata a cidade de Parnaíba nas primeiras décadas da República como um cenário animado, onde famílias inteiras passeavam pelas lojas, admirando uma vasta gama de produtos europeus, principalmente de Liverpool e Amsterdã. As vitrines exibiam “[...] sedas, casimiras, linhos, perfumes, espelhos, chapéus, sapatos, relógios de parede, cristais, porcelanas, bebidas [...]”, encantando os olhos dos transeuntes⁸¹. Esses produtos não eram destinados apenas aos consumidores do litoral piauiense, mas também às cidades vizinhas. Muitos desses consumidores eram comerciantes de cera de carnaúba de regiões como Piracuruca, Piripiri, Batalha, Barras, Campo Maior e Esperantina, sinalizando novas práticas de consumo. Esses produtos atendiam às necessidades da burguesia local e disseminavam padrões de consumo europeus entre as elites da região⁸². Pensando nisso, Meneses em seus relatos memorialistas, comenta que:

[...] a cidade era verdadeira colmeia humana. Gente vinda de outros lugares, do estrangeiro, dos estados vizinhos: Ceará e Maranhão [...]. Dos que chegaram à cidade, uns se estabeleceram com casas de comércio, outros foram trabalhar nas firmas locais. Os sírios [...], franceses, ingleses, alemães e portugueses vieram atraídos pela fama do desenvolvido centro comercial que era a cidade. Fundaram firmas comerciais, companhias de navegação, indústria e plantaram raízes com vínculos profundos na terra que que hospitaleiramente os acolheu [...]. A cidade já foi centro comercial de todo o estado do Piauí, muitas vezes considerada capital. O seu comércio de importação com as capitais do país e o estrangeiro era exercido em grande escala. [...] Toda a mercadoria, gêneros alimentícios, cera de carnaúba e tudo o que o estado produzia, era transportado e recebido pelas companhias de

⁷⁹ MENDES, 1995, p. 56.

⁸⁰ MENDES, 1995, p. 59.

⁸¹ NUNES, 2006, p. 347.

⁸² NUNES, 2006, p. 347.

navegação fluvial e marítima. O transporte era feito por navios. Do sul do estado e parte do Maranhão vinham nas gaiolas que buscavam grandes barcas com mercadorias para serem transferidas para o porto de Tutóia no Maranhão [...]”⁸³.

Com uma visão ousada e empreendedora, a família Castelo Branco Clark transformou a Casa Inglesa em um farol de inovação no Piauí. Suas ações no estado levaram a uma missão modernizadora, na qual introduziram diversas tecnologias avançadas, mudando o curso do desenvolvimento local e trazendo novas possibilidades para o futuro. Entre os itens introduzidos estavam “o carbureto, o querosene, a gasolina, a máquina de costura, o primeiro automóvel, o primeiro jipe, o primeiro motor a diesel, a geladeira a querosene, rádio a pilha, armas de caça, tratores, implementos agrícolas, combustíveis e óleos lubrificantes”⁸⁴.



Figura 4 - Anúncio da Casa Inglesa
 Fonte: *Almanack da Parnahyba*, 1925, n. 2, p. 72.

⁸³ NUNES, 2006, p. 340.

⁸⁴ NUNES, 2006, p. 344.

O florescimento do comércio, impulsionado principalmente pela Casa Inglesa, encontrou um poderoso aliado nas páginas do *Almanack da Parnaíba*. Fundada em 1924 por Benedito dos Santos Lima, essa revista se tornou um importante meio de comunicação para anúncios de empresas, como a Casa Inglesa e a Rossabach Brasil Company, de Nova York. No entanto, o *Almanack* ia além da publicidade, suas páginas abrigavam uma rica produção literária local, capturando o espírito da modernização e celebrando o dinamismo cultural que transformava a cidade⁸⁵.

A influência britânica em Parnaíba, segundo o depoimento de Aílton Pontes, foi além da esfera econômica, permeando também a cultura e os costumes da elite local. Ele observa que “[...] era frequente entre nós, desde o final do século XIX, até as últimas décadas da primeira metade do século XX, a leitura de clássicos ingleses como William Shakespeare [...], sem esquecer as obras de literatura infanto-juvenil, como é o caso de ‘As viagens de Gulliver a Terras Desconhecidas’, de Jonathan Swift [...]”⁸⁶. Em relação ao vestuário, o memorialista detalha “o uso de trajes eminentemente europeus, com destaque para o vestuário masculino, representado pelo terno confeccionado em linho branco de procedência irlandesa, e os mais belos ternos de casimira inglesa [...], sendo tais ternos utilizados nas ocasiões mais solenes, especialmente durante a noite”⁸⁷.

1.3 Família Castelo Branco Clark: construindo laços familiares e esportivos no Piauí

James Frederick Clark se casou com Anna Gonçalves Castello Branco entre 1883 e 1884, quando tinha entre 28 e 29 anos. Originário de *Keswick*, no condado de *Cumberland*, Clark havia emigrado para o Brasil aos 14 anos, após a morte de seus pais, onde passou a trabalhar como caixeiro na Casa Inglesa parnaibana, gerenciada por Paulo Robert Singlehurst. Anna, filha de Antonio Borges Leal Castello Branco e Felicianna Mathildes Gonçalves Castello Branco, pertencia à elite católica de Parnaíba e foi educada em Londres, na *Sacred Heart School* de *Roehampton*. Naquela época, o casamento entre um protestante anglicano e uma católica romana era proibido, a menos que houvesse uma dispensa do bispo, o que o casal solicitou. As justificativas para a dispensa incluíam o amor mútuo entre os noivos, a necessidade de amparo

⁸⁵ NUNES, 2006, p. 347.

⁸⁶ Ailton Vasconcelos Pontes foi advogado, escritor e vice-presidente do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Parnaíba (IHGAP). Ele também foi autor da obra *Tombamento Municipal e sua Relevância para Parnaíba*, publicada em 2004.

⁸⁷ NUNES, 2006, p. 340.

para Anna, que havia perdido os pais, e a boa reputação de Clark na sociedade, corroborada por testemunhas de seu círculo profissional⁸⁸.

Segundo Santos, o processo de dispensa foi bem-sucedido. Clark se comprometeu a criar os filhos na fé católica, conforme exigido pela igreja. As testemunhas do processo, incluindo Paulo Robert Singlehurst, Arthur Sherlock e Joaquim Antonio de Amorim Filho, atestaram o estado civil solteiro e a boa reputação de Clark, consolidando a permissão para o casamento⁸⁹. Essa união simbolizava o encontro de culturas e religiões e destacava o papel crucial das redes sociais e profissionais na formação e legitimação dos laços matrimoniais na sociedade parnaibana do final do século XIX.

A presença de Dona Anna no cenário parnaibano era notável, marcada por relatos que exaltavam sua elegância e refinada educação – atributos que lhe conferiam grande admiração entre as mulheres de Parnaíba. Renato Castelo Branco descreve-a como “[...] uma mulher alta e esguia de ar aristocrático, sempre vestida de negro, espartilho, com gola alta cobrindo-lhe o longo pescoço [...]”⁹⁰. Essa imagem formula a visão de uma dama distinta, cuja presença imprimia um certo fascínio e respeito na sociedade local. Nunes, por sua vez, amplia essa visão:

[...] permito-me imaginar aquela senhora sendo vista pelas demais senhoras de Parnaíba com olhares de admiração, ora como modelo de elegância, ora como o desejo de conhecer hábitos e costumes ingleses. Sem dúvida, aquela senhora, elegantemente, projetou abrir as portas de seu belo solar para receber as senhoras das famílias parnaibanas, privilegiadas socioeconomicamente, para compartilhar do requinte de seu lar, em conversação amistosa, servido o chá das cinco em chávenas de porcelana inglesa, discutindo literatura inglesa ou apresentando, em um piano inglês, uma das sinfonias de Beethoven, Mozart ou Bach, ou ainda, falando de algumas fragrâncias ou de vestuário⁹¹.

Esta descrição mostra como Dona Anna Clark personificava a influência britânica em seus comportamentos e estilo de vida, promovendo ativamente esses valores e práticas. Seu papel foi fundamental para incentivar um intercâmbio cultural dentro da comunidade parnaibana. As senhoras da elite local começaram a desejar ser como Dona Anna, adotando seus hábitos e costumes, o que levou a uma assimilação dos valores britânicos na sociedade parnaibana.

⁸⁸ SANTOS, Lyndon de Araújo. *As outras faces do sagrado: protestantismo e cultura na primeira república brasileira*. 2004. 340 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. Assis, 2004. p. 160-161.

⁸⁹ SANTOS, 2004, p. 161.

⁹⁰ CASTELO BRANCO, Renato. Matéria de jornal divulgada por Rubens Freitas, da Academia Parnaibana de Letras, em coluna “Parnaíba tem memória”. 25 de março a 04 de abril de 1996. p. 338.

⁹¹ NUNES, 2006, p. 338-339.

O ambiente culturalmente rico criado pela família Clark influenciou profundamente a educação de seus filhos: Frederico, Oscar, Antonio, Séptimus, Maria e Flora, todos educados na Europa. Segundo Nunes, os filhos foram criados dentro de uma cultura inglesa, onde “todos os membros dessa família conversavam em inglês, inclusive os serviçais [...]”⁹². Em seus relatos memorialistas, Humberto Campos destaca como os filhos dos Castelo Branco Clark eram tidos como distintos, seja pelo terno de linho branco que usavam, seja pela residência onde moravam. Devido ao fato de viverem em um solar, eram chamados de “meninos lá de cima”. Para o memorialista, “havia entre eles e nós, um vale profundo, aberto pela educação doméstica”⁹³.

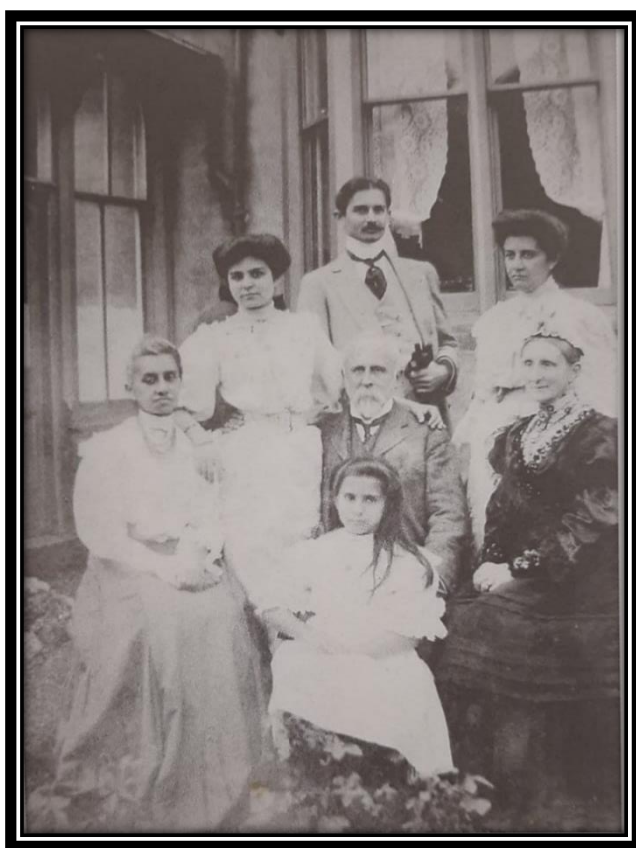


Figura 5 - Família Castelo Branco Clark
Fonte: NEVES, 2006, p. 355 (Acervo da Família Clark).

Esse contexto de distinção social é evidenciado na figura 7, capturada na privacidade do lar da família Clark. Central na imagem, o patriarca Sr. James Clark é acompanhado, da direita para a esquerda, por sua esposa D. Anna, sua filha Flora e seu filho Oscar. Completando o

⁹² NUNES, 2006, p. 341.

⁹³ NUNES, 2006, p. 341.

grupo, estão uma mulher ainda não identificada, possivelmente uma amiga íntima da família, junto com D. Marina, irmã de James, e Mariana, sua neta.

A partir dessa sólida fundação de valores e educação, os filhos de Clark trilharam caminhos que refletiram a influência e as aspirações de seus pais. Frederico Clark destacou-se como diplomata, servindo como ministro do Brasil em diversos países sul-americanos e embaixador na Inglaterra, França e Holanda. Oscar Clark, por sua vez, ganhou renome como médico, professor na Faculdade de Medicina e chefe da Fundação Clínica Municipal no Rio de Janeiro, fundando também a Casa Popular, mais tarde conhecida como Banco Nacional de Habitação (BNH). Antonio Castelo Branco Clark seguiu para a Europa, onde se formou engenheiro civil. Quanto às filhas, de acordo com os costumes da época, casaram-se e dedicaram-se ao lar⁹⁴.

Entre os seis filhos, Séptimus sobressaiu de maneira especial, conforme apontam Nunes e Rego⁹⁵. Nascido em Parnaíba, em 14 de agosto de 1894, recebeu educação inicial no Brasil, estudando no Colégio São José, em Quixadá, Ceará, e no Colégio Paula Freitas, no Rio de Janeiro. Posteriormente, complementou os estudos na Europa, na Inglaterra (Manchester) e na França, onde estudou comércio na Casa *Chamberlin Donner & Cia*. Séptimus incorporou as tradições e a sagacidade do pai, emergindo como um legítimo herdeiro das práticas e valores familiares. Em 1913, ingressou na firma do pai como auxiliar, rapidamente tornando-se sócio. Com a morte do pai, assumiu a chefia da empresa, perpetuando a influência cultural inglesa no cenário sociocultural de Parnaíba e mantendo as conexões familiares com os padrões e a cultura inglesa.

Para destacar a influência de James Clark na Casa Inglesa, é importante revisitar um marco crucial de sua carreira. Em 1º de janeiro de 1900, aos 44 anos, Clark consolidou sua liderança ao adquirir todas as cotas de *Singlehurst*. Com vasta experiência adquirida desde que era um jovem aprendiz, essa aquisição simbolizou a transição para o controle total da firma. Estabelecendo-se como o único proprietário do negócio e dos imóveis associados, Clark possuía um sobrado notável na Rua Grande (hoje Avenida Getúlio Vargas) e grandes armazéns no Porto das Barcas, solidificando sua posição na economia local.

De acordo com Rego, esse estabelecimento comercial ocupava um monumental sobrado de três andares e mais de 3 mil metros quadrados, construído em 1814⁹⁶. No final do século XIX, o solar dos Castelo Branco Clark era um ponto central na vida da cidade, com a Casa

⁹⁴ CAMPOS [s.d.], p. 202 *apud* NUNES, 2006, p. 341-342.

⁹⁵ NUNES, 2006, p. 342; REGO, 2010, p. 218.

⁹⁶ REGO, 2010, p. 53.

Inglesa no térreo funcionando como um dos principais estabelecimentos comerciais do Piauí, e os andares superiores servindo de residência familiar, completos com mirante, varandas e móveis importados da Áustria e da Inglaterra. Araken, recordando esse período, relata que:

[...] O encantamento começa na imponência da escadaria da entrada, de madeira nobre, revestido de grossa passadeira de veludo vermelho. Os metais dourados brilhavam, e faziam sombra aos aristocráticos lustres de cristal. No primeiro piso estava o terraço, misto de jardim e dancing, cercado de belas palmeiras, iluminação suave que em noites de lua, por ela era substituída. A fidalguia e o requinte dos donos da casa, os rapazes Bruce e Sepinho, figuras saudáveis e belas, muito ingleses, por estirpe e por educação [...]. Eram noites deslumbrantes difíceis de esquecer⁹⁷.



Figura 6 - Casa Inglesa – Propriedade e residência de James Clark
Fonte: *Almanack da Parnaíba*, 1926, ano 3, p. 49.

À medida que o Brasil adentrava o século XX, o desejo de modernizar os espaços urbanos para torná-los condizentes com os padrões da elite levou a diversas mudanças em ruas, praças e jardins. Parnaíba, com sua deslumbrante arquitetura, tornou-se um símbolo dessa era de transformação, refletindo o impacto das influências europeias em cada detalhe de sua paisagem urbana. A diversidade estilística dominava o cenário urbano, integrando uma variedade de elementos arquitetônicos. Fachadas de palacetes e chalés ostentavam detalhes rebuscados, mesclando estilos neocolonial, neogótico e neobarroco, além de elementos decorativos como escadarias imponentes, ornamentos em ferro e janelas *art nouveau*⁹⁸.

⁹⁷ ARAKEN [s. d.], p. 7 *apud* NUNES, 2006, p. 350-351.

⁹⁸ REGO, 2010, p. 222.

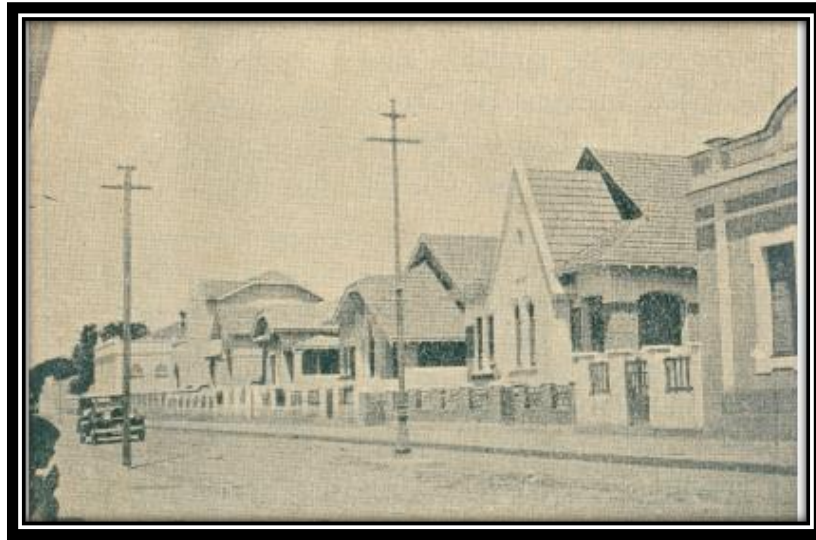


Figura 7 - Av. Getúlio Vargas (Rua Grande)
Fonte: REGO, 2010, p. 225.

A Rua Grande simbolizava a evolução urbanística da cidade, onde construções coloniais foram substituídas por edifícios elegantes e ecléticos, refletindo um clima cosmopolita, fomentado pela chegada de comerciantes estrangeiros ao longo do século XIX. Esse trecho servia como residência da burguesia local, que construía moradias neoclássicas com terraços acolhedores e árvores frondosas.



Figura 8 - Palacete de residência do coronel José de Moraes Correia (Rua Grande)
Fonte: *Almanack da Parnahyba*, 1926, ano 3, p. 17.

Desde o século XVIII, a Rua Grande, que conectava o porto ao núcleo urbano de Parnaíba, tornou-se um símbolo do renascimento urbanístico da cidade. Ramos relata que essa rua abrigava edificações históricas significativas, como o Casarão dos Azulejos, o complexo de

ruínas da Casa de Simplicio Dias e a Casa Inglesa⁹⁹. Em 1926, o *Almanack da Parnahyba* divulgou a recente construção da residência de José Moraes Correia (figura 10), proprietário da Moraes e Cia. A publicação aponta que sua moradia foi erguida “com todos os requintes de higiene, conforto e modernismo”. Ramos ainda menciona que a Rua Grande ficou conhecida como “a mais charmosa das avenidas de Parnaíba, começa às margens do Igaraçu, no Porto das Barcas, e estende-se até a Avenida Getúlio Vargas”¹⁰⁰.

Ampliando o cenário de modernização urbana, Rego observa que a Praça da Graça, anteriormente Largo da Matriz, foi cuidadosamente projetada e mantida, refletindo a prosperidade e a modernização da cidade. Entre suas atrações, destacavam-se os jardins do Rosário e Landri Sales, com áreas verdes onde as plantas eram podadas em formas ornamentais, criando um ambiente agradável para passeios e encontros sociais¹⁰¹. Coretos e pérgulas¹⁰² adornavam esses jardins, proporcionando cenários ideais para convivência e lazer. A praça era cercada por edifícios notáveis, incluindo “[...] Monumento da Independência, Obelisco do km 0 das rodovias municipais, Coluna do Relógio do Lins Clube, Catedral de Nossa Senhora da Graça, Cine Gazeta, Cine Éden, Banco do Brasil, Banco do Nordeste, Banco do Estado do Piauí, Correios, Telégrafo, INPS”¹⁰³.



Figura 9 - Jardim Municipal e edifício do Banco do Brasil (Praça da Graça)

Fonte: *Almanack da Parnaíba*, 1928, ano 5, p. 40.

⁹⁹ RAMOS, José de Nicodemos Alves. Casarão de Simplicio Dias. In: RAMOS, José de Nicodemos Alves (Org.). *Parnaíba de A a Z: guia afetivo*. Brasília: Multicultural Arte e Comunicação, 2008. p. 116.

¹⁰⁰ ALMANACK da Parnahyba. Parnaíba, 1926, ano 3, p. 17.

¹⁰¹ REGO, 2010, p. 228.

¹⁰² Os coretos eram pequenas construções, geralmente circulares e cobertas, serviam como palco para apresentações de bandas musicais e orquestras. Já as pérgulas, estruturas de jardim com pilares que suportam vigas cruzadas e uma treliça aberta, frequentemente cobertas por plantas trepadeiras, ofereciam sombra e um espaço agradável para caminhar ou descansar.

¹⁰³ ALMANAQUE da Parnaíba. Parnaíba, 1977, p. 244.

Conforme aponta Junia Napoleão do Rego em sua tese, esses eram espaços de encontro da elite local, onde famílias tradicionais desfrutavam de uma vida rica e diversificada, frequentando cinemas, teatros e clubes elegantes.

Parnaíba, cidade próspera, de famílias tradicionais, procurava se inserir nesse cenário urbano, civilizado, preparado para receber as pessoas da elite em novos locais de convivência social: cinemas, teatros, clubes elegantes, praças abertas ao passeio das famílias e bailes carnavalescos. Eram novas formas de lazer que iam ocupando os espaços públicos de Parnaíba¹⁰⁴.



Figura 10 - Cine Teatro Éden

Fonte: *Almanack da Parnahyba*, 1926, ano 3, p. 33.

O estilo de vida burguês em Parnaíba, marcado por hábitos elegantes e ambientes que simbolizavam a modernização, refletia claramente a influência inglesa. Desde a introdução de novas tecnologias e infraestrutura até a mudança nos costumes locais, essa influência alterou a vida cotidiana e o cenário urbano da cidade. A chegada de James Clark ao controle da Casa Inglesa foi um ponto de virada, trazendo uma notável expansão arquitetônica e cultural, com a introdução de novos hábitos e produtos europeus. A Casa Inglesa desempenhou um papel essencial no avanço de Parnaíba, promovendo importantes empreendimentos coletivos, como a criação do Campo de Esportes do Internacional, a construção da Estrada de Ferro Central e a fundação da Associação Comercial de Parnaíba, com um papel de destaque na primeira diretoria. Dessa forma, a combinação de progresso econômico, inovação tecnológica e

¹⁰⁴ REGO, 2010, p. 229.

intercâmbio cultural consolidou Parnaíba como um centro comercial de importância internacional durante as primeiras décadas do século passado.

1.4 A teia global do futebol: perspectivas cruzadas e conexões históricas no Piauí

Com a chegada dos anos 1900, havia no Piauí um ambiente favorável para a divulgação da prática da cultura física e, por extensão, das atividades esportivas. Tal prática foi incentivada especialmente nas escolas, espaço ideal de propagação e acompanhamento dos exercícios corporais durante toda a juventude dos indivíduos. Bourdieu corrobora essa visão quando refere que a escola é lugar “[...] do ócio, é o local onde as práticas dotadas de funções sociais e integradas no calendário coletivo, atividades que são seu próprio fim, espécie de arte pela arte corporal, submetidas a regras específicas, cada vez mais irredutíveis a qualquer necessidade funcional, e inserida num calendário específico”¹⁰⁵. Assim, em 1907, em Teresina, o Major Gerson de Figueiredo, fundador e instrutor da escola mantida pelo “Centro Proletariado”, incluiu os exercícios físicos entre as disciplinas ali praticadas. Essa iniciativa também se refletiu no “Ateneu Piauiense” que, um ano após, estabeleceu a obrigatoriedade dos exercícios físicos¹⁰⁶.

É neste cenário do culto à cultura física que o futebol surge e passa a ter destaque no Piauí. Ao longo de seu processo histórico, trouxe em sua bagagem elementos conservadores que possibilitaram a construção de narrativas que priorizavam difundir um discurso homogeneizador e universalizante. Uma das primeiras representações do futebol no Brasil, e no Piauí, é associá-lo a um rito de elite, impregnado dos valores aristocráticos do ócio, do adestramento militar, do cavalheirismo e da lealdade¹⁰⁷. Conquanto seja forte esse discurso, verifica-se que as narrativas dos cronistas piauienses são atravessadas por diversas leituras acerca do esporte.

Nesse sentido, dentro do universo das crônicas esportivas, emergem significados e “representações” moldadas pela perspectiva de cada cronista. Cada literato oferece uma visão particular do ambiente ao seu redor, revelando como a realidade social, difundida pelo futebol, é construída, significada e apresentada aos leitores¹⁰⁸. Assim, segundo Bourdieu, o futebol é

¹⁰⁵ BOURDIEU. Como se pode ser esportivo? In: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 185.

¹⁰⁶ CORPORE Sano. *O Monitor*, Teresina, 24 out. 1907, ano 2, n. 50, p. 4.

¹⁰⁷ NOVAIS, Fernando A.; SEVCENKO, Nicolau. *História da vida privada no Brasil 3: República – da belle époque à era do rádio*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 568-575.

¹⁰⁸ CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1990, p. 17-26.

concebido como um campo social específico e distinto dentro da sociedade moderna, caracterizado por ser um espaço relativamente autônomo onde prevalecem disputas e interações interdependentes¹⁰⁹. Esse espaço possui regras, normas e agentes próprios que competem para definir e sustentar padrões dominantes de comportamento e valores. No caso do futebol, isso significa que o esporte desenvolveu uma dinâmica própria, com seus protagonistas lutando para estabelecer e preservar a hegemonia de certas práticas e discursos dentro do contexto esportivo e social mais amplo.

Inicialmente concebido como um entretenimento para as elites britânicas no século XIX, o futebol expandiu-se rapidamente, alcançando uma projeção internacional significativa. À luz desse entendimento, este capítulo dedica-se a examinar a influência britânica em Parnaíba durante o período de transição do século XIX para o XX. A análise foca em como essa presença britânica afetou a vida cotidiana e a configuração urbana da cidade, estimulando práticas sociais como o futebol. Além disso, o estudo visa compreender os impactos culturais dessa interação, explorando os significados que se formaram nas relações sociais entre os ingleses e os piauienses, proporcionando uma visão aprofundada das transformações sociais e culturais induzidas por essa dinâmica.

A propósito, Eric Hobsbawm, em sua obra *Era dos extremos*, afirma que o futebol é o único dentro do campo da cultura a ter alcance global. Para ele:

O esporte que o mundo tornou seu foi o futebol de clubes, filho da presença global britânica, que introduziu times com nomes de empresas britânicas [...]. Esse jogo simples e elegante, não perturbado por [...] equipamentos complexos, e que podia ser praticado em qualquer espaço aberto mais ou menos plano do tamanho exigido, abriu caminho no mundo inteiramente por seus próprios méritos [...]¹¹⁰.

O futebol despontou, ao lado do cinema e do teatro, como um dos grandes protagonistas no campo cultural. No entanto, esta tese não se debruça sobre o futebol milionário nem sobre os craques mundialmente conhecidos, ela foca sobretudo no esporte na sua fase amadora, praticado em um momento em que ainda estava distante das estruturas da economia capitalista. Nos seus primeiros anos, o futebol não possuía a força e o alcance observados atualmente, sendo marcado por incertezas quanto ao seu futuro. Nesse contexto inicial, não havia garantias de que o “brinquedo inglês” (a bola/*the ball*) conseguiria conquistar espaço e adesão entre diferentes segmentos sociais.

¹⁰⁹ BOURDIEU. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

¹¹⁰ HOBBSAWM, Erik. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003, p. 158.

Em linhas gerais, para pensar metodologicamente o trabalho, recorreu-se ao diálogo interdisciplinar entre a História, a Antropologia e a Literatura. Foi a partir dessas conexões, por exemplo, que Carlo Ginzburg nos ajudou a pensar as práticas sociais futebolísticas para além das grandes estruturas explicativas (como a modernidade, a nacionalidade e a civilidade), mostrando que a historicidade do futebol é construída em meio aos paradoxos das instituições totais. Dispondo de um conhecimento empírico profundo dos documentos inquisitoriais, o historiador mostra no livro *O queijo e os vermes* as diversas possibilidades de existência de sujeitos, a exemplo do moleiro italiano Menóquio, que faz arranjos nos mais variados níveis de criatividade em meio a um cenário de referências coletivas¹¹¹. Nesse sentido, as astúcias de Menóquio são representativas para analisar um grupo de jovens piauienses, que a partir da expansão do esporte pelas cidades no Piauí, passa a fazer usos que não condiziam com a postura de um futebol de ideologia aristocrática e burguesa.

Na mesma linha de raciocínio proposta acima, também podemos encontrar nos estudos de Robert Darnton, mais precisamente, no texto “Os trabalhadores se revoltam: o grande massacre dos gatos na rua Saint-Severin”¹¹², tramas que retratam como os sujeitos comuns reagem diante de situações de opressão e violência na cultura francesa do século XVIII. O autor levanta a seguinte questão: por que um grupo de artesãos parisienses acharia divertido um massacre de gatos? Essa pergunta conduz a pensar a relação entre a história e a antropologia, possibilitando ao pesquisador mergulhar na mentalidade estranha à nossa, ou seja, pensar a cultura em sua alteridade. Embora se tenha consciência do uso equivocado do conceito de descrição densa de Geertz no arquétipo teórico de Darnton, a escolha do texto para este trabalho se justifica pelo método indiciário do autor, pela construção de uma narrativa fluida e sedutora e, principalmente, porque trata de uma classe de trabalhadores que se utiliza de táticas para burlar o sistema.

Quando se pensa em utilizar a metodologia da História Global, conectada ou cruzada, nos estudos sobre futebol, o primeiro passo é treinar o olhar e perceber que a “brincadeira inglesa” foi permeada por múltiplas apropriações em diferentes territórios. A esse respeito, Pamela Crossley afirma que a História Global vai pressupor uma certa postura histórica, que é sempre relacional, paralela e comparativa¹¹³. Nenhum acontecimento, evento ou processo histórico está acontecendo sem que esteja conectado a outros, supõe um olhar onde não obedece

¹¹¹ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

¹¹² DARNTON, Robert. Os trabalhadores se revoltam: o grande massacre de gatos na rua Saint-Séverin. In: *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

¹¹³ CROSSLEY, Pamela Kyle. *O que é história global?* Petrópolis: Vozes, 2015.

a uma regra absoluta de autocondicionamento, e propõe uma escrita não linear e descentrada. Uma escrita descentrada não significa literalmente a ausência de um centro, mas a possibilidade de identificar centros de maneira relacional, de reconhecer uma multidentalidade. Não significa necessariamente excluir a Europa da totalidade dos acontecimentos, mas aceitar a criação de um “mito” europeu e ocidental que determinou e condicionou de maneira unilateral outras regiões do mundo. É preciso reconhecer que outros centros paralelos tiveram suas dimensões, suas importâncias e suas proporções.

Um leitor desavisado que se deparasse com uma pesquisa cujo tema fosse o futebol no Piauí poderia imaginar, à primeira vista, tratar-se de um trabalho regional, fechado em seus próprios limites. No entanto, essa suposição levaria a um erro de interpretação, visto que as fontes analisadas até agora revelam conexões que vão além de um espaço fixo, expandindo as fronteiras tanto em nível nacional, ao abordar as ligações entre os estados e destacar os principais centros esportivos, quanto em nível internacional, ao dialogar diretamente com instituições europeias que definem as regras do futebol mundial. Além disso, Parnaíba, com suas conexões comerciais atlânticas, se destaca como um ponto estratégico que facilita a chegada das mais recentes novidades e influências europeias.

Para relacionar esses espaços e analisar as situações que antes estavam “invisíveis” ou “desconectadas” pela historiografia social do futebol, utilizam-se as variações de escalas propostas por autores como com Jacques Revel¹¹⁴, José D’Assunção Barros¹¹⁵ e Sanjay Subrahmanyam¹¹⁶. A partir das últimas décadas do século XX, os historiadores passam a dar uma atenção especial para as diferentes escalas de análise que podem ser operacionalizadas nas pesquisas históricas. Essas variações entre o micro e o macro nos ajudam a pensar o futebol no Piauí, apoiando-se em uma perspectiva de história desprovincializada, priorizando a conexão e o cruzamento de elementos. Para Revel, “longe de partir da ideia de que os processos sociais maiores são naturalmente globais”, é necessário “dar conta das circulações que tornaram possíveis a globalização, das conexões e das encruzilhadas, das formas de hibridação que estão na sua base e que são únicas a torná-las compreensíveis”¹¹⁷.

¹¹⁴ REVEL, Jacques. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. In: *Revista Brasileira de Educação*, v. 15, n. 45, p. 443, set./dez., 2010.

¹¹⁵ BARROS, José D’Assunção. Histórias interconectadas, histórias cruzadas, abordagens transnacionais e outras histórias. *Secuencia* (103), enero-abril, 2019. doi: 10.18234/secuencia.v0i103.1528.

¹¹⁶ SUBRAHMANYAM, Sanjay. Connected histories: notes towards a reconfiguration of early modern Eurasia. In: *Modern Asian Studies*, 31, 3, 1997; SUBRAHMANYAM, Sanjay. Em busca das origens da história global: aula inaugural proferida no collège de France em 28 de novembro de 2013. Rio de Janeiro: Estudos históricos, v. 30, n. 60, 2017.

¹¹⁷ REVEL, 2010, p. 443.

Decerto, as “tramas” históricas ocorrem em todos os níveis, desde perspectivas mais locais até as mais globais, e não podem ser compreendidas unicamente pelos efeitos que produzem, mas pela sua integração “de forma não linear, como a resultante de uma multiplicidade de determinações, de projetos, de obrigações, de estratégia e de táticas individuais e coletivas”¹¹⁸. Essa multiplicidade desordenada, em parte contraditória, nos permite refletir sobre a complexidade das transformações futebolísticas narradas pelos cronistas piauienses na primeira metade do século XX.

No mesmo entendimento, Assunção Barros ressalta que o cruzamento de escalas constitui uma das opções operacionais proporcionada pela história cruzada¹¹⁹. Portanto, a micro-história pode ser construída a partir “de uma trajetória na qual os personagens e situações se cruzam na sua própria época”¹²⁰. Partindo desse pressuposto, poder-se-ia comparar o futebol a uma “colcha de retalhos”, na qual ao historiador tecelão caberia a função de conectar as diversas falas dos cronistas e apresentar uma história do futebol piauiense que ultrapasse os limites regionais. Desse modo, ao invés de fixar uma única escala, seja ela “micro” ou “macro”, a pesquisa procura trabalhar as duas concepções, em um processo de “ir-e-vir”. Ou seja, é necessário “pensar nas possibilidades mais inusitadas de entrelaçar escalas, contrapô-las, deixar que uma interaja sobre a outra – por vezes, explorando mesmo as sutis tensões que se estabelecem entre a perspectiva que uma escala oferece e os aspectos que a outra escala permite ver ou ocultar”¹²¹.

A variação de escala proposta pelos dois autores é percebida na prática de pesquisa de Sanjay Subrahmanyam, a qual fornece um modelo interpretativo, resultado de uma intensa articulação entre o local e o universal. Um exemplo de seu método pode ser apreendido na descrição da lenda alexandrina e os diversos mitos relacionados a ela, estudados nos casos do império português e asiático, para compreender a formação de estados na era moderna¹²². O autor alerta para o fato de que, ao abordar o fenômeno, “não podemos tentar [fazer] uma macro-história da questão sem sujar os pés na lama da ‘micro-história’”¹²³. Contribuindo com essas discussões, Serge Gruzinski descreve esse novo campo de possibilidades, partindo de um olhar que rompe com uma história homogênea e total.

¹¹⁸ REVEL, 2010, p. 443.

¹¹⁹ A história cruzada é uma expressão mais utilizada pela historiografia francesa e apresenta sentido muito aproximado da história conectada. É pertinente ressaltar que as duas descartam a ideia de uma História Total, e possibilitam pensar os objetos de estudo em uma perspectiva relacional, principalmente, através da variação de escala entre a micro e a macro-história. Ver BARROS, José D’Assunção. Histórias interconectadas, histórias cruzadas, abordagens transnacionais e outras histórias. *Secuencia* (103), enero-abril, 2019.

¹²⁰ BARROS, 2019, p. 17.

¹²¹ BARROS, 2019, p. 24.

¹²² SUBRAHMANYAM, 2017, p. 219-240.

¹²³ SUBRAHMANYAM, 1997, p. 750.

Diante de realidades que convém estudar a partir de múltiplas escalas, o historiador tem de se converter em uma espécie de eletricitista encarregado de restabelecer as conexões internacionais e intercontinentais que as historiografias nacionais desligaram ou esconderam, bloqueando as suas respectivas fronteiras¹²⁴.

À luz deste estudo, o presente estudo contribui no sentido de buscar um diálogo fora do território fixo do Piauí, de ligar os fios das conexões globais, onde o futebol piauiense em suas diversas tramas é percebido de forma encadeada com os outros estados brasileiros, e até outros países. Essas relações são percebidas primeiramente nas trocas comerciais entre Parnaíba e Inglaterra, que concorreram para que a cidade litorânea fosse pioneira na prática do “esporte de bretão”, mesmo não sendo a capital do Estado.

Vale dizer que as relações internacionais favorecidas pela alta do comércio extrativista, trouxe destaque para a Casa Inglesa e a empresa a vapor *Booth-Line*, ambas com sede em Liverpool e filial em Parnaíba. As empresas contavam com funcionários ingleses, que impulsionaram o desenvolvimento da economia local, tornando Parnaíba uma das cidades mais importantes do Norte¹²⁵ do Brasil, e a principal porta de entrada do futebol no Piauí.

Por essa época, existiam em Parnaíba agências de duas importantes firmas inglesas, com ramificação em todo Norte e Nordeste do Brasil: Casa Inglesa e Booth-Line, ambas com sede em Liverpool, Inglaterra. O gerente e sócio da Casa Inglesa o Sr. James Frederic Clark, pai do jovem Septimus possuía em seu quadro de funcionários o cidadão inglês chamado Leonard Haynes.

A Booth-Line era gerida pelo jovem Clissod e contava no seu quadro de funcionários com o cidadão inglês, Mister Anderson. Estes ingleses e os rapazes que haviam estudado na Europa, principalmente na Inglaterra, organizam um grupo de admiradores do futebol que, com mais alguns rapazes da terra, dava para formar dois times¹²⁶.

O recorte da crônica acima demonstra que era objetivo da elite parnaibana formar dois times, unindo os funcionários ingleses das fábricas e os jovens brasileiros que tiveram acesso à cultura esportiva na Europa, excluindo da sociabilidade a população local que não tivera contato com o futebol naqueles “domínios civilizatórios”. É evidente que esse objetivo inicial foi frustrado, uma vez que eram insuficientes os jogadores com os tais pré-requisitos exigidos. A solução, segundo o cronista, foi compartilhar a prática do “brinquedo inglês” com os “rapazes da terra”, ou seja, nativos de Parnaíba, que eram “funcionários dos armazéns, casas comerciais

¹²⁴ GRUZINSKI, Serge. Os mundos misturados da monarquia católica e outras connected histories. In: *Topoi*, Rio de Janeiro, mar. 2001, p. 176-177.

¹²⁵ O Piauí estava localizado na região Norte do Brasil, somente depois de 1950, foi que houve uma nova divisão regional, onde o Piauí e o Maranhão passaram a integrar a região Nordeste.

¹²⁶ REBELO, Goethe Pires Lima. *Tempos que não voltam mais: crônica sobre a Parnaíba antiga*. Rio de Janeiro: ADOIS, 1984, p. 61.

e alfândegas”¹²⁷, suprimindo os parnaibanos sem uma profissão ou trabalhadores avulsos, que realizavam suas atividades em horários não convencionais, fora da rotina de tempo estabelecida pelas empresas. Essas barreiras impostas pelos clubes parnaibanos, que tinham a intenção de impedir uma “proletarização” do esporte, também são retratadas por Lopes, ao citar o caso da equipe do Vasco da Gama, no Rio de Janeiro. Segundo o autor, depois de o clube ganhar a primeira divisão do campeonato carioca de 1923, financiando a vinda dos melhores jogadores do subúrbio da zona norte, a reação dos times de elite foi formar uma nova Liga de Futebol, estabelecendo alguns critérios para se entrar na competição. Dentre as diversas restrições, havia uma comissão de investigação para inquirir os meios de subsistência dos jogadores, verificar seu amadorismo. Os dirigentes estabeleceram que os jogadores teriam de se manter financeiramente, paralelamente ao futebol. Assim, algumas profissões eram aceitas, como nas casas comerciais, e outras, não, tais como “[...] portuário, soldado, e ainda aquelas que recebiam gorjetas, como garçons e motoristas de táxi ou barbeiros, foram arbitrariamente mencionadas por escrito como proibidas pela nova Liga de jogarem a primeira divisão”¹²⁸.

Com base nisso, os estudos de Edward Sapir nos ajudam a perceber a cultura em sua diversidade e nuances. O autor trabalha a concepção de cultura de forma bastante irônica, ao questionar a ideia de que haveria uma cultura superior, aos moldes europeus, herdeira de um natural sentido do tempo a ser gasto com aperfeiçoamento das suas fontes funcionais, ou seja, das condições emocionais, de reflexão e arte, tal como a prática do futebol amador, que era uma espécie de arte pela arte da cultura física. E acrescenta que foi forte o discurso no qual relatava que, por incapacidade evolutiva, os “proletários” eram os que teriam menos tempo ou sequer teriam tempo para as práticas de lazer, que teriam mais contato com uma cultura básica, espúria, porque, do ponto de vista da cultura de si (autoaperfeiçoamento), era menos elaborada. Desse modo, a rotina do “trabalhador comum” era tão extensa que quase não teria tempo para a prática do futebol amador, deixando o seu exercício para aqueles burgueses ou aristocratas que detinham tempo de sobra para isso¹²⁹.

Vale ressaltar que as condições sociais para a construção do futebol no Brasil estiveram associadas a um forte discurso elitista e aristocrático, que procurava estabelecer, por meio de um grupo de cronistas, literatos e historiadores, uma memória do futebol vinculada ao

¹²⁷ SILVA, Alexandre Wellington dos Santos. *A pobreza urbana em Parnaíba, Piauí (1890-1920)*. 2018. 259 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Ceará, 2018, p. 217.

¹²⁸ LOPES, José Sérgio Leite. Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro. In: BATALHA, Claudio H. M.; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre (org.). *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Unicamp, 2004.

¹²⁹ SAPIR, Edward. Cultura autêntica e cultura espúria. *Sociologia & Antropologia*, v. 2, n. 4, 2012.

“pioneirismo” de Charles Müller, em São Paulo, e de Oscar Cox, no Rio de Janeiro¹³⁰. No entanto, é sempre importante observar as práticas em suas múltiplas possibilidades, não se fechando a um discurso pronto, acabado.

José Sérgio Leite Lopes esclarece que a “internacionalização no futebol, nos seus primórdios, segue a rede de contatos que as relações prévias e espontâneas das elites locais com as elites e instituições de elite inglesas suscitam de forma indireta”¹³¹. Acredita-se, por isso, que a difusão do futebol no Piauí, assim como ocorreu em outros centros urbanos brasileiros, se deu através de marinheiros ingleses que desembarcavam frequentemente nos portos das cidades litorâneas. Para Alexandre Silva, é provável que:

o futebol tenha entrado em solo piauiense por trabalhadores portuários e marinheiros, que em Parnaíba ou regiões próximas trabalhavam esporadicamente, carregando, descarregando, contabilizando e classificando mercadorias no porto, uma vez que o esporte já estava popularizado entre os subalternos do Velho Mundo¹³².

Embora haja alguns indícios de partidas jogadas pela primeira vez por marinheiros ingleses ou ainda jogos esporádicos entre funcionários de firmas inglesas, foi o “esforço missionário” de jovens brasileiros que foram estudar na Europa que garantiu a “fundação de equipes permanentes em clubes preexistentes ou a fundação de clubes de futebol” no Brasil¹³³.

No Piauí, Goethe Rebelo¹³⁴ e Nunes¹³⁵ descrevem uma trajetória semelhante à que ocorreu no sudeste do país. Segundo os autores, a gênese do futebol piauiense está ligada a um grupo de jovens, filhos de comerciantes locais, que, após uma temporada de estudos na Europa, retornaram à cidade de Parnaíba, trazendo novidades, incluindo o futebol. Entre esses jovens destacavam-se Septimus Clark, Zeca Correia, Bona Medeiros, Zé Carneiro, Deroci Vieira, Joca Neves, Adhemar Neves, além dos irmãos José e Joaquim Pinto. Essa exportação do futebol inglês para terras tupiniquins é relatada por Rebelo:

[...] pouco antes da primeira grande guerra, Parnaíba tinha sua larga pauta de exportação para países da Europa Ocidental, produtos primários, como cera de carnaúba, amêndoa de babaçu, semente de mamona, coco tucum, peles e couros diversos, borracha de maniçoba e produtos agrícolas, chifres etc. Este fato trouxe um intercâmbio comercial e cultural de relevante significação, levando a algumas famílias “patricias” a mandarem seus filhos estudarem em colégios europeus, para que aprendessem, além da língua, as técnicas mais

¹³⁰ PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 21-22.

¹³¹ LOPES, 2004, p. 125.

¹³² SILVA, 2018, p. 218.

¹³³ LOPES, 2004, p. 125.

¹³⁴ REBELO, 1984.

¹³⁵ NUNES, 2006.

avançadas do momento. [...] Na volta ao lar, esses rapazes traziam hábitos e costumes novos, adquiridos no além mar. Entre esses, o do futebol, grande novidade esportiva da época, que começava a ganhar campo em todo o mundo¹³⁶.

Na década de 1910, conforme relata Meneses, a cidade testemunhou a fundação de dois importantes clubes de futebol pelos jovens da alta sociedade: o Internacional Athletic Club e o Parnaíba Esporte Clube, ambos com seus próprios estádios. Esses eventos resultaram em uma divisão familiar, com festas comemorativas realizadas na Casa Inglesa e na mansão do coronel Benedito de Moraes Correia, dependendo do clube vencedor. A rivalidade entre os times alimentava um período esplendoroso de festas e celebrações na cidade¹³⁷.

Com efeito, o futebol ganha contornos globais, e sua prática passa a ser presenciada em diversas cidades no Brasil. No Piauí, por exemplo, o primeiro relato da chegada do futebol ocorre em 1905, por meio do jornal teresinense *O Monitor*, que noticiou: “de Parnaíba, da redação do jornal *A Tribuna*, chega a informação sobre a nova brincadeira, chamada por alguns de *foot-ball*, e por outros de jogo de bola”. A nota não dá informações extras, como a origem social dos jogadores, mas a distinção entre *foot-ball* e “jogo de bola” leva a diferentes modos de apropriação pelos seus praticantes¹³⁸.

Acredita-se, então, que a expressão usada em inglês, *foot-ball*, remete à fala dos jovens da elite parnaibana, que buscam replicar o modo de jogo europeu sem muitas modificações. Já a expressão em português, trata-se de uma apropriação popular usada pelos seus moradores locais, que, excluídos dos grandes clubes, passam a fazer usos do esporte fora do modo planejado pela elite.

Entre 1905 e 1915, o futebol em Parnaíba não tinha uma organização formal e era principalmente um evento social urbano, reunindo grupos de jovens, em sua maioria da elite, para jogar bola e realizar eventos sociais em espaços públicos, como praças. Até o surgimento dos clubes Internacional e Parnahyba em 1912 e 1913, há poucas menções ao esporte nos periódicos piauienses. O futebol no Piauí começou a ascender em importância a partir de 1916, com a fundação da pioneira Liga Sportiva Parnahybana. Com o surgimento de novos clubes após 1917 e o crescente interesse da imprensa na cobertura esportiva, o futebol passou a se destacar por volta de 1919.

Depois de abordar a introdução do futebol no Piauí e a influência britânica, destacando a disseminação do esporte e suas representações nas crônicas sociais do futebol, é importante

¹³⁶ REBELO, 1984, p. 61.

¹³⁷ MENESES, Maria Luiza Mota de. *Parnaíba no século XX*. Fortaleza: Produção Independente. 1994, p. 8.

¹³⁸ CHARTIER, 1990, p. 17-26.

analisar a organização dos clubes e a aplicação de seus regulamentos. Tomando a noção de campo de Bourdieu¹³⁹, acredita-se que os principais agentes, interessados em impor seus padrões no campo futebolístico brasileiro, são as instituições reguladoras, como a BOARD, a CBF, as Ligas Estaduais, além dos clubes, diretores e jogadores. As regras que regiam o futebol brasileiro e, conseqüentemente, o piauiense, foram importadas do *Internacional Board* (IFAB), órgão que “[cria], discute e decide as modificações no regulamento técnico de *foot-ball*, quem os interpreta, etc.”, formado por dez membros, dos quais oito eram britânicos e dois representantes da FIFA, “os britânicos são 2 de cada uma das Federações da Inglaterra, Irlanda do Norte, País de Gales e Escócia”, e os dois representantes da FIFA são “os srs. Dr. Peco J. Bauwens (Alemão) e Henri Delaunay (Francês)”. Outra entidade que auxilia nessa organização é a própria FIFA, que desempenha um papel fiscalizador. Sua comissão é bem diversificada, com representantes da Alemanha, Itália, França e Bélgica¹⁴⁰.

Em 1940, o jornal carioca *Sport Illustrado* faz um alerta para as modificações das regras por diversos estados brasileiros sem a devida autorização, “[...] Entre nós, as regras internacionais são com frequência oficialmente adulteradas, apesar das entidades nossas, como filiadas, terem assumido o compromisso formal de respeitá-las”¹⁴¹. No Piauí, diz-se que a adaptação dessas regras foi fruto de uma popularização do esporte ocorrida a partir de 1919, quando houve o surgimento de uma grande quantidade de times e uma “febre” de sua prática nas praças, ruas e jardins públicos. Antônio Castelo Branco Clark assevera que ela era muitas vezes improvisada:

[...] As suas ruas, sem calçamento, arenosas, serviam de campo para a disputa de peladas homéricas com a primeira bola de futebol chegada no início do século XX no Piauí. [...] as nossas peladas eram o pavor do barbeiro Araújo, cujo salão era constantemente invadido pela bola¹⁴².

Alicerçado em Parnaíba, o futebol logo se espalhou para outras cidades piauienses, incluindo a capital, Teresina. Em 5 de agosto de 1906, o jornal *O Comércio* noticiou a criação de uma sociedade recreativa chamada *Club Football*, formada por “diversos cavalheiros dessa capital sob os melhores auspícios”¹⁴³. A nota, porém, não trazia detalhes sobre os praticantes nem sobre os locais onde ocorriam as partidas. Já o jornalista Severino Filho, ao abordar o tema,

¹³⁹ BOURDIEU, 2010.

¹⁴⁰ INTERNACIONAL Board. *Sport Illustrado*, Rio de Janeiro, 11 jan. 1940, ano 2, n. 92, p. 1.

¹⁴¹ INTERNACIONAL Board, *Sport Illustrado*, Rio de Janeiro, 11 jan. 1940, ano 2, n. 92, p. 1.

¹⁴² FILHO, S. *Piauí, 100 anos de futebol*. Teresina: Halley, 2005, p. 23.

¹⁴³ CARTEIRA local. *O Comércio*, Teresina, 5 ago. 1906, ano 1, n. 6, p. 2.

indicou que o primeiro clube teria sido fundado alguns dias antes, em 27 de julho de 1906, com o nome de *Theresinense*¹⁴⁴.

Pode-se deduzir que a pouca atenção dada ao futebol pela imprensa em seus primórdios tenha dificultado um acompanhamento mais detalhado de sua prática em Teresina. Ainda assim, há indícios claros de que o esporte já ganhava espaço, uma vez que o próprio termo “*foot-ball*” era utilizado exclusivamente para designar o jogo inglês. Esse parece ter sido o primeiro movimento do esporte na capital, que, em pouco tempo, se espalhou para o interior do estado. Cidades como Oeiras, Floriano, Campo Maior, Uruçuí e Amarante incorporaram o futebol às suas formas de lazer, consolidando-o como uma prática cada vez mais presente e valorizada pela população¹⁴⁵.

1.5 O “pomposo” futebol em Parnaíba

Com o crescimento das exportações extrativistas no mercado internacional no início do século XX, Parnaíba se consolidou como um dos principais pontos de entrada de mercadorias e influências culturais vindas da Europa Ocidental, especialmente da Inglaterra¹⁴⁶. Foi nesse contexto de intercâmbio comercial e cultural que o futebol começou a ganhar espaço no Piauí, mais precisamente com a visita do inglês Mr. Anderson a Parnaíba, onde veio encontrar seu amigo James Clark, proprietário da Casa Inglesa. Entre os itens que trouxe, estava uma bola de futebol, presente destinado a Antônio Castelo Branco Clark, filho de James Clark. Esse gesto aparentemente simples marcou o início da prática do esporte na região, resultando na formação dos primeiros times piauienses: o Internacional e o Parnahyba. Já adulto, em 1974, Antônio Clark, conhecido como “Tó”, relembrou esse episódio em um artigo publicado no *Almanaque da Parnaíba*, no qual descreveu o impacto do presente e suas primeiras experiências com o futebol.

[...] A primeira bola de foot-ball chegada no início do século XX ao Piauí e que foi presente de Mr. James da firma Chamberlain Donner & Cia., de Manchester, Inglaterra, e que deu origem aos futuros clubes do *Parnahyba* e do *Internacional*. As nossas peladas eram o pavor do barbeiro Araújo, cujo salão era constantemente invadido pela bola [...]¹⁴⁷.

¹⁴⁴ FILHO, 2005, p. 23.

¹⁴⁵ NOTAS Sportivas. *O Piauí*, Teresina, 7 mar. 1920, ano 30, n. 360, p. 2.

¹⁴⁶ MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. *Rua da Glória 2: as armas e as máquinas (1986-1921)*. v. 2. Teresina: EDUFPI, 2015.

¹⁴⁷ FILHO, 2005, p. 23.

De acordo com Nestor Veras, Intendente Municipal em 1920, há divergências sobre quem realmente introduziu o futebol em Parnaíba. Em sua visão, o esporte começou a ser praticado na cidade “graças à iniciativa de vários e esforçados moços da empresa de vapores *Booth Line*”¹⁴⁸. Esses jovens esportistas, que não eram jogadores profissionais e, portanto, não tinham o futebol como sua principal atividade, viam nele uma forma de entretenimento e exercício físico. Embora a narrativa de Veras pareça diferir da história oficial, que atribui a introdução do futebol a Septimus e Zeca Correia, as duas versões não são necessariamente contraditórias. Funcionários das empresas inglesas em Parnaíba estavam entre os primeiros jogadores, antes mesmo da formação dos clubes Parnahyba e Internacional, demonstrando a contribuição de diferentes grupos para a consolidação da prática esportiva na cidade.

Em Parnaíba, os primeiros jogos de futebol eram realizados nas praças, transformando-se rapidamente em grandes eventos sociais. Essas partidas aconteciam na atual Praça Santo Antônio, “[...] com os frondosos e exuberantes pés de oitis, em frente aonde estão situadas as casas do saudoso médico Cândido de Almeida Ataíde e do dentista Dr. Ambrósio”¹⁴⁹. Esse ambiente de sociabilidade urbana, que atraía um público elegante, é comparável aos estudos de Lopes sobre os times de São Paulo e Rio de Janeiro, ao dizer que “os clubes acabavam sendo um lugar urbano de sociabilidade onde se prolongavam, através das atividades físicas e esportivas ou assistência a elas, os salões e saraus reunindo as famílias dominantes dos sobrados do início de século naquelas cidades”¹⁵⁰.

A prática esportiva não se limitava apenas aos jogos, também incluía diversas atividades sociais e culturais. Era comum a presença de autoridades políticas, que em muitos casos doavam “joias” para partidas comemorativas. As conversas nos jardins, botequins e cafés refletiam o sucesso desse novo lazer no Estado, onde as discussões sobre os jogos, a atuação de jogadores e juízes eram quase obrigatórias. Além disso, missas eram celebradas para inauguração de campos de futebol, eventos sociais eram organizados nas casas dos diretores para a escolha de seus representantes, e concursos eram realizados para premiar os melhores jogadores. Sessões solenes também marcavam a fundação dos clubes, mostrando como o futebol se enraizou profundamente na vida social de Parnaíba.

Esse enraizamento do futebol na vida social de Parnaíba foi facilitado pelo dinamismo econômico da cidade, amplamente favorecido por sua localização geográfica estratégica. Parnaíba atraiu várias firmas inglesas, que não só contribuíram para a economia local, mas

¹⁴⁸ SILVA, 2018, p. 218-219.

¹⁴⁹ NASCIMENTO, João Batista de Oliveira. *Parnaíba, terra do futebol*. Fortaleza: Premium, 2013, p. 25-26.

¹⁵⁰ LOPES, 2004, p. 126.

também abriram portas para conexões atlânticas, explicando por que a cidade estava mais conectada com a origem do futebol do que a capital Teresina. Como já mencionado, há várias versões sobre a chegada do futebol ao Piauí, mas todas destacam a influência britânica na região. Durante a primeira década do século XX, a cidade litorânea foi a primeira a organizar um time, uma Liga, e construir um estádio. Em 1916, o periódico *O Jornal*, de São Luís, destaca como o futebol de Parnaíba já era conhecido e praticado por diversos segmentos sociais e de diferentes classes.

Pelo que os camaradas me disseram, é talvez a cidade do Brasil em que o football não é apenas um jogo, um divertimento, um meio de passar o tempo, desenvolver as pernas, e quebrar as cabeças, não; é alguma coisa a mais, assim uma espécie de dever ou de culto. Não há distinção de classes nem de cores. Todos jogam: jogam crianças, rapazes, moças, homens maduros, velhos, velhas, pretos, brancos, cafuzos [...] ¹⁵¹.

No excerto da crônica acima, percebe-se um certo exagero na escrita em relação à popularização do esporte. Todavia, é importante salientar como outras cidades viam o futebol em Parnaíba. A imagem de um futebol parnaibano pomposo e popular foi divulgada em diversos periódicos nacionais, inclusive na capital do Brasil, o que abre margem para algumas reflexões. Uma delas é questionar a participação de mulheres e negros, pois os registros nas fontes hemerográficas indicam que se tratava de um esporte essencialmente masculino, englobando desde jogadores e juízes até os dirigentes.

Quanto à prática por negros e mulatos, ainda em 1916, havia uma postura que ia na contramão das teorias evolucionistas difundidas no período, que afirmavam que “os negros e mulatos brasileiros, menos ‘civilizados’, teriam maior instabilidade emocional para realizações e decisões” ¹⁵². Em 1930, Franz Boas, alicerçado em uma Antropologia Cultural, contrapõe a teoria baseada no darwinismo, ao questionar a ideia de que haveria uma raça superior branca europeia. Para o antropólogo, esse pensamento não tinha base científica, pois não recorria a métodos precisos de análise dos grupos, tratando-se apenas de devaneios teóricos sem fundamentação e com uma concepção racista ¹⁵³.

Em nível nacional, o destaque parnaibano no futebol se deu, entre outros motivos, pela construção dos campos nas primeiras décadas de existência de seus principais clubes, representando um avanço na prática esportiva. As notícias nos periódicos dão conta da

¹⁵¹ DE TUDO. *O Jornal*. São Luís-MA, 1 jul. 1916, ano 2, n. 486, p. 1.

¹⁵² LOPES, 2004, p. 148.

¹⁵³ BOAS, Franz (1931). *Raça e progresso*. In: CASTRO, Celso (org.) *Franz Boas: antropologia cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p. 67-86.

grandiosidade das construções: “PARNAHYBA é uma adiantada cidade do Piauhys, que possui dois estádios – o do Parnahyba A. C. e o do Internacional A. C.”¹⁵⁴. Goethe Pires de Lima, em seus relatos memorialistas, também dá detalhes da grandeza dos estádios, que possuíam características semelhantes:

Tinha todas as comodidades para seus jogadores, além de outras tantas para os clubes visitantes. Possuía sistema privativo de água encanada, com uma caixa d’água para muitos litros, que era enchida por força de um catavento. Banheiros com chuveiros, vasos sanitários de louça inglesa – marca Twyford Hanley, fossa, dormitório, refeitório para os dias de concentração (uso de rede para dormir), somente aos sábados, véspera dos jogos do campeonato local, realizados em turno e retorno¹⁵⁵.

Segundo Mario Carvalho, em publicação no jornal *Inovação* de 1988, o primeiro estádio piauiense foi construído em 1919 sob a supervisão técnica de Zeca Correia, do grupo Moraes S/A. Localizava-se na Avenida Capitão Claro, onde atualmente funciona o Colégio São Luís Gonzaga (Diocesano). Carvalho relata que “era uma construção moderna para a época”, pois havia poucos estádios com padrões tão avançados naquele período no Norte e Nordeste do Brasil. Ele descreve o campo do Parnahyba:

Possuía o mesmo um luxuoso salão para recepções, alojamento e dormitório para 22 atletas, dependência com armários individuais para guarda de material esportivo de duas equipes, dois banheiros coletivos com 3 chuveiros cada, 3 sanitários, um hall espaçoso e pasmem... uma quadra de tênis. Fora do campo central um bar construído de alvenaria com um WC. Parnaíba não possuía água encanada. Um possante cata-vento resolveu o problema, a grama do campo de jogo vivia verdinha. Enfim tudo funcionava e o Parnaíba Sport Club começou a colecionar títulos¹⁵⁶.

Em 1920, após uma partida contra o *Parnahyba Sport Club*, os membros do *Foot-Ball Athletic Club* de São Luís enviaram um telegrama expressando seu deslumbramento com a grandiosa estrutura do estádio:

Visitamos ontem o campo do Parnahyba. É todo murado, e a arquibancada, apresenta um aspecto agradabilíssimo, rivalizando com as melhores do Norte. Possui todas as acomodações, embaixo, para os jogadores: banheiros, vestiários, dormitórios, etc., higienicamente preparados. Os alicerces são todos de cimento armado. Em cima comporta mais de mil pessoas¹⁵⁷.

¹⁵⁴ FOOTBALL nos estados. *O Globo Sportivo*, Rio de Janeiro, 15 nov. 1940, ano 1, n. 10, p. 1.

¹⁵⁵ REBELO, 1984, p. 63.

¹⁵⁶ CARVALHO, Mario. O golpe do campo. In: *Inovação*, Parnaíba, nº 72, 1988, p. 4.

¹⁵⁷ F.A.C. em Parnahyba. *Pacotilha*. São Luís-MA, 16 de out. 1920, ano 40, n. 245, p. 1.

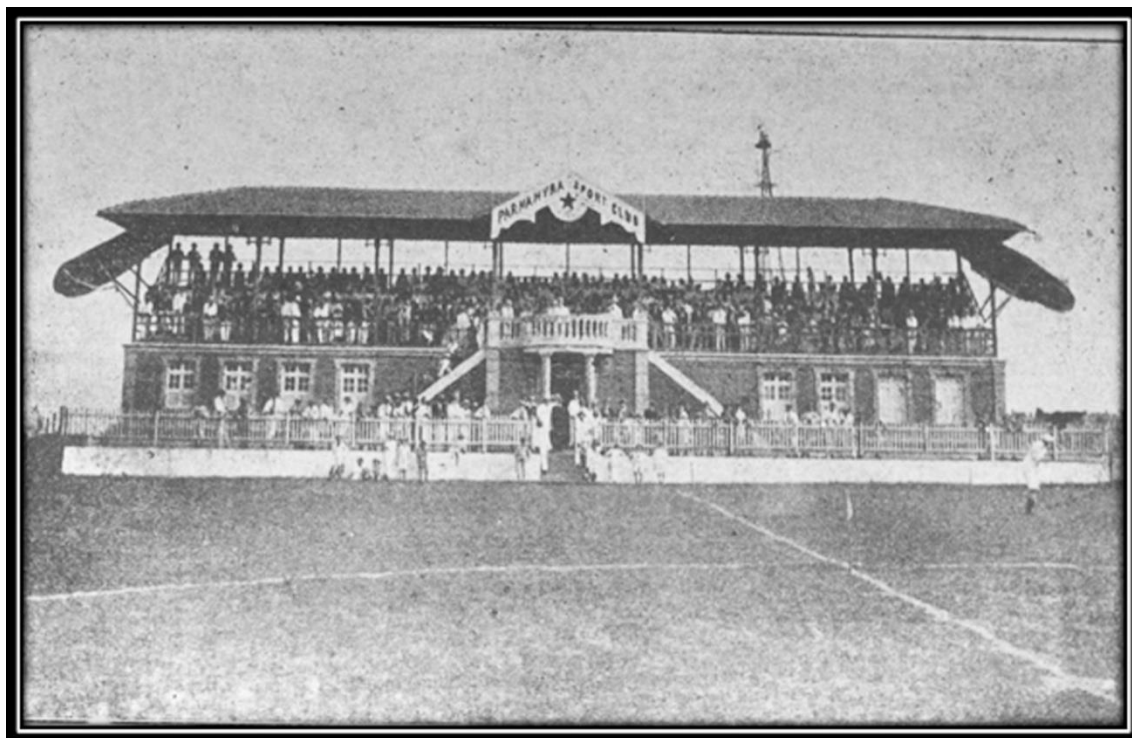


Figura 11 - Campo do Parnahyba Sport Club

Fonte: *Almanack da Parnahyba*, 1928, p. 44.

Observando a figura 13, nota-se uma construção imponente com estrutura de metal, possivelmente importada da Inglaterra, complementada por um sólido barramento de pedra e um elegante gradil de ferro que demarca a entrada. O engenhoso uso de elementos laterais, no estilo *brise soleil* (quebra-sol), chama atenção por sua função de proteger os espectadores do sol, sublinhando o conforto como um marco da modernidade. Na edição de 1928 do *Almanack da Parnahyba*, o cronista transporta os leitores para o grandioso estádio do Parnahyba, detalhando cada aspecto de sua estrutura:

Vista da bela e confortável arquibancada da importante agremiação esportiva Parnahybana – PARNAHYBA SPORT CLUB, a veterana das sociedades congêneres em todo o estado. Construída sob os modernos preceitos de higiene e estética, a linda arquibancada fica situada à Avenida Capitão Claro, um dos pontos mais altos da cidade. Dominando o “ground” e toda a cidade, oferece ao espectador panorama belíssimo, horizontes amplos e longínquos, até as alvas dunas piauienses que ficam a léguas de distância, lá por onde se estendem as encantadoras praias do Atlântico. Sólida e luxuosamente edificada, se divide em dois andares: o térreo e o das arquibancadas. No primeiro, se destacam o salão de honra, o recinto dos troféus, a sala das “cabines” dos “players” ou de equipamentos, o compartimento em que se alojam os visitantes etc; e, no último, as arquibancadas propriamente ditas, que se destinam a assistência em dias de festas e torneios. É, no gênero, uma construção importante, que, por isso mesmo, honra o mundo esportivo piauiense, sendo, de tudo, uma das melhores no norte do país¹⁵⁸.

¹⁵⁸ ALMANACK da Parnahyba. *Campo Parnaíba Sport Club*, Parnaíba, 1928, ano 5, p. 44.

Os estádios em Parnaíba refletiam claramente a hierarquia social da época, com setores divididos de acordo com a classe social. A “tribuna de honra”, destinada à burocracia político-administrativa e empresarial, era exclusiva para os dirigentes dos clubes, convidados ilustres e visitantes. As “arquibancadas” serviam às famílias abastadas, sendo esses espaços reservados e marcados com os nomes das famílias importantes que contribuíam financeiramente, conforme observado por Rebelo¹⁵⁹. Do outro lado do campo, ao nível do gramado, ficava a “geral”, frequentada pela classe mais pobre. Lopes relata ainda que a “geral” era mais próxima do campo, “onde se assiste de pé, aos rés do chão, nos lugares mais baratos dos estádios”¹⁶⁰.

Além de evidenciar a estratificação social, os campos de futebol de Parnaíba se destacavam por sua inovação e requinte. Um exemplo notável é o estádio do *Internacional Athletic Club*, que, conforme Walter Fontenele, “foi construído na década de 1920 a 1 km de distância do Estádio do Parnahyba Sport Club [e] edificado com material adquirido na Inglaterra, transportado via mar até a cidade de Parnaíba”¹⁶¹.

A construção do estádio do *Internacional Athletic Club*, além de demonstrar o esforço da elite local em associar-se à modernidade, também levanta questões sobre o momento exato de sua inauguração, apontadas pelas fontes. O *Pacotilha* do Maranhão (1917) relata uma partida inaugural contra o Parnahyba: “No dia 15 do mês passado, às 4h45, teve lugar em Parnaíba uma partida de foot-ball [...] com a expectativa de uma grande afluência de espectadores em volta do campo recém-inaugurado”¹⁶². Já o *Diário de S. Luiz* (1923) menciona que o Luso Brasileiro, durante amistosos no Piauí, participou da inauguração do campo: [...] “tendo ali inaugurado o campo de esporte do Internacional [...]”. Essas discrepâncias sugerem a possibilidade de uma inauguração gradual ou mesmo reformas posteriores para acomodar eventos interestaduais, reforçando a relevância do estádio ao longo dos anos¹⁶³.

O *Almanack da Parnahyba*, de 1925, enaltece a grandeza do estádio do Internacional Athletic Club, declarando que “o enorme campo de sport deste Club é talvez o melhor do Norte do Brasil”¹⁶⁴. Sob a liderança de Septimus Clark, da Casa Inglesa, o estádio foi projetado e construído à semelhança do estádio do Fluminense, no Rio de Janeiro, refletindo um padrão de excelência.

¹⁵⁹ REBELO, 1984, p. 63.

¹⁶⁰ LOPES, 2004, p. 129.

¹⁶¹ FONTENELE, Walter. Memórias dos primórdios do futebol de Parnaíba. *Portal PHB*. 2023, p. 7. Disponível em: <https://www.portalphb.com.br/2023/01/memorias-dos-primordios-do-futebol-de.html>. Acesso em: 20 jan. 2024.

¹⁶² NO PIAUÍ. *Pacotilha*, Maranhão, 3 maio 1917, ano 37, n. 103, p. 1.

¹⁶³ O LUSO em Parnaíba. *Diário de S. Luiz*, Maranhão, 20 jan. 1923, ano 4, n. 17, p. 2.

¹⁶⁴ PIAUÍ. *Almanack da Parnahyba*. Parnaíba, 1925, ano 2, p. 5.

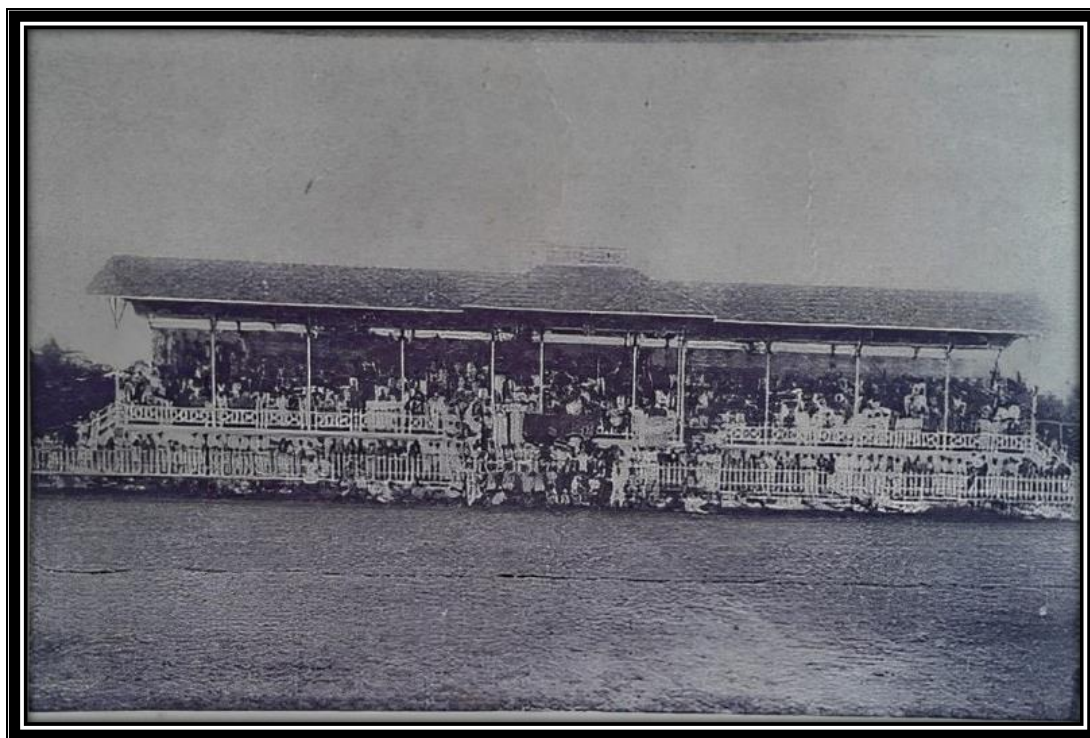


Figura 12 - Estádio do Internacional
Fonte: *Almanack da Parnahyba*, 1928, p. 45.

O estádio do *Internacional Athletic Club* se destacou tanto pela sua infraestrutura quanto pelo seu papel central na vida social durante as tradicionais tardes de sociabilidades parnaibanas. Durante os anos 1920, o estádio se tornou um ponto de encontro para eventos esportivos e sociais de grande importância. Um exemplo notável foi a visita dos príncipes descendentes da nobreza da Casa de Bragança, que atraiu uma multidão de torcedores e marcou um evento memorável na história do clube. Conforme registrado no *Almanack da Parnahyba*, “As arquibancadas do ‘Internacional’ regurgitando de ‘torcedores’ quando por ocasião da visita dos príncipes descendentes da nobiliareia (nobreza) da casa de Bragança e na ocasião em que, num torneio entre os clubes locais oferecidos aos augustos hóspedes, aí disputavam a linda taça de prata ‘Princesinha Isabel’”¹⁶⁵.

¹⁶⁵ ALMANACK da Parnahyba. Parnaíba, 1928, ano 5, p. 45.



Figura 13 - Visita de D. Pedro e das princesas D. Elizabeth e D. Izabel à Parnaíba
 Fonte: *Almanack da Parnahyba*, 1928, ano 5, p. 56.

Diante disso, a presença da nobreza portuguesa, possivelmente na tribuna de honra durante o torneio, sublinhou a importância do esporte nas práticas modernas em Parnaíba. Conforme registrado no *Almanack da Parnahyba* de 1928:

Nos anais da história piauiense não se registrou, nestes últimos tempos, nenhum evento de significação moral mais emocionante e sensacional do que a chegada, a esta cidade, no dia 19 de junho do ano passado, de S.S.M.M. príncipe D. Pedro d'Alcantara Luiz Philippe d'Orleans e Bragança e princesas D. Maria Elizabeth Adelaide e D. Izabel Maria Amélia Luiza Victoria Thereza Joanna¹⁶⁶.

Em 1966, o campo foi comprado pelo Estado e transformado no Estádio Petrônio Portela, em homenagem ao governador do estado. Segundo Carvalho, o governador do Piauí “veio a Parnaíba fazer a entrega do mesmo à Liga Sportiva Parnaibana para usufruto e participação de todos os clubes em atividade”¹⁶⁷. Esse gesto reafirmou o compromisso da cidade com o esporte e a modernidade, consolidando Parnaíba como um centro de práticas esportivas e eventos sociais de grande relevância.

¹⁶⁶ UMA VISITA que honra. *Almanack da Parnahyba*, Parnaíba, 1928, ano 5, p. 45.

¹⁶⁷ CARVALHO, 1988, p. 4.

Como não eram todos os times que possuíam campos, era comum que jogos de outras equipes ocorressem nos estádios. O jornal *Sport Ilustrado*, por exemplo, já vinha alertando para um “futebol-arte” vivenciado em Parnaíba. Em 1940, em jogo ocorrido no campo do Internacional, o periódico carioca evidencia a maneira como a equipe parnaibana do *Luna Sport Club* vinha arrancando suspiros de seus torcedores, apresentando um bom futebol:

Composto de elementos da melhor sociedade parnaibana, o “Luna” é um conjunto de jogadores que tem sabido elevar o sport daquela cidade nortista, arrebatando aplausos e empolgando assistências pela magnífica tática sportiva de que dispõe cada um dos “cracks” do “team da faixa rubra”¹⁶⁸.

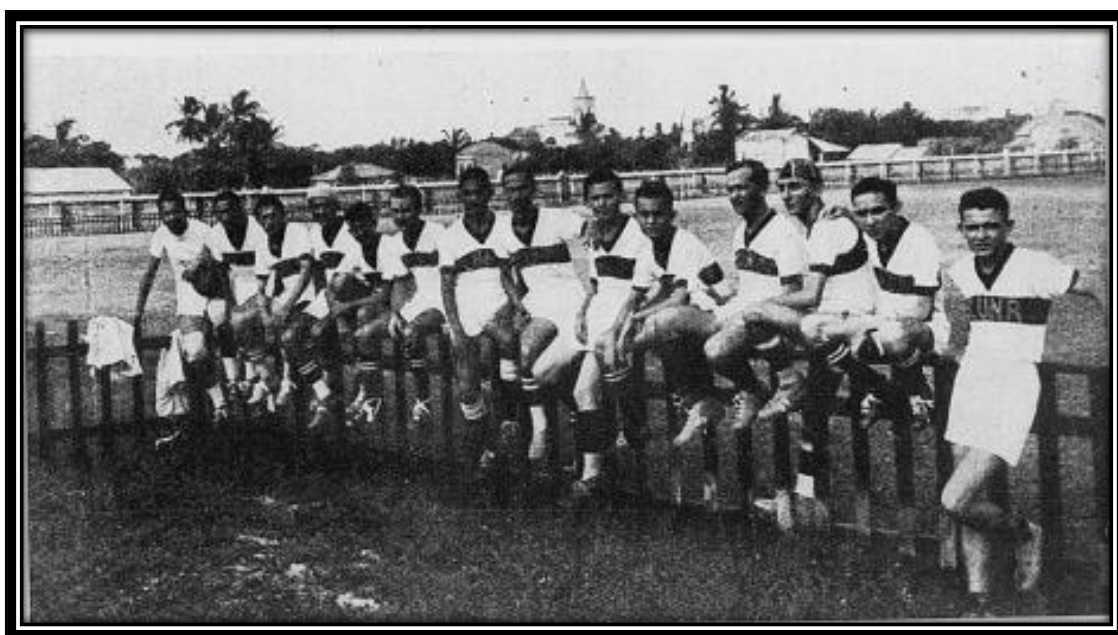


Figura 14 - Esquadrão do Luna Sport Club no campo do Internacional de Parnaíba

Fonte: *Sport Ilustrado*, 11 jan. 1940, ano 2, n. 92, p. 27.

A descrição acima se aplica ao estádio do Parnahyba, que recebe em suas dependências não só os seus próprios jogos, mas também de clubes piauienses que não dispunham de um campo. É pertinente destacar que o futebol passa a ser divulgado enquanto espetáculo, e sua rápida adaptação à realidade social das diferentes classes da sociedade faz com que ele se torne o mais popular não só do Brasil, mas de todo o mundo.

Na edição de 1940 do jornal *O Globo Sportivo*, a coluna “Football nos Estados” dedica uma seção específica ao desenvolvimento dos principais clubes brasileiros no cenário nacional. Entre os clubes celebrados, o Parnaíba ganha destaque, mostrando sua evolução e importância no início do século passado.

¹⁶⁸ INTERNACIONAL Board. *Sport Ilustrado*, Rio de Janeiro, 11 jan. 1940, ano 2, n. 92, p. 1.

Parnahyba é uma cidade adiantada do Piauí [...] O foot-ball lá é disputado com grande interesse, oferecendo rendas relativamente boas. Um march amistoso com o S. C. Fortaleza, do Ceará, acusou uma receita de 9:000\$000. Daí a base do apelo que nos vem dirigindo, daquela cidade piauiense. Parnahyba desejava ser a sede do match do campeonato brasileiro Piauí x Maranhão. Em favor das suas pretensões apresenta a F. B. F. todos aqueles argumentos e mais, promete uma renda de cerca de 15:000\$000. Fazemos esse apelo com vistas à entidade máxima¹⁶⁹.

Para entender a magnitude dos potenciais valores arrecadados pelos jogos de futebol em Parnaíba, é essencial compará-los com o custo de vida e o salário médio de algumas regiões do Brasil, conforme detalhado na tese de Araújo Santos. Entre 1930 e 1935, o custo de vida para uma família operária típica de três pessoas no Rio de Janeiro variava entre 404\$200 e 436\$003 réis por mês. Dessa forma, 15:000\$000 réis seriam equivalentes a aproximadamente 2 anos e 10 meses a 3 anos e 1 mês de subsistência¹⁷⁰. Esses valores podem ser mais bem compreendidos ao tomarmos como base o estado do Pará, que no recorte temporal, compunha com o Piauí, Maranhão, Amazonas e Acre, a região Norte do Brasil. Em termos salariais, a média na indústria do Pará em 1930 era de 149\$760 réis por mês, o que corresponderia a cerca de 8 anos e 4 meses de trabalho¹⁷¹.

Ademais, a promessa de arrecadar 15:000\$000 réis por Parnaíba representava uma quantia significativa para os padrões brasileiros. Para ilustrar, esse valor poderia atrair um público de 10.000 mil torcedores a um estádio da primeira divisão do campeonato carioca de 1926, considerando que o preço do ingresso na “geral”, no Rio de Janeiro, naquela época, era de 1\$500 réis. Comparativamente, um clássico entre Vasco e Botafogo no mesmo ano conseguiu reunir 6.644 espectadores, evidenciando assim que, mesmo em regiões mais afastadas como o Piauí, o futebol possuía um potencial lucrativo considerável. Essa popularidade demonstra uma mudança significativa na percepção da elite piauiense em relação ao futebol nas primeiras três décadas do século. De acordo com o esquema teórico de Bourdieu, “o esporte amador é reservado à elite, e o esporte-espetáculo produzido por profissionais, para

¹⁶⁹ FOOTBALL nos estados, *O Globo Sportivo*, Rio de Janeiro, 15 nov. 1940, ano 1, n. 10, p. 1.

¹⁷⁰ SANTOS, 2010, p. 480-482.

¹⁷¹ Durante o período em questão, a moeda do Brasil era o réis, e os valores eram frequentemente expressos em contos de réis. Um conto de réis equivale a 1.000.000 (um milhão) de réis. Assim, a notação 15:000\$000 réis significa 15 contos de réis, ou seja, 15 milhões de réis. A divisão da moeda se dava da seguinte forma: réis (R\$), que era a unidade básica da moeda, e contos de réis, uma unidade maior utilizada para grandes quantias, onde 1 conto de réis correspondia a 1.000.000 réis. Além disso, havia duas formas de notação para os valores: 149.760 réis, escrito no formato decimal, onde “149.760” indica o valor total em réis, e 149\$760 réis, que era usada na maioria dos jornais da época, onde “149\$760” indica “149 mil e 760 réis”.

a massa de espectadores, a um fim capitalista para as classes altas lucrarem com o interesse do povo em assistir a esses espetáculos esportivos”¹⁷².

No final dos anos 1930, o futebol passa a ganhar uma nova configuração, migrando cada vez mais para um esporte de caráter profissional. Muitas dessas mudanças ocorreram de forma sutil, exigindo um olhar atento e crítico. Seguindo os ensinamentos de Benjamin em suas teses sobre o conceito de História, é fundamental “escovar as fontes a contrapelo”, ou seja, captar o não dito e ler nas entrelinhas para compreender plenamente essa transição¹⁷³. Vale lembrar que as crônicas esportivas são produzidas em um tempo e lugar específicos, por uma escrita carregada de intencionalidades, pois se refere a um discurso escrito e autorizado. Como alerta Olívia Cunha, deve-se tratar qualquer tipo de acervo, seja ele literário ou de memória, como forma de classificação, fazendo sempre questionamentos como: quais as condições de existências das fontes? Quais os seus interlocutores? Em que contexto foram produzidas?¹⁷⁴

Por fim, é possível dizer que a popularidade do futebol ganha contornos de uma linguagem global. Não resta dúvida quanto à influência inglesa nos diferentes cenários do futebol brasileiro, das regras e vocabulário, às ações pontuais, como o incentivo do jogo entre os trabalhadores das fábricas ou a formação de times locais com jovens da elite que tiveram sua educação na Inglaterra. No entanto, seu consumo nunca foi passivo, sendo apropriado e reinventado por diferentes classes ao longo de seu percurso histórico. Não é demais lembrar que, por trás de um discurso pronto de um futebol enquanto lazer moderno destinado a uma elite, encontra-se a astúcia dos sujeitos piauienses que não se encaixam em padrões estabelecidos, e que têm suas histórias refletidas em uma prática esportiva multifacetada e dinâmica.

¹⁷² RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. Pierre Bourdieu: esquemas analíticos e contribuição para uma teoria do conhecimento na sociologia do esporte. *Sociedade e Cultura*, v. 8, n. 1, jan./jun. 2015. p. 113.

¹⁷³ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1996, p. 225.

¹⁷⁴ CUNHA, Olívia Maria Gomes da. Do ponto de vista de quem? Diálogos, olhares e etnografias dos/nos arquivos. *Estudos Históricos*, v. 2, n. 36, 2005, p. 7-32.

2 A CRÔNICA LITERÁRIA E O FUTEBOL PIAUIENSE: UMA TABELA ENTRE A IMPRENSA E O ESPORTE

Desde as primeiras décadas do século XX, diversos cronistas brasileiros têm dado especial atenção à escrita do futebol, percebendo-o não somente como uma forma de entretenimento ou atividade física, mas também como uma poderosa arma na construção de uma identidade cultural piauiense. Hobsbawm destacava a importância do esporte em escala global, ressaltando sua eficácia na criação de identidades coletivas em vários contextos, desde o local ao nacional, em uma era de aceleradas transformações sociais¹⁷⁵. Habermas adita essa discussão ao salientar o papel vital das competições esportivas, especialmente o futebol, na formação de uma consciência comum entre seus seguidores, promovendo um sentido de pertencimento que supera as fronteiras do familiar e se estende ao espaço público, servindo, portanto, como elemento fundamental para a construção da sociabilidade e para a integração social em ambientes específicos¹⁷⁶.

Ao explorar o universo da cultura futebolística no Piauí, este estudo aborda como a crônica, entrelaçada à imprensa, se tornou imprescindível para compreender a relação entre o futebol e a formação de identidades coletivas no estado. Nosso foco reside no impacto das crônicas na popularização desse esporte e na sua capacidade de moldar identidades que refletem as dinâmicas sociais e culturais piauienses. Assim, este capítulo visa analisar a relação entre o futebol e a crônica literária, enfatizando o papel significativo das crônicas futebolísticas na construção da identidade do Piauí e na valorização do futebol como elemento central da dinâmica social do estado, no período de 1916 a 1941.

Na virada do século, à medida que o Brasil enfrentava as primeiras décadas de sua jornada republicana, os jornais desempenhavam um papel relevante na formação da estrutura social. As crônicas jornalísticas, em particular, emergiam como influentes narrativas capazes de moldar significativamente a percepção pública. Durante este tempo de transformação, o futebol ascendeu como um fenômeno social profundamente ligado ao cotidiano e às correntes culturais do país.

Nesse cenário, a literatura, antes marginalizada como um elemento secundário pela prática historiográfica estabelecida, revela-se de inestimável valor. A integração do estudo das crônicas literárias ao campo do futebol abre para os historiadores um leque de percepções e

¹⁷⁵ HOBBSAWM, E. *Era dos extremos: breve século XX, 1914-1991*. 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1996, p. 197.

¹⁷⁶ HABERMAS, J. *Para a reconstrução do materialismo histórico*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 54.

narrativas capazes de lançar luz sobre ângulos até então velados da experiência futebolística – ângulos estes frequentemente invisíveis em diversas fontes tradicionais. Pesavento esclarece que as fontes literárias nos dizem muito mais do que qualquer outro registro do passado. Elas nos permitem enxergar para além do evidente, alcançando aspectos da vida humana que são sutilmente sugeridos em nosso cotidiano¹⁷⁷. Atravessando a barreira do tangível, a literatura nos convida a explorar conceitos e valores que estão além do concreto. Ademais, ela nos conduz a “mundos não realizados”, para usar a expressão de Sevcenko¹⁷⁸, desdobrando perspectivas e potencialidades que, mesmo não concretizadas, ampliam nossa compreensão sobre as condições sociais para a formação do futebol piauiense.

Albuquerque Júnior utiliza uma metáfora para ilustrar essa relação entre História e Literatura, associando a primeira ao masculino, que se fixa no visível e no que é considerado estável, e a segunda ao feminino, que busca o que está além das aparências e se move entre as lacunas das narrativas dominantes¹⁷⁹. Dessa forma, a Literatura se apresenta como um espaço de questionamento e resistência, capaz de revelar o que é frequentemente ignorado pela historiografia tradicional. Aplicando essa perspectiva ao estudo do futebol piauiense, especialmente entre 1916 e 1941, quando o esporte começa a ganhar visibilidade na imprensa local, é importante provocar o estranhamento e evitar simplificações, compreendendo as contradições que permeiam essa narrativa. Isso permite uma visão mais abrangente e crítica sobre o desenvolvimento do esporte na região.

A necessidade de historicizar as crônicas futebolísticas e integrá-las ao tecido social se torna evidente. É fundamental examinar as redes de diálogo estabelecidas por essas narrativas, identificando quando o futebol começa a ocupar um lugar de destaque em seus conteúdos e desvendar as motivações subjacentes dos cronistas piauienses ao dedicar uma porção considerável de seus textos às manifestações futebolísticas. Dito isso, aborda-se a produção dos cronistas não como um reflexo do real, mas como uma refração, mediada pelo autor que constrói a narração¹⁸⁰. Nela, busca-se analisar as formas em que esse contexto foi significado, lido, decodificado e idealizado pelo autor, o qual é vinculado a um coletivo, e é voz ativa das aspirações conjuntas que se reforçam em diálogos múltiplos, ressignificados ou negados.

¹⁷⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Este mundo verdadeiro das coisas de mentira: entre a arte e a história. In: *Revista Estudos Históricos*. Arte e História, v. 2, n. 30, Rio de Janeiro, FGV, 2002.

¹⁷⁸ SEVCENKO, N. O exercício intelectual como atitude política: os escritores-cidadãos. In: SEVCENKO, N. *Literatura como missão*. São Paulo: Cia. das Letras, 1999, p. 21.

¹⁷⁹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado; ensaios de teoria e história*. Bauru, SP: EDUSC, 2007, p. 49.

¹⁸⁰ SAPIRO, Gisèle. *A sociologia da literatura*. Belo Horizonte, MG: Moinhos; Confatios, 2019.

Nesse contexto, conforme analisado por André Mendes Capraro¹⁸¹, embora originalmente as crônicas não tenham sido concebidas com o objetivo de permanecer ao longo do tempo, elas abarcam uma profunda riqueza de subjetividades e visões críticas. Estão, por natureza, atreladas ao caráter passageiro de publicações como jornais e revistas, definindo assim o período de sua relevância. Influenciados por um espectro amplo de fatores – desde as dinâmicas internas das redações até as demandas do público e o contexto sociocultural, os cronistas navegavam no que Norbert Elias¹⁸² denominou “teias de interdependência”. Esse conceito se refere à complexa rede de relações e influências mútuas entre indivíduos e grupos dentro da sociedade, onde cada ação está interligada e afeta as demais, moldando assim a formação de opiniões e os debates públicos. Particularmente nas crônicas sociais do futebol, que gozam de grande popularidade, os autores exercem um papel importante na formação de opiniões, provocando polêmicas e estimulando debates, o que os posiciona alternadamente como figuras admiradas ou controversas.

A abordagem interpretativa adotada pelos cronistas futebolísticos manifesta uma intencionalidade significativa em suas obras, para além do simples relato de eventos esportivos. Segundo Antunes, “[...] os cronistas de futebol, em tom de conversa, emitiam suas opiniões pessoais sobre os acontecimentos e, talvez sem perceber, iam eternizando lances e partidas, como também suas interpretações sobre eles”¹⁸³. Eles atuavam como verdadeiros construtores de narrativas, entrelaçando o futebol nas tramas sociais e culturais da época, e, por meio dessa articulação, participavam ativamente na modelagem da identidade nacional e regional.

Dessa forma, ao enfatizar a importância dessas narrativas esportivas, este estudo revela a intrincada relação entre a crônica literária e o futebol no Piauí, e destaca o papel crucial da imprensa como ponto de intersecção entre o esporte e a sociedade. A crônica futebolística, portanto, emerge como um documento histórico rico, um artefato cultural que captura o pulso da vida piauiense, oferecendo perspectivas únicas sobre a interação entre identidade, cultura e esporte.

¹⁸¹ CAPRARO, André Mendes. *Identidades imaginadas: futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX*. Curitiba: Programa de Doutorado em História, Departamento de História, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, 2007, p. 57.

¹⁸² ELIAS, Norbert. *Introdução à sociologia*. Portugal: Edições 70, 1980.

¹⁸³ ANTUNES, Fátima Martins Rodrigues Ferreira. “*Com brasileiro não há quem possa*”: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: UNESP, 2004, p. 20.

2.1 Palavras em campo: a construção do futebol piauiense nas crônicas

No contexto do futebol, as crônicas emergem como ferramentas valiosas para a compreensão e narrativa histórica do esporte de bretão. Inspirados pelo pensamento de historiadores como Chalhoub¹⁸⁴, percebemos que esses relatos oferecem uma visão singular e subjetiva das nuances do futebol ao longo do tempo. A escrita desses cronistas proporciona uma abordagem íntima, capturando os bastidores e as repercussões das partidas. Conhecido por sua ênfase na História Social e nas experiências das classes populares, Chalhoub valoriza as crônicas como fontes que possibilitam uma compreensão mais profunda das vidas cotidianas. Elas proporcionam uma visão detalhada dos costumes, tradições e valores que moldam a relação da sociedade com o esporte. A subjetividade presente nessas narrativas, expressando opiniões e pontos de vista, enriquece a compreensão das complexidades e significados atribuídos ao futebol.

A relação entre a crônica e o futebol, apesar de suas complexidades, é fundamental para entender como esse gênero literário se tornou uma das principais ferramentas de divulgação do esporte, tanto no Brasil quanto no Piauí. Esse processo se caracterizou pela adoção de uma linguagem própria, marcada por vocabulários específicos e neologismos. Essa linguagem promoveu o futebol e ao mesmo tempo moldou e refletiu a percepção pública sobre o esporte. Assim se expressa Capraro:

o público que lê uma crônica é bastante eclético, vai do doutor ao semialfabetizado. E o cronista sabe disso. Ele sabe que seu estilo não pode ser rebuscado e denso, até porque seus compromissos com o periódico onde trabalha são comerciais, centrados no aumento da venda dos diários ou revistas. Sua característica estética é inegável, já que desenvolve sentimentos múltiplos no leitor: diverte, leva à reflexão, enraivece, alegra, motiva... Mesmo assim, tem sólidas amarras com o cotidiano (o tempo presente) e um compromisso perene com a “realidade”, pois, ao mesmo tempo, informa, narra, descreve, constrói e desconstrói verdades, sempre de forma espontânea e momentânea¹⁸⁵.

Gradualmente, o leitor das crônicas, seja em publicações diárias ou semanais, familiariza-se com o estilo do cronista, desvendando com maior facilidade o subjetivismo inerente ao texto. Essa compreensão aprofundada facilita uma interação mais rica com o autor e sua obra, transformando esses relatos em registros autênticos das transformações socioculturais que influenciaram a evolução do esporte no Piauí. Diante disso, a avaliação

¹⁸⁴ CHALHOUB, Sidney. *Capítulos de história social*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

¹⁸⁵ CAPRARO, 2007, p. 35.

crítica das crônicas futebolísticas emerge como uma tarefa primordial, requerendo uma análise minuciosa da autenticidade, perspectiva e motivação subjacente aos escritos dos cronistas. Chalhoub¹⁸⁶ alerta que a comparação entre diferentes crônicas e sua contextualização em relação a outras fontes históricas manifesta-se como uma prática crucial na escrita do historiador. Essa abordagem permite construir uma interpretação equilibrada e abrangente da trajetória do futebol, em que as crônicas, além de documentar os eventos esportivos, também capturam e dão vida às experiências e percepção das pessoas.

À medida que o século XX despontava, os cronistas brasileiros encontraram um terreno fértil para o florescimento de suas escritas. Nicolau Sevcenko nos informa que, nesse período, o jornal emergiu como o principal veículo de informação para a população, consolidando-se como um símbolo da modernidade no Brasil, ao articular novas dinâmicas culturais e sociais¹⁸⁷. Na visão de Marcos Napolitano¹⁸⁸, a modernidade no Brasil foi um fenômeno associado à sociabilidade burguesa, à laicidade e a ideais cosmopolitas, intensificados com o advento da República. Inspirada por modelos ocidentais de progresso e racionalidade, ela se manifestou de maneira fragmentada, concentrada nas elites urbanas que buscavam alinhar o país aos paradigmas europeus. Contudo, sua aplicação esbarrou em estruturas agrárias e desigualdades sociais profundas, limitando o alcance desse ideal às elites urbanas e excluindo grande parte da população. Nessa conjuntura, a modernidade representou mais um discurso de poder do que uma vivência ampla e homogênea.

Nesse contexto de mudanças, destaco o discurso proferido por Areolino Antônio Abreu¹⁸⁹, em 1º de janeiro de 1901, no Theatro 4 de Setembro, em Teresina, local onde ele celebrou os avanços tecnológicos que transformavam os modos de comunicação: “[...] a imprensa eterniza e propaga as ideias, o telégrafo leva o pensamento através dos montes, oceanos e vales, o fonógrafo perpetua o som, o telefone transmite o som [...]”¹⁹⁰. Ao valorizar o papel da imprensa como propagadora de ideias, Abreu realça a conexão entre tecnologia e cultura. Esse avanço não só ampliava as possibilidades de comunicação, mas também consolidava a imprensa como um espaço de disseminação de valores que dialogavam com a

¹⁸⁶ CHALHOUB, 1990.

¹⁸⁷ SEVCENKO, 1999.

¹⁸⁸ NAPOLITANO, Marcos. *O longo modernismo: reflexões sobre a agenda político-cultural do século XX brasileiro*. *Revista Vórtex*, Curitiba, v. 10, n. 3, p. 1-23, dez. 2022.

¹⁸⁹ Nasceu no ano de 1865, em Teresina, e faleceu em União (PI), em 1908. Médico formado pela Faculdade da Bahia. Em Teresina, além de professor e jornalista, desempenhou elevadas funções: deputado provincial, presidente do Conselho Municipal e do Tribunal de Contas. Foi, ainda, vice-governador do Piauí (11 de dezembro de 1905 até 2 de abril de 1906) e criador do Asilo dos Alienados.

¹⁹⁰ ABREU, Areolino de. *Discursos*. Teresina: Imprensa Oficial, 1913, p. 8.

modernidade, interagindo, inclusive, com práticas culturais como o esporte, que começava a ocupar um lugar de destaque nas dinâmicas urbanas e sociais.

Essa interconexão destaca a influência da imprensa na disseminação de ideias, ao mesmo tempo que sublinha a habilidade dos cronistas na disseminação de valores e modos de vida distintos. Tal dinâmica ganha relevância ao considerar a análise de Antonio Candido¹⁹¹, que enfatiza o papel primordial do jornal como meio de denúncia, discussão e proposição de mudanças. Na visão de Candido, as crônicas, mesmo quando integradas aos periódicos, atuam como uma válvula de escape desse ambiente dominante de informação, mantendo uma aparência descontraída enquanto exploram profundamente o significado dos atos e sentimentos humanos, levando, assim, a crítica social a níveis mais amplos. A análise revela a importância das crônicas sociais esportivas como elementos que contribuem para a construção da identidade cultural e para a crítica social.

Historicamente, a crônica tem sua origem nos folhetins franceses, os quais costumavam ter um lugar de destaque nas primeiras páginas dos jornais e, geralmente, posicionados no rodapé; tinham o intuito principal de proporcionar entretenimento aos leitores. Meyer¹⁹² aponta que, no cenário brasileiro, esse gênero literário assume diversas formas, ultrapassando os limites dos romances folhetinescos tradicionais. De acordo com a autora, a crônica se difunde por diferentes seções dos jornais, desde colunas recreativas de domingo até textos de cunho político, tocando em vários aspectos da vida cotidiana dos leitores. Nesse espectro de liberdade temática, as crônicas sobressaem como veículos de expressão versáteis e abrangentes, capturando a diversidade e complexidade do dia a dia.

No caso das crônicas, essa liberdade temática, aliada a um estilo direto e acessível, amplia sua popularidade e diversifica seu alcance, atraindo tanto leitores que buscam leveza quanto os interessados em temas polêmicos. Esse tom contribui para a presença marcante do gênero em assuntos cotidianos, como o futebol, permitindo uma abordagem envolvente e de fácil compreensão. A análise de Capraro¹⁹³ é relevante ao mostrar como essa proximidade com o público se intensifica por meio de uma linguagem simples e atual, criando um elo imediato com a realidade social. Candido¹⁹⁴, por sua vez, destaca que, diferentemente da literatura clássica, com sua densidade intelectual e formalismo, a crônica prefere uma comunicação mais direta, acessível e instigante.

¹⁹¹ CANDIDO, Antonio *et al.* *A Crônica*. Campinas: Unicamp, 1992, p. 17-18.

¹⁹² MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

¹⁹³ CAPRARO, 2007, p. 33.

¹⁹⁴ CANDIDO, 1992, p. 16.

Na segunda metade do século XX, começou a surgir, no meio intelectual, uma percepção da crônica como um gênero intrinsecamente brasileiro. Antônio Candido, uma voz preeminente nesse debate, defendeu a ideia de que a crônica se enraizou de forma tão natural e se desenvolveu com tal originalidade no Brasil que poderia ser considerada “[...] um gênero genuinamente brasileiro”¹⁹⁵. Ele concebe a crônica como um entrelaçamento único de literatura, jornalismo, e reflexão sobre a vida social e o cotidiano, sem aspirar à imortalidade literária, posicionando-a como um dos poucos gêneros literários verdadeiramente nacionais. Em contraste com outros países, onde o folhetim permaneceu próximo ao conto, no Brasil, evoluiu para o gênero da crônica e caracterizou-se por “brevidade narrativa, captura de momentos efêmeros, expressão de emoções imediatas, relatos do dia a dia do autor, ou até memórias de tempos idos que se busca resgatar”¹⁹⁶. Dessa forma, a crônica brasileira passou a apresentar características próprias, buscando informar, divertir e transmitir uma mensagem com leveza, mantendo sempre um vínculo com a vida urbana, em contraste com os estilos mais sarcásticos dos ingleses ou a erudição dos franceses¹⁹⁷.

Com efeito, a crônica encontrou seu espaço ao lado do jornalismo e da literatura, mantendo-se expressiva e cumprindo seu propósito de envolver o público. No entanto, apesar de suas vantagens, a crônica enfrenta limitações impostas pelo contexto em que é publicada. Dentro do jornal, ela deve se ajustar a um conjunto de regras normativas que ditam sua forma e conteúdo. Segundo Ribeiro, “o jornal como um veículo de informação e que segue perspectivas ideológicas, obriga o cronista, ao propor suas intencionalidades para com a crônica, estruturá-la de forma sucinta, com uma economia das palavras, mas que nunca deixe de lado sua riqueza de detalhes e intenções”¹⁹⁸.

Dotada de uma capacidade singular de construir memórias e revelar aspectos do cotidiano, a crônica estabelece conexões com a prática histórica ao captar as dinâmicas sociais de seu tempo. Ainda assim, como assinala Neves¹⁹⁹, por sua escrita passageira, a crônica permaneceu por muito tempo à margem da literatura, frequentemente vista como um gênero de textos breves e desprovidos de método próprio. Esse cenário, no entanto, tem se transformado,

¹⁹⁵ CANDIDO, 1992, p. 15.

¹⁹⁶ CAPRARO, 2007, p. 27.

¹⁹⁷ VIANA, Rodrigo Silva. *Crônica de futebol: o drible entre a literatura e o jornalismo*. 2008. 94 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2008.

¹⁹⁸ RIBEIRO, Jakson dos Santos. A escrita do cronista maldito: quando o visto, o vivido, o sentido, se tornam narrados. In: CARVALHO E SILVA, Márcio Douglas de; FERREIRA, Ronyere; BARROS, Fransuel Lima de (org.). *História, literatura e imprensa: meios e modos de pensar o passado*. Teresina: Cancioneiro, 2020, p. 179-180.

¹⁹⁹ NEVES, Margarita de S. História da crônica, crônica da história. In: REZENDE, Beatriz (Org.). *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olímpio: CCB, 1995, p. 27.

e seu estudo vem se consolidando como uma chave de leitura essencial para compreender uma história construída a partir das vivências diárias. Chalhoub, Neves e Pereira²⁰⁰ reforçam essa visão ao destacar que a crônica se diferencia das obras de escritores que buscam reconhecimento e admiração para posteridade; sua perspectiva não é a de quem observa do topo da montanha, mas sim a de quem escreve a partir do “rés do chão”, captando as nuances do presente em seu estado mais vívido e imediato.

Durante muito tempo, a crônica foi compreendida como um gênero comum e de menor relevância. No entanto, ao inserirmos esse debate no contexto da terceira fase da Escola dos Annales, marcada pela liderança de historiadores como Jacques Le Goff e Georges Duby, podemos identificar uma virada nos estudos históricos. Essa fase trouxe novas metodologias e fontes para a historiografia, ampliando o escopo de temas considerados legítimos para a investigação histórica, incluindo narrativas como a crônica. Essas transformações abriram caminho para uma análise mais aprofundada dos aspectos cotidianos e das experiências individuais, antes desvalorizados pela historiografia tradicional²⁰¹. Nesse sentido, o gênero da crônica pode ser historicizado, passando a ser tratado como uma fonte histórica rica e relevante, capaz de refletir os movimentos e transformações da sociedade em diferentes contextos.

Sandra J. Pesavento, em seu artigo “Crônica: a leitura sensível do tempo”, destaca as diversas possibilidades que a crônica oferece tanto para a História quanto para seus escritores. Para a autora, a crônica se apresenta como uma ferramenta excepcionalmente adequada para o estudo do imaginário de uma época, incluindo o sistema de ideias e imagens que uma comunidade constrói para si mesma, bem como o conjunto de significados que essa representação coletiva carrega²⁰². Nesse sentido, problematizamos a crônica como um gênero literário que encontra um lugar significativo no espaço do jornal, estabelecendo uma conexão de diálogo com a vida das pessoas da cidade, suas sociabilidades e práticas cotidianas. Assim, ao valorizar o comum e perceber, na simplicidade dos detalhes, a grandiosidade dos acontecimentos, a crônica oferece uma visão rica da dinâmica futebolística piauiense.

Enquanto isso, o futebol, inicialmente apresentado pelos jornais como um passatempo da elite, é enquadrado dentro de uma narrativa que o distingue das práticas cotidianas da maioria da população, reforçando uma padronização tanto de valores éticos e culturais quanto de

²⁰⁰ CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Sousa; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Org.). *História em cousas miúdas*: capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas, SP: Unicamp, 2005, p. 9.

²⁰¹ BARROS, José D’Assunção. *Teoria da História V: a Escola dos Annales e a Nova História*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

²⁰² PESAVENTO, Sandra J. Crônica: a leitura sensível do tempo. *Revista do Programa de Pós-Graduação em História*, Porto Alegre, n. 7, jul. 1997, p. 34.

comportamentos²⁰³. No entanto, as crônicas desafiam essa homogeneização ao explorar as complexidades, contradições e a verdadeira essência das práticas esportivas. Elas agem como uma forma de escolha inspirada em Michel de Certeau, na qual os cronistas e, por extensão, seus leitores, encontram maneiras de reinterpretar, questionar e até subverter o significado e o lugar do futebol na sociedade.

Por exemplo, ao oferecer uma “visão de baixo”, que destaca as experiências e desafios enfrentados fora dos círculos elitistas, as crônicas permitem uma apreciação mais rica e variada do esporte. Elas trazem à tona as histórias não contadas, as práticas cotidianas e os significados atribuídos ao futebol pelos seus diversos participantes, muitas vezes ignorados ou marginalizados pelo discurso oficial. Esse olhar atento aos detalhes, às práticas ordinárias e às experiências individuais reflete a ênfase “Certeauiana” nos atos de fazer cotidianos como forma de resistência e reivindicação de autonomia dentro das estruturas de poder²⁰⁴.

Além disso, a interação dinâmica e recíproca entre os cronistas e seus leitores, como discutida por Chalhoub, Neves e Pereira²⁰⁵, ilustra a natureza viva e participativa da crônica futebolística. Aqui, o processo de comunicação é uma via de mão dupla, um diálogo contínuo, em que as expectativas e interesses dos leitores influenciam diretamente os temas e abordagens dos cronistas. Esse aspecto da crônica social destaca como as práticas culturais podem servir como arena para negociações de significado, identidade e poder, reafirmando a importância do futebol e da crônica na análise das dinâmicas socioculturais.

Nessa atmosfera, Rodrigo Viana relata que os anos iniciais da chegada do futebol ao Brasil é o mesmo período em que vai ocorrer a sedimentação do conceito de crônica como gênero literário ao lado do gênero jornalístico²⁰⁶. Segundo o autor, junto com o binômio crônica/impressão, grandes personalidades da literatura brasileira começaram a se apropriar desse estilo de escrita, como Machado de Assis, Coelho Neto, Lima Barreto e João do Rio. É nesse momento, com a apropriação do gênero literário pelos homens das letras, que a crônica passa a ganhar seu espaço nos jornais.

Durante quase todo o século XIX, a imprensa brasileira esteve atrelada ao universo de disputas políticas em suas capitais. No Piauí, a luta pelo poder local acabava saindo nas páginas dos jornais, e esses debates costumavam ter um caráter agressivo. Porém, os jornais que viriam a surgir no século XX começam a ampliar os horizontes com estilos panfletários e literários,

²⁰³ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983, p. 1-2.

²⁰⁴ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 2. Morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 169-174.

²⁰⁵ CHALHOUB; NEVES; PEREIRA, 2005.

²⁰⁶ VIANA, 2008, p. 12.

permitindo a ação desse meio em diversos campos do cotidiano citadino. É nesse cenário que as crônicas esportivas aparecem como um espaço para os colunistas expressarem uma visão detalhada da história social do futebol no Piauí. Para Bourdieu, são esses cronistas que legitimam e conferem validade a determinadas interpretações dos eventos esportistas, ou seja, dispõem da “linguagem autorizada”, sendo amplamente reconhecidos pelo capital linguístico, o que os habilitam a atuar como intérpretes entre o espetáculo futebolístico e os indivíduos consumidores do lazer. Assim:

Todo ato de fala e, de um modo geral, toda ação é uma conjuntura, um encontro de séries causais independentes: de um lado, as disposições, socialmente modeladas, do *habitus* linguístico, que implicam certa propensão a falar e a dizer coisas determinadas (interesse expressivo), definida ao mesmo tempo como capacidade linguística de engendramento infinito de discursos gramaticalmente conformes e como capacidade social que permite utilizar adequadamente essa competência numa situação determinada; do outro, as estruturas do mercado linguístico, que se impõem como um sistema de sanções e de censuras específicas²⁰⁷.

As reflexões de Bourdieu nos permite perceber o poder das palavras, compreendido em um campo futebolístico repleto de tensões. Assim, a escrita dos cronistas descreve e prescreve um *habitus* linguístico nas crônicas esportivas, de modo a “produzir ou reforçar simbolicamente a tendência sistemática para privilegiar certos aspectos do real e ignorar outros”²⁰⁸. Partindo desse pressuposto, os cronistas piauienses, revestidos da palavra e da autoridade conferida pelas instituições sociais, exercem influência sobre os praticantes e admiradores do esporte. Todavia, as palavras não são neutras, e funcionam como dispositivos de luta, podendo ser modificadas segundo a lógica do confronto social. A exemplo disso, o futebol amador aristocrático e de elite, que teve seu auge nas duas primeiras décadas do século XX, começa a sofrer concorrência nas décadas seguintes, com a popularização do esporte nas camadas mais populares.

No nosso contexto futebolístico, a crônica tem a função de buscar os principais assuntos do dia relacionados aos jogos de futebol, como os melhores momentos das partidas, os destaques e a repercussão no meio social, enfim, pautas que começavam a chamar a atenção do público leitor. Esses “farejadores” de notícias estabeleceram uma nova forma de redação dentro dos jornais, porquanto funcionavam como tradutores dos assuntos mais relevantes ocorridos nos espaços urbanos. Neste caso, o jornal assegurou a difusão da crônica e também o aparecimento de colunas sociais temáticas, como a de futebol. O surgimento de seções específicas provocou a diversificação dos temas, uma vez que eram definidos pelo seu caráter

²⁰⁷ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2008, p. 24.

²⁰⁸ BOURDIEU, 2008, p. 125.

generalista. Na compreensão de Chalhoub, Neves e Pereira, “assuntos como a política, o teatro, cinema, literatura e esporte, embora se fizessem presentes desde o início na produção dos cronistas brasileiros, passaram a merecer seções próprias, pautadas em lógicas específicas”²⁰⁹.

A esse respeito, Capraro salienta que a crônica e o futebol têm suas trajetórias traçadas por traços em comum, mas não reduzidas uma à outra. O autor esclarece que “a crônica [...] tem sua especificidade e seu processo histórico próprio, sendo que em alguns momentos existiu o cruzamento com o futebol. O mesmo se dá em relação ao futebol que, enquanto esporte, também tem suas particularidades”²¹⁰. Ou seja, as narrativas futebolísticas relatadas nas crônicas esportivas compreendem um campo histórico de acordo com as diferentes representações dos cronistas sobre sua prática. É o caso de Coelho Neto e Lima Barreto, enquanto o primeiro defendia os valores morais e educativos vinculados ao esporte, o segundo acreditava ser um modismo estrangeiro que expressava pouco os valores nacionais.

Desde o início do século XX, a crônica emergiu como o gênero literário mais intimamente ligado ao futebol no Brasil, atraindo a atenção de renomados literatos. Esses literatos, ainda que esporadicamente, abordaram o futebol em seus textos, mas sem o foco ou a periodicidade que caracterizariam a crônica esportiva como um subgênero distinto. Naquela época, o futebol competia com outras modalidades esportivas pela atenção do público e não havia sido ainda plenamente integrado como tema recorrente na crônica. As menções ao esporte ocorriam dentro de um contexto mais amplo de colunismo social, refletindo sobre o cotidiano, sem dedicar-se exclusivamente ao esporte. Esse panorama começou a mudar gradualmente, marcando a transição da crônica social para uma ênfase mais clara na crônica esportiva, particularmente voltada ao futebol, que passou a ser visto como um elemento central na cultura e identidade nacionais²¹¹.

A consolidação definitiva da crônica esportiva ocorreu a partir da década de 1940, especialmente com a influência de Mario Rodrigues Filho e sua atuação no *Jornal dos Sports*. Nesse período, o futebol já era amplamente aceito como parte integrante da cultura brasileira. Desde então, a crônica esportiva se estabeleceu como um campo profissional próprio, superando divergências anteriores sobre a importância cultural do futebol. Todavia, vale ressaltar que o protagonismo de Mário Filho no Rio de Janeiro não deve silenciar outros personagens de destaque em diferentes regiões do Brasil. Faz-se necessária a construção de uma historiografia regional do esporte, que evidencie os diversos caminhos da crônica social do

²⁰⁹ CHALHOUB; NEVES; PEREIRA, 2005, p. 17.

²¹⁰ CAPRARO, 2007, p. 2.

²¹¹ CAPRARO, 2007, p. 39.

futebol em várias partes do país, capturando as particularidades dos contextos culturais e sociais de cada local.

2.2 As crônicas de futebol nos jornais piauienses: um retrato da cultura esportiva

A história do futebol é apresentada além das quatro linhas – ela se desenrola nas páginas dos jornais, onde as crônicas desempenham um papel fundamental na narrativa do esporte mais popular do Brasil. Entre os anos de 1916 e 1941, deparamo-nos com dezenas de periódicos que registraram a fase amadora do futebol no Piauí. Desde a chegada do futebol ao estado, em 1905, até o ano de 1915, a abordagem dos relatos adota um tom mais factual, ressaltando as raízes do esporte, a importância da educação física na construção de um indivíduo moderno, robusto e saudável. Fátima Antunes nos auxilia na compreensão dessa questão, abordando a diferença fundamental entre o texto jornalístico e a crônica. Enquanto o primeiro tem por objetivo a informação, o fato em si, a crônica toma como pretexto a notícia para elaborar um discurso, uma forma de linguagem que transcende o próprio acontecimento²¹².

Por conseguinte, entre 1916 e 1930, surgiram colunas sociais de futebol que abordavam o esporte de forma mais abrangente, relatando detalhes das partidas, premiações, nomes de personalidades presentes, além de inaugurações de campos e clubes. Nessa segunda fase, fica evidente a importância das crônicas como veículos de divulgação e promoção do futebol, contribuindo para sua popularização e integração na vida cotidiana.

Nas edições dos jornais piauienses, as crônicas de futebol transcendiam o papel tradicional do jornalismo para se tornarem instrumentos valiosos na moldagem da identidade esportiva na região. Diante de um cenário nacional em transformação, marcado por uma modernização acelerada e uma elite em busca de afirmação, os cronistas passaram a explorar o futebol em suas escritas. Eles questionavam se esse fenômeno, então visto como uma novidade urbana, tinha lugar no Brasil “moderno” em formação, um país que se debatia com as influências e exigências de um processo de modernização/civilização iniciado no século XIX e prosseguindo nas primeiras décadas do século XX, conforme analisado por Sevcenko²¹³.

Essa reflexão acerca do papel do futebol entrelaçava-se à busca mais ampla por uma identidade nacional, um projeto ambicioso da intelectualidade brasileira das primeiras décadas

²¹² ANTUNES, 2004, p. 20.

²¹³ SEVCENKO, N. (Org.). *História da vida privada no Brasil*. v. 3. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

do século XX, como destacam Veloso & Madeira²¹⁴. A construção de uma identidade brasileira, naquele período, olhava para o modelo europeu como um paradigma de civilidade e referência global. No entanto, apesar da forte influência desse modelo no Brasil, não houve uma aceitação universal, abrindo margem para que o futebol emergisse como um marcador cultural distinto, simbolizando a capacidade de absorver e adaptar influências estrangeiras de maneira única e integrá-las na tessitura da identidade nacional.

Nesse contexto, a análise das crônicas de futebol publicadas em jornais piauienses torna-se essencial. Para melhor compreensão dessa análise, elaboramos um quadro no qual estão catalogadas essas crônicas, os jornais que as veicularam, o local de origem, os autores e a data de publicação. Essa compilação inclui desde órgãos de imprensa oficiais até jornais independentes de distribuição limitada. O ponto de partida dessa investigação são os jornais de Teresina, escolhidos pela grande quantidade de crônicas sociais de futebol publicadas nos periódicos da capital. No entanto, observa-se que, apesar da vasta quantidade de material coletado, o futebol teresinense permanece, em grande medida, confinado ao seu espaço local, raramente transcendendo suas fronteiras geográficas para dialogar com um panorama esportivo nacional mais amplo.

Quadro 1 - Crônicas esportivas veiculadas em Teresina, entre 1906-1940

Jornais teresinenses	Título das crônicas	Autor	Ano
<i>O Comércio</i>	“Carteira Local”	Autoria desconhecida	1906
<i>O Monitor</i>	“Educação Physica”	Autoria desconhecida	1907
<i>O Monitor</i>	“Corpore Sano”	Autoria desconhecida	1907
<i>Diário do Piauí</i>	“Do processo de exames [...]”	Autoria desconhecida	1911
<i>Diário do Piauí</i>	“A Linda Mamã”	Autoria desconhecida	1912
<i>Diário do Piauí</i>	“A produção mundial de ferro fundido [...]”	Autoria desconhecida	1913
<i>Diário do Piauí</i>	“As origens do Foot-Ball”	Autoria desconhecida	1914
<i>Diário do Piauí</i>	“Noções de Pedagogia Applicada IV: Da Educação Physica Directa”	Autoria desconhecida	1914
<i>Diário do Piauí</i>	“Sport Club Theresinense”	Autoria desconhecida	1914
<i>Diário do Piauí</i>	“Noções de Pedagogia Applicada III: Da Educação Physica Directa”	Autoria desconhecida	1914

²¹⁴ VELOSO, M. & MADEIRA, A. *Leituras brasileiras – itinerários no pensamento social e na literatura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

<i>O Artista</i>	“Estatuto do ‘Artístico Foot-Ball Club’”.	Autoria desconhecida	1918
<i>O Artista</i>	“‘Artístico versus Theresinense’”	Autoria desconhecida	1918
<i>O Artista</i>	“Discurso”	Augusto Lopes Magalhães	1918
<i>O Artista</i>	“Teremos uma Liga Sportiva em 1919”	Back	1918
<i>O Artista</i>	“Diretório do ‘Artístico Foot-Ball Club’”	Autoria desconhecida	1918
<i>O Arrebol</i>	“Discurso”	Jônatas Baptista	1918
<i>O Arrebol</i>	“Pelo Sport”	Autoria desconhecida	1918
<i>Chapada do Corisco</i>	“América Cinema”	Autoria desconhecida	1918
<i>Jornal de Notícias</i>	“Festival Esportivo”	Autoria desconhecida	1918
<i>Diário do Piauí</i>	“Do Regime Escolar”	Autoria desconhecida	1919
<i>Jornal de Notícias</i>	“O Foot-Ball nas ruas”	Autoria desconhecida	1919
<i>O Arrebol</i>	“Artístico x Theresinense” (13 out.)	Autoria desconhecida	1919
<i>O Arrebol</i>	“Artístico x Theresinense” (19 out)	Autoria desconhecida	1919
<i>Piauí</i>	“Notas Sportivas - Liga Sportiva Theresinense”	Autoria desconhecida	1919
<i>Piauí</i>	“Notas Sportivas - Campeonato Sul-Americano [...]”	Autoria desconhecida	1919
<i>Piauí</i>	“O Sucesso do Nosso Concurso Sportivo - A Entrega do Prêmio”	Autoria desconhecida	1919
<i>Piauí</i>	“Notas”	Autoria desconhecida	1919
<i>O Piauí</i>	“Domingo último [...]”	Autoria desconhecida	1919
<i>O Piauí</i>	“Novo amistoso entre América x Militar”	Autoria desconhecida	1919
<i>O Nordeste</i>	“Vagabundos”	Autoria desconhecida	1919
<i>O Nordeste</i>	“Artístico x Theresinense”	Autoria desconhecida	1919
<i>O Nordeste</i>	“Semana Elegante”	Autoria desconhecida	1919
<i>O Nordeste</i>	“Grande Campeonato Sul-Americano de Foot-Ball – ‘O Pé da Vitória’”	Autoria desconhecida	1919
<i>O Nordeste</i>	“Football - Cuidemos quanto antes de organizar um quadro de Juizes”	Autoria desconhecida	1920
<i>O Nordeste</i>	“Artístico x Typographyco”	Autoria desconhecida	1920
<i>O Nordeste</i>	“Uma nova queixa”	Autoria desconhecida	1920
<i>O Nordeste</i>	“Sports”	Sou de V.C.	1920
<i>O Nordeste</i>	“Theresinense Athletic Club (10 de abril)”	João Beleza	1920

<i>O Nordeste</i>	“Jonathas Baptista”	Autoria desconhecida	1920
<i>O Nordeste</i>	“Theresinense ‘versus’ Artístico” (24 abril)	Autoria desconhecida	1920
<i>O Nordeste</i>	“Theresinense Athletic Club” (17 de abril)	Autoria desconhecida	1920
<i>O Nordeste</i>	“Theresinense ‘versus’ Artístico” (1 ^o maio)	Autoria desconhecida	1920
<i>O Nordeste</i>	“O dia de hoje [...]”	Autoria desconhecida	1920
<i>O Nordeste</i>	“Convite”	Autoria desconhecida	1920
<i>O Nordeste</i>	“Cartas Femininas”	Cinha	1920
<i>O Nordeste</i>	“Semana Elegante”	Autoria desconhecida	1920
<i>O Nordeste</i>	“Terpsychore Club” (12 de junho)	Autoria desconhecida	1920
<i>O Nordeste</i>	“Terpsychore Club” (14 de agosto)	Autoria desconhecida	1920
<i>O Nordeste</i>	“Anúncio”	Autoria desconhecida	1920
<i>O Nordeste</i>	“É Progresso”	Zé Fernandes	1920
<i>O Nordeste</i>	“Fora de Troça”	Autoria desconhecida	1920
<i>O Nordeste</i>	“Theresinense Athletic Club” (06 de novembro)	João Beleza	1920
<i>O Nordeste</i>	“Theresinense Athletic Club” (13 de novembro)	João Beleza	1920
<i>O Nordeste</i>	“A sugestão da Imprensa periódica”	H.C.	1920
<i>O Nordeste</i>	“Cousas”	Autoria desconhecida	1920
<i>O Nordeste</i>	“Liga Sportiva”	Calixto	1920
<i>O Piauihy</i>	“Notas Sportivas”	Autoria desconhecida	1920
<i>O Piauihy</i>	“Pedagogia: Excertos traduzidos por uma professora” (16 set.)	Autoria desconhecida	1920
<i>O Piauihy</i>	“Pedagogia: Excertos traduzidos por uma professora” (19 set.)	Autoria desconhecida	1920
<i>O Jornal</i>	“Foot-Ball”	Autoria desconhecida	1922
<i>O Arrebol</i>	“Avenida S. Club”	Autoria desconhecida	1922
<i>Reacção</i>	“Artístico Foot-Ball Club”	Autoria desconhecida	1922
<i>Reacção</i>	“Meeting”	Autoria desconhecida	1922
<i>O Arrebol</i>	“As mulheres de bigode”	Autoria desconhecida	1922
<i>O Arrebol</i>	“Realiza-se hoje”	Autoria desconhecida	1924
<i>O Arrebol</i>	“Notas Sportivas”	Autoria desconhecida	1924

<i>O Piahy</i>	“Foi fundado o time infantil do Militar”	Autoria desconhecida	1924
<i>Reacção</i>	“Vida Sportiva”	Autoria desconhecida	1924
<i>A Imprensa</i>	“Construção do Campo de Foot-Ball”	Autoria desconhecida	1925
<i>A Imprensa</i>	“Independência do Brasil”	Autoria desconhecida	1925
<i>A Imprensa</i>	“O Foot-Ball no Rio”	Autoria desconhecida	1925
<i>A Imprensa</i>	“O Dr. José de Abreu em Floriano”	Autoria desconhecida	1925
<i>A Imprensa</i>	“Coluna Sportiva” (15 set.)	Autoria desconhecida	1925
<i>A Imprensa</i>	“Coluna Sportiva” (1 out.)	Autoria desconhecida	1925
<i>A Imprensa</i>	“Coluna Sportiva” (10 out.)	Autoria desconhecida	1925
<i>A Imprensa</i>	“Coluna Sportiva” (17 out.)	Autoria desconhecida	1925
<i>A Imprensa</i>	“Coluna Sportiva” (20 out.)	Autoria desconhecida	1925
<i>A Imprensa</i>	“Coluna Sportiva” (22 out.)	Autoria desconhecida	1925
<i>A Imprensa</i>	“Coluna Sportiva” (5 nov.)	Autoria desconhecida	1925
<i>A Imprensa</i>	“Coluna Sportiva” (13 nov.)	Autoria desconhecida	1925
<i>A Imprensa</i>	“O Festival da Liga”	Autoria desconhecida	1925
<i>A Imprensa</i>	“Foot-Ball” (25 ago.)	Autoria desconhecida	1925
<i>A Imprensa</i>	“Foot-Ball” (15 set.)	Autoria desconhecida	1925
<i>A Imprensa</i>	“Brinquedo Prejudicial”	Autoria desconhecida	1925
<i>O Arrebol</i>	“Tiradentes A. Clube”	Pedro Coutinho	1925
<i>O Arrebol</i>	“Coluna Sportiva”	Lacrecia	1925
<i>A Imprensa</i>	“Barras [...]”	Autoria desconhecida	1927
<i>A Imprensa</i>	“Foot-Ball no Ceará”	Autoria desconhecida	1927
<i>O Momento</i>	“Mitigal”	Autoria desconhecida	1927
<i>A Imprensa</i>	“Liga Piahyense de Sport Terrestres”	Alfredo H. Sociro	1928
<i>A Imprensa</i>	“Pelo Sport” (28 jan.)	Autoria desconhecida	1928
<i>A Imprensa</i>	“Embaixada de Foot-Ball Piahyense em Viagem [...]”	Autoria desconhecida	1928
<i>A Imprensa</i>	“América Foot-Ball Club”	João Moraes	1928
<i>A Imprensa</i>	“Jockey Club”	Autoria desconhecida	1928

<i>A Imprensa</i>	“Vida Sportiva”	Autoria desconhecida	1928
<i>A Imprensa</i>	“Pelo Sport” (4 ago.)	Autoria desconhecida	1928
<i>Gazeta</i>	“Pela Cultura Physica”	Autoria desconhecida	1929
<i>O Estado do Piauí</i>	“Jogos de amanhã no campo do Militar”	Autoria desconhecida (v. 5-Severino Filho)	1930
<i>Diário da Tarde</i>	“Domingo Próximo [...]” (12 de setembro)	Autoria desconhecida (v. 5-Severino Filho)	1930
<i>Diário da Tarde</i>	“Domingo Próximo [...]” (25 de abril)	Autoria desconhecida (v. 5-Severino Filho)	1930
<i>Diário Oficial</i>	“No Primeiro Compromisso de Teresina”	Autoria desconhecida (v. 5-Severino Filho)	1930
<i>Diário Oficial</i>	“Na Tarde do último domingo [...]”	Autoria desconhecida (v. 5-Severino Filho)	1930
<i>Diário Oficial</i>	“O Sport Club Syrio Brasileiro”	Autoria desconhecida (v. 5-Severino Filho)	1930
<i>Voz do Norte</i>	“Apello ao Povo Theresinense”	Romão Ribeiro dos Santos	1931
<i>O Momento</i>	“Botafogo Foot-Ball Club”	Autoria desconhecida	1937
<i>O Momento</i>	“Foot-Ball”	Autoria desconhecida	1937
<i>O Momento</i>	“Animada partida hoje de Foot-Ball no 25º BC”	Autoria desconhecida	1937
<i>Diário Oficial</i>	“Ontem, no campo da Fiação [...]”	Autoria desconhecida (v. 5-Severino Filho)	1940
<i>Diário Oficial</i>	“No último domingo” (dia 31)	Autoria desconhecida (v. 5-Severino Filho)	1940
<i>Diário Oficial</i>	“Na Abertura do campeonato da cidade”	Autoria desconhecida (v. 5-Severino Filho)	1940

Fonte: Compilação dos dados captados pelo autor nos órgãos de imprensa oficiais e jornais independentes da capital.

A apreciação detalhada desse quadro nos conduz a um período singularmente definido pelo florescimento das atividades jornalísticas e pelo enriquecimento cultural promovido pelo futebol, sinalizando os primeiros passos de sua integração na malha cultural do Piauí. Mesmo que a presença dessas crônicas sociais nos jornais seja fragmentada e não tenha uma periodicidade regular, sua difusão por uma gama de diferentes periódicos atesta o significativo papel que o futebol começou a desempenhar em um ambiente informativo dominado por pautas

políticas e policiais. Esse panorama sugere um ponto de inflexão na trajetória da imprensa e instiga uma série de indagações sobre os cronistas responsáveis por tais narrativas: quem eram esses articulistas e como se relacionavam com o poder estatal? A qual camada social pertenciam? Como definir o papel desses narradores que, mesmo dedicados a captar a essência dos eventos futebolísticos, nem sempre mantinham uma postura neutra durante os jogos de futebol? Para explorar essas questões, é oportuno referir-se à análise de Antunes, que oferece uma perspectiva sobre o contexto dos cronistas da época:

Neste momento inicial da formação da indústria cultural, onde as fronteiras entre as profissões ainda não estavam bem definidas, os jovens em busca de reconhecimento em campos como a política, literatura ou academia muitas vezes começavam a se destacar através da publicação de artigos, críticas ou ensaios em jornais. Interessantemente, o cronista que se debruçava sobre o futebol podia, igualmente, estar envolvido em outras seções do jornal, e frequentemente participava de uma gama mais ampla de atividades intelectuais, não se limitando apenas ao jornalismo²¹⁵.

Em meio à consolidação da República brasileira, o Piauí se tornou um cenário efervescente de atividades jornalísticas e culturais, particularmente em torno do futebol, um esporte que começava a se firmar como parte integral da identidade cultural do estado. Esse período foi marcado pela atuação de cronistas cujas contribuições iam muito além de meros relatos dos jogos, suas escritas adentravam os domínios da crítica social, política e cultural. Esses intelectuais, predominantemente provenientes de um estrato social elevado, eram homens dotados de uma educação distinta, em uma sociedade onde a alfabetização era limitada, conferindo-lhes não apenas prestígio, mas também influência significativa no tecido social e político do Piauí.

É importante destacar que são poucas as crônicas de futebol piauienses assinadas por seus autores, e quando o faziam, geralmente usavam um pseudônimo. Conjectura-se que o uso de pseudônimos se dá, entre outras razões, por permitir ao cronista escrever com maior liberdade e assim evitar represálias de clubes, jogadores e torcedores. Isso era especialmente importante em contextos de forte rivalidade esportiva, onde críticas diretas poderiam resultar em conflitos pessoais ou profissionais. Além disso, pseudônimos ajudavam a manter a privacidade do autor, separando sua vida profissional da pessoal. Em alguns casos, pseudônimos eram usados para evitar censura ou perseguição política, permitindo que o cronista continuasse a expressar suas opiniões sem medo de represálias diretas. No entanto, para tentar compreender quem eram os cronistas desses relatos futebolísticos, procuraremos

²¹⁵ ANTUNES, 2004, p. 20.

identificar, por meio das publicações em jornais que cobriam o futebol no Piauí, os nomes dos redatores e diretores responsáveis.

Entre os redatores e diretores dos jornais, havia uma parte significativa de intelectuais piauienses²¹⁶ que estudou na Faculdade de Direito de Recife, e depois retornou a sua terra natal, passando a ser voz ativa na imprensa e na política. A Faculdade de Direito do Recife foi um exclusivo centro de ensino jurídico na região até o início dos anos 1890, que atraía estudantes de direito de diversas partes do norte do país, tornando-se um núcleo de formação de importantes juristas, como Sílvio Romero, Tobias Barreto e Clóvis Beviláqua²¹⁷. Segundo Costa, esses bacharéis “tinham ideias baseadas no positivismo e na maçonaria. Na ocasião, representavam as forças renovadas contra o clericalismo dominante, com base na igreja católica. Apesar de tentarem modernizar a gestão pública, eles acabaram representando as elites tradicionais”²¹⁸. Esses intelectuais eram figuras proeminentes tanto na política quanto na literatura, destacando-se nomes como Jônatas Batista, Miguel de Paiva Rosa, Mário José Batista, Elias Martins, Abdias da Costa Neves, Edison da Paz Cunha, Gayoso e Almendra, Baurélio Mangabeira, Antônio Prado de Moura, João Beleza e Diógenes de Mello Filho, entre outros. Eles colaboravam principalmente nos periódicos de Teresina, escrevendo tanto crônicas sobre futebol quanto artigos sobre cultura, política e sociedade.

Jônatas Batista exemplifica bem a interseção multifacetada entre jornalismo cultural e outras esferas, além de cronista, destacou-se como dramaturgo, jornalista e poeta. Ele também foi um dos fundadores da Academia Piauiense de Letras e desempenhou papéis importantes como diretor e proprietário do jornal *O Nordeste*. Por outro lado, Miguel de Paiva Rosa, formado em direito, trilhou um caminho profissional que o levou tanto à imprensa quanto à política, culminando em sua atuação como governador do estado do Piauí durante um período turbulento, marcado pela Primeira Guerra Mundial e pela devastadora seca de 1915. Outra figura de destaque, Mário José Batista, além de sua contribuição ao *Jornal de Notícias*, possuía uma sólida formação em direito pela Faculdade de Direito do Recife, tendo exercido cargos como vice-prefeito de Teresina, deputado estadual e membro da Diretoria Regional de Geografia do Piauí.

²¹⁶ Havia ainda uma pequena parcela de intelectuais com formação em engenharia e medicina, que juntamente com o direito formavam os três cursos mais procurados pela elite brasileira.

²¹⁷ AVELINO, Jarbas Gomes Machado. As escritas dos bacharéis: *a ciência e o direito como mediadores para a construção de uma sociedade republicana*. 2010. 193 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010, p. 11.

²¹⁸ COSTA, Nelson Nery. O Piauí na primeira metade do século XX. In: COSTA, Nelson Nery. *História piauiense: aventura, sonho e cultura*. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2018.

Elias Martins, com laços estreitos com os círculos clericais da sociedade, era conhecido por sua abordagem conservadora em seus textos, na qual valorizava tradições e costumes. Abdias da Costa Neves, ocupando posições de juiz e senador, destacou-se como um dos fundadores do jornal *A Pátria* e contribuiu para vários outros periódicos, incluindo o influente *Jornal de Notícias*. Edison da Paz Cunha, influenciado pelo pensamento filosófico de Tobias Barreto e Silvio Romero, fez carreira no ensino, na advocacia e no jornalismo, com trabalhos notáveis publicados no jornal *Chapada do Corisco*. Por outro lado, Heitor Castelo Branco e Baurélio Mangabeira enriqueceram a imprensa com uma combinação de humor e crítica social. Castelo Branco, em particular, desempenhou um papel significativo na imprensa de Teresina como diretor do jornal político e informativo *Reação*.

Antônio de Prado de Moura marcou sua presença no cenário jornalístico como proprietário do jornal *O Arrebol*, lançado em 1914, que se destacava por um conteúdo literário, independente e informativo. Diógenes de Mello Filho, por sua vez, foi uma figura marcante, atuando como diretor do reconhecido periódico *A Imprensa*. Manoel Lopes, Lívio Castelo Branco e João Beleza emergiram como pilares da imprensa local, oferecendo análises e comentários que transcendiam o universo esportivo para abordar aspectos mais amplos da sociedade piauiense. Adicionando-se a esses escritores, dois conhecidos pseudônimos: Calixto e Lagreca, que se destacaram especialmente nas colunas sociais dedicadas ao futebol piauiense, notabilizando-se pela riqueza de detalhes em suas crônicas esportivas. Assim, fica evidente o papel fundamental desses literatos na forja de uma identidade coletiva intrinsecamente conectada ao futebol.

A partir do final da década de 1910, tem-se uma passagem do texto jornalístico para a crônica social do futebol. Percebe-se, então, relatos que demonstram um detalhamento das partidas no pós-jogo, festas sociais que tinham como atração o futebol, inauguração de campos, eleições de diretoria dos clubes, premiações de melhores jogadores, críticas à atuação dos juízes e construção de estádios.

Na pesquisa sobre colunas jornalísticas, algumas se destacaram notavelmente e se integraram de forma significativa à cobertura esportiva da época. A coluna “Foot-Ball” teve uma presença marcante em publicações como os jornais *A Imprensa* e *O Momento*. Da mesma forma, “Notas Esportivas” alcançou grande popularidade nas páginas de *O Piauihy* e *O Arrebol*. “Pelo Sport”, por sua vez, ofereceu contribuições relevantes tanto para *A Imprensa* quanto para *O Arrebol*. Além dessas, “Vida Sportiva” trouxe um enriquecimento especial às edições de o

Reacção e A Imprensa, chegando inclusive a ser nome de um jornal no Rio de Janeiro na década de 1920.

Um dos pontos altos desse período foi a cobertura extensiva do confronto entre “Artístico x Theresinense”, destacada em veículos como *O Nordeste*, *O Artista* e *O Arrebol*, que sublinhou um dos embates mais intensos de Teresina. Essa atenção ressalta o valor das competições locais, demonstrando como o futebol se torna um palco para a expressão de identidades, sejam elas coletivas ou individuais. Ademais, evidencia como o esporte fortalece os vínculos de comunidade e sentimento de pertencimento entre seus seguidores.

As crônicas sobre o futebol no Piauí revelam a diversidade de registros e olhares sobre o esporte. Embora Teresina concentrasse a maior parte dessas produções, publicações de outras cidades piauienses também desempenharam um papel significativo. Periódicos do Maranhão e do Rio de Janeiro também ajudaram a projetar o futebol piauiense em um cenário mais amplo. Para ilustrar essa diversidade e destacar a amplitude das narrativas, o Quadro 2 apresenta informações sobre as publicações realizadas entre 1910 e 1940.

Quadro 2 - Publicações sobre futebol em periódicos de Parnaíba-PI, cidades do Sul do Piauí, São Luís e Rio de Janeiro (1910-1940)

Jornal	Crônica	Cidade	Autor	Ano
<i>Jornal da Tarde</i>	“O foot-ball”	São Luís	Autoria desconhecida	1910
<i>O Jornal</i>	De Tudo	São Luís	Autoria desconhecida	1916
<i>Pacotilha</i>	“Pela Lavoura”	São Luís	Autoria desconhecida	1916
<i>Pacotilha</i>	“Pelo Esporte”	São Luís	N.S	1916
<i>Pacotilha</i>	“O Sport”	São Luís	C.E. Clissold	1916
<i>Pacotilha</i>	“A Mania de Foot-Ball”	São Luís	Autoria desconhecida	1916
<i>Pacotilha</i>	“Pelo Esporte” (19 março)	São Luís	XYZ	1917
<i>Pacotilha</i>	“Pelo Esporte” (17 dez.)	São Luís	XYZ	1917
<i>Pacotilha</i>	“Pelo Esporte” (19 dez.)	São Luís	XYZ	1917
<i>Pacotilha</i>	“Pelo Esporte” (21 dez.)	São Luís	XYZ	1917
<i>Pacotilha</i>	“Pelo Esporte” (31 dez.)	São Luís	XYZ	1917
<i>Pacotilha</i>	“A Crônica Esportiva”	São Luís	Autoria desconhecida	1917
<i>Vida Sportiva</i>	“Tabela de certame de Parnahyba”	Rio de Janeiro	Autoria desconhecida	1918
<i>Pacotilha</i>	“Pelo Esporte” (2 jan.)	São Luís	XYZ	1918
<i>Pacotilha</i>	“Pelo Esporte” (4 jan.)	São Luís	XYZ	1918
<i>Pacotilha</i>	“Pelo Esporte” (5 jan.)	São Luís	XYZ	1918
<i>Pacotilha</i>	“Pelo Esporte” (7 jan.)	São Luís	XYZ	1918

<i>Pacotilha</i>	Uma festa pelo esporte (11 jan.)	São Luís	XYZ	1918
<i>Pacotilha</i>	“Parnaíba”	São Luís	Autoria desconhecida	1919
<i>O Jornal</i>	“F.A.C na Parnahyba”	São Luís	Autoria desconhecida	1920
<i>Vida Sportiva</i>	“Notas Sportivas”	Rio de Janeiro	Autoria desconhecida	1920
<i>Vida Sportiva</i>	“Do Maranhão	Rio de Janeiro	Autoria desconhecida	1920
<i>A Luz</i>	“Football”	Floriano	Autoria desconhecida	1920
<i>Pacotilha</i>	“No Piauí”	São Luís	Autoria desconhecida	1920
<i>Pacotilha</i>	“F.A.C em Parnahyba”	São Luís	Autoria desconhecida.	1920
<i>Vida Sportiva</i>	“Traços Carac. de Torcedoras” -ed. 141	Rio de Janeiro	Sportman	1920
<i>Vida Sportiva</i>	“Traços Carac. de Torcedoras” -ed. 144	Rio de Janeiro	Sportman	1920
<i>Vida Sportiva</i>	“Traços Carac. de Torcedoras” -ed. 147	Rio de Janeiro	Sportman	1920
<i>Vida Sportiva</i>	“Traços Carac. de Torcedoras” -ed. 157	Rio de Janeiro	Sportman	1920
<i>Vida Sportiva</i>	“Traços Carac. de Torcedoras” -ed. 158	Rio de Janeiro	Sportman	1920
<i>Vida Sportiva</i>	“Traços Carac. de Torcedoras” -ed.157	Rio de Janeiro	Sportman	1920
<i>Vida Sportiva</i>	“Traços Carac. de Torcedoras” -ed. 164	Rio de Janeiro	Sportman	1920
<i>Vida Sportiva</i>	“Traços Carac. de Torcedoras” -ed. 175	Rio de Janeiro	Sportman	1920
<i>Vida Sportiva</i>	“Os Sportman Benjamin Furtado [...]”	Rio de Janeiro	Autoria desconhecida	1920
<i>Vida Sportiva</i>	“O Foot-Ball no Piauí”	Rio de Janeiro	Autoria desconhecida	1920
<i>Vida Sportiva</i>	“O F.A.C em Panahyba”	Rio de Janeiro	Elle	1921
<i>Diário de São Luiz</i>	“Mais uma Liga Confederada”	São Luís	Autoria desconhecida	1921
<i>O Artista</i>	“O Trabalho”	Parnaíba	Autoria desconhecida	1922
<i>Cidade de Amarante</i>	“Sportivas”	Amarante	Autoria desconhecida	1922
<i>Almanack de Oeiras</i>	“O nosso primeiro Centenário”	Oeiras	Autoria desconhecida	1923
<i>Diário de São Luiz</i>	“Vida Desportiva” (1 jan.)	São Luís	Autoria desconhecida	1923
<i>Diário de São Luiz</i>	“Vida Desportiva” (5 jan.)	São Luís	Autoria desconhecida	1923
<i>Diário de São Luiz</i>	“Vida Desportiva (8 jan.)	São Luís	Autoria desconhecida	1923
<i>Diário de São Luiz</i>	“Vida Desportiva” (9 jan.)	São Luís	Autoria desconhecida	1923

<i>Diário de São Luiz</i>	“Vida Desportiva” (10 jan.)	São Luís	Autoria desconhecida	1923
<i>Diário de São Luiz</i>	“Vida Desportiva” (11 jan.)	São Luís	Autoria desconhecida	1923
<i>Diário de São Luiz</i>	“Vida Desportiva” (12 jan.)	São Luís	Autoria desconhecida	1923
<i>Diário de São Luiz</i>	“Vida Desportiva” (13 jan.)	São Luís	Autoria desconhecida	1923
<i>Diário de São Luiz</i>	“O Luso em Parnahyba” (15 jan.)	São Luís	Autoria desconhecida	1923
<i>Diário de São Luiz</i>	“O Luso em Parnahyba” (18 jan.)	São Luís	Autoria desconhecida	1923
<i>Diário de São Luiz</i>	“O Luso em Parnahyba” (20 jan.)	São Luís	Autoria desconhecida	1923
<i>Diário de São Luiz</i>	“Pelo Piauíhy”	São Luís	Autoria desconhecida	1924
<i>Almanack da Parnahyba</i>	“Campo do Internacional”	Parnaíba	Autoria desconhecida	1925
Folha do Povo	“O Piauíhy não deve ser excluído”	São Luís	Autoria desconhecida	1925
Aviso	“Notícia: Jogo de Foot-Ball”	Picos	Autoria desconhecida	1926
<i>Almanack da Parnahyba</i>	“Parnahyba Sport Club”	Parnaíba	Autoria desconhecida	1926
<i>Almanack da Parnahyba</i>	“Progressos”	Parnaíba	Lívio Castello Branco	1927
<i>Almanack da Parnahyba</i>	“Elogio de Jonas da Silva”	Parnaíba	Autoria desconhecida	1927
<i>O Imparcial</i>	“Parnahyba x Luso Brasileiro”	São Luís	Autoria desconhecida	1927
<i>O Imparcial</i>	“Embaixada do Syrio Brasileiro [...]”	São Luís	Autoria desconhecida	1930
<i>Sport Illustrado</i>	“Esquadrão do Luna Sport Club [...]”	Rio de Janeiro	Autoria desconhecida	1940
<i>Sport Illustrado</i>	“Internacional Board”	Rio de Janeiro	Autoria desconhecida	1940
<i>Globo Sportivo</i>	“Football nos Estados”	Rio de Janeiro	Autoria desconhecida	1940

Fonte: Compilação dos dados captados pelo autor nos órgãos de imprensa oficiais e jornais independentes da capital.

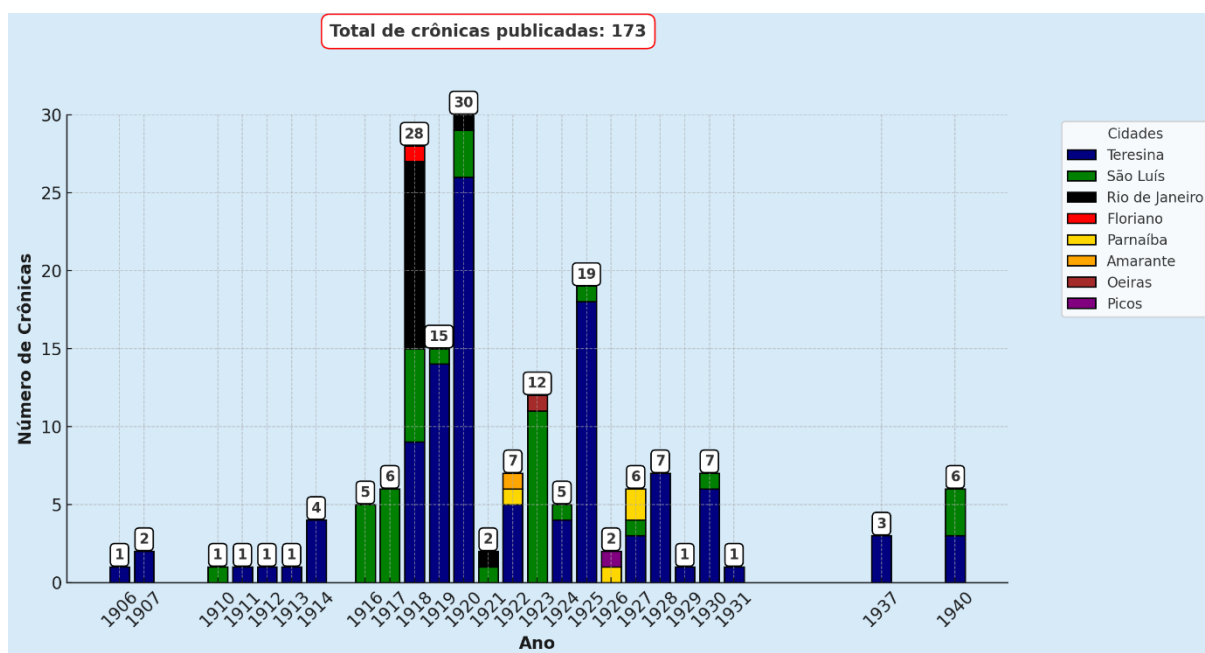
Os dados compilados pelo autor a partir de órgãos oficiais e jornais independentes ressaltam o papel dos periódicos piauienses e de outras capitais na construção das narrativas futebolísticas no estado. O *Almanack da Parnahyba*, por exemplo, destacou-se como um importante veículo local, superando os limites da capital e reforçando o interesse pelas narrativas esportivas da região litorânea. Essas crônicas detalhavam rivalidades e interações entre clubes de Parnaíba, como Parnahyba e Internacional, além de associações com times de fora do estado, evidenciando o dinamismo esportivo dessa cidade. Floriano, Amarante, Oeiras

e Picos também participaram da construção da identidade futebolística do estado, ainda que com um número reduzido de crônicas.

Jornais de outras capitais também desempenharam um papel importante na difusão do futebol piauiense. Publicações de São Luís, como *Pacotilha*, *Diário de São Luiz*, *O Imparcial*, *O Jornal*, *Folha do Povo* e *o Jornal da Tarde*, destacavam frequentemente as interações esportivas entre o Piauí e o Maranhão, onde os confrontos interestaduais eram mais recorrentes. No Rio de Janeiro, periódicos como *Sport Ilustrado*, *Vida Sportiva* e *Globo Sportivo* deram maior visibilidade ao futebol piauiense, inserindo-o nas discussões esportivas do Sul e Sudeste. O interesse dos jornais cariocas pode ser entendido como parte de um esforço para registrar e promover práticas esportivas de diferentes regiões do Brasil, evidenciando o crescente protagonismo do futebol como fenômeno social e cultural.

Em contraste com a cobertura anteriormente analisada de Teresina, que se concentrava principalmente no cenário futebolístico interno da cidade, o futebol em Parnaíba é apresentado com uma abordagem mais ampla e diversificada. Essa característica foi, em parte, influenciada pela presença cultural britânica, visível em estabelecimentos como a Casa Inglesa e a *Both-Line*, que fomentavam um intercâmbio cultural e esportivo mais expressivo. A interação com Maranhão, Rio de Janeiro, Ceará e Pará reforçava essa dinâmica, conectando o futebol local ao cenário nacional.

Nesse contexto, as crônicas sociais futebolísticas emergiram como uma importante forma de registrar e interpretar essas transformações no cenário esportivo do Piauí. Compreender a trajetória dessas crônicas exige analisar sua evolução e frequência de publicação. A representação a seguir ilustra bem essa dinâmica ao longo de um período significativo, de 1906 a 1940, evidenciando as flutuações na quantidade de crônicas divulgadas.

Gráfico 1 - Evolução das crônicas sociais futebolísticas no Piauí (1906-1940)

Fonte: Elaborado pelo autor, por meio de dados captados nos órgãos de imprensa oficiais e jornais independentes.

O gráfico revela uma variação expressiva na quantidade de crônicas esportivas publicadas ao longo das décadas, com um pico em 1920, quando foram registradas 42 publicações. Nos anos seguintes, a variação no número de registros sugere que a cobertura jornalística esteve sujeita a fatores como a organização do calendário esportivo, a estrutura dos periódicos e a demanda dos leitores. A interiorização do futebol também se reflete na diversificação geográfica das crônicas, com registros em São Luís, Rio de Janeiro e cidades piauienses além da capital, evidenciando que o esporte ganhava alcance para além do circuito local. A trajetória do futebol piauiense na imprensa não seguiu um curso linear, mas foi marcada por momentos de ampla visibilidade e fases de retração. Ainda assim, a permanência das crônicas ao longo de mais de três décadas demonstra que o esporte se enraizou no imaginário social, tornando-se parte do cotidiano e das representações da modernidade urbana no estado.

A maior presença do futebol na imprensa piauiense acompanhou um movimento nacional de valorização do esporte. Enquanto, no Piauí, as crônicas consolidavam o futebol como parte do cotidiano urbano, 1920 foi um ano decisivo para sua afirmação em nível nacional. A estreia do Brasil na cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Antuérpia, a conquista da primeira medalha olímpica e a realização do primeiro campeonato brasileiro interestadual de futebol ilustram a crescente projeção da modalidade. Esses eventos reforçaram a presença do futebol nos jornais, que passaram a dedicar mais espaço ao esporte, ampliando sua influência na vida social e no imaginário coletivo. Sérgio Miceli observa que, nesse período,

temas antes periféricos começaram a disputar espaço com os acontecimentos políticos nos jornais, e o futebol passou a emergir gradativamente no discurso público, refletindo sua ascensão como parte das transformações culturais e sociais em curso²¹⁹.

As crônicas passaram a refletir as paixões, rivalidades e aspirações dos torcedores. O significativo aumento na cobertura do futebol pela imprensa do Piauí reflete uma dinâmica bidirecional: a paixão dos piauienses pelo futebol provocou um interesse jornalístico mais apurado por esse esporte, que, por sua vez, impulsionou ainda mais a popularidade e a prática do futebol entre a população. Essa interação revela como a atenção dedicada ao futebol nos meios de comunicação não somente respondeu ao entusiasmo do público, mas também alimentou esse fervor. Nesse cenário, as crônicas emergem como um espaço vital de “diálogo” entre autor e leitor e, conforme Bourdieu & Darbel apontam, uma obra literária é reconstruída tanto pela visão do criador quanto pela interpretação do público, refletindo o contexto social do qual o leitor faz parte²²⁰. Assim, além de ser uma representação da realidade esportiva, a crônica futebolística se consolida como um elemento-chave na formação e expressão da identidade cultural coletiva, atuando como um veículo através do qual as narrativas e paixões comunitárias são expressas, moldadas e ressignificadas.

Até a década de 1930, o Piauí experimentou um crescimento considerável no surgimento de jornais, como pode ser observado nas publicações de diversas crônicas futebolísticas, em dezenas de periódicos. Esse fenômeno pode ser atribuído a vários fatores históricos e sociais. Em primeiro lugar, havia uma necessidade crescente de expressão local e representação. Em regiões como o Piauí, cidades como Teresina e Parnaíba possuíam uma elite intelectual que demandava uma imprensa que refletisse seus interesses. Além disso, esses jornais emergiam como meios importantes para a disseminação de ideias e informações, oferecendo uma plataforma para intelectuais, poetas e escritores que buscavam espaço para divulgar suas produções e opiniões.

Outro fator crucial foi a falta de profissionalização no jornalismo piauiense. Conforme relatado por Anísio Brito em 1935, o jornalismo na região não tinha uma tradição de formação de profissionais consolidados, tanto na monarquia quanto na república. Muitos jornais eram iniciativas individuais ou coletivas de pequenos grupos que buscavam preencher lacunas de comunicação por razões políticas, sociais ou literárias. Esses periódicos eram produzidos de maneira artesanal, com os proprietários assumindo várias funções, desde a redação até a

²¹⁹ MICELI, S. *Poder, sexo e letras na República Velha*. São Paulo: Perspectivas, 1977, p. 46.

²²⁰ BOURDIEU, P.; DARBEL, A. A. *O amor pela arte – os museus de arte na Europa e seu público*. São Paulo: Edusp, 2003, p. 76.

distribuição, o que facilitava a criação e circulação de novos jornais de maneira relativamente rápida e barata²²¹.

Antes da instauração do Estado Novo, o cenário político brasileiro, apesar de suas limitações, oferecia maior liberdade de expressão, o que fomentava uma intensa atividade política. Nas décadas de 1910 e 1920, o Piauí viveu uma fase próspera para a literatura e o jornalismo, com a participação ativa de políticos, escritores e literatos. Entre 1920 e 1924, durante o governo de João Luís Ferreira, houve um fortalecimento dos laços entre o governo e os intelectuais, que discutiam os problemas do estado e contribuía para o enriquecimento da imprensa local. Diversos partidos e grupos sociais utilizavam os jornais como ferramentas para influenciar a opinião pública e promover suas agendas, resultando em uma imprensa efêmera, com periódicos que surgiam e desapareciam conforme as necessidades políticas. No entanto, com a chegada da década de 1930, e especialmente após a instauração do Estado Novo em 1937, houve uma retração significativa no número de jornais no Piauí. Esse declínio ocorreu principalmente devido à centralização do controle estatal sobre os meios de comunicação e à imposição de uma censura rigorosa pelo governo de Getúlio Vargas, que restringiu a liberdade de imprensa e dificultou a sobrevivência de jornais pequenos e independentes, incapazes de enfrentar a repressão política e a falta de recursos.

Além disso, os investimentos em jornais oficiais e a criação de assessorias de imprensa por órgãos governamentais e privados diminuíram a necessidade de uma imprensa diversificada e independente. Outro fator crucial foi o racionamento de papel durante a Segunda Guerra Mundial, que elevou os custos de produção e inviabilizou financeiramente muitos pequenos jornais. Sem acesso ao papel e incapazes de competir com os jornais maiores, muitos periódicos locais desapareceram.

2.3 A imprensa esportiva e a linguagem do futebol

O futebol se popularizou de tal forma pelo mundo, que muitos acreditam que essa extraordinária paixão do torcedor pelo esporte se deu pela simplicidade de suas regras, passíveis de serem apreendidas pela grande massa da população. Seria, segundo Fátima Antunes, “de fácil assimilação”, podendo “ser praticado de improviso, com qualquer número de jogadores, mesmo com desnível de idades”, e “jogado ao ar livre, com bolas de meia, de papel, de

²²¹ PINHEIRO FILHO, Celso. *História da imprensa no Piauí*. Teresina: Halley, 1997, p. 195.

borracha”²²². A universalização de suas regras, difundida pela entidade inglesa *International Football Association Board*, ainda em 1863, facilitou sua propagação por diversos países europeus e sul-americanos e, em poucas décadas de existência, as crônicas futebolísticas passam do quase anonimato para concorrer com as principais notícias políticas e policiais nas páginas dos periódicos.

Até meados da década de 1910, a maioria das partidas de futebol no Piauí era disputada em praças, funcionando como grandes eventos sociais que reuniam membros das classes mais abastadas. Esse cenário de uma sociabilidade urbana que atraía um público elegante é retratado por Lopes nos seus estudos sobre os times do Rio de Janeiro e São Paulo, ao informar que “os clubes acabavam sendo um lugar urbano de sociabilidade onde se prolongavam, através das atividades físicas e esportivas ou assistência a elas, os salões e saraus, reunindo as famílias dominantes dos sobrados do início de século naquelas cidades”²²³.

Embora a escrita do futebol tenha passado pelas penas de alguns literatos, a imprensa esportiva produz seus próprios especialistas, tendo o exemplo mais conhecido, em Teresina, o de Jônatas Batista – produtor intelectual do futebol, sócio e orador oficial de diversos clubes na capital. Em 1918, Batista, atuando como uma espécie de “escriba moderno”, faz o discurso de inauguração do campo do Artístico Foot-Ball Club, onde exerce sua linguagem autorizada, exaltando a presença da “boa família” no evento esportivo:

[...] em nome da sociedade que hoje se inaugura [A.F.C.], sob os melhores auspícios, [queria] agradecer [...] a presença nesta festa, não somente das altas autoridades que aqui se encontram, mas ainda, e muito especialmente, a presença da família teresinense, sempre pronta a estimular, com a sua simpatia os esforços dos contemporâneos que tanto se esforçam pelo progresso e adiantamento de nossa terra²²⁴.

Como observado acima, a participação em eventos esportivos estendia-se para além da proeminente família piauiense, incluindo também a presença frequente de autoridades políticas nessas celebrações. Essas personalidades políticas mantinham a tradição de oferecer “joias” como prêmios em partidas comemorativas e campeonatos, especialmente na capital. O jornal *O Arrebol* de Teresina desempenhou um papel informativo muito importante ao relatar uma série desses eventos, destacando a “generosidade” dos governadores do Piauí ao premiar as

²²² ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. “Com brasileiro, não há quem possa”: crônicas de futebol e identidade nacional. 1999. 250 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999, p. 16.

²²³ LOPES, José Sérgio Leite. Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro. In: BATALHA, Claudio H. M.; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre (org.). *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Unicamp, 2004, p. 126.

²²⁴ BATISTA, Jônatas. Discurso. *O Artista*, Teresina, 22 set., 1918, ano 1, n. 1, p. 2.

competições. A título de exemplo, em 1919, durante o confronto entre as equipes Artístico e Theresinense, o jornal noticiou a doação de um donativo por Eurípides Clementino de Aguiar, relatando que “[...] encontram-se domingo último, no campo deste, esses dois valentes clubes esportivos, os quais foram disputar uma rica medalha de ouro que o Dr. Governador ofereceu para tal fim”²²⁵.

Em 1924, o mesmo periódico, na seção “Notas Sportivas”, divulgou a contribuição do governador Matias Olímpio de Melo: “Domingo próximo, 12, será disputada em match amistoso, no *ground* do Quartel do 25º BC, a artística taça ‘Mathias Olympio’, oferta do digníssimo sr. Governador do Estado, entre os valorosos, os times do ‘América’ e ‘Artístico’”²²⁶. Dessa forma, a prática comum de doação de joias, taças e medalhas por diversos governadores em eventos esportivos representava não apenas uma acumulação de capital econômico para o clube vencedor, mas também a consagração de suas atividades, estabelecendo assim uma interconexão entre a esfera esportiva e a política na época.

Pouco a pouco, o futebol vai ganhando mais adeptos no estado piauiense. A *práxis* do esporte acaba extrapolando o ambiente do campo e o futebol emerge como assunto quase que obrigatório em diversos segmentos da sociedade. Já em suas primeiras décadas de existência, torna-se comum a publicação de sessões solenes para a fundação dos clubes, protestos, discursos em inauguração de campos, homenagens a grandes personalidades, eventos sociais na casa de dirigentes e concursos para escolha dos melhores jogadores dos campeonatos. A título de exemplo, em 1918, o *Jornal de Notícias* de Teresina divulgou a inauguração do “Theresinense Athletic Club”, com uma grande cerimônia esportiva:

Realizar-se-á hoje, as 4 horas da tarde, a inauguração solene do “Theresinense Athletic Club”, que apesar de sua recente fundação tem sabido angariar a simpatia do público teresinense. A festa constará de um animado match entre as valorosas equipes Corisco x Palmeiras. A luta será renhida, dado o valor dos jogadores que compõem os simpáticos *teams*. Não podemos avaliar de já, a quem cabe a vitória. Medeiros e Pompom, os valorosos jogadores do Palmeiras, prometem prodígios, enquanto os denodados players do Corisco, calmos, firmes e resolutos, asseguram a sua vitória, e confiantes no seu excelente *center-half* Arthur, prometem delícias e prazeres, que de certo atrairão a atenção das nossas torcedoras, formando assim a sua corrente de partidárias. Tocarà durante o animado festival a banda de música do Corpo Militar da Polícia. A Diretoria do T.A.C., convida, por nosso intermédio o público e as exmas. famílias teresinenses, para assistirem à magnífica festa esportiva, que terá lugar na praça Saraiva²²⁷.

²²⁵ ARTÍSTICO versus Theresinense. *O Arrebol*, Teresina, 19 out. 1919, ano 5, n. 42, p. 5.

²²⁶ NOTAS Sportivas. *O Arrebol*, Teresina, 9 out. 1924, ano 10, n. 66, p. 2.

²²⁷ FESTIVAL Sportivo. *Jornal de Notícias*, Teresina, 2 jun. 1918, ano 1, n. 42, p. 2.

Além do esporte em si, havia a presença da banda de música do Corpo Militar da Polícia durante o festival, ressaltando a importância cultural do evento. A escolha estratégica da praça Saraiva como local da festa sugere uma intenção específica de envolver ativamente o público e as famílias teresinenses na celebração.

Datada de 1918, a coluna social do *Jornal de Notícias* representa um estilo característico das crônicas futebolísticas da época, marcado por uma linguagem específica e própria. O uso de termos como “inauguração solene”, “animado *match*” e a descrição dos jogadores como “valerosos” e “denodados” contribuem para a atmosfera festiva e entusiástica do anúncio. Esse estilo não apenas cumpre o propósito prático de informar sobre o evento, como também concorre para a construção de uma narrativa que vai além do simples acontecimento esportivo, integrando-se à identidade social e cultural dos piauienses.

No contexto da inauguração da equipe, as solenidades de comemoração prosseguiram com a escolha dos dirigentes, culminando em uma grande festa. Esse evento não apenas representou a consolidação da equipe no cenário esportivo estadual, como evidenciou o comprometimento do clube com o panorama esportivo local. A celebração, marcada por festividades e rituais, contribuiu para fortalecer os laços entre o clube e a comunidade, consolidando sua presença e influência na esfera esportiva do estado:

Realizar-se-á, amanhã, na residência do dr. Edison Cunha animada e concorrida *soirée* dançante, cujo fim será empossar solenemente a nova diretoria a essa conceituada associação esportiva, eleita em sessão ordinária de 4 do corrente. A nova diretoria acima referida, à qual serão entregues os destinos do T.A.C. ficou assim constituída: Presidente - Jonathas Baptista; vice-presidente - dr. Elias de Oliveira e Silan. [...], capitaim geral - Gerson Miranda²²⁸.

O anúncio da cerimônia de posse solene da nova diretoria do *Theresinense Athletic Club* (T.A.C.) destaca a relevância atribuída a esse evento específico. A descrição do evento como um “animado e concorrido *soirée* dançante” oferece uma perspectiva mais abrangente sobre a cerimônia, que vai além da simples formalidade da posse. O uso de termos como “animado” e “concorrido” sugere não apenas um encontro administrativo, mas também um ambiente de sociabilidade.

Ao ser realizado na residência do Dr. Edison Cunha, o evento ganha uma dimensão pessoal e intimista, evidenciando o papel central do anfitrião na celebração. A combinação da formalidade da posse solene com a atmosfera festiva da “*soirée* dançante” reforça uma

²²⁸ THERESINENSE Athletic Club. *O Nordeste*, Teresina, 10 abr. 1920, ano 1, n. 20, p. 2.

abordagem multifacetada do evento. Não é apenas um ato administrativo, mas também uma oportunidade para se reunir, socializar e celebrar a continuidade do *Theresinense Athletic Club*. Essa dualidade de propósitos, demonstrada na formalidade do anúncio e na descrição festiva do evento, aponta para uma perspectiva abrangente na condução dos assuntos associativos.

No interior do estado, o mesmo entusiasmo era percebido com a criação de diversas equipes. Em 1923, nas festas de 7 de setembro, a inauguração do clube *Ipiranga* em Oeiras foi um dos grandes destaques das festividades de Independência:

[...] Aqui também, em nossa velha Oeiras, não passou despercebido o grandioso evento, por isso que foi ele comemorado condignamente, havendo diversas festas, entre as quais a inauguração solene do *Ipiranga Foot-ball Club*, missa campal realizada da praça Matriz, parada infantil [...] ²²⁹.

A menção a diversas festas, além da inauguração solene do *Ipiranga Foot-ball Club*, enfatiza a amplitude das celebrações, indicando uma mobilização social em torno do evento esportivo. A realização de uma missa campal na praça Matriz e a parada infantil mostram a diversidade de atividades que compunham as festividades, incorporando elementos religiosos e eventos para as crianças. Esses detalhes revelam a inserção do clube esportivo na cultura local e a sua importância no contexto das festividades de Independência. Assim, o cronista evidencia não apenas o surgimento do *Ipiranga Foot-ball Club* como um acontecimento notável, mas também a sua integração nas celebrações cívicas e culturais da comunidade em Oeiras.

Em Floriano, o futebol continuou a exercer seu fascínio, envolvendo a comunidade com sua paixão pelo esporte. No dia 5 de novembro de 1925, durante a homenagem ao Dr. José de Abreu, um emocionante jogo de futebol foi promovido como ponto alto do evento:

Foi uma verdadeira apoteose a homenagem feita ao dr. José de Abreu. Houve animado jogo de Foot ball, durante o qual, em nome da classe o operário Costa Rosal saudou-o, manifestando a admiração e simpatia que o operariado consagra ao jovem patricio. Este agradeceu em inspiradas palavras. Terminando o jogo, formou-se imponente cortejo com cerca de mil pessoas de todas as classes sociais ²³⁰.

Nesse contexto, o jogo não se limita a ser uma simples parte do evento, mas uma manifestação que contribui significativamente para a intensidade e significado da celebração. O futebol, portanto, é percebido como um componente central e dinâmico desse momento festivo. A saudação feita pelo operário Costa Rosal durante o jogo ressalta sua capacidade de

²²⁹ O NOSSO primeiro centenário. *Almanack de Oeiras*, Oeiras, 1923, p. 13-14.

²³⁰ O DR. JOSÉ de Abreu em Floriano. *A Imprensa*, Teresina, 5 nov. 1925, p. 4.

servir como meio de expressão social e reconhecimento, ao declarar a admiração do operariado pelo Dr. José de Abreu. Esses momentos mostram como o futebol opera como espaço de interação simbólica e construção de vínculos sociais, consolidando sua função integradora.

Esse potencial se amplia no encerramento do jogo em Floriano, com um cortejo reunindo mil pessoas de diferentes classes sociais, ilustrando o futebol como espaço de “circularidade cultural”²³¹. Conforme Ginzburg, essa circularidade expressa o fluxo contínuo entre padrões de linguagem e comportamentos da elite e das camadas populares, que não devem ser vistos como esferas separadas ou rígidas, mas como dimensões em constante interação. Nesse ciclo de trocas, práticas e valores circulam de forma dinâmica, permitindo que elementos considerados de elite sejam apropriados, reinterpretados e ressignificados pelas camadas populares, e vice-versa. Assim, o futebol se configura como um campo privilegiado de trocas culturais, promovendo laços sociais e consolidando momentos de partilha que enriquecem a vivência coletiva em Floriano.

Aos poucos, o futebol transcende sua função inicial como extensão dos eventos sociais e ganha autonomia como tema recorrente nas esferas públicas e privadas da sociedade piauiense, desde conversas cotidianas até festas glamourosas promovidas pelas elites locais. A imprensa teresinense desempenha papel fundamental nesse processo, popularizando o esporte e reafirmando sua relevância cultural. Em *Teresina Moderna e Civilizada*²³², relato um exemplo marcante dessa interação: em junho de 1919, o jornal *Piauhy* organizou um concurso esportivo para eleger o melhor *sportman* da capital, reforçando o papel do futebol como elemento de integração social e de destaque na cultura piauiense:

Como esperávamos, foi coroado do maior sucesso o nosso primeiro concurso esportivo, que empolgou todas as nossas classes sociais. A classe numerosa dos torcedores e torcedoras, então acompanhava com interesse as oscilações das votações que íamos publicando, e por toda parte, na cidade, era ele assunto obrigatório de conversação, nas oficinas, como nos quartéis, no cinema, como nas festas chics do nosso *grand-monde* social.

Veio ele demonstrar que o *foot-ball* entre nós já está consagrado, entrando triunfalmente nos nossos costumes. É isso, portanto, motivo de estímulo para os clubes existentes em Teresina, razão para que continuem a vencer²³³.

²³¹ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

²³² BARROS, 2021.

²³³ O SUCESSO do nosso concurso esportivo. *Piauhy*, Teresina, 1919, ano 30, n. 290, p. 1.



Figura 15 - Time do Theresinense Athletic Club
 Fonte: Severino Filho (acervo pessoal).

A crescente influência da imprensa e dos registros visuais no futebol piauiense revela o papel central que esses recursos desempenham na construção da memória e da cultura local. Dessa forma, é essencial entender como imagens e documentos visuais podem ser utilizados como evidências históricas. No livro *Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica*²³⁴, Peter Burke investiga essa relevância das imagens no campo da história. Ele defende que, ao serem analisadas com rigor crítico, elas podem ser tão reveladoras quanto textos ou testemunhos orais, permitindo aos historiadores acessar aspectos sociais, culturais e políticos muitas vezes ausentes nas fontes escritas. Burke, contudo, alerta para a necessidade de considerar o contexto de produção e as intenções dos criadores para evitar interpretações equivocadas. Assim, ele propõe que o estudo das imagens seja realizado com o mesmo cuidado dispensado à análise textual, destacando a importância de cruzar diferentes tipos de fontes para uma compreensão mais completa dos eventos históricos.

²³⁴ BURKE, Peter. *Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica*; traduzido por Vera Maria Xavier dos Santos; São Paulo: Editora Unesp, 2017.

Esse princípio de análise aplicado à fotografia do Theresinense Athletic Club revela mais que um grupo de esportistas vencedores, destaca o reconhecimento do talento de José de Abreu, celebrado pelo jornal *O Piauí*. O processo de votação para eleger o melhor jogador, ancorado no envolvimento comunitário, transformou o evento esportivo em uma vivência compartilhada, refletindo o futebol como parte inerente dos costumes e da cultura de Teresina. O entusiasmo duradouro pelo esporte na cidade, impulsionado pela competição entre os clubes e pelos concursos populares, confirma o futebol como um elemento fundamental da identidade local.

Nesse contexto, o concurso esportivo contribuiu para a construção de uma identidade esportiva teresinense, que procurava colocar em evidência “[...] o apreciado jogo de foot-ball, em nosso meio [...]”, estimulando e animando os rapazes dos diversos clubes da capital. Durante o concurso, os times deveriam indicar seu melhor jogador para concorrer ao concurso, não sendo “apurados os votos dados a jogadores, que sejam sócios de clubes de outras localidades e sim apenas votos dos *foot-ballers* teresinenses”²³⁵.

A festividade esportiva, realizada no passeio público da Praça Rio Branco, mobilizou torcedores de todas as classes sociais e contou com a presença de figuras ilustres, como o governador do Estado, Eurípides Aguiar, e o comandante do 44º Batalhão de Caçadores. A apuração do concurso, ocorrido por volta das 19 horas, foi anunciada por Pompom Martins²³⁶ e confirmou o favoritismo do jogador José de Abreu (destacado na figura 1), do *Theresinense Athletic Club*, que venceu com diferença expressiva para o segundo lugar, com um total de 1.190 votos. O segundo lugar ficou com o Sargento Moraes, 713 votos; o terceiro, com Pompom Martins, do *Theresinense*, 28 votos; o quarto, com o Sargento Brandão, do Militar, 19 votos; e o quinto, com o Sargento Melo, do Militar, 12 votos²³⁷.

A cerimônia de premiação, caracterizada pela entrega de “uma medalha de ouro, com um brilhante e outras pedras preciosas”²³⁸, evidencia a importância atribuída ao evento esportivo. A participação de “graciosas patrícias” que conduziram a premiação ao colocar “a medalha no peito de José do Abreu”²³⁹ com o discurso do orador oficial e entusiasta do futebol piauiense, Jônatas Batista, fortalecem o papel central do esporte na sociedade teresinense.

²³⁵ NOTAS Sportivas. *O Piauí*, Teresina, 27 nov. 1919, ano 33, n. 333, p. 1-2.

²³⁶ A comissão apuradora era composta por um jogador de cada time e alguns convidados especiais: Edison da Cunha, redator do *Piauí*; sargento Melo, pelo M.S.C, André Monteiro, pelo T.A.C.; Benedicto Corrêa, pelo A.F.C., e João Alfredo da Costa, que foi convidado externo.

²³⁷ O SUCESSO do nosso concurso esportivo, 1919, p. 2.

²³⁸ NOTAS Sportivas. *O Piauí*, Teresina, 27 nov. 1919, ano 33, n. 333, p. 1.

²³⁹ O SUCESSO do nosso concurso esportivo, *O Piauí*, Teresina, 1919, ano 30, n. 290, p. 2.

Em consequência, as crônicas esportivas, atuando como porta-vozes dos eventos ligados ao futebol, tornam-se instrumentos importantes na integração do esporte ao cotidiano do piauiense. Os jogos realizados aos domingos passam a fazer parte da rotina dos teresinenses, que rapidamente incorporam o futebol aos seus hábitos de lazer. A coluna do *Piauhy* expressa que “todos, vivendo na melhor harmonia, continuem a trabalhar para maior prosperidade do sport entre nós, são os nossos votos. Daqui destas colunas estaremos sempre prontos a animá-los e servi-los, no que for útil à imprensa”²⁴⁰.

No final da década de 1910, a popularização da cultura física é vivenciada em uma adesão em massa ao futebol piauiense. A fervorosa paixão pelo jogo de bretão transcende não apenas os limites do campo, mas também permeia as interações sociais e a esfera política. Em 1922, o jornal teresinense *Reacção*, sob a direção de Heitor Castelo Branco, conhecido por sua abordagem política e informativa, não se limita a relatar os fatos, ele assume um papel ativo ao organizar um jogo como forma de manifestar repúdio à agressão sofrida pelo deputado do Rio de Janeiro, Maurício de Lacerda, à mando do presidente do Brasil, Arthur Bernardes:

Devido às chuvas de quinta-feira passada não foi possível realizar-se o anunciado *meeting* de protesto contra a insólita agressão de que foi vítima, em Juiz de Fora, o ardoroso tribuno Maurício de Lacerda. Convidamos, porém, ao povo em geral, para comparecer amanhã, domingo, à praça Rio Branco, às 9 horas do dia, a fim de ser levado a efeito o referido *meeting*, na qual farão ouvir vários oradores²⁴¹.

Essa iniciativa do periódico não apenas revela o papel significativo que o esporte desempenha na expressão de posicionamentos políticos, mas também destaca a capacidade de mobilização da sociedade em torno de eventos esportivos como manifestações simbólicas. Assim, o futebol passa a ser um instrumento expressivo de posicionamentos políticos e de resistência social. A relação entre esporte, política e sociedade se desdobra em uma trama complexa, onde o jogo de bretão transcende sua natureza lúdica para se tornar uma plataforma simbólica na qual se manifestam ideias, repúdios e solidariedades.

Nesse sentido, Leite Lopes²⁴² acentua a capacidade de o futebol oferecer uma leitura apurada da sociedade, utilizando uma linguagem universal que ressoa em diferentes estratos sociais e é amplamente divulgada pela mídia esportiva. Nessa análise, enquadra-se a ideia de “justiça social”, em que somente os mais corajosos e disciplinados conseguem triunfar tanto no

²⁴⁰ O SUCESSO do nosso concurso esportivo, *O Piauhy*, Teresina, 1919, ano 30, n. 290, p. 2.

²⁴¹ MEETING. *Reacção*, Teresina, 4 fev. 1922, ano 1, n. 5, p. 1.

²⁴² LOPES, José Sérgio Leite. A vitória do futebol que incorporou a pelada – a invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro. In: *Revista USP*, nº 22, jun./jul. ago., 1994, p. 77-78.

esporte quanto na vida, estabelecendo uma forma de meritocracia, cujos fundamentos são largamente reconhecidos e disseminados. A influência significativa do futebol nas várias esferas sociais se manifesta em um apreço genuíno pelo esporte, fenômeno que, já em 1920, era reportado pelo jornal *O Nordeste*, ao evidenciar o entusiasmo em comum de patrões e empregados pela ideia de assistir às partidas de futebol na capital:

O nosso comércio – Terça-feira última a maioria do comércio de Teresina fechou, de quinze horas em diante. Mas, é bom que se saiba – fechou, não porque fosse um dia feriado, um Grande Dia da Pátria; mas, tão somente, porque a “Estímulo Caixeiral”, em boletim previamente distribuído, pediu liberdade, na tarde daquele dia, a fim de patrões e caixeiros pudessem assistir às partidas de *foot ball* que, então, se realizavam. E *foot ball*, em Teresina, é tudo mais alguma coisa e alguma coisa mais²⁴³.

A linguagem do futebol pode ser analisada com base nos ensinamentos de Roger Chartier, considerando os conceitos de representação e apropriação como ferramentas fundamentais para compreender as crônicas esportivas como prática cultural. Segundo Chartier, a representação corresponde ao modo como os homens constroem e atribuem significados ao mundo ao seu redor, moldando a realidade de acordo com interesses, posições sociais e demandas concretas. Essas representações não são universais nem neutras; ao contrário, refletem disputas simbólicas que expressam conflitos sociais e culturais. Já a apropriação, fundamentada na teoria da recepção, refere-se à maneira como os indivíduos e grupos se apoderam de discursos e os reinterpretem, atribuindo-lhes novos sentidos com base em suas experiências e contextos²⁴⁴. No caso das crônicas esportivas, os cronistas desempenham um papel crucial na criação de uma identidade coletiva para o futebol no Piauí, utilizando uma linguagem autorizada que legitima suas representações. Por sua vez, os leitores apropriam-se dessas narrativas, ressignificando-as de acordo com suas próprias vivências e perspectivas, em um processo dinâmico de construção e transformação cultural.

Nas primeiras décadas do século XX, Mário Rodrigues Filho tornou-se uma figura central na divulgação da crônica futebolística no Brasil. Desde jovem, ele viveu intensamente o mundo da imprensa esportiva carioca, começando como gerente no jornal *A Manhã*, de propriedade de seu pai. No início, Mário se dedicava às crônicas literárias, mas logo seu amor pelo futebol o levou a se especializar nas páginas esportivas. Foi nessa última função que o jornalista teve maior atuação no *O Mundo Esportivo*, *O Globo* e *A Crítica*, passando a fornecer ao público uma nova abordagem sobre as crônicas futebolísticas:

²⁴³ FORA de troça. *O Nordeste*, Teresina, 16 out. 1920, ano 1, n. 46, p. 6.

²⁴⁴ CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1990.

Desde 1910, o *Jornal do Brasil* do Rio podia eventualmente dedicar uma página a um grande jogo de futebol, mas somente depois da realização da partida e quando o público já sabia o resultado e já havia feito seus comentários. Em geral, o futebol só ocupava uma ou duas colunas de página, a preferência indo para as regatas. Esse estado das coisas caracterizava as páginas esportivas dos jornais em 1927; os repórteres esportivos ocupavam a posição mais baixa da hierarquia dos jornalistas, os que cobriam o futebol escorando seus pobres salários com as refeições que os clubes lhes ofereciam nos dias de treino. Mario Filho mudou esse estado das coisas antecipando a produção de notícias desde os treinos ou os momentos que precedem os jogos, fabricando eventos, entrevistando os jogadores ou contando suas biografias²⁴⁵.

As crônicas que antecediavam as partidas ganharam espaço na nova conjuntura do futebol, concentrando o foco no pós-jogo e em eventos preliminares. Essa mudança de perspectiva foi acompanhada por um interesse crescente do público pelas crônicas futebolísticas. Em 1927, Mário Filho introduziu recursos gráficos e fotográficos inovadores no jornal que herdara, o que possibilitou essa nova abordagem. Lopes esclarece que, nessa época, o diagramador do jornal substituiu as tradicionais fotos dos jogadores de gravata e paletó, comuns em fotografias formais, por imagens que capturavam suas ações em campo, usando a camisa e o boné dos clubes, geralmente em closes ampliados. Essas matérias, ilustradas de forma envolvente, acompanhadas por textos de eventos interessantes e grandes manchetes, contribuíram para que o futebol, mesmo ainda sendo amador, começasse a vender jornais. À medida que o futebol ganhava espaço no jornal, frequentemente em detrimento de outras seções como a de polícia ou política, a página esportiva passou a sustentar uma competição interna pela atenção dos leitores²⁴⁶.

Celso Pinheiro Filho assevera que, no Piauí, assim como em vários outros estados brasileiros, essa competição pela atenção dos leitores se manifestou na imprensa local. O futebol começou a rivalizar com notícias que tradicionalmente dominavam os jornais, como o editorialismo e o noticiário policial. Ele observa:

[...] Na imprensa atual de nosso Estado, como de vários outros Estados brasileiros ainda, além do editorialismo e noticiário, principalmente policial, predominam duas seções: a de futebol e a da crônica social. Nos grandes centros, o futebol, esporte nacional, já vem sendo objeto de jornais e revistas especializadas só nesse assunto²⁴⁷.

Em uma análise do panorama futebolístico até 1930, Celso Pinheiro Filho avalia que, apesar de a cobertura do futebol ter começado a ganhar relevância nos grandes centros urbanos, o esporte ainda não era um tema de interesse generalizado no Brasil. No Piauí, por exemplo, as

²⁴⁵ LOPES, 1994, p. 68.

²⁴⁶ LOPES, 1994, p. 68.

²⁴⁷ PINHEIRO FILHO, Celso. *História da imprensa no Piauí*. Teresina: Halley, 1997, p. 195.

notícias sobre futebol apareciam esporadicamente, muitas vezes sem análises detalhadas dos jogos locais. Pinheiro Filho observa que, “até 1930, o futebol entre nós não constituía assunto de interesse geral. [...] Os jogos dos pequenos times locais já eram anunciados, embora depois não aparecessem crônicas de apreciação dos mesmos”²⁴⁸.

Com o passar do tempo, no entanto, essa situação começou a evoluir. No final dos anos 1930 e início da década de 1940, práticas inovadoras de cobertura, inspiradas por Mário Filho no Rio de Janeiro, finalmente começaram a despontar nas cidades piauienses. Fotos em movimento e uma narrativa mais dinâmica passaram a capturar os jogadores, a atmosfera das arquibancadas, o entusiasmo do público e os momentos decisivos dos gols²⁴⁹. Isso revela que, embora as novidades na cobertura do futebol tenham começado no Rio de Janeiro há mais de dez anos, sua expansão pelo Brasil foi desigual, com cada região adotando as mudanças em seu próprio ritmo.

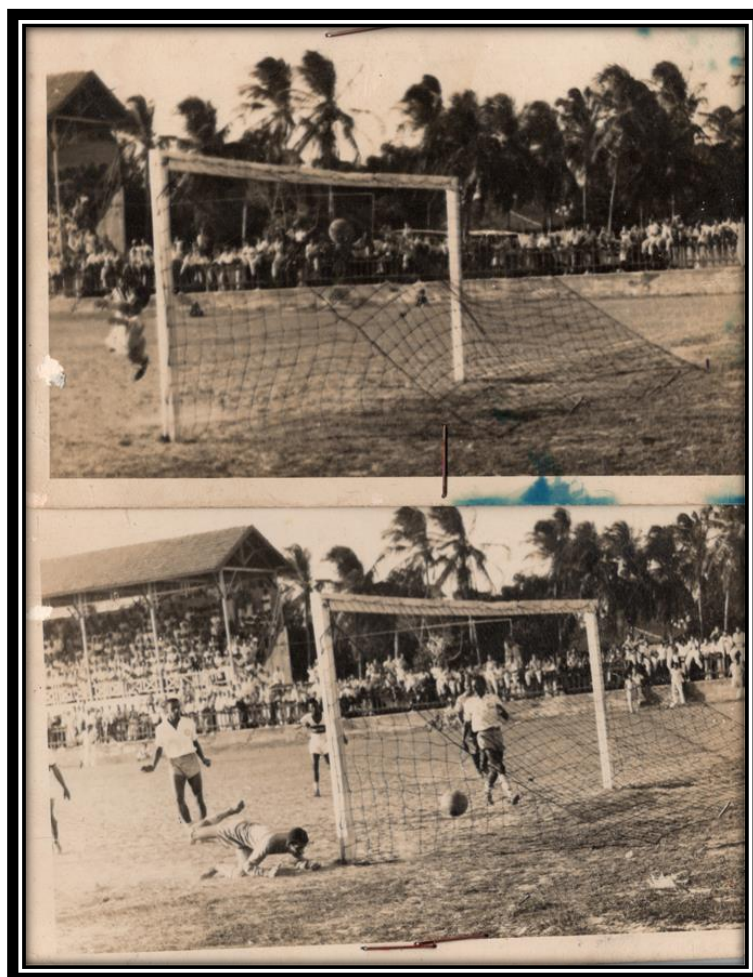


Figura 16 - Campo do Internacional
Fonte: Rafael Porto (acervo pessoal).

²⁴⁸ PINHEIRO FILHO, 1997, p. 195.

²⁴⁹ PINHEIRO FILHO, 1997, p. 195.

A imagem do campo do Parnahyba, parte importante do acervo pessoal de Rafael Porto, é muito mais do que uma simples foto de uma cena esportiva, ela é um documento histórico que nos transporta para a vida esportiva de Parnaíba após a década de 1930. A imagem captura a emoção de um jogo em andamento, mostrando a infraestrutura do campo, o entusiasmo dos torcedores e a atmosfera vibrante no momento do gol. É como se pudéssemos ouvir os gritos da torcida e sentir a euforia no ar, proporcionando uma conexão íntima com a paixão e a energia daquela época.

Antes do surgimento da primeira Liga Parnaibana de Futebol (LPF) em 1916, o futebol raramente era protagonista nas páginas dos jornais piauienses, exceto em menções aos clássicos entre Internacional e Parnahyba. A promoção desses primeiros jogos emblemáticos do futebol piauiense se dava de maneira simples e direta, com panfletos distribuídos manualmente em diversos pontos da cidade, o que reflete tanto a simplicidade quanto o entusiasmo pelo futebol naquela época. Os jogos ocorriam aos domingos, e os anúncios eram bem curtos e diretos:

Domingo todos os fiéis do Internacional.
Grande *match* entre Parnahyba e Internacional.
Os times apresentarão todos os seus *players*²⁵⁰.

Com o envolvimento mais ativo da imprensa piauiense a partir de 1916, as publicações sobre os jogos passam a ter uma maior periodicidade e a ser divididas em três grupos de notícias: aquelas publicações que antecedem os jogos, que eram curtas e informavam os nomes dos times, o local do confronto, o dia e a hora; as notícias pós-jogo, que apresentavam o resultado da partida e pequenos comentários, podendo, em alguns casos, a depender da importância da partida, mostrar uma riqueza de detalhes, relatando o que havia acontecido de mais relevante nas partidas; e, por fim, publicações diversas que iam desde eventos sociais esportivos, como inauguração dos campos de futebol, fundação de clubes, premiação de concurso esportivo, eleições das diretorias a denúncias de jogos praticados de forma inadequada nas ruas da cidade.

No primeiro grupo, a mensagem é direta e tinha como objetivo anunciar as principais partidas que ocorriam no estado. Nesse ínterim, *O Arrebol* é um dos diversos jornais piauienses que publicam essa convocação aos admiradores do futebol: “Realiza-se hoje, no *ground* do Quartel do 25 B/C, o anunciado match entre o “América” e “Artístico”, para disputa da taça “Mathias Olympio”²⁵¹.

²⁵⁰ NASCIMENTO, João Batista de Oliveira. *Parnaíba, terra do futebol*. Fortaleza: Premium, 2013, p. 227.

²⁵¹ REALIZA-SE [...]. *O Arrebol*, Teresina, 12 out. 1924, ano 10, n. 67, p. 1.

No segundo grupo, as notícias ganham alguns adjetivos, nelas, já se observam pequenos comentários dos cronistas sobre as partidas e sobre os clubes, como o apresentado em dezembro de 1920, no jornal *A Luz*, de Florianópolis:

Domingo último a família florianense assistiu por mais uma vez a uma hora de encantos. O já há dias esperado encontro do “Commercio” com o “Artístico” foi de verdade magnífico. O formidável encontro se desenrolou animado de ambas as partes. O jogo foi empate de 3x3. O “Commercio”, só não surrou, foi apenas pela grande falta de jogadores, pois quase todos não podiam jogar. Pelo ânimo que observamos nos beneméritos sócios do “Commercio”, podemos concluir que futuramente ele constituirá uma das melhores elites do Piauí²⁵².

Ainda neste grupo, a depender da importância dos clubes no estado, os detalhes das partidas poderiam ser mais minuciosos, apresentando os melhores momentos dos jogos, os lances mais envolventes, os jogadores destaques e, em alguns casos, a atuação dos juizes. Como exemplo do relatado acima, a publicação de 1920 do jornal *O Nordeste* é elucidativa ao descrever a vitória do Theresinense sobre o Artístico por 2 x 1:

Domingo, encontraram-se no campo da praça Saraiva as *eleven*s T.A.C. e do Artístico. Como sempre, o veterano do esporte apareceu desfalcado de bons elementos, como seu admirável *left side* Lily e seu *quiper* Souza. Tirando-se a sorte, esta foi favorável ao Artístico, que escolheu o Norte. Dando-se a saída, a linha do T.A.C. atacou a defesa do seu adversário, sendo infeliz, pois Caland rebate a bola, pondo-a em contato com a linha de seu clube que ataca fortemente a defesa do T.A.C. Às 4:40 Coelho consegue marcar o primeiro ponto para seu “team”. Os meninos veteranos dobraram seus esforços, e então o Artístico começou o seu jogo peculiar: à bruta. Termina o primeiro *half time* com o seguinte resultado:

	T.A.C.	Artístico
<i>Goals</i>	0	1
<i>Hands</i>	0	3
<i>Off-side</i>	15	22
<i>Corners</i>	2	5

No segundo tempo, a linha do T.A.C. investe. A linha do Artístico cai da defesa para impedir a vitória do seu adversário ou pelo menos o empate. Às 5:28 Salvino, recebendo um *pass* do Belleza marca o primeiro ponto para sua *eleven*. O delírio chega ao auge, os torcedores invadem o campo dando vivas ao T.A.C. Às 5:42 Gerson recebendo do centro de Belleza arremessa a goal, sendo defendido por Moisés, mas Salvino muito cavava para a vitória marca o segundo *goal*. Do T.A.C. sobressaíram-se: toda a linha de ataque, Gustavo, Magalhães, Zezé e Álvaro; do Artístico: Caland, M. Maria e Moisés. O segundo tempo terminou com o seguinte resultado:

	T.A.C.	Artístico
<i>Goals</i>	2	0
<i>Hands</i>	5	9
<i>Off-side</i>	14	25
<i>Corners</i>	4	7

(Grifos próprios)²⁵³.

²⁵² FOOT-BALL. *A Luz*, Florianópolis, 4 dez. 1920, ano 1, n. 3, p. 3.

²⁵³ THERESINENSE “versus” Artístico – A primeira vence o segundo 2x1. *O Nordeste*, Teresina, 1º maio 1920, ano 1, n. 23, p. 8.

A *Coluna Esportiva* do jornal *A Imprensa*, de 20 de outubro de 1925, também traz um exemplo interessante, com a seguinte descrição do jogo entre Paysandu e Tiradentes:

Num pleito renhido de lances emocionantes, defrontaram-se antes de ontem no campo provisório da Liga as aguerridas equipes do “Paysandu” e do Tiradentes. A luta começou e permaneceu durante quase todo o 1º tempo equiparada, o que não impediu o “Tiradentes” de marcar no início do jogo o primeiro e único ponto da tarde. No segundo tempo, a linha do Tiradentes conseguiu se firmar e assediou bastante a cidadela alvinegra. A defesa do Paysandu estava, entretanto, de uma felicidade nunca vista, e o seu guardião fez várias defesas difíceis, tendo empregado mais os pés do que as mãos, faculdade esta vedada aos dez outros jogadores, mas muito recomendável num “gols keeper”. É visível que o “Paysandu”, com os constantes treinos a que se tem submetido, está melhorando consideravelmente o seu “team”. O jogo de antes de ontem foi significativo. Perder 1x0 para o “Tiradentes”, clube que, apesar dos pesares, se pode considerar um dos bons dos nossos campos, já é uma vitória que pouco faltou para se concretizar, porquanto mesmo no segundo tempo, em que o clube do Zemaria dominou por três vezes, a meta rubro-negra esteve em sério perigo. Não esmorece, pois, o clube do Lappinha, que parece não estar longe o dia em que cantará o hino marcial de sua primeira vitória. Arbitrou esse encontro o sr. Francisco Reverdosa, do América. É um juiz que parece não desconhecer as regras do jogo, mas tem o grave defeito de não acompanhar o movimento da pelota, dando causa a que não veja a maioria das faltas e que dê “cincadas” (erros grosseiros cometidos pelo árbitro) imperdoáveis, como a de marcar um “free kick” (tiro livre) ao invés de um “penalty”²⁵⁴.

Essas descrições detalhadas das partidas mostram como o futebol, já naquele período, era relatado com uma riqueza de informações que ia muito além do placar. Cada lance, decisão técnica e atuação de jogadores e juizes eram cuidadosamente registrados, destacando não apenas o desenrolar da partida, mas também a emoção e a intensidade que envolviam o evento. A crônica esportiva cumpria um papel primordial ao capturar esses momentos específicos, transformando os jogos em relatos complexos, nos quais o esporte ganhava uma dimensão maior, representando uma forma de engajamento social e cultural. Esses textos evidenciam que o futebol, mesmo em seus primórdios no Brasil, já assumia um espaço importante, tanto nos campos quanto na construção de uma memória coletiva.

Por fim, o terceiro grupo se enquadra nas publicações que traziam assuntos diversificados ligados ao futebol, abordando desde as solenidades de inauguração de campos até concursos esportivos para a escolha do melhor jogador da capital.

No intuito de tornar cada vez mais em evidência o apreciado jogo de foot-ball, em nosso meio, e como um estímulo e animação aos rapazes dos diversos clubes desta capital, resolvemos iniciar, neste número, um concurso original.

²⁵⁴ COLUNA SPORTIVA. *A Imprensa*, Teresina, 20 out. 1925, p. 1.

Conforme o resultado do presente concurso, iremos instituindo outros. Versa ele sobre saber qual o melhor *sportman* theresinense. Todas as pessoas poderão votar, bastando para isso cortar o cupom abaixo publicado e remetê-lo ao nosso redator, dr. Edison Cunha. O concurso, iniciado no presente número, encerrar-se-á a 12 de junho vindouro, às 16 horas da tarde, e a apuração será feita no dia seguinte, 13 de junho, feriado estadual, às 19 horas, no jardim público, por uma comissão composta de um representante de cada clube e o nosso referido redator. Tocarão neste dia no jardim público, as duas bandas militares. Pedimos, portanto, de já, aos clubes esportivos de Teresina a fineza de indicar o seu membro para a comissão apuradora, pois desejamos mencioná-lo no número vindouro. [...] Toda a correspondência relativa a esse concurso deve ser dirigida ao sr. Edison Cunha²⁵⁵.

Essas iniciativas revelam o esforço contínuo para popularizar o futebol no Piauí, refletindo o crescente envolvimento da sociedade com o esporte. No entanto, apesar da sua popularização, o futebol ainda mantinha muitos de seus traços importados, especialmente na linguagem utilizada durante as partidas. Termos britânicos eram amplamente empregados por atletas, dirigentes e torcedores para descrever jogadas e posições, o que reforçava o caráter estrangeiro do esporte²⁵⁶. De acordo com Rebelo: “O goleiro era *GoalKepper*; os zagueiros, *Full-backs*; os meios-campos, *Halfs-backs*; e os dianteiros, *Fowards*; impedimentos, *Off-side*; bola lateral, *Out-side*; início de jogo, *Kick-off*; o juiz, *Referee*; a entrada, *Ticket*; o jogo, *Martch*; o campo, *Field*”²⁵⁷. Acrescentam-se a esses, *freekick* (tiro livre) e os *players* (jogadores). Lopes assevera que o estrangeirismo também ganha força nos gritos dos capitães das equipes durante as partidas – “Come back forwards! (Recue, atacantes!)”, “Man on you! (Cuidado, tem um adversário se aproximando!)”, “Take your man! (Marque seu adversário!)”²⁵⁸.

Com o tempo, porém, essa forte presença de termos estrangeiros foi gradualmente substituída por uma linguagem mais próxima da realidade brasileira. O futebol, que inicialmente carregava muitos traços britânicos, passa por um processo de “abrasileiramento” e simplificação, especialmente nas crônicas esportivas. Como afirma Mario Filho, em vez da apelação formal e respeitosa pelo nome completo dos clubes – como “Fluminense Football Club”, “Clube de Regatas Flamengo” ou “The Bangu Athletic Club” – os jornalistas começaram a adotar o uso mais popular e informal: Fluminense, Flamengo e Bangu, assim como os

²⁵⁵ NOTAS Sportivas. *O Piauí*, Teresina, 27 nov. 1919, ano 33, n. 333, p. 1.

²⁵⁶ PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda. *Footballmania*: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 303.

²⁵⁷ REBELO, Goethe Pires Lima. *Tempos que não voltam mais*: crônica sobre a Parnaíba antiga. Rio de Janeiro: ADOIS, 1984, p. 63.

²⁵⁸ As expressões podem ser interpretadas da seguinte forma: *Come back forwards!* corresponde a “Voltem, atacantes!”, indicando uma orientação para os jogadores de ataque recuarem. Já *Man on you!* significa “Estão marcando você!”, alertando o jogador de que está sob pressão de um adversário. Por fim, *Take your man!* é traduzido como “Cubra o seu jogador!”, instruindo o atleta a focar na marcação individual de um adversário. LOPES, 1994, p. 69.

torcedores faziam nos estádios e nas ruas. Além disso, termos estrangeiros, que antes marcavam o discurso esportivo, começaram a ser substituídos por palavras mais acessíveis ao público, como “campo” no lugar de *field* ou *ground*, e “jogo” em vez de *meeting*²⁵⁹.

Embora praticado por diferentes camadas sociais, o futebol era alvo de críticas por parte de cronistas que defendiam sua modernização. Para eles, era fundamental a adoção das regras estabelecidas pelo *Football Association Board*, a construção de estádios e a organização de calendários de jogos com horários preestabelecidos. Qualquer prática que fugisse desse modelo regulador era condenada, pois, segundo a visão aristocrática do amadorismo, o futebol jogado de forma desordenada, sem normas e precauções adequadas, poderia levar os jovens à preguiça e à indisciplina.

À medida que o Estado começou a organizar campeonatos de futebol no final dos anos de 1910, especialmente em Teresina e Parnaíba, a cobertura jornalística sobre futebol nas colunas dos jornais se tornou mais comum. Jornais como *O Arrebol* e o *Piauí*, por exemplo, dedicavam colunas especializadas para cobrir os principais acontecimentos futebolísticos em Teresina. Sob o título de “Notas Esportivas”, detalhavam-se os jogos, incluindo a escalação dos times, os gols marcados, os destaques das partidas, a atuação dos juizes e até mesmo o público presente, evidenciando as figuras públicas notáveis que assistiam aos jogos. Na vitória do *América* sobre o *Tiradentes* por 3 a 1, em 1925, a cobertura jornalística incluiu trechos da narração do esportista Lagreca²⁶⁰. Em sua coluna, o cronista destacava os momentos mais relevantes do confronto, registrando lances decisivos, o desempenho dos jogadores e a condução da partida pelos árbitros.

O jogo [que começou às 16 horas] tornou-se logo favorável ao Rubro Negro, que procura desnortear a defesa inimiga, com bela combinação de seus dianteiros, e em dado momento Serra completamente livre perde ótima ocasião de abrir o placar do jogo. O Alvi-Azul reage fortemente, tendo Bastos enviado um chute a gol que é majestosamente defendido por João. [...] O jogo tornou-se equilibrado, havendo mutuosidade de ataques, e às 4:36 Lourival centra para Galdino, que escorando a sola, envia-a a gol, marcando o primeiro ponto para o Tiradentes. [...] Bicanca, devido à falta de treino em que se achava, jogava sem orientação, tornando-se o ponto fraco da linha central e facilitando as entradas perigosas de Pires e Bastinho. [Percebendo essa falha] Soeiro produz uma tirada de Nanico, enviando um chute a gol, o qual Bicanca, defendendo em falso, atira a bola contra sua própria trave, vazando a cidadela de João, e é marcado o primeiro gol do América. Replicando a saída da bola, o jogo tornou-se mais interessante, havendo impressionantes lances de ambas as partes, e alguns minutos decorridos, o árbitro dava o sinal de

²⁵⁹ LOPES, 1994, p. 68.

²⁶⁰ A escalação dos times era a seguinte: *Tiradentes*: João Zeca Pereira, Zé Maria, Almir, Bicanca, Zuza, Nanico, Abdias, Serra, Lourival, Galdino. *América*: Jó Carlos, Antônio, João, Machado, Azevedo, Caland, Soeira, Pastos, Pires, Manduca, Bastinho, Oliveira.

conclusão do primeiro tempo. Depois do descanso regulamentar, são chamados ao campo, as equipes combatentes e às 5:20, o Alvi-Azul reiniciava o jogo, agindo com mais segurança contra o adversário, que demonstrava temeridade. [Com] o franco domínio dos americanos, e Manduca recebendo um passe de Bastos, envia um indefensável chute a gol, vazando o posto de João, com o segundo Gol do América. [Em seguida] Zé Maria, livrando um chute de Manduca, pratica um escanteio, o qual batido por Bastinho, é escorado por Bastos, que vaza pela terceira vez a meta de João, sendo considerado o último ponto do América (grifos próprios)²⁶¹.

Conforme citado, o cronista Lagreca filtrava por meio de suas lentes o que compreendia ser mais relevante no jogo. Logo, a crônica produzida não era um retrato fiel da partida, mas uma representação daquilo que o cronista julgava ser mais interessante para passar para os leitores. Assim, a construção da percepção sobre o futebol dependia daquilo que estava escrito para quem não pudera ir ao jogo e, mesmo para quem tinha ido, poderia dar outra dimensão, visto que não havia gravação, nem *replay*. Tudo dependia da narrativa, daquilo que fora visto naquele momento pelo cronista.

Nesse contexto, Fátima Antunes destaca a importância da conexão entre o cronista e o público na divulgação das crônicas de futebol como essencial para moldar a percepção pública sobre o esporte. Ela observa que, mesmo na era atual, com fácil acesso a transmissões ao vivo e coberturas televisivas que permitem aos espectadores formar suas opiniões sobre os jogos, a procura por análises jornalísticas detalhadas em programas especializados e a presença constante do futebol na mídia impressa e digital mostram a contínua relevância da opinião jornalística. Diante disso, Antunes provoca uma reflexão: “Se, mesmo com todos os recursos visuais atuais, a análise do jornalista ainda é tão procurada, qual seria a situação em uma época em que assistir a um jogo ao vivo no estádio era a única opção?”²⁶²

A significância das crônicas de futebol na construção de uma identidade esportiva é abordada por Antunes, ao evocar as palavras de Décio de Almeida Prado, quando relata sua torcida pelo Clube Atlético Paulistano nos anos 20, “sem jamais ter frequentado um estádio de futebol”. Para o autor, essa experiência só era possível porque “o jornal transformava um jogo de futebol em notícia, ampliando sua repercussão e sua importância na vida da cidade. Os comentários boca-a-boca, as jogadas dos craques, cartesianamente traçadas e publicadas pelo jornal”²⁶³. Essa abordagem vai ao encontro das ideias de Jean Pierre Vernant²⁶⁴ a respeito dos primeiros historiadores da Grécia clássica, ao concluírem que a verdade é irrefutável quando os

²⁶¹ LAGRECA. Coluna Sportiva: os jogos de 21. *O Arrebol*, Teresina, 1925, n. 71, p. 1.

²⁶² ANTUNES, 2004, p. 19.

²⁶³ ANTUNES, 2004, p. 19.

²⁶⁴ VERNANT, Jean Pierre. *As origens do pensamento grego*. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

sentidos não traem o narrador, sendo este uma testemunha ocular dos eventos. Sob essa ótica, a escrita dos cronistas ultrapassava o relato esportivo, atuando como prática cultural que construía identidades sociais. As crônicas transformavam o futebol em expressão simbólica de modos de vida, hierarquias e relações de poder²⁶⁵.

O jogo de futebol implica, por conseguinte, na disputa sobre os “discursos autorizados”, ou seja, incide sobre quem tem o direito de interpretá-lo. Sob tal premissa, destaca-se o papel crucial da crônica social esportiva na formação do campo futebolístico no Piauí e no Brasil, nas primeiras décadas da República. Assim, tanto a imprensa falada quanto a escrita produzem um discurso autorizado dos eventos esportivos, de modo que o domínio do capital linguístico faz com que os cronistas tenham grande influência sobre os diferentes sujeitos ligados ao futebol. Trata-se de um discurso cuja especificidade, como enfatiza Bourdieu, está no “discurso de autoridade” e “reside no fato de que não basta que ele seja *compreendido* [...], é preciso que ele seja *reconhecido* enquanto tal para que possa exercer seu efeito próprio”²⁶⁶. Nesse sentido, os cronistas piauienses garantem o papel de grandes peritos dos eventos ligados ao futebol, visto que são eles que ressignificam a linguagem e propõem a partir daí novos objetivos.

Foi nessa conexão entre o futebol e a crônica que, em 1918, surgiu o jornal *O Artista*, representante do *Artístico Foot-Ball Club*. Dedicado à cobertura dos principais acontecimentos esportivos do Piauí, o jornal publicava matérias sobre campeonatos, fundação de clubes, estatutos, inauguração de campos e outros eventos que movimentavam o cenário futebolístico local. Seguindo essa tendência, em 1925, o jornal *O Arrebol* lançou uma seção de crítica esportiva, tendo como principal colaborador o esportista Lagreca. Reconhecido por sua atuação no meio futebolístico, ele se destacava como um dos comentaristas mais influentes da capital piauiense.

O time do “Nacional” vence o “Tiradentes” pelo placar de 1 x 0. Sob a direção do competente esportista militar “Paiva”, realizou-se a partida dos times de futebol “Nacional e Tiradentes”. A previsão dos torcedores era que o “Nacional” iria vencer fácil, isso porque o time dispunha de um melhor elenco. Era uma vitória já esperada e pouco interesse inspirava [...]. O Nacional logo no início do jogo subjugou o adversário, obrigando a defesa a trabalhar incessantemente, e se não fosse a desobediência de posição dos elementos dianteiros, o placar seria incontestavelmente mais elevado. Os atletas do “Tiradentes” fizeram um jogo totalmente desorientado, limitando-se a chutar bolas e nada mais. Lembro à petizada do “Tiradentes”, que tenha mais amor as suas cores, treine com mais assiduidade, a fim de que não entre em campo exclusivamente para dar demonstração à assistência, que fizeram parte da peleja²⁶⁷.

²⁶⁵ CHARTIER, Roger. *Defesa e ilustração da noção de representação*. Fronteiras, Dourados, MS, v. 13, 24, 2011, p. 20.

²⁶⁶ BOURDIEU, 2008, p. 91.

²⁶⁷ LAGRECA, 1925, p. 1

Observa-se que as práticas cotidianas começaram a se transformar conforme o futebol se disseminava pelas cidades, tornando-se um fenômeno que transcendia os limites do campo de jogo. O futebol emergia como um acontecimento social, cuja reverberação se estendia para conversas em praças, teatros e espaços públicos, integrando-se à trama do cotidiano. De acordo com Eduardo Manhães, ao torcer, comentar e analisar as atuações dos clubes e jogadores, tanto o cidadão comum quanto os especialistas ajudam a moldar nosso contexto discursivo. Esse processo ocorre nas discussões de rua, nas notícias e nas crônicas esportivas que são divulgadas diariamente por diversas mídias²⁶⁸.



Figura 17 - Os *sportemens* Benjamin Furtado e Luiz Menezes (Internacional-PI)
Fonte: *Vida Sportiva*, Rio de Janeiro, 1920, edição 152, p. 10.

Todavia, embora amplamente difundido entre as famílias piauienses, o futebol era essencialmente masculino. Atletas – em sua maioria jovens, como mostra a figura 3 –,

²⁶⁸ MANHÃES, E. D. *Política do esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, p. 21.

dirigentes e juízes reforçavam uma prática esportiva marcada pela virilidade, associada à rudeza do jogo. Essa característica fortalecia sua divulgação com o *slogan* “o forte esporte bretão”²⁶⁹. Para Norbert Elias, atitudes e costumes são modelados por regras que atuam como mecanismos de controle social. Inicialmente, essas normas orientavam o comportamento das elites culturais e econômicas e, posteriormente, eram absorvidas pelo restante da sociedade. No futebol, esse processo reforçou a exclusão das mulheres da prática esportiva por meio de sentimentos como medo, vergonha e embaraço, restringindo sua participação às arquibancadas e à organização de eventos. Um exemplo disso foi o primeiro concurso esportivo de Teresina, em 1919, cuja cerimônia de premiação ficou sob a responsabilidade da senhorita Zezé Baptista.

No início do século XX, o espaço doméstico é tido para as mulheres como um refúgio, como um lugar seguro, em contraste com os espaços públicos. Nesse contexto, muitos cronistas alertavam para os perigos do futebol feminino, argumentando que, por ser um esporte de contato idealizado para homens, poderia expô-las a lesões graves e, sobretudo, provocar alterações corporais que comprometeriam sua capacidade de maternidade. Para reforçar essa visão, recorriam ao imaginário social, difundindo a crença de que mulheres que jogassem futebol poderiam desenvolver traços masculinos, como o surgimento de bigode. Essa perspectiva foi registrada pelo jornal *O Arrebol*, cujo cronista relatava:

Um sábio dinamarquês, o Sr. Brand chegou a uma conclusão científica interessantíssima: dentro de alguns anos, as mulheres criarão bigodes, a força de se exercitarem no futebol, no *rugby* e em diversos outros esportes até aqui reservados aos homens. [...] A nossa desilusão será recompensada pela alegria dos barbeiros²⁷⁰.

No entanto, em setembro de 1918, Jônatas Batista, membro honorário e porta-voz oficial do Artístico Foot-Ball Club, fez um discurso na Praça Benjamin Constant defendendo a participação das mulheres nos chamados esportes modernos, especialmente o futebol. Segundo Batista, o objetivo não era necessariamente incentivar as mulheres a jogar, mas promover sua participação na organização dos eventos esportivos. Ele argumentava que, ao deixarem de lado os padrões de beleza e comportamento retrógrados, as mulheres poderiam alcançar a verdadeira emancipação feminina e contribuir para o progresso social, sendo incluídas no universo do esporte moderno. Nessa lógica, reflete que:

[...] Pena é que a mulher piauiense, eu o digo com tristeza, ainda não tenha, por sua vez, despertado da quase indiferença em que vive pelos modernos *sports*, conservando-se constrangida entre as talas dos espartilhos que deformam o corpo, pouco afirmada nos altos sapatos Luiz XV, cujos taçães,

²⁶⁹ REBELO, 1984, p. 61.

²⁷⁰ AS MULHERES e o bigode. *O Arrebol*, Teresina, 20 dez. 1922, ano 9, n. 26, p. 4.

exageradamente elevados, têm sido a causa de tantos desvios incuráveis, de tantas infelicidades na vida doméstica.

E, quando tiver desaparecido dentre nós a última lembrança daquele velho sistema de educação, em que tudo se fazia para fatigar o corpo e coisa alguma se fazia pelo aperfeiçoamento do corpo, então, sim teremos uma pátria grande, feliz e próspera, servida de homens fortes e sãos, ao lado de mulheres formosas e perfeitas – belas pela sua própria beleza, sem arrebiques exagerados de uma moda ridícula, que enfeita bonecas ao invés de vestir mulheres capazes de criar e de educar seus filhos (grifo próprio)²⁷¹.

O trecho em destaque faz parte de um discurso provocante, realizado na inauguração do campo do Artístico, o que nos faz questionar o que teria levado Jônatas Batista a propor uma reformulação da educação feminina em um cenário tão tradicional como o de Teresina. Em busca dessa resposta, chega-se ao estatuto do A.F.C., que apresentava entre seus principais objetivos: o desenvolvimento físico de seus sócios, organização dos jogos amistosos, concursos e premiações. No documento, a participação das mulheres era tímida e via de regra restrita à torcida e organização dos eventos e solenidades esportivas do clube. Dessa forma, ficaria “criada uma ordem de associadas especiais, para maior destaque social do clube. As associadas não contribuirão para os cofres sociais; terão direito aos bilhetes de festas levadas a efeito pela sociedade”²⁷².

Com efeito, homens e mulheres desempenhavam funções distintas e desiguais no futebol, sendo vedado às mulheres o aprimoramento físico por meio do jogo. Enquanto os homens eram os principais jogadores, ativos no campo e nos treinos, as mulheres assumiam a responsabilidade de organizar festas e premiações, atuando como espectadoras e não como praticantes. Seu papel era dar maior visibilidade aos clubes nos círculos sociais piauienses, contribuindo para a promoção e o reconhecimento das equipes na sociedade.

Disso decorre a necessidade de perceber o discurso do orador para além da preocupação com as mulheres, isso porque a preleção marca a inauguração no campo do Artístico, o que representava um grande passo rumo à modernização do esporte, pois esse fato era algo que já vinha sendo reclamado há alguns anos por diversos clubes de Teresina.

O futebol torna-se, assim, um dos assuntos mais comentados nos diferentes estratos sociais, como parte do *boom* esportivo ocorrido no início do século XX. E, sob essa perspectiva, a crônica atuou como um agente importante para a popularização do futebol no Piauí, passando a fazer parte do cotidiano das pessoas, mostrando as diferentes representações tecidas no Estado. Geralmente, havia duas categorias principais de cronistas, os que acreditavam que o futebol tinha o poder de moralizar e disciplinar comportamentos considerados desviantes, e os

²⁷¹ BATISTA, 1918, p. 1-2.

²⁷² ESTATUTO do Artístico Foot-Ball Club. *O Artista*, Teresina, 25 maio 1918, ano 1, n. 2, p. 3.

que viam no “esporte bretão” uma moda passageira que apenas favorecia a elite. Em meio a essa visão engessada, deve-se analisar o futebol piauiense no tocante às suas contradições. Um esporte que, embora carregado de concepções elitistas, teve sua origem atravessada por trabalhadores comuns.

3 INTEGRAÇÃO E RIVALIDADES: O FUTEBOL AMADOR DO PIAUÍ E SUAS CONEXÕES INTERESTADUAIS

Este capítulo analisa a trajetória do futebol amador no Piauí, destacando a formação dos clubes, as ligas, os amistosos e as rivalidades que moldaram essa prática esportiva. Iniciamos pela gênese do futebol na região e sua transformação em uma atividade social que, além de ser um jogo, carrega uma rica dimensão cultural e um conjunto de regras que influenciam a sociedade local. Utilizando a teoria dos campos de Pierre Bourdieu²⁷³, buscamos compreender como o futebol no Piauí se desenvolveu como um campo social, onde diferentes formas de capital – econômico, social e cultural – interagem e se sobrepõem, criando um espaço repleto de significados e estruturas próprias.

A formação do futebol em Parnaíba está profundamente ligada à elite local, cujas famílias enviavam seus filhos para estudar na Europa, especialmente na Inglaterra, e esses jovens, ao retornar, traziam consigo o conhecimento e a paixão pelo futebol, incentivando a criação de clubes na cidade litorânea. Embora inicialmente restrita às “boas famílias”, a prática esportiva logo se expandiu para as classes populares, gerando um movimento esportivo significativo. Esse processo de expansão refletia o crescente papel do futebol na sociedade local, que não se resumia a um simples jogo, transformava-se em uma atividade social complexa, integrada à vida cultural e às normas sociais da época.

As ligas e os amistosos desempenharam um papel crucial na consolidação do futebol como uma prática social relevante no Piauí. A prática do futebol em Parnaíba e Teresina revela como diferentes formas de capital moldaram o desenvolvimento esportivo. Enquanto Parnaíba mantinha conexões com outras capitais, promovendo um futebol cosmopolita e integrado, Teresina tinha um foco mais regional, voltado para suas atividades internas.

Dessa forma, a rede de interações que se formava dentro e fora das fronteiras do estado começou a desenhar um novo mapa esportivo. Nesse contexto, surge a problemática central deste estudo: entender como o futebol piauiense se conectou com outros estados e como essas interações moldaram o esporte local. A conexão de Parnaíba com outras capitais, promovendo um futebol cosmopolita, teve várias consequências. A cidade se tornou um polo de intercâmbio esportivo, estabelecendo conexões com equipes de estados do Maranhão, Ceará, Paraíba, Pará, Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro. Esse intercâmbio elevou o nível técnico dos clubes locais e consolidou a reputação do futebol piauiense fora do estado, demonstrando como o futebol pode servir como um meio de integração cultural e social.

²⁷³ BOURDIEU, P. O espaço social e gênese das classes. In: BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Thomaz. Lisboa; Rio de Janeiro: DIFEL: Bertrand Brasil, 1989.

Os estados vizinhos viam o futebol piauiense, especialmente o de Parnaíba, com respeito e admiração. A participação em torneios e amistosos interestaduais foi fundamental para construir uma imagem positiva e de competência no cenário futebolístico regional. Em contraste, Teresina, com suas ligas locais e uma abordagem mais interna, desenvolvia suas atividades esportivas de maneira mais isolada.

Portanto, este capítulo se propõe a explorar detalhadamente a formação dos clubes, as rivalidades e as diversas ligas que consolidaram o futebol amador no Piauí como um fenômeno social e cultural expressivo. Através das lentes de Bourdieu²⁷⁴, buscamos entender as dinâmicas sociais que influenciaram e foram influenciadas pelo desenvolvimento do futebol na região. Ao analisar essa trajetória, pretendemos revelar as complexas interações entre esporte, cultura e sociedade, destacando o papel do futebol como um agente de mudança social e cultural.

3.1 A formação dos primeiros clubes piauienses

A formação dos primeiros clubes piauienses ocorreu em um período de incipiente desenvolvimento do futebol no estado, marcado pelo pioneirismo tanto em Parnaíba quanto em Teresina. Introduzido em Parnaíba em 1905, foi somente em 1906 que surgiram as primeiras referências a um clube no estado, com o *Theresinense Foot-Ball Club*, na capital piauiense. Segundo o jornalista e pesquisador Severino Filho, o clube teria sido fundado em 27 de julho de 1906, mas não há registro de sua participação em amistosos ou campeonatos²⁷⁵.

Apesar de Severino Filho atribuir a primazia ao *Theresinense Foot-Ball Club*, uma pequena nota no jornal *O Comércio* de Teresina menciona a existência de uma “sociedade recreativa denominada *Club Football*”, fundada em 05 de agosto de 1906 por “diversos cavalheiros dessa capital”²⁷⁶. Contudo, não há evidências de que o *Club Football* estivesse voltado para a prática do futebol competitivo, sugerindo que esta entidade funcionava mais como um espaço social e recreativo. Foi apenas em 1913, com a fundação do Parnahyba Sport Club, que o futebol piauiense começou a adquirir características mais organizadas e estruturadas, refletindo a influência do avanço da prática esportiva em Parnaíba e sua expansão para outras regiões do estado, incluindo Teresina, que, como capital, buscava incorporar o futebol como parte de suas formas de lazer modernas.

²⁷⁴ BOURDIEU, 1989.

²⁷⁵ FILHO, Severino. *Piauí, 100 anos de futebol*. Teresina: Halley, 2005, p. 23.

²⁷⁶ CARTEIRA local. *O Comércio*, Teresina, 5 ago. 1906, ano 1, n. 6, p. 2.

A história do futebol no Brasil é comumente associada às elites, especialmente às aristocracias locais ou inglesas, que introduziram o esporte em contextos de alta sociedade. Em Teresina, contudo, o futebol teve uma origem distinta. Ao contrário de outras regiões, foi entre os operários que o esporte encontrou seu espaço inicial, com partidas improvisadas em terrenos baldios e bolas rudimentares. Com o tempo, essa prática informal evoluiu, dando origem a clubes mais organizados, como o *Theresinense Athletic Club* e o *América*. De acordo com o operário Antônio Vieira Sales, morador da capital desde o início do século XX, a falta de recursos financeiros dos trabalhadores fez com que se unissem a jovens da elite local, formando uma parceria que permitiu a consolidação do futebol como forma de lazer em Teresina. Essa dinâmica é exemplificada pelo relato de Sales:

Uma turma de operários, mas homens maduros, homens fortes, entenderam de criar [...] o futebol [que já] estava legalizado ao sul, [...] o João de Moura que era o mais forte nas finanças conseguiu um pedaço de terreno ali atrás do quartel [...] e fizeram um campo de futebol [...] não tinha bola, eles engendravam uma bola [...]. Já tinham mais ou menos o modelo como ela era, fizeram de couro. [...] começaram a treinar. Aí fundaram dois partidos: Satélite e Republicano [...]. Depois fundaram no centro da cidade o Theresinense [...] com os rapazes de elite. [...] jogavam na praça Saraiva, depois fundaram o América (grifos nossos)²⁷⁷.

Apesar de o surgimento do futebol em Teresina ter sido inicialmente impulsionado pela iniciativa dos operários, à medida que o esporte se modernizava, emergia um forte discurso, por parte dos cronistas, em favor de uma organização nos moldes ingleses: institucionalizada, com desempenhos medidos em termos numéricos, em espaços próprios e com tempo padronizado²⁷⁸. O *Theresinense* e o *América*, por exemplo, fundados por operários em parceria com jovens da elite, passaram a adotar regras e normas que gradualmente afastaram esses clubes das práticas populares que marcaram seu início. Esse “aburguesamento” do futebol representou, por um lado, uma tentativa de legitimação social e ascensão, mas por outro lado também significou um distanciamento das raízes operárias do esporte.

Entretanto, vale dizer que essa elitização do futebol não resultou no completo afastamento dos operários da prática esportiva. Outros clubes ligados às classes trabalhadoras continuaram a surgir, resistindo à hegemonia dos modelos ingleses e preservando uma identidade mais próxima das suas origens. O *Artístico Foot Ball Club* é um exemplo expressivo dessa resistência. Como detalha Severino Filho, sua fundação reuniu operários de diferentes

²⁷⁷ SALES, Antônio Vieira; NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Uma viagem ao mundo de pintinho. *Revista Cadernos de Teresina*. Ano 7, n. 15, Teresina, 1994, p. 22-24.

²⁷⁸ SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desatinos. *Revista USP*. São Paulo, n. 22, 1994, p. 30-37.

ofícios – José Coelho, João Moura e Jonas (marceneiros), Jeruso (ourives), João Macaxeira (alfaiate), Crescêncio José Ferreira (carpinteiro) e Domingos Ferreira (carreiro) –, evidenciando que, apesar das pressões pela modernização e institucionalização nos moldes elitistas, ainda havia espaço para clubes que preservavam as experiências e valores da classe trabalhadora²⁷⁹.

Esse contraste entre a resistência operária e a adesão das elites ressalta a dualidade do futebol nas primeiras décadas do século XX. Enquanto o futebol das elites mantinha um caráter amador, “essencialmente desprovido de interesses financeiros” e marcado por momentos de “prazer e divertimento”²⁸⁰, essa vertente atraiu o apoio dos intendentess municipais, que viam na prática uma forma de inserir a cidade nos grandes espaços modernos. No entanto, à medida que o esporte se popularizou e ganhou a adesão das camadas populares, o controle sobre os espaços urbanos tornou-se uma questão central.

Esse fenômeno, que teve seu início em Parnaíba, onde o futebol foi impulsionado tanto pela elite quanto pelas camadas populares, também se manifestou mais tarde na capital. Em ambas as cidades, o uso das praças públicas para os jogos de futebol tornou-se uma questão relevante para as autoridades municipais. Durante muito tempo, a Praça Santo Antônio foi o principal local para as partidas em Parnaíba, até que, em 1896, o intendente Sebastião Hermes de Seixas proibiu essa prática, buscando impor maior controle sobre o espaço público. Posteriormente, em Teresina, o intendente Anfrísio Lobão Veras Filho seguiu a mesma linha, proibindo, em 1926, a realização de jogos nas praças da cidade. Essas ações das autoridades municipais impulsionaram a busca por uma organização mais formal dos clubes, levando à construção de estádios próprios e à criação de espaços mais adequados para jogadores e torcedores. Enquanto os clubes se institucionalizavam, o futebol praticado nas ruas começou a ser malvisto pela elite piauiense, sendo considerado desordenada e informal.

Essa pressão pela formalização não apenas refletia o controle sobre os espaços urbanos, mas também acelerou a necessidade de estruturar melhor o futebol local, que ainda estava distante dos moldes ingleses mais modernos. Em Parnaíba, as elites criaram estratégias de distinção, começando pela organização dos times. Inicialmente, os jogadores não tinham fidelização aos clubes; as equipes eram formadas de acordo com os proprietários das camisas, que eram de cores diferentes – azul e branca. Isso permitia a variação na formação dos times em cada jogo. Com o tempo, no entanto, sob o comando dos capitães Septimus Clark e Zeca Correia, começaram a surgir preferências, sinalizando o início de uma estruturação mais formal das equipes. Conforme Rebelo observa:

²⁷⁹ FILHO, 2005, p. 25-26.

²⁸⁰ NASCIMENTO, João Batista de Oliveira. *Parnaíba, terra do futebol*. Fortaleza: Premium, 2013, p. 41.

[...] Os times eram selecionados minutos antes da partida, pelos *captains*. [...] Com o passar do tempo, o hábito de jogar quase sempre sob as ordens de um dos *captains*, Septimus Clark ou Zeca Correia, começou a criar preferências, e daí nasceu a rivalidade cada vez maior, até acontecer um cisma inevitável e os dois grupos se estruturaram independentes²⁸¹.

Nessa fase, já se percebia uma rivalidade crescente entre os emigrantes ingleses, liderados por Septimus Clark, e os filhos da elite local, representados por Zeca Correia. Essa rivalidade acabou resultando em uma cisão inevitável, com os dois grupos se formando de maneira independente. Relatos apontam que o primeiro a se estruturar foi o grupo liderado por José de Moraes Correia, conhecido como “Camisa Azul” ou “Azulino”. Em 1º de maio de 1913, o “Azulino” deu origem ao *Parnahyba Sport Club*, em uma sessão solene que contou com a presença de Zeca Correia e seu irmão Ozias. Conforme aponta Rebelo²⁸², o Parnahyba adotou uniformes distintos: “camisa branca com gola e punhos brancos, escudo do clube no peito, calções azuis, meias e chuteiras pretas”. Esse clube, que foi o segundo a surgir no Piauí, escolheu as cores azul e branca, inspiradas no Everton, um renomado clube inglês, rival do Liverpool, que desde 1901 era conhecido como “The Blues”.

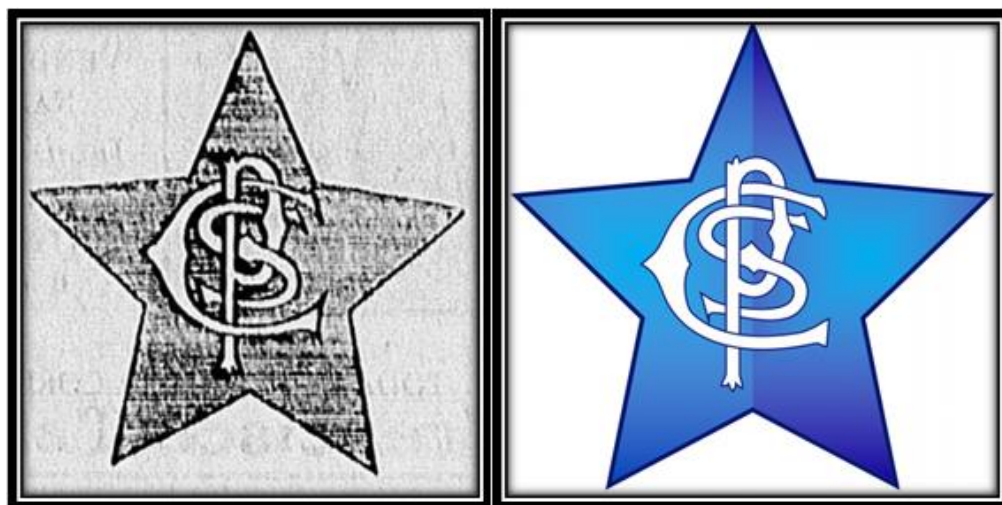


Figura 18 - Escudo do Parnahyba original à esquerda, e reformulado, à direita

Fonte: Blog *História do Futebol*: a Enciclopédia do Futebol na Internet.

O escudo do *Parnahyba Sport Club*, fundado em 1º de maio de 1913, é um símbolo que marca a identidade do clube com a cidade de Parnaíba. Em 1920, o jornalista, pesquisador e historiador do futebol, Sérgio Mello, encontrou no jornal maranhense *Diário da Folha* um desenho do escudo do Parnahyba, caracterizado pelas iniciais entrelaçadas de forma elegante.

²⁸¹ REBELO, Goethe Pires Lima. *Tempos que não voltam mais*: crônica sobre a Parnaíba antiga. Rio de Janeiro: ADOIS, 1984, p. 61-62.

²⁸² REBELO, 1984, p. 62.

Reconhecendo seu valor histórico e estético, Mello redesenhou o brasão, preservando sua essência original e destacando suas cores de acordo com a historiografia do clube²⁸³.

Além do escudo, outros aspectos da fundação do *Parnahyba Sport Club* refletem sua conexão com a comunidade local. A escolha de 1º de maio, Dia do Trabalhador, como data de fundação, parece ter sido uma decisão estratégica, considerando a predominância de trabalhadores entre seus membros. No entanto, é importante destacar que nem todas as profissões eram aceitas, especialmente aquelas que não tinham um caráter formal.

Mais do que um simples passatempo, o futebol em Parnaíba se tornou uma ferramenta de controle social, moldando o tempo livre dos empregados do comércio. O esporte passou a desempenhar um papel importante ao manter os trabalhadores afastados de comportamentos indesejados, como o alcoolismo e a vadiagem, além de proteger contra a disseminação de ideologias consideradas subversivas, como o socialismo. Em *Como se pode ser esportivo?*, Pierre Bourdieu explora a atuação do esporte como uma técnica pedagógica e disciplinar, comparável às “instituições totais” dos internatos ingleses, que buscavam moldar o comportamento dos jovens. Nessas instituições, o esporte era usado para inculcar valores e normas sociais, promovendo a internalização de comportamentos desejáveis e a conformidade com as expectativas sociais. Segundo Bourdieu, as atividades esportivas ensinavam aos jovens ter disciplina, respeito às regras e hierarquias, e desenvolvia neles um senso de cooperação e competição saudável²⁸⁴.

Além dessa função social, o uso de uniformes também se destacou como uma forma de distinção dentro da prática esportiva. Conforme Silva, “ao considerar as dificuldades do viver dos pobres, possuir vestimentas próprias para o desporto teria como significado um luxo do qual poucos poderiam desfrutar”. Nesse contexto, o uso dos uniformes “se mantinha restrito aos times financiados por grandes casas comerciais, como o caso do *Internacional*, formado por jogadores que trabalhavam na Casa Inglesa, e o *Parnahyba*, composto por funcionários da Moraes S/A”²⁸⁵.

²⁸³ MELLO, Sérgio. *História do futebol. Parnahyba Sport Club* – Parnaíba (PI). Escudo de 1920. Disponível em: <https://historiadofutebol.com/blog/?p=62430>. Acesso em: 25 jun. 2024.

²⁸⁴ BOURDIEU, Pierre. Como se pode ser esportivo? In: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

²⁸⁵ SILVA, Alexandre Wellington dos Santos. *A pobreza urbana em Parnaíba, Piauí (1890-1920)*. 2018. 259 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Ceará, 2018, p. 221.

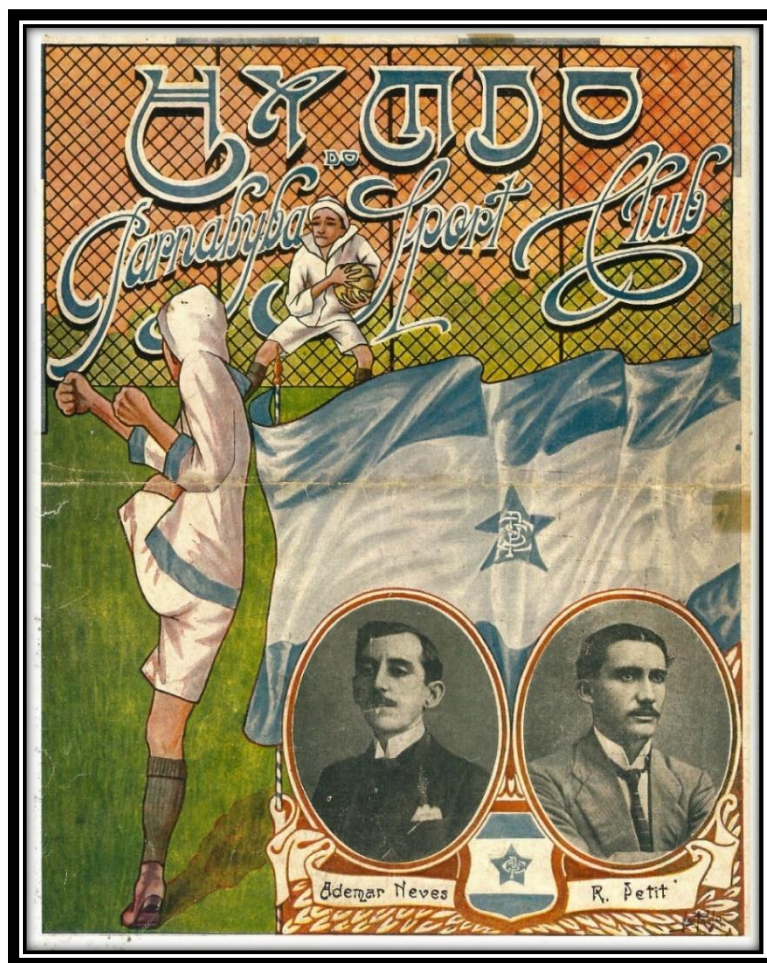


Figura 19 - Hino do Parnahyba (1919)

Fonte: FILHO, Severino. *Piauí, 100 anos de futebol*. Teresina: Halley, 2005, p. 34.

Um elemento cultural significativo na história do *Parnahyba Sport Club* é o seu hino, composto por Ademar Neves e R. Petit em 29 de janeiro de 1919. A capa da partitura original, conforme ilustrado na imagem retirada do livro de Severino Filho²⁸⁶, simboliza a conexão inicial entre o clube e seus torcedores. O hino, repleto de expressões de amor e orgulho pelo clube e pela cidade, rapidamente se tornou um elo emocional que uniu ainda mais a comunidade parnaibana. Versos como “Teus filhos bravos / No embate rudo / Fazem do peito / Um bronzeo escudo” exaltam a coragem e a determinação dos jogadores, comparando-os a guerreiros que enfrentam desafios com bravura.

Essa simbologia contribuiu para que o hino ganhasse popularidade, sendo adotado informalmente como a “Canção da Cidade”, na década de 1940. A relação entre o clube e a cidade se intensificou em 1960, quando o prefeito Lauro Corrêa oficializou o hino como o do município, sem necessidade de concurso ou consulta. Essa adoção espontânea demonstra como

²⁸⁶ FILHO, Severino. *Piauí, 100 anos de futebol*. Teresina: Halley, 2005, p. 34.

o clube transcendeu sua função esportiva, consolidando o sentimento de pertencimento entre os parnaibanos e firmando-se como um símbolo de identidade local.

O outro grupo resultante daqueles pioneiros foi o *Internacional Athletic Club*, liderado por Septimus Clark e originado do escrete “Camisa Vermelha”. Esse clube era composto majoritariamente por emigrantes ingleses, e agregava alguns trabalhadores parnaibanos dos armazéns, casas comerciais e alfândegas. Inspirado nas cores do Liverpool da Inglaterra, o uniforme inicial do grupo consistia em uma “camisa vermelha com gola e punhos brancos, tendo ao peito esquerdo o emblema do clube; calção branco, meias vermelhas e brancas, listradas na vertical, e chuteiras pretas. A bandeira era listrada de vermelho e branco, tendo na parte superior o emblema do clube, inserido num pequeno retângulo”²⁸⁷.

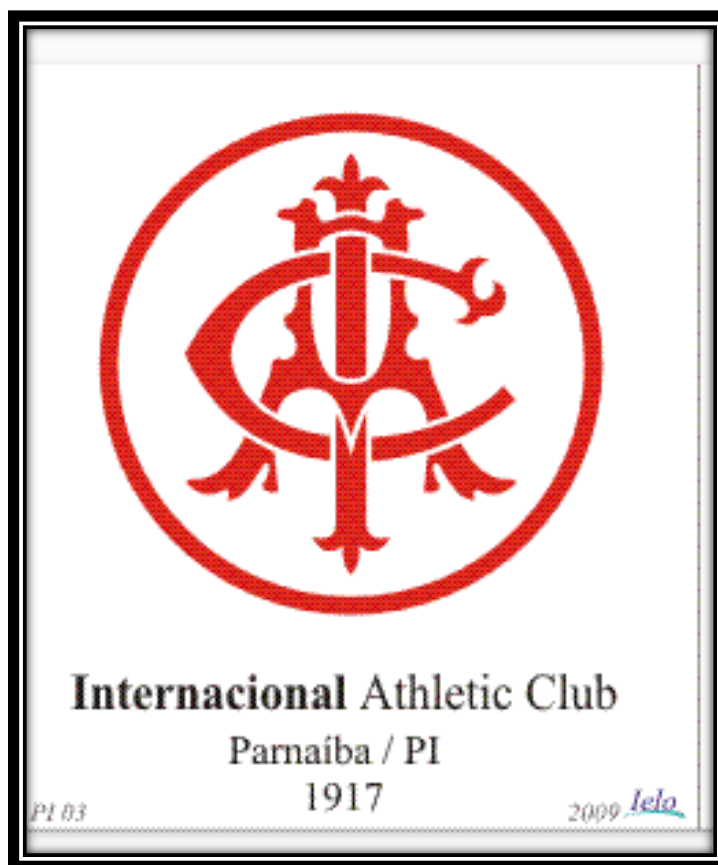


Figura 20 - Escudo do *Internacional Athletic Club*

Fonte: MELLO, Sérgio. *História do Futebol. Parnahyba Sport Club* – Parnaíba (PI). Escudo de 1920.
Disponível em: <https://historiadofutebol.com/blog/?p=62430>. Acesso em: 25 jun. 2024.

A imagem disponível no *blog* “História do Futebol” apresenta o provável escudo do *Internacional Athletic Club* de Parnaíba, com base em uma foto de 1917 do time, publicada no livro *Piauí, 100 anos de Futebol*, de Severino Filho. Antônio Mario Ielo, na notícia, menciona

²⁸⁷ REBELO, 1984, p. 62.

que o desenho foi inspirado nos primeiros emblemas do Internacional de Porto Alegre e do *Club Athletico Paulistano*, seguindo o estilo gráfico da época para monogramas. Comparando com o símbolo do Parnahyba, percebem-se semelhanças no monograma das letras. O texto destaca que, embora haja algumas certezas sobre o escudo – como as cores vermelha e branca, mencionadas nos *Relatos de Rebelo*, o formato circular e as letras “I”, “A” e “C” no monograma central –, ainda existem dúvidas sobre o desenho exato, que só poderão ser esclarecidas com a análise da fotografia original²⁸⁸.

Além das incertezas sobre o escudo, a história da fundação do *Internacional Athletic Club* de Parnaíba também é marcada por divergências. Diferentes documentos e relatos históricos oferecem versões variadas sobre o momento em que o clube foi oficialmente estabelecido. De acordo com Rebelo²⁸⁹, o grupo inicial, liderado por Septimus, passou por uma fase de dispersão antes de se reorganizar e formalizar a fundação do Internacional em 5 de junho de 1912. Esta data é confirmada por Silva²⁹⁰ em sua dissertação de mestrado, que também posiciona a fundação do Internacional como anterior ao surgimento do *Parnahyba Sport Club*.

No entanto, uma visão alternativa é apresentada por Dejjard Martins, que em sua publicação de 1989, no livro *Esporte: um mergulho no tempo*, oferece um relato distinto sobre os primórdios do futebol em Parnaíba. Segundo Martins, o Internacional Foot-ball Club²⁹¹ teria surgido na primeira década do século XX, antes de 1913, embora ele não mencione uma data exata. Ele relata que o clube se estabeleceu em um campo no terreno da Casa Inglesa e que, em 1913, o *Parnahyba Sport Club* foi fundado como resultado de uma dissidência do Internacional, desafiando a ideia de que o Parnahyba seria o primeiro clube da cidade. Diz ele:

No Piauí o futebol brotou na simpatia “Princesa do Igaraçu” – Parnaíba. Surgiu na primeira década do século XX, por volta de 1910/1911. O primeiro clube criado foi o *Internacional Foot-ball Club*, construído por jovens estrangeiros e brasileiros. Foi construído um campo no terreno da propriedade da Casa Inglesa e lá permaneceu. No ano de 1913, nascia aquele que seria o grande adversário dos “internacionais” o PARNAHYBA Sport Club, fruto de dissidência do Internacional”²⁹².

Um registro histórico presente no jornal *Pacotilha do Maranhão* indica que o *Internacional Foot-ball Club* foi fundado em 15 de março de 1917. Essa informação,

²⁸⁸ IELO, Antônio Mario. *Internacional Athletic Club* – Parnaíba-PI. História do Futebol. Disponível em: <https://historiadofutebol.com/blog/?p=2270>. Acesso em: 19 mar. 2024.

²⁸⁹ REBELO, 1984, p. 62.

²⁹⁰ SILVA, 2018.

²⁹¹ Em algumas crônicas, os jornais maranhenses acabam noticiando o nome do *Internacional Athletic Club* de *Internacional Foot-ball Club*.

²⁹² MARTINS, Dejjard. *Esporte: um mergulho no tempo*. São Luís: SIOGE, 1989, p. 172.

proveniente de uma fonte primária, coloca em discussão as datas amplamente aceitas e sugere a necessidade de uma revisão dos fatos históricos.

No dia 15 do mês passado, às 4:45, teve lugar na Parnaíba uma partida de football, para a inauguração de mais um clube. O novo clube fundado recebeu o nome de “Internacional F. Club” e é constituído por elementos do Parnahyba Sport Club” e do “Belga Foot-ball Club”, que são, naquela cidade, os clubes de maior importância, razão porque era de se esperar uma grande afluência de espectador, em volta do campo recém inaugurado. Depois de uma luta tremenda, o campeão de 1915 e 1916, o invencível “P. S. Club”, retirava-se do campo de seu adversário, coroados de louros, pois conseguiu batê-lo pelo score 4x0. As arquibancadas, que estavam apinhadas de moças e rapazes, aplaudiram o galante “P.S.C.”, quando este saiu do campo. Eram estes os teams: **Internacional:** Bompert- Emano, Lauro- Nunes- Carvalho-Nilo-Brandão- Odilo-Laonnis- Lili- Silvio. **Parnahyba:** Acrisio, Zezico, Mario, Jussué, Elias, Luiz, Safadi, Clissold, Hascha, Zeca, Salá²⁹³.

A partir do relato do Jornal *Pacotilha*, surgem novas perspectivas sobre a dinâmica que influenciou o surgimento dos clubes em Parnaíba. A inclusão de jogadores do Parnahyba e do Belga na formação do Internacional pode indicar que as rivalidades locais desempenharam um papel crucial na reorganização das equipes, resultando na criação de um novo clube que refletia as tensões e alianças da época. Contudo, várias dúvidas permanecem: se o Belga teve um protagonismo anterior ao Internacional, por que sua história é tão fragmentada e pouco documentada? A ausência de registros mais detalhados sugere que o clube pode ter sido ofuscado pelos sucessos subsequentes do Internacional, ou talvez tenha enfrentado desafios que impediram sua continuidade.

Essa hipótese se torna ainda mais plausível ao considerarmos a narrativa do triangular realizado em São Luís, em dezembro de 1917, entre o *Football Athletic Club* (F.A.C.)²⁹⁴, Paysandu e Internacional, conforme descrito no Jornal *Pacotilha*. A delegação do Internacional, liderada por Septimus Clark, incluía não apenas jogadores do próprio clube, mas também do Belga, formando assim o *Internacional Athletic Club*. Essa colaboração entre os dois clubes sugere uma fusão prática, na qual o Belga, ao invés de continuar como uma entidade independente, foi gradualmente absorvido pelo Internacional, perdendo formação original. Como relata o cronista Xiz, do jornal *Pacotilha*:

²⁹³ NO PIAUHÍ. *Pacotilha*, Maranhão, 3 maio 1917, ano 37, n. 103, p. 1.

²⁹⁴ O primeiro clube esportivo maranhense, fundado sob a liderança de Nhozinho Santos, foi o Fabril Athletic Club, ou simplesmente FAC, também conhecido como “Grêmio Milionário”, inaugurado em 1907. Após enfrentar uma crise financeira com a empresa de Nhozinho Santos, o clube entrou em colapso, mas ressurgiu em 1916 como *Football Athletic Club*, mantendo a sigla FAC para preservar sua identidade histórica. Mesmo após essa reformulação, era comum nos periódicos maranhenses das primeiras décadas do século XX que o clube continuasse a ser referido como Fabril, demonstrando a forte associação com sua origem e legado. Ver: CARVALHO, Claunísio Amorim. *Terra, grama e paralelepípedos: os primeiros tempos do futebol em São Luís (1906-1930)*. São Luís: Café e Lápis, 2009.

Chegou a esta capital, às 20 horas de sábado, pelo iate “Fortaleza”, a delegação do Internacional de Parnaíba, que nesta cidade se vem bater com os “players” maranhenses e com o Paysandu. Constituem-na os Srs. Septimus Clark, chefe da delegação; Dr. José Pires Rabelo, orador; Antônio Freitas, secretário e representante d’A Ordem, daquela cidade piauiense; “foot-ballers”: José Montenegro Guimarães, Lauro Passos, Raimundo Nonato, Antônio Felipe, Carlos Marinho, Raimundo Nunes, Firmino Santos, José Rocha, Leonard Haynes, Pedro Leite e Antônio Saldanha. Reservas: Sílvio Pires, Odílio Neves, Luís Meneses e Antônio Coutinho. **Nem todos esses jogadores são do Internacional; alguns são do Belga, constituindo, assim, um combinado desses dois clubes, sob o nome de Internacional Athletic Club**²⁹⁵. (Grifo próprio).

Entretanto, as fontes disponíveis, como o próprio Jornal *Pacotilha*, não detalham o processo dessa fusão, nem explicam claramente os motivos que levaram ao desaparecimento do Belga como uma entidade distinta. Isso aponta para a necessidade de uma investigação mais profunda, que explore não apenas os aspectos esportivos, mas também as dinâmicas sociais e culturais que podem ter influenciado essa absorção. A análise dessas fontes pode nos ajudar a entender melhor como o contexto da época, marcado por rivalidades locais e regionais, moldou a trajetória dos clubes parnaibanos, e por que o Belga desapareceu dos registros históricos, enquanto o Internacional consolidou sua presença.



Figura 21 - O Internacional (1917)

Fonte: FILHO, Severino. *Piauí, 100 anos de futebol*. Teresina: Halley, 2005.

²⁹⁵ XYZ. Pelo esporte. *Pacotilha*, São Luís, 31 dez. 1917, ano 37, n. 308, p. 4.

Um dos registros mais antigos de um clube de futebol no Piauí, a imagem do Internacional de 1917, ilustra o início da consolidação do futebol como o esporte mais praticado e apreciado em muitas cidades brasileiras nas primeiras décadas do século XX. Diferentes tipos de futebol, considerados regionais, emergiram nesse período, mas não de forma isolada, ao contrário, eles se desenvolveram em um contexto interconectado. Embora a prática do futebol já estivesse bem estabelecida em várias capitais brasileiras, cidades como Teresina e outras localidades ao norte e sul do Piauí ainda enfrentavam desafios estruturais, agravados pelo baixo investimento e pelo tradicionalismo da capital, o que dificultava o progresso do esporte. Para o cronista da coluna *Nota Sportiva*, publicada no jornal *Piauhy* em março de 1920, o município de Parnaíba era um dos únicos do estado que conseguiu apresentar um futebol pomposo.

O foot-ball, o esporte mais apreciado no Brasil, domina, realmente, quase toda a sua população. O Piauí, se bem que se encontre entre os Estados pouco adiantados na educação física da mocidade, pelo esporte, mesmo assim, já conta com diversas sociedades deste gênero, das quais algumas já têm concorrido bastante o seu fim principal, como exemplo, podemos citar as existentes em Parnaíba²⁹⁶.



Figura 22 - 1º Time do Artístico Foot-Ball Club em 1918²⁹⁷
 Fonte: *Almanaque da Parnaíba*, 1936, ano 12, p. 261.

²⁹⁶ NOTAS Sportivas. *Piauhy*, Teresina, 7 mar. 1920, ano 30, n. 360, p. 2.

²⁹⁷ No clique acima, vemos sentados: Raimundo Argentino, a sua direita Domingos Botelho, e à esquerda, Luís Marques. De joelhos, no centro, Zébandeira, tendo à direita Sabino Bandeira, e à esquerda, o nosso invulnerável Aurélio Aranha, o homem que não fica velho e que ainda hoje desfruta de proveitoso conceito no nosso meio. De pé, da direita para a esquerda, Pedro Leite, Manoel Ferreira, Raimundo Nonato, Raimundo Gomes e Antônio Felipe.

A supremacia de Parnaíba no futebol piauiense se tornou evidente já nas primeiras décadas do século XX, quando seus clubes, como o Artístico, o Parnahyba e o Internacional, despontaram como os mais competitivos e organizados do estado. A imagem do time campeão do *Artístico Foot-Ball Club* em 1918, destacada no *Almanaque de Parnaíba*, é uma prova do prestígio que o clube adquiriu na época, sendo capaz de rivalizar com os gigantes locais, “poderosa agremiação esportiva, fazia cócegas nos importantes clubes de então, Parnahyba e Internacional”²⁹⁸. Os cronistas do jornal *O Piauí* e do *Almanaque de Parnaíba*, ao elogiarem o futebol parnaibano, reconheciam a força e o desenvolvimento esportivo que a cidade de Parnaíba havia alcançado, contrastando com as dificuldades enfrentadas por outras cidades, como Teresina, que ainda lutavam com questões estruturais e baixo investimento. Nesse cenário, Parnaíba se consolidou como o principal polo futebolístico do estado, liderando o esporte local e criando uma tradição que inspiraria o crescimento do futebol piauiense nas décadas seguintes.

Com efeito, o sucesso do futebol em Parnaíba logo despertou o interesse da capital e de outras cidades do interior do Piauí. Conforme relatado, “Teresina, há bem pouco tempo, veio a despertar, mas a sua ação dentro das cidades, como sejam Floriano, Oeiras, Uruçuí, Campo Maior, Amarante e outras, onde os esportes são as diversões preferidas, a bem do futuro da nossa população e do engrandecimento do Brasil”²⁹⁹.

Na década de 1910, a população piauiense já dava claros sinais de que o futebol ia além de uma breve moda estrangeira, consolidando-se como a principal forma de sociabilidade urbana no estado. Essa forte adesão ao esporte resultou na criação de diversos times em várias cidades do Piauí, entre 1910 e 1940. Parnaíba, pioneira nessa prática, viu o surgimento de importantes clubes, como o Parnahyba (1913), o Internacional (1917), o Artístico (1918), o Guarany (1918), o Fluminense (1927), o Paysandú (1928), o Remo e o Comercial. Além desses, a cidade contava com times suburbanos, como o Sport Clube Flamengo (1928), o Primeiro de Maio, o Praiano, o Coroa e o Belga Sport Club (1940). Há registros de um Belga Foot-ball Club em 15 de março de 1917, que possivelmente se uniu ao Internacional.

Em Teresina, o cenário futebolístico começou a se consolidar com o surgimento de várias equipes. O *Club Football* foi fundado em 5 de agosto de 1906, seguido pelo *Theresinense Foot-Ball Club* em 27 de junho do mesmo ano. A expansão continuou com o surgimento do *Sport Club Theresinense*, em 11 de junho de 1914, e o *Theresinense Athletic Club*, em 7 de

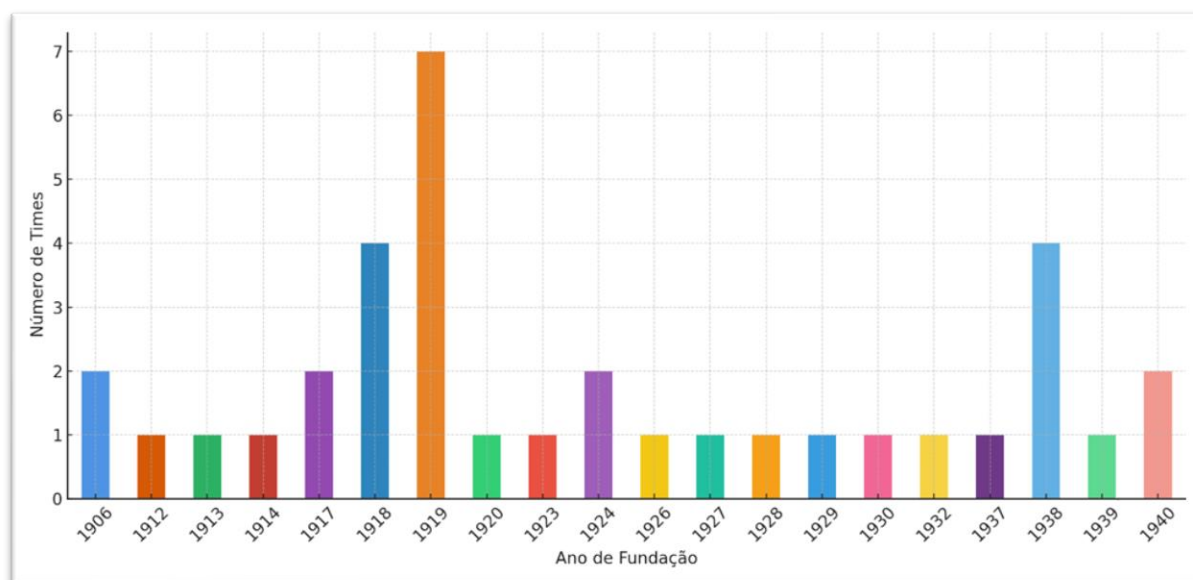
²⁹⁸ REMINISCÊNCIA do foot-ball. *Almanaque da Parnaíba*, 1936, ano 12, p. 261.

²⁹⁹ NOTAS Sportivas. *Piauí*, Teresina, 7 mar. 1920, ano 30, n. 360, p. 2.

janeiro de 1917. A partir daí, clubes como o Artístico, Militar e Commercio, todos fundados em 1918, passaram a integrar o cenário, seguidos por outras equipes como Typográfico, 79 Sport Club, Fundação, Belga, Piauihy e Bangu, que surgiram em 1919. Na década seguinte, destacaram-se o América e o Tiradentes, fundados em 1924, além de outros como o 206 Sport Club (1926), Ypiranga (1927), Guarany (1929) e 4 de Outubro (1930). O futebol teresinense se fortaleceu com a criação de times como o Botafogo (1932), Sport Club Flamengo (1937), Automóvel (1938), Comercial (1938), Terríveis (1938) e Fluminense Foot-ball Club (1939). Outros clubes, como o Nacional e o Santa Cruz, também figuram nesse período, embora as fontes nem sempre forneçam datas precisas de fundação. O Satélite, registrado em 1918, contribui para esse quadro vibrante do futebol no início do século XX, evidenciando a expansão esportiva na cidade.

O desenvolvimento do futebol em Parnaíba e em Teresina foi apenas parte de uma expansão mais ampla que se estendeu a outras cidades piauienses. Em Floriano, por exemplo, surgiram o Artístico Sport Club (1918) e o Floriano Sport Club (por volta de 1920), enquanto em Campo Maior, o Mafrense (1938) e o Campo Maior (por volta de 1940) também se destacaram. Oeiras, por sua vez, viu o surgimento do Ipiranga em 1923, ampliando ainda mais o cenário futebolístico no interior do estado.

Gráfico 2 - Número de times de futebol fundados por ano (1906-1940)



Fonte: Elaborado pelo autor.

O gráfico anterior ilustra o crescimento e a evolução do futebol no Piauí ao longo de várias décadas. Embora ele destaque apenas os clubes cujas datas de fundação foram identificadas, é válido reconhecer que muitos outros times também foram criados nesse período,

mas seus anos específicos de fundação não foram registrados. A trajetória de organização do futebol no estado começa em 1906, com a fundação dos primeiros clubes em Teresina. Nesse estágio inicial, o futebol funcionava principalmente como uma atividade recreativa e social, voltada mais para o entretenimento do que para a competição formal. Esse caráter de lazer ajudou a estabelecer o futebol como uma nova forma de sociabilidade urbana, marcando o início de uma cultura esportiva que se expandiria nas décadas seguintes.

A primeira onda significativa de fundações de clubes ocorreu entre 1912 e 1919, destacando-se com a criação do Parnahyba em 1913, e do Internacional em 1917, ambos em Parnaíba. Esse período viu um aumento gradual no número de clubes, sugerindo um crescente interesse pelo futebol como esporte organizado e competitivo, especialmente em cidades como Parnaíba, Teresina, Floriano e Oeiras. Os anos de 1918 e 1919, em particular, representaram um pico notável, com 12 novos times formados, refletindo um movimento coletivo em prol da oficialização e organização do esporte no estado. Esse crescimento pode ser atribuído à influência de clubes estabelecidos e ao entusiasmo generalizado pelo futebol.

Entre 1924 e 1929, ocorre uma segunda onda de fundações, especialmente em Teresina. Esse período reflete a institucionalização do futebol, com a criação de ligas e uma estrutura mais formal para o esporte, promovendo sua popularização em todo o estado. O ano de 1938 também é significativo, com quatro novos clubes sendo fundados, indicando um renascimento do interesse e da organização esportiva, não apenas na capital, mas também em outras regiões, como Floriano e Campo Maior.

Durante a década de 1930, o futebol no Piauí passou por uma fase de estabilização, marcada pela diminuição na fundação de novos clubes. Esse período de estagnação pode ser explicado por fatores econômicos, estruturais e sociais que afetaram diretamente o desenvolvimento do esporte na região. A economia local foi impactada pela perda de influência de empresas como a *Booth Line* e a Casa Inglesa, em Parnaíba, que eram essenciais para o financiamento de atividades esportivas. Essa perda de influência, que impactou diretamente o setor extrativista, reduziu os recursos disponíveis para a criação de novos clubes, restringindo o crescimento do futebol. Além disso, a falta de infraestrutura adequada e de apoio financeiro externo dificultou a expansão dos clubes menores.

Outro aspecto que contribuiu para esse cenário de estagnação foi a falta de integração esportiva entre as principais cidades do estado, Teresina e Parnaíba. A ausência de uma aliança esportiva forte entre essas cidades fragmentou o desenvolvimento do futebol e impediu a formação de uma liga estadual robusta, essencial para promover a competitividade e a coesão

entre os clubes. A gestão dos clubes também desempenhou um papel negativo, sendo muitas vezes marcada por abordagens personalistas e falta de estratégias de longo prazo, o que dificultou a adaptação às mudanças econômicas e às demandas de modernização, levando à dissolução de clubes históricos como o *Internacional Athletic Club*. Em contraste com o avanço do profissionalismo em outras regiões do Brasil, a limitada transição para práticas mais modernas no esporte manteve o Piauí à margem das transformações nacionais, resultando na indefinição entre amadorismo e profissionalismo que restringiu o desenvolvimento dos clubes locais e impediu investimentos necessários para um crescimento mais robusto.

O surgimento dos clubes de futebol no Piauí simbolizou a rápida assimilação do esporte como um elemento central da vida social nas cidades brasileiras. A identificação com o futebol foi imediata e intensa, evidenciada pela afirmação do literato Gilberto Amado de que “a única objeção que se poderia fazer ao futebol [...] é não ser original brasileiro”³⁰⁰. Essa paixão pelo futebol também se refletiu no Piauí, onde os jornais rapidamente celebraram essa nova febre esportiva tanto na capital quanto em Parnaíba. Em dezembro de 1919, um cronista de *O Nordeste* destacou na coluna *Semana Elegante*, que “não nos limitaremos, porém, apenas ao nosso jardim da Praça Rio Branco. Teresina já possui outros centros de atividade social. Além do jardim, temos o foot-ball, que já é um centro de reunião de primeira ordem [...]”³⁰¹.

Alguns meses depois, a mesma Coluna destacou que Teresina já não é mais a mesma cidade tediosa de cinquenta anos atrás, enfatizando que “temos o cinema diário, temos o jardim, temos o *football*. As nossas conterrâneas se ainda neguem a moda em todos os seus inúmeros detalhes, pelo menos, revelam muito gosto e muita inteligência no trajar”³⁰².

³⁰⁰ AMADO, Gilberto. *Assunto sério*: aparências e realidade. São Paulo: Monteiro Lobato e Cia., 1922, p. 29.

³⁰¹ SEMANA elegante. *O Nordeste*, Teresina, 6 dez. 1919, ano 1, n. 2, p. 3.

³⁰² SEMANA elegante. *O Nordeste*, Teresina, 8 maio 1920, ano 1, n. 24, p. 3.

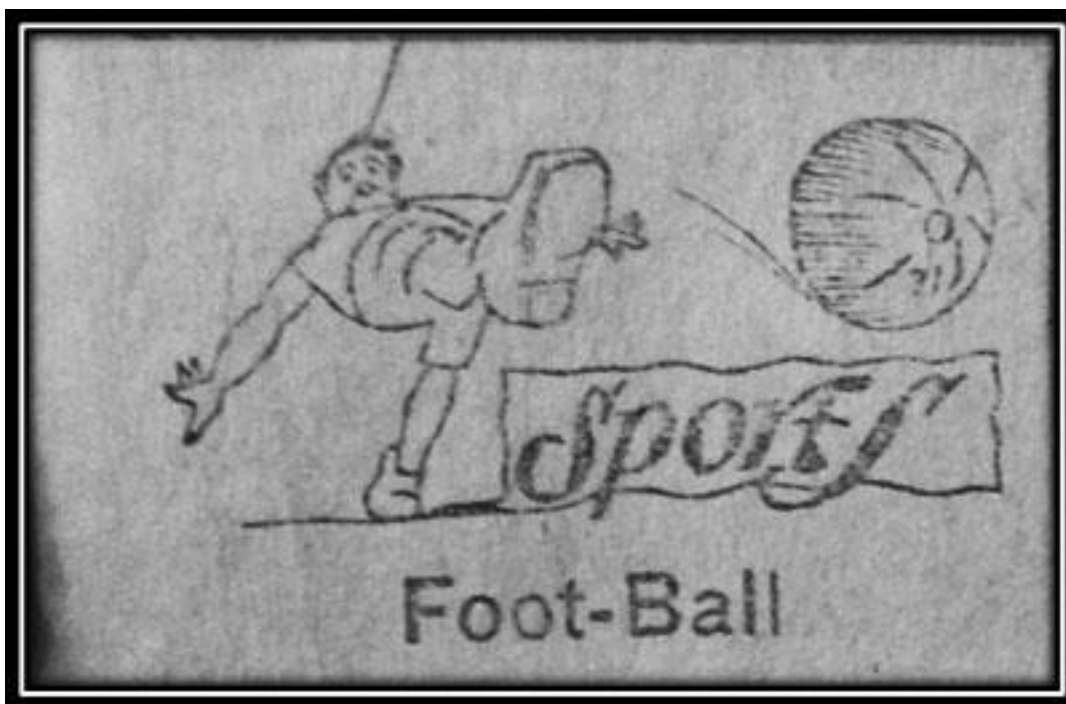


Figura 23 - Propaganda do jornal *O Nordeste* (1919)

Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado do Piauí.

Esse fervor pela nova forma de sociabilidade, especialmente o futebol, era ainda mais evidente em Parnaíba. No *Almanack da Parnahyba* de 1927, o poema “Progresso” captura a essência desse entusiasmo, apresentando o futebol como um verdadeiro emblema de modernização e desenvolvimento urbano. Nos versos iniciais, o autor exalta o futebol como símbolo do avanço da cidade, destacando-o como um elemento vital que integra o tecido social e cultural de Parnaíba, refletindo a transformação dinâmica da cidade e seu espírito inovador.

Parnaíba progride! ... Acorda o foot-ball!
De danças se organiza um club colossal!
O cinema atingindo o máximo ideal,
Um prédio construído brilhante como um sol!³⁰³

A história do futebol no Piauí revela um processo de transformação social e cultural, marcado pela interação entre diferentes grupos sociais e pela tensão entre tradição e modernidade. Desde suas origens associadas aos operários e jovens da elite, até o seu desenvolvimento em um esporte organizado e institucionalizado, o futebol refletiu as dinâmicas sociais da época e as mudanças nas práticas de lazer. Em Parnaíba, a influência dos trabalhadores locais e dos emigrantes ingleses foi crucial para moldar o esporte, enquanto em Teresina, o futebol se consolidou através da colaboração entre operários e membros da elite. Mesmo diante da tendência

³⁰³ BRANCO, Lívio Castello. Progressos. *Almanack da Parnahyba*. Parnaíba, 1927, p. 20.

à elitização e ao “aburguesamento” do esporte, a presença persistente de clubes operários demonstra uma resistência significativa às pressões para modernização nos moldes ingleses. Esse cenário ilustra a complexidade e a riqueza da construção do futebol no estado, evidenciando sua importância como um espaço de interação social e cultural, que transcendeu barreiras e se enraizou na identidade piauiense ao longo das décadas.

3.2 Futebol moderno: a emergência das ligas esportivas no Piauí

A transição do esporte tradicional para o moderno é um processo complexo que envolveu a transformação de suas práticas em atividades organizadas e regulamentadas. Conforme descrito por Pablo Alabarces³⁰⁴ em *Historia mínima del fútbol en América Latina*, os esportes modernos se distinguem por sete características fundamentais. A primeira delas é o secularismo. Nos tempos antigos, os esportes estavam frequentemente associados a rituais religiosos e cerimônias sagradas, como os festivais gregos em homenagem aos deuses. No entanto, no esporte moderno, essa conexão com o religioso foi rompida. Embora os praticantes possam manter suas crenças, a prática esportiva em si se tornou secular, com objetivos focados na competição, sucesso, prestígio, fama ou dinheiro.

Outra característica essencial é a igualdade. As regulações modernas são estabelecidas com o intuito de garantir que todos os competidores tenham as mesmas oportunidades, promovendo uma ordem meritocrática, na qual o melhor desempenho define o vencedor. Esse princípio reflete o desenvolvimento de instituições democráticas, em que a igualdade de condições é central, tanto no esporte quanto na sociedade.

A burocratização é talvez a característica mais significativa para a organização dos esportes modernos. A criação de organismos que criam e administram regras, organizam competições e gerenciam todo o seu aparelhamento. Esse processo começou com as Regras de Cambridge em 1848 e culminou na criação da FIFA em 1904. A burocratização diferencia o praticante “federado”, que pertence a clubes e associações, do praticante ocasional. Essa estrutura permite a padronização, profissionalização e expansão internacional dos esportes.

Além disso, a especialização caracteriza fortemente os esportes modernos. Nos tempos antigos e medievais, os praticantes frequentemente se envolviam em várias atividades sem se especializar em nenhuma. No contexto moderno, a especialização tornou-se fundamental, com atletas dedicando-se exclusivamente a uma modalidade. Essa especialização não só melhora o

³⁰⁴ ALABARCES, Pedro. *Historia mínima del fútbol en América Latina*. Ciudad de México: El Colegio de México, 2018, p. 26-28.

desempenho individual, mas também é crucial para a profissionalização do esporte, em que jogadores, árbitros, treinadores e dirigentes desempenham papéis separados.

A racionalização é uma característica central dos esportes modernos. Influenciados pelo capitalismo industrial e desvinculados de relações rituais com as religiões, os esportes são estruturados por organizações, regulações e administrações racionais. O objetivo primário é a administração das regras e o princípio de igualdade para o controle de desempenhos esportivos justos. Secundariamente, com a progressiva profissionalização, busca-se a obtenção de lucro. Com o tempo, a racionalização esportiva evoluiu para uma racionalidade capitalista, focada na obtenção de ganhos financeiros e transformando elementos afetivos, como identidade e paixão, em mercadorias.

A quantificação marca uma transformação significativa. Os esportes rapidamente deixaram de ser simples jogos para se tornarem séries de competições, como torneios e ligas. Cada partida ou desempenho é quantificado em termos de resultados mensuráveis, como pontuações, tempos e distâncias. Esses resultados são então acumulados em tabelas e *rankings*, permitindo uma comparação precisa entre competidores e épocas diferentes, e promovendo uma cultura de melhoria contínua.

Finalmente, a obsessão por recordes é uma consequência natural da quantificação dos desempenhos. A busca incessante pela superação de registros estabelecidos, como mais gols, tempos mais rápidos, alturas maiores e força superior, tornou-se uma característica central dos esportes modernos. Esse ciclo infinito de busca por recordes reflete a obsessão contemporânea pela superação contínua e progresso constante, incentivando os atletas a se esforçarem continuamente para superar os feitos anteriores.

Em complemento às observações de Alabarces, Valter Bracht, no capítulo “O esporte e as instituições”, de seu livro *Sociologia crítica do esporte*, argumenta que o conceito de esporte moderno “refere-se a uma atividade corporal de movimento com caráter competitivo surgida no âmbito da cultura europeia por volta do século XVIII, e que se expandiu para o restante do mundo”³⁰⁵. Surgido na Inglaterra, o esporte moderno se desenvolveu em um contexto de profundas transformações sociais e econômicas provocadas pela Revolução Industrial. Atividades de lazer das classes dominantes, como corridas de cavalo e jogos de bola, foram regulamentadas e organizadas em clubes. No século XIX, surgiram clubes esportivos e federações que promoveram competições regionais e nacionais, impulsionados pela

³⁰⁵ BRACHT, Valter. O esporte e as instituições. In: BRACHT, Valter. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. 4. ed. Ijuí: Unijuí, 2011, p. 21.

industrialização, urbanização, aumento do tempo livre e surgimento dos sistemas nacionais de ensino. A burocratização e a organização formal do esporte cresceram, levando à institucionalização e profissionalização.

No centro do embate entre profissionalismo e amadorismo estava uma tensão fundamental da sociedade capitalista: a relação entre capital e trabalho. As classes dominantes promoveram o amadorismo como uma estratégia de distinção social, na qual a atividade esportiva era realizada pelo prazer de praticá-la, sem fins úteis ou financeiros. Esse *ethos* aristocrático diferenciava ligas amadoras de ligas profissionais. Os jogos olímpicos modernos, idealizados pelo francês, barão de Coubertin³⁰⁶, adotaram o ideário amadorista, que mais tarde, durante a Guerra Fria, foi estrategicamente assumido pelos países socialistas. O amadorismo funcionava como um instrumento de distinção de classe e violência simbólica, confrontando os interesses dos trabalhadores.

Ao longo desse processo, o esporte moderno incorporou elementos estruturais do capitalismo industrial, como a busca por rendimento e competição, a cientifização do treinamento, a organização burocrática, a especialização de papéis e a pedagogização. Nesse contexto, o nacionalismo, amplamente promovido pelo movimento olímpico, consolidou-se como um dos principais eixos da expansão esportiva, reforçando sua vinculação com projetos políticos e identitários. A partir de meados do século XIX, a prática esportiva moderna se difundiu pela Europa, consolidando-se no século XX como a principal forma de cultura corporal. Antes da Segunda Guerra Mundial, a institucionalização do esporte já refletia as hierarquias da sociedade burguesa, evidenciando como sua estrutura de classes moldou as regras, as instituições e os modelos de competição.

A transição do futebol no Piauí reflete o complexo processo de transformação do esporte, que evoluiu de uma prática amadora e social para uma atividade moderna. No entanto, no início do século XX, esse processo de modernização no Piauí ainda não havia se consolidado em um futebol profissional. Embora a Federação de Futebol do Piauí tenha sido formalmente organizada em 1942, até a década de 1960, o futebol piauiense carecia de uma estrutura que caracterizasse o profissionalismo. Apesar de já ter incorporado algumas características do futebol moderno, como a burocratização, a racionalização, a quantificação e a padronização, o profissionalismo ainda não estava completamente estabelecido.

³⁰⁶ Coubertin acreditava que o esporte tinha o poder de educar e unificar as pessoas, promovendo a paz e a compreensão internacional. Inspirado pelos antigos Jogos Olímpicos gregos, ele propôs a reintrodução dos Jogos Olímpicos como um evento internacional que celebrasse a excelência atlética e a fraternidade entre as nações. Em 1894, ele fundou o Comitê Olímpico Internacional (COI) e, dois anos depois, os primeiros Jogos Olímpicos modernos foram realizados em Atenas, Grécia, em 1896.

Nesse contexto de transformação e organização do futebol, Alabarces esclarece que a Federação Brasileira de Futebol foi organizada em 1914, mas o país só teve um torneio nacional em 1959, com a criação da Taça Brasil, que se tornou o campeonato mais importante do país a partir de 1971³⁰⁷. A história do futebol brasileiro é apresentada como uma série de múltiplas fundações, culminando na criação de um futebol plural que reflete a diversidade cultural do país. A organização do futebol brasileiro ocorreu de maneira descentralizada, com a criação de ligas estaduais antes do estabelecimento de um campeonato nacional.

No estado do Piauí, essa descentralização se refletiu na formação das Ligas Parnaibanas e Teresinenses, que antecederam a atual Federação de Futebol do Piauí. Na primeira metade do século XX, cabia a essas ligas a organização das competições locais. Constituídas pelos próprios clubes, estruturavam a programação esportiva com base em tabelas de jogos que, ao longo da temporada, determinavam o campeão. Entre 1916 e 1940, diversas ligas foram criadas em Parnaíba e Teresina, mas apenas a parnaibana obteve reconhecimento da Confederação Brasileira de Desportos.

A primeira iniciativa desse modelo de competição ocorreu em 1916, com a criação da *Liga Sportiva Parnahybana* (LSP). Parnaíba, pioneira no futebol piauiense, também se destacou na organização de seus clubes, estruturando a modalidade antes mesmo da capital. Com isso, a imprensa passou a acompanhar de perto os torneios estaduais, incluindo a primeira edição do campeonato parnaibano³⁰⁸. Segundo Severino Filho, a diretoria da LSP era composta por Demerval Neves Rodrigues (presidente), Raymundo Nunes (vice-presidente), José Pires de Lima Rebello (secretário), José Aristides Quevedo (tesoureiro) e Odílio Diniz Neves (diretor de esportes³⁰⁹).

Um ano depois, em 1917, com a colaboração do vice-cônsul inglês, Charles Ernest Clissold, foi criada a Liga de Esportes Terrestres de Parnaíba, presidida pelo Dr. João Tavares Silva, com Alberto Sousa como secretário e Barnabé Brito como tesoureiro. O parnaibano Goethe Rebello, em seu livro de memórias *Tempos que não voltam mais: crônicas sobre a Parnaíba antiga*, descreve bem essa iniciativa. Logo após a criação da Liga, diversos clubes do litoral foram fundados e se uniram à competição³¹⁰. A fundação da Liga foi um marco para o futebol local, desempenhando um papel central na organização das competições e na introdução

³⁰⁷ ALABARCES, Pedro. *Historia mínima del fútbol en América Latina*. Ciudad de México: El Colegio de México, 2018. p. 86.

³⁰⁸ BECK. Teremos uma liga Sportiva em 1919? *O Artista*, Teresina, 5 out. 1918, ano 1, n. 2, p. 1.

³⁰⁹ FILHO, Severino. *Memórias do futebol piauiense*. Teresina: 2014, p. 29.

³¹⁰ REBELO, 1984, p. 62-63.

de normas e regulamentos, refletindo a burocratização e racionalização do esporte, características fundamentais do futebol moderno:

[...] Em 1917, foi fundada a *Liga de Esportes Terrestres de Parnaíba*, primeira representante oficial do futebol piauiense, filiada à Liga Metropolitana de Esportes Atléticos, órgão máximo do esporte brasileiro daquela época, com sede no Rio de Janeiro, então órgão Federal do Brasil³¹¹.

Em meio a esse movimento de organização, o futebol em Parnaíba experimentava momentos decisivos de consolidação. Em 1924, duas ligas locais foram dissolvidas para criar a “Associação Athletica Piauiense”, com o objetivo de pacificar e unificar os elementos esportivos da região. O novo órgão foi estruturado com um conselho supremo “composto de três membros: dr. João Tavares da Silva e coronel Epaminondas Castello Branco, que eram presidentes das antigas Ligas, e o terceiro membro é o maranhense Josias Santiago, pessoa inteiramente sem ligações com qualquer dos contendores”³¹². Essa mudança institucional buscava acabar com os conflitos entre os principais clubes e promover a cooperação no cenário esportivo local, permitindo que o futebol continuasse a se desenvolver.

A criação da Liga também reacendeu a rivalidade entre os dois principais times do litoral piauiense, Parnahyba e Internacional, que estavam afastados dos confrontos³¹³. A expectativa da população para o reencontro dos dois clubes era grande, como relatado: “A população vibra pela disputa entre os dois possantes clubes, que há três anos se acham afastados”³¹⁴. A partida, marcada para o campo do Parnahyba, prometia um embate significativo, sendo disputada a Taça “Piauiense”, oferecida pela firma Moreira & C. de Recife.

³¹¹ REBELO, 1984, p. 62.

³¹² PELO Piauihy. *Diário de S. Luiz*, São Luiz, 27 out. 1924, ano 5, n. 242, p. 4.

³¹³ REBELO, 1984, p. 62-63.

³¹⁴ PELO Piauihy. *Diário de S. Luiz*, São Luiz, 27 de outubro de 1924, ano 5, n. 242, p. 4.



Figura 24 - Time do Parnahyba
 Fonte: *Almanaque da Parnaíba*, 1935, ano 12, p. 177.

No ano seguinte, essa efervescência em torno do futebol se manteve intensa, com a participação de clubes como Parnahyba, Internacional, Artístico, Piauhy, Coroa e Guarany no campeonato de 1925, organizado pela Liga. O destaque, mais uma vez, foi o Parnahyba, considerado o favorito à vitória, “pelos elementos de que dispõe, pelas recentes conquistas, pela posição invejável de *primus inter pares*³¹⁵, que vem mantendo galhardamente desde que manifestou aqui o gosto pelo ‘Foot-ball’”³¹⁶. Esse domínio do Parnahyba, veterano nas disputas esportivas, refletia a hierarquia emergente entre os clubes e a crescente competitividade, características centrais dos esportes modernos. A formação da equipe pode ser vista em uma foto publicada no *Almanaque*, que retrata o time do Parnahyba de 1926.

Esse esforço de institucionalização do futebol em Parnaíba precedeu o que ocorreria anos depois em outras partes do estado, especialmente Teresina. Nesse contexto, cronistas começaram a defender uma maior estruturação do futebol na capital, com foco na criação de um calendário anual de jogos, árbitros especializados e campos adequados, buscando

³¹⁵ No contexto do futebol, dizer que o Parnahyba mantinha uma “posição invejável de *primus inter pares*” significa que, apesar de estar em igualdade de condições com outros clubes, ele era visto como o mais destacado ou superior nas competições.

³¹⁶ FOOT-BALL. *A Imprensa*. Teresina, 15 set. 1925, ano 1, p. 4.

transformar o esporte em uma atividade respeitável, voltada para as “boas” famílias teresinenses. A necessidade de organizar o futebol em Teresina foi destacada em um artigo de *O Artista* de 5 de outubro de 1918, que fazia referência a uma matéria anterior de *O Piauí*, assinada por *Off-side*. Beck ressaltava a urgência da criação de uma liga esportiva, essencial para estruturar as competições e possibilitar que os clubes da capital enfrentassem times de outras cidades, como Parnaíba, de forma mais competitiva. O autor alertava que, embora a ideia parecesse precoce para alguns, os trabalhos deveriam começar logo, dada a complexidade envolvida na formação da liga.

Tivemos o grato prazer de ler no número de 29 do passado, no nosso confrade “O Piauí”, sobre tão oportuno e palpitante assunto, assinado pelo brilhante cronista *Off-side*, no qual abordava alguns pontos para a organização definitiva de uma “Liga”, o que é de grande interesse para o nosso mundo esportivo teresinense. A formação definitiva de uma “Liga” é um caso importante, que às vezes chega a revolucionar toda a imprensa, como agora acaba de suceder na Capital Federal para a criação da “Liga Sul-Americana”. [...] Para que haja aqui entre nós uma “Liga”, necessitamos *in primo* de assentarmos a temporada, e esta, pensamos, só poderá ser de fevereiro a abril, em vista de alguns jogadores pertencerem à classe estudantil. Cremos que em 1919 não podemos ainda nos bater com clubes parnaibanos – não temos ainda fundos suficientes, nem o jogo (*sic*). Alguém dirá: “Mas ainda está muito cedo para se tratar de ‘Liga’.” Responderemos que não; não está cedo, porque teremos muito trabalho para levar a efeito esse magno desiderato. Só na escolha dos três legítimos delegados dos clubes a que se referiu “O Piauí”, cremos que não será sem dificuldades para os srs. Presidentes de clubes, pois precisam de pessoas de toda confiança para os papéis que naturalmente irão desempenhar diante da augusta Diretoria. Na organização dos Estatutos, nem se fala – debates violentíssimos serão postos em ação, e isso necessita de pessoas que saibam raciocinar nas legítimas festas. Para isso, estaremos de olhos abertos e de ouvidos atentos para apreciarmos o desenrolar dos fatos que aos poucos virão surgindo³¹⁷.

Nesse contexto, a criação de uma entidade que organizasse e regulamentasse as competições se tornou crucial para garantir que o esporte seguisse padrões adequados e mantivesse seu prestígio entre jogadores e público. Um exemplo claro dessa necessidade é a coluna de Calixto na *Liga Sportiva*, do jornal *O Nordeste*, onde ele ressaltava a urgência da criação de uma liga em Teresina para organizar os diversos times espalhados pela cidade.

Há muito tempo ouço falar numa tal liga de todos os clubes esportivos de Teresina, o que seria de fato, uma ideia magnífica. O tempo, porém, vai se passando, os dias vão naturalmente se sucedendo e nada de se pôr em prática a vantajosa ideia. E, no entanto, toda gente sabe que tal ideia seria de um alcance extraordinário, no meio esportivo teresinense, se existe na realidade, um tal meio em Teresina³¹⁸.

³¹⁷ BECK. Teremos uma liga Sportiva em 1919? *O Artista*, Teresina, 5 out. 1918, ano 1, n. 2, p. 1.

³¹⁸ CALIXTO. Liga Sportiva. *O Nordeste*, Teresina, 17 abr. 1920, ano 2, n. 21, p. 4.

A organização do futebol em Teresina já vinha sendo discutida desde o final da década de 1910, quando a prática esportiva começava a se expandir pela cidade. Em 1918, foi fundada a primeira entidade dirigente, o Diretório Piauiense de Sports Terrestres, responsável por promover o primeiro campeonato na capital. No ano seguinte, a criação da Liga Sportiva Theresinense trouxe uma estrutura ainda mais sólida, permitindo o crescimento e a consolidação do futebol local. Esse movimento inicial estabeleceu as bases organizacionais necessárias para que o esporte florescesse e se alinhasse aos padrões observados em outras capitais.

Nas décadas de 1920 e 1930, outras entidades surgiram, como a Liga Sportiva Theresinense (LST), que se transformou em Liga Piauiense de Sports Athleticos (LPSA), a Liga Piauiense de Sports Terrestres (LPST), e por fim, a Liga Theresinense de Esportes Terrestres (LTET), fundada em 1940. Em setembro de 1925, o cronista do jornal *A Imprensa* destacou a importância de uma Liga em Teresina para o engrandecimento da capital:

Teresina civiliza-se, tem ânsia de progresso. Tudo aquilo que seja elevá-la, engrandecê-la, tem hoje sem discrepância aprovação unânime não só da parte culta, como do povo em geral. Daí, a explicação do entusiasmo febril com que foi saudada a ideia de um campeonato de *foot-ball* entre os clubes da cidade instituído pela Liga Piauiense de Sports Terrestres, novel associação há dias criada nesta capital³¹⁹.

Embora a criação de ligas esportivas tenha sido vista como essencial para o progresso e engrandecimento da capital, o sucesso dessas entidades dependia de uma série de ajustes na maneira como o futebol era praticado em Teresina. No início da década de 1920, a precariedade dos campos de futebol era uma das maiores barreiras para a integração do esporte na cidade. A ausência de um campo oficial bem estruturado limitava o crescimento do futebol local e impedia que Teresina se equiparasse a cidades vizinhas, como Parnaíba. Nesse contexto, o cronista Calixto, em 1920, expressou sua indignação com a situação, apontando a necessidade urgente de se organizar uma liga que pudesse centralizar as partidas em um campo apropriado para o esporte e o público:

Muitos clubes de *foot-ball* existem, é uma verdade, mas é verdade também que nem um desses clubes possui sequer um campo apresentável. O melhor campo deles é uma vergonha para todos nós [...]. Temos seis, oito clubes de *foot-ball* e nenhum deles presta, nenhum deles possui os requisitos necessários para se apresentar em público. Melhor seria que todos esses pequeninos clubes se reunissem, organizassem uma liga, criando um só campo para todos, o “campo oficial” e onde, pelos menos as famílias gozassem de um relativo

³¹⁹ COLUNA Sportiva. *A Imprensa*, Teresina, 15 set. 1925, ano 1, n. 13, p. 1.

conforto. De outra maneira, de outro modo o jogo da bola em Teresina continuará a ser entre nós o que tem sido até agora: – uma coisa idiota, sem ordem, – passatempo de rapazolas, divertimento de desocupados. Façam, portanto, a Liga, organizando-a em bases sólidas e duradouras, reduzam todos os campos a um só, mas um campo de verdade, e não uma praça qualquer, com as duas barras mal-acabadas e dispensáveis, e teremos, então, alguma coisa digna de acato e de respeito³²⁰.

A crítica do cronista ressaltava a urgência de superar as condições precárias em que o futebol era praticado, reforçando a necessidade de uma organização sólida para a gestão esportiva na capital. Além de cobrar melhorias estruturais, ele destacou a ausência de um time que pudesse representar Teresina com competitividade nas competições estaduais e nacionais. A resposta a essas demandas veio com a criação da Liga Piauiense de Sports Terrestres (LPST), que se empenhou em promover a regulamentação e a organização do futebol local, centralizando as atividades esportivas e buscando recursos para melhorias.

Uma das primeiras medidas da LPST foi organizar eventos para arrecadar fundos destinados à construção de um campo adequado para as partidas, pois os campos existentes em Teresina, segundo cronistas da época, não estavam à altura dos modelos observados em estados vizinhos ou mesmo em Parnaíba, onde as instalações já eram consideradas mais avançadas. Essa prioridade ficou evidente no festival de 15 de novembro de 1925, cujo objetivo principal era financiar esse projeto. Durante o festival, os jogos, com duração de 40 minutos, divididos em dois tempos de 20 minutos, aconteceram pela manhã e à tarde. Pela manhã, foram realizados três jogos eliminatórios entre os seis clubes filiados à Liga. À tarde, os vencedores das eliminatórias se enfrentaram em mais dois jogos, que decidiram a disputa da “Taça Mathias Olympio”, premiação concedida pela Liga, conforme noticiado pelo jornal *A Imprensa*:

1º match- S. Cruz x Nacional. Arbitro: sr. Alfredo Soieiro, do América.
 2º match- Teresinense x Paysandú. Arbitro: sr. João Ferry, do Artístico.
 3º match- América x Artístico. Arbitro: sr. José Dutra, da Comissão de Foot-ball.
 4º match- vencedor do 1 match x vencedor do 2º. Arbitro: sr. David Carmo do Artístico.
 5º match- Vencedor do 3º x Vencedor do 4º. Arbitro: sr. José Dutra, da Comissão do Foot-Ball³²¹.

Os cronistas relatam que, embora houvesse campos disponíveis, como o do Artístico Foot-ball Club, a infraestrutura era frequentemente inadequada. Em um discurso de Augusto Lopes Magalhães, publicado em *O Artista* em setembro de 1918, ele enfatizou a importância do evento de inauguração do campo, mencionando o hasteamento da bandeira portuguesa que

³²⁰ CALIXTO. Liga Sportiva. *O Nordeste*, Teresina, 17 abr. 1920, ano 2, n. 21, p. 4.

³²¹ O FESTIVAL da liga. *A Imprensa*. Teresina, 12 nov. 1925, ano 1, n. 37, p. 4.

representava o time Satélite: “[...] por ocasião do hasteamento da bandeira portuguesa que representava o *team* ‘Satelite’ na inauguração do campo de futebol do ‘Artístico Foot-Ball Club’, realizada a 8 do corrente”³²². No entanto, muitos desses campos, adaptados em praças ou largos da cidade, ofereciam pouco conforto e segurança tanto aos jogadores quanto ao público.

Em uma publicação de *A Imprensa* de janeiro de 1928, na coluna Pelo Sport, destacou-se que “o campo do Militar Sport Club era o único na capital que não havia sido improvisado em praças”. Acredita-se que o cronista enfatiza ser o único com essa característica, embora ainda estivesse distante dos padrões alcançados em Parnaíba ou em estados vizinhos, como São Luís. A mesma publicação menciona que “as entradas pagas” do jogo entre o Militar e o Tiradentes seriam destinadas ao “Pavilhão de Operações da S. Casa de Misericórdia e o restante destinado às despesas com a determinação dos trabalhos do campo de Foot-ball do Militar”³²³, reforçando que, apesar de ser o principal espaço esportivo da cidade, sua estrutura ainda estava em construção e necessitava de melhorias.

A construção de um campo próprio tornou-se uma prioridade para os clubes e ligas de Teresina, que viam nessa iniciativa a oportunidade de garantir um espaço mais adequado para as competições. A criação de ações e a organização de festivais reforçam o empenho das lideranças esportivas em melhorar as condições para a prática do futebol na cidade, buscando integrar essa estrutura em uma lógica de modernização do esporte.

[...] Em prol da construção do campo próprio da Liga, reuniram-se ontem em sessão conjunta, a Diretoria, as Comissões do Foot-ball e de Sindicância e do Conselho Superior da Liga Piauiense de Sports Terrestres. Naquela reunião se trataram de diversas medidas concernentes à referida construção, ficando deliberado que se emitissem duzentas ações de 50\$000 cada uma, além dos festivais que serão promovidos, entre os quais se destaca o de 15 de Novembro próximo, que obedecerá o seguinte programa, e será dedicado aos exmos. Srs. Governadores do Estado e da Cidade, Secretários de Estado e a Imprensa³²⁴.

Além da questão estrutural, outro aspecto importante que precisava de atenção era a organização de um quadro de juízes qualificados para apitar as partidas. A falta de árbitros imparciais e competentes era uma preocupação crescente entre os cronistas esportivos da época, como destacou Rufião em sua coluna no Jornal *O Nordeste*, em dezembro de 1919. Ele enfatizava a urgência de normatizar o departamento de arbitragem para evitar favorecimentos entre os clubes mais influentes, assegurando a integridade das competições:

³²² MAGALHÃES, Augusto Lopes. Discurso. *O Artista*, Teresina, 22 set. 1918, ano 1, n. 1, p. 1.

³²³ PELO Sporte. *A Imprensa*. Teresina, 18 jan. 1928, ano 3, n. 345, p. 4.

³²⁴ CONSTRUÇÃO do campo de foot-ball. *A Imprensa*, Teresina, 17 nov. 1925, ano 1, n. 27, p. 4.

Referimo-nos ao quadro de juizes ou melhor – ao quadro de “referees”, mas “referres” que possam, sem nenhum favor, merecer essa designação pela imparcialidade absoluta, pela retidão de suas sentenças, marcando os jogos com inteira isenção de ânimo e inconteste competência. [...] Não se cuidando de normatizar esse departamento do esporte em Teresina, cedo ou tarde teremos que lamentar fatos bem desagradáveis e que, por certo, irão contribuir para o desânimo dos amadores do jogo de bretão, tão entusiasticamente apreciado entre nós. [...] Organizemos as bases necessárias, estudemos os pontos mais obscuros, discutamos o assunto, e depois facilímo será chegarmos ao fim almejado. E isso, quanto antes, a fim de que ao ser iniciada a nova temporada esportiva possamos dizer ou repetir a célebre frase, com ligeiras alterações, adaptando-a ao assunto que agora abordamos: “Felizmente já temos juiz... no campo de “foot-ball”³²⁵.

Ao longo das primeiras décadas do século XX, o futebol em Teresina passou por uma transição significativa, deixando de ser uma prática informal e pouco estruturada para se tornar mais moderno e institucionalizado, embora ainda distante do profissionalismo. As competições, organizadas pelas ligas locais e disputadas majoritariamente entre clubes da cidade, eram de caráter regionalizado, com pouco contato com clubes de fora do estado. Essas disputas foram fundamentais para moldar a identidade esportiva local. Crônicas esportivas da época registram clubes como Theresinense, Artístico, América, Nacional e Militar desempenharam um papel central na organização dos campeonatos, criando um espaço de interação social e cultural e consolidando o futebol como parte da vida cotidiana da capital piauiense.

A Liga Piauiense de Sports Terrestres (LPST) oferecia diversos torneios entre os clubes e ela filiados. O envolvimento do público nas competições era incentivado por iniciativas, como a gratuidade de entradas para mulheres, uma estratégia recorrente em eventos esportivos da época para estimular a participação feminina nas partidas. Em uma partida pela Liga de 1925 entre América e Tiradentes, por exemplo, *A Imprensa* alertava para a importância do confronto, “dado o valor e conceito entre os dois contendores”. Tratava-se do campeão e vice do torneio *Initium*. “Por isso mesmo, a Diretoria da Liga resolveu alterar para 2\$000 os preços da entrada do jogo. As senhoras e senhoritas têm entrada grátis”³²⁶.

Em 1928, outro confronto importante da Liga Piauiense de Sports Terrestres ocorreu entre o Artístico, descrito como “veteranos dos nossos campos”, e o Nacional, recém-vencedor do Torneio *Initium*. O jogo foi amplamente anunciado na imprensa local, que previa uma partida acirrada. A crônica publicada na coluna Pelo Esporte, do jornal *A Imprensa*, salientava que o

³²⁵ RUFIÃO. Foot-ball. “Cuidemos quanto antes de organizar um quadro de juizes”. *O Nordeste*, Teresina, 27 dez. 1919, n. 5, p. 3.

³²⁶ COLUNA Sportiva. *A Imprensa*, 12 nov. 1925, ano 1, n. 37, p. 4.

Artístico “não medirá esforços para levar de vencida seu leal antagonista”, enquanto o Nacional “tudo fará para aumentar seu cabedal de glórias”³²⁷.

Com o passar dos anos, a competitividade entre os clubes aumentou e as ligas na capital se tornaram cada vez mais organizadas. A LPST exigia que os clubes não filiados providenciassem a filiação e a inscrição de seus jogadores e o registro de suas cores até o início dos campeonatos, demonstrando o esforço pela padronização e pela profissionalização da gestão esportiva.

De ordem do sr. Presidente comunico as Diretorias do Santa Cruz, Sport Club, Centro Operário Sportivo, Nacional Foot-Ball Club, 79 Sport Club, Paysandú Sport Club e Ypiranga Foot-Ball Club a providenciarem com urgência as suas filiações, inscrições de jogadores e registros de suas cores até o dia 10 do corrente mês, visto como a 24 de junho será iniciado o campeonato oficial de 1928³²⁸.

Em 7 de fevereiro de 1928, na coluna Telegramas e Notícias Diversas de *A Imprensa*, foi publicado um convite ao América Foot-ball Club. O anúncio, assinado por João Moraes, convidava o clube a se reabilitar à Liga Piauihyense de Sports Terrestres, ressaltando a importância de sua participação nas competições locais.

Devemos no mais curto prazo de tempo reabilitar se este Clube, perante a Liga Piauihyense de Sports Terrestres, para o que torna-se necessária a reorganização do quadro social, convido aos sócios, que desejarem continuar a pertencer ao mesmo, virem inscrever-se no livro próprio, que se acha a disposição, na padaria S. José, aos cuidados do Sr. Bernardino Santos³²⁹.

Em 1937, novos confrontos começaram a se formar, trazendo novos elementos à dinâmica esportiva local. O confronto entre o Botafogo e o Artístico, descrito como “uma tarde esportiva sensacional”, em que o “[...] esperado encontro do Botafogo, que vem desfrutando posição destacada no campeonato, com o Artístico, clube valoroso, que no jogo de hoje vai decidir sua sorte para colocação de relevo [...]”, exemplifica o crescente interesse do público nas competições. A sorte de “dois dos nossos mais lindíssimos conjuntos esportivos” seria decidida, destacando o papel do futebol na promoção de rivalidades e interações sociais³³⁰.

Assim, o processo de modernização do futebol em Teresina e no Piauí durante as primeiras décadas do século XX reflete uma transformação gradual e incompleta, na qual os clubes e ligas desempenharam um papel fundamental. As crônicas esportivas da época, ao

³²⁷ LIGA Piauihyense de Sports Terrestres. *A Imprensa*, Teresina, 7 fev. 1928, ano 3, n. 349, p. 4.

³²⁸ LIGA Piauihyense de Sports Terrestres. *A Imprensa*, Teresina, 2 jun. 1928, ano 3, n. 397, p. 4.

³²⁹ MORAES, João. América Foot-ball Club-Convite. *A Imprensa*, Teresina, 7 fev. 1928, ano 3, n. 349, p. 4.

³³⁰ FOOT-BALL. *O Momento*, Teresina, 24 out. 1937, ano 5, n. 462, p. 1.

relatar os jogos, a organização dos campeonatos e o engajamento popular, mostram como o futebol se tornou uma parte central da vida social local, mesmo que o profissionalismo pleno estivesse ainda por vir. Essa transição, marcada por desafios e limitações, foi essencial para a construção de uma identidade esportiva que perdura até os dias atuais.

De modo geral, a elite teresinense e parnaibana nutria um desejo iminente de modernizar o futebol piauiense, com as duas cidades reivindicando para si o *status* de ter o melhor futebol do estado. Embora ambas as cidades tivessem ambições semelhantes, as evidências mostram que, nas décadas iniciais do século XX, o futebol parnaibano prevaleceu. Isso se deve à melhor organização dos clubes e à infraestrutura superior dos estádios em Parnaíba, refletindo diretamente no desempenho dos times e nas convocações de jogadores para a seleção piauiense, que disputava o Campeonato Brasileiro. Conforme destaca Nascimento, o sucesso do Parnaíba nas ligas foi notável: “Em sua caminhada de glórias, o Parnahyba teve a seguinte trajetória esportiva: campeão da Liga Sportiva Parnahybana em 1916, campeão pela Liga Piauhyense de Esportes Terrestres em 1924, 1925, 1926, 1927, 1929, 1930 e 1940”³³¹.

Porém, o cenário começou a se transformar em 1941, quando o futebol piauiense passou por uma reconfiguração significativa. A promulgação do decreto-lei nº 3.199 por Getúlio Vargas, em 14 de abril de 1941, transferiu a responsabilidade pela criação das federações esportivas para as capitais estaduais. Essa mudança beneficiou significativamente Teresina, relegando Parnaíba a um papel secundário no cenário futebolístico. O decreto também estabeleceu as bases para a centralização do controle esportivo no país, resultando na criação da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), posteriormente transformada na Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Essa centralização ampliou o controle federal sobre as atividades esportivas, impactando diretamente as equipes e jogadores do Piauí, que precisaram se ajustar ao novo contexto para manter a competitividade em nível nacional. Como Brito observa, “Os estados por sua vez teriam que fundar uma Federação, e o artigo 47 determinava que esta fosse nas capitais, relegando as demais cidades à administração apenas de Ligas”³³².

³³¹ NASCIMENTO, 2013, p. 52.

³³² BRITO, José de Paulo. *Memórias urbanas: uma viagem ao passado do futebol em Parnaíba, 1898-1920*. Parnaíba: Circulando Comunicação Visual Gráfica, 2013, p. 49.

3.3 Os amistosos interestaduais: uma trajetória conectada

A globalização do futebol, hoje, tem reflexos nos diferentes cenários mundiais. Competições continentais evidenciam o poder global de clubes conhecidos internacionalmente, seja pelas suas marcas ou pelos seus jogadores, tratados como verdadeiros *pop stars* de Hollywood. Suas influências extrapolam as fronteiras regionais e tornam-se conhecidos em diferentes países. Ribeiro alerta que, “apoiada nas mídias globais, a espetacularização amplificou a sociabilidade da prática esportiva”³³³. Porém, esse tipo de fenômeno ainda não era presenciado entre os clubes brasileiros nas primeiras décadas do século XX. Na maior parte das vezes, as equipes amadoras faziam seus jogos e amistosos em intercâmbio com diferentes estados brasileiros. Para Brito, “o primeiro jogo considerado oficial de que se tem notícia no Estado do Piauí aconteceu entre os combinados dos funcionários da Casa Inglesa e Marc Jacob contra um time de ingleses que moravam em Parnaíba”³³⁴.

No Piauí, as duas principais cidades no campo esportivo, Teresina e Parnaíba, tiveram experiências diferentes quanto ao intercâmbio futebolístico. Enquanto a primeira praticava um futebol mais regionalista, a segunda optava por um futebol cosmopolita e integrado:

Antes de nossos times serem filiados ao profissionalismo, o intercâmbio do futebol parnaibano era mais frequente com o meio futebolístico de outros Estados do que com o desporto do Piauí. Teresina e outras cidades piauienses que praticavam um futebol mais regionalista e cidadão não manifestavam tanto desejo de nos visitar, o mesmo acontecendo conosco. Sobretudo, porque não participávamos do Campeonato Piauiense Federado, pois tivemos Ligas independentes, até 1941. Recebemos em nosso único estádio, o da Casa Inglesa, depois Petrônio Portella, delegações vindas do Ceará (Fortaleza, Ceará, Guarany de Sobral, América), Rio Grande do Norte (ABC e América de Natal), Paraíba (Treze de Campina Grande), Pará (Paysandu, Remo e Tuna-Luso), Pernambuco (Sport Club Recife e Santa Cruz), Bahia (Bahia Esporte Clube e Botafogo Futebol Clube – informação de Geruso Rocha), Rio de Janeiro (Madureira Atlético Clube e Botafogo de Futebol e Regatas. Visitamos outras conchas, mas o nosso maior relacionamento foi com futebol maranhense (Fabril Atlético Clube, Luso Brasileiro, Sampaio Corrêa, Maranhão Atlético Clube e Moto Clube) todos de São Luís, Capital³³⁵.

Naquela época, os campeonatos eram escassos, o que gerava oportunidades para a realização de amistosos, principalmente com clubes dos estados do Maranhão, Ceará, Paraíba, Pará, Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro. Há de se ressaltar que, entre esses estados, os clubes

³³³ RIBEIRO, Luiz Carlos. A modernidade do futebol na História. *Vozes, pretérito e devir*. Teresina, v. 5, n. 1, ano 4, 2016, p. 28.

³³⁴ BRITO, 2013, p. 40.

³³⁵ NASCIMENTO, 2013, p. 243.

maranhenses foram os que tiveram maior participação nos jogos piauienses, principalmente pela boa relação entre seus representantes, como no caso de Mr. Charles Ernest Clissold, vice-cônsul inglês, que ajudou nesse elo ao sugerir pontos essenciais para a organização desses amistosos.

[...] Pode-se considerar que um dos primeiros pontapés em direção à integração entre times do Maranhão e de outros estados parece ter sido dado quando os *sportman* Ozias Correia, diretor do Parnahyba Football Club, de Parnaíba (PI), e Clovis Serra, diretor do Clube do Remo, de Belém (PA), estiveram a passeio em São Luís³³⁶.

Embora não seja possível precisar o nível de articulação dessas visitas, o fato é que, no mesmo dia, foi divulgada a intenção dos esportistas parnaibanos de organizarem torneios entre clubes maranhenses e piauienses, inspirados no modelo do eixo Rio-São Paulo. Além disso, houve troca de correspondência entre Acrísio Furtado e Charles Clissold com esse objetivo. Conforme noticiado na *Pacotilha* de 10 de abril de 1916, o jornal *O Sport* de Parnaíba propôs a criação de um campeonato entre os dois estados, com a disputa de uma taça. Nessa ocasião, Acrísio Furtado apelou a Charles Clissold para unirem esforços em prol do projeto:

Acrísio Furtado, um dos mais dedicados “sportmen” Parnaibanos, em carta dirigida a Charles Clissold, outro lutador sem tréguas em prol do desenvolvimento esportivo d’aquem e além de Parnaíba, faz um apelo para que fecunde junto a nós os seus esforços, afim de tentar levar a efeito essa antiga aspiração dos seus conterrâneos e, desde agora, nossa também³³⁷.

Na mesma edição, Clissold demonstrou entusiasmo com a proposta em uma carta, destacando o espírito esportivo dos jogadores piauienses e lançando um desafio aos maranhenses: “Os rapazes piauienses são veementes, entusiastas; por que não os maranhenses? Não constituiria realmente um acontecimento, recebemos em S. Luís os *footballers* de Parnaíba, batendo-nos com eles, nas disputas de um torneio interestadual?”³³⁸.

Os amistosos interestaduais, além de proporcionarem experiências culturais diversas, trouxeram uma nova logística para o futebol do Nordeste. Agora, era possível testar a força das equipes, comparar seus desempenhos diante de clubes de outros estados e conhecer mais de perto diferentes formas de organização dessas associações.

O campeonato interestadual entre Piauí, Maranhão e Pará, iniciado em novembro de 1917, ocorreu em um contexto de estagnação esportiva no Maranhão. Propunha-se, como solução, a realização de um campeonato entre os sócios do F.A. Club, que serviria como seleção

³³⁶ CARVALHO, 1979, p. 182.

³³⁷ N.S. Pelo Sport. *Pacotilha*, São Luís, 10 abr. 1916, ano 37, n. 84, p. 4.

³³⁸ N.S. Pelo Sport. *Pacotilha*, São Luís, 10 abr. 1916, ano 37, n. 84, p. 4,

para o torneio interestadual com as equipes de Parnaíba (PI) e Pará (PA), impulsionando o nível competitivo local. A esperança era que o sucesso desse campeonato revitalizasse a Liga Maranhense de Foot-ball e consolidasse o F.A. Club como líder do movimento de renovação esportiva no estado³³⁹.

A inclusão do futebol piauiense no torneio, entretanto, foi fruto de longos debates e articulações. O convite do Fabril ao Internacional de Parnaíba para participar da competição já vinha sendo cuidadosamente planejado, inspirado nas ideias de intercâmbio esportivo defendidas por Charles Clissord. Ele acreditava que as partidas entre estados vizinhos aumentariam o nível técnico das equipes e, ao mesmo tempo, fortaleceriam os laços entre os clubes regionais, promovendo um avanço significativo na qualidade do futebol da região.

A ideia de trazer, a São Luís, os piauienses, já vinha sendo acalentada de longas datas. Charles Clissord pregava a permuta de partidas, com ida dos maranhenses a Parnaíba, no Piauí, para o ano subsequente, a coisa inverte-se. Bom em tudo juntaram-se essas duas forças nesse intercâmbio, porque só assim ambos ganhariam melhores condições para se aprimorarem tecnicamente. Muito mais elogiável, como estava planejado, um cotejamento dessas forças, reunindo, em disputa, maranhenses, paraenses e piauienses. Já conhecíamos o Clube do Remo, mas o Paysandu em nada ficava devendo ao “Leão Azul” paraense³⁴⁰.

O torneio promovido pelo F.A. Club gerou grande expectativa entre os entusiastas do futebol no norte do Brasil. Mais do que um simples campeonato, ele representava uma oportunidade de intercâmbio esportivo entre clubes de prestígio, como o Paysandu, de Belém, o Internacional, de Parnaíba, e o próprio F.A. Club, anfitrião do torneio. Esses confrontos, considerados um marco no cenário esportivo da região, prometiam elevar o nível técnico local e proporcionar jogos emocionantes. Os jogadores maranhenses, cientes da relevância do torneio, se dedicavam intensamente aos treinamentos para representar seu estado com dignidade.

Os nossos *foot balleres* estão animados e no propósito de entregar o melhor de seus esforços para nos representar condignamente. Ainda ontem, no jogo realizado no F.A.C., bateram-se valentemente as duas equipes que vêm treinando para esse fim, impressionando bem todos os assistentes a luta sempre animada, cheia de fazes emocionantes³⁴¹.

³³⁹ A CRÔNICA esportiva. *Pacotilha*, Maranhão, 01 nov. 1917, ano 37, n. 258, p. 1.

³⁴⁰ MARTINS, 1989, p. 412.

³⁴¹ XYZ. Pelo Esporte. *Pacotilha*, Maranhão, 17 dez. 1917, ano 37, n. 296, p. 1.

As crônicas publicadas no jornal *Pacotilha* de 1917 destacavam o prestígio dos clubes visitantes e a importância da troca de experiências com adversários de outros estados. O Paysandu, descrito como “valeroso”, já era uma potência do futebol paraense, o que aumentava as expectativas quanto à sua participação. Da mesma forma, o Internacional, de Parnaíba, trazia grande interesse pela sua excelência técnica. O torneio também era uma oportunidade para o F.A. Club reafirmar seu lugar como líder no futebol maranhense e mostrar que a prática do esporte na região estava em pleno crescimento.

A vinda dessas duas facções a esta capital é um fato bastante significativo, e que merece especial atenção e carinho de todos os que aficionados ou apenas entusiastas, nutrem um pouco de amor por essas coisas de esporte, num Estado que, sendo Atenas, também merece – e bem que já vai compreendendo – ser Esparta, para se ter assim o ideal – mente sã num corpo sadio³⁴².

Os paraenses chegaram a São Luís em 19 de dezembro de 1917, e a recepção foi marcada por grande entusiasmo. As expectativas para os próximos jogos eram altas, como indicavam as crônicas publicadas no jornal *Pacotilha*. Conforme relatado:

Chegou, ontem, de manhã, de Belém, pelo Manaus, o pugilo de *foot-ballers* do clube Paysandu, que vem bater com os jogadores do F.A.C. [...] Reina grande admiração entre o pessoal que ama o esporte. É de prever, sem otimismo, um grande sucesso nos próximos jogos, que só tem razão para ser mais animados do que os do ano passado, que já deixaram, aliás, a melhor impressão³⁴³.

Já estava definido um calendário dos jogos do torneio, que começariam no dia 23 de dezembro de 1917 e terminariam em 6 de janeiro de 1918. No entanto, o cronograma precisou ser adaptado devido às dificuldades no transporte da delegação do Internacional de Parnaíba, que enfrentava problemas para chegar à capital maranhense. A diretoria do F.A. Club se mobilizou para resolver a situação, conseguindo, com a ajuda da firma J. Adonias & Cia., que um dos navios, “Cururupú” ou “Camocim”, fosse enviado até Amarração (atual Luís Correia, Piauí) para trazer a equipe. Contudo, os vapores chegaram a São Luís, mas sem a delegação de Parnaíba, que precisou permanecer na cidade de Parnaíba por mais alguns dias. Os vapores da companhia maranhense, ao contrário do que era esperado, não fizeram escala em Amarração, desestruturando todo o planejamento traçado pelo F. A. Club para a chegada do time piauiense. Isso forçou os organizadores a ajustar o calendário e buscar alternativas para garantir a participação do Internacional no torneio.

³⁴² XYZ. Pelo esporte. *Pacotilha*, São Luís, 19 dez. 1917, ano 37, n. 298, p. 1.

³⁴³ XYZ. Pelo Esporte. *Pacotilha*, São Luís, 20 dez. 1917, ano 37, n. 299, p. 1.

Chegaram já os vapores “Cururupú” e “Camocim”, não tendo vindo em nenhum a delegação de *foot-ballers* parnaibanos, que não pôde embarcar também no “Maranhão”, do Loide, por precisar permanecer na Parnaíba até domingo último. Os vapores da companhia maranhense, ao contrário do que se contava como certo, não foram à Amarração, o que veio transformar todo o plano previamente traçado pelo F.A. Club. Diante dessa falta, resolveram os clubes daqui e de Parnaíba tentar a vinda pelo “Pirineos”, que havia sido posto de lado por não chegar aqui até domingo. Não é conhecida, porém, ainda a data em que ele deve aportar entre nós, pelo que a tabela de jogos previamente organizada tem que sofrer modificação³⁴⁴.

Como o Internacional não chegou a tempo para os primeiros jogos, o torneio teve início em 23 de dezembro com o confronto entre Paysandu e F.A.C., disputando a taça “Psilander”. No segundo jogo, realizado no dia 25, as mesmas equipes se enfrentaram novamente. O Paysandu goleou o time maranhense por 7 a 0 no primeiro encontro e empatou a segunda partida em 2 a 2³⁴⁵. Durante todo esse tempo, a diretoria do F.A.C. trabalhou incansavelmente para garantir a vinda dos piauienses, buscando o apoio de figuras influentes, como o governador do estado, dr. Urbano Santos, feito um apelo à direção da companhia dos vapores para que o navio “Pirineos” ajustasse sua rota até Amarração, garantindo assim o transporte da equipe do Internacional³⁴⁶.

Finalmente, após várias tentativas, o Internacional chegou a São Luís no dia 29 de dezembro a bordo do iate “Fortaleza”, pronto para participar dos jogos restantes do torneio.

Chegou a esta capital, as 20 horas de sábado, pelo iate “Fortaleza”, a delegação do Internacional, de Parnaíba, que nesta cidade vem bater com os “players” maranhenses e com do Paysandu. Constituem-na os srs. Septimus Clark, chefe da delegação; dr. José Pires Rebêlo, orador; Antônio Freitas, secretário e representante da 4ª Ordem, daquela cidade piauiense. Nem todos estes jogadores são do Internacional, alguns são do Belga, constituindo, assim, um combinado desses dois clubes, sob o nome de Internacional Athletic Club. A delegação saiu, as 22 horas, no Bar Carioca e se acha hospedada na Pensão Comercial³⁴⁷.

O terceiro jogo ocorreu no dia 30 de dezembro entre o *Foot-Ball Athletic Club* e o Paysandu, com o último vencendo de forma esmagadora, com um placar de 7 a 1. Segundo o

³⁴⁴ XYZ. Pelo esporte. *Pacotilha*, São Luís, 21 dez. 1917, ano 37, n. 300, p. 4.

³⁴⁵ O Paysandu marcou quatro gols contra o F.A.C., mas apenas dois foram considerados válidos. Um dos gols foi anulado por impedimento, e outro por ter sido feito fora do tempo regulamentar. Sobre o impedimento, nosso representante conversou hoje com o árbitro Hugo Leão, que inicialmente considerou o placar de 3x2. No entanto, após conversas com uma comissão do F.A.C., que argumentou que um dos gols não foi feito de forma legal, decidiu-se que a partida seria considerada um empate, com a realização de uma nova partida sob a arbitragem do presidente da delegação do Internacional. Ver: PELO esporte. *Pacotilha*, Maranhão, 26 dez. 1917, ano 37, n. 304, p. 1.

³⁴⁶ XYZ. Pelo esporte. *Pacotilha*, São Luís, 21 dez. 1917, ano 37, n. 300, p. 4.

³⁴⁷ XYZ. Pelo esporte. *Pacotilha*, São Luís, 31 dez. 1917, ano 37, n. 308, p. 4.

cronista, “os nossos players não se portaram – é forçoso dizê-lo – à altura da expectativa geral, dado o brilhantismo com que se bateram no segundo encontro [...]”³⁴⁸. Esse resultado evidenciou a superioridade técnica do time paraense, contrastando com o desempenho promissor que o F.A.C. havia mostrado no segundo jogo.

Após uma longa espera, a participação piauiense finalmente começou no quarto jogo, realizado em 1º de janeiro de 1918, quando o Internacional de Parnaíba enfrentou o Paysandu. Segundo Martins, “os parnaibanos gozavam de excelente conceito. [...] estavam praticando um futebol vistoso. Dispunham de uma boa estrutura, inclusive funcionava uma Liga que supervalorizava o esporte”³⁴⁹. O jogo gerava grande expectativa, dada a reputação que o Internacional havia conquistado em torneios anteriores.

Realizada na rua Oswaldo Cruz, a partida reuniu um grande público e foi amplamente divulgada no jornal *Pacotilha* de 31 de dezembro de 1917, com destaque especial. O anúncio captou a atenção dos torcedores, promovendo o duelo entre duas escolas diferentes de futebol: de um lado, a técnica apurada do Internacional; do outro, a força de um Paysandu que vinha de dois triunfos importantes sobre o time fabrilense, além de um empate no segundo jogo³⁵⁰.



Figura 25 - Anúncio da partida INTERNACIONAL x PAISSANDU

Fonte: *Pacotilha*, Maranhão, 31 dez. 1917, ano 37, n. 308.

³⁴⁸ XYZ. Pelo esporte. *Pacotilha*, São Luís, 31 dez. 1917, ano 37, n. 308, p. 1.

³⁴⁹ MARTINS, 1989, p. 416.

³⁵⁰ MARTINS, 1989, p. 416.

Desde cedo, a movimentação no estádio do *Foot-ball Athletic Club* foi intensa, com uma multidão de torcedores se reunindo para o aguardado confronto. Como descrito por Xys, colaborador do *Pacotilha*:

A tarde esportiva de ontem no Foot-ball Athletic Club foi, talvez, a mais concorrida de quantas, até hoje, ali se têm realizado. Desde cedo, bondes em grande número começaram a trafegar, despejando continuamente, no portão do simpático clube da rua Osvaldo Cruz, verdadeiros mangotes de gente. Além disso, nessa rua, no trecho compreendido entre o parque Urbano Santos e o F.A.C., o povo descia em verdadeira torrente, ansioso por assistir ao encontro de ontem, entre duas facções estranhas ao nosso estado. De tal sorte que, às 16 horas, todas as dependências do F.A.C. já estavam abarrotadas de gente: arquibancadas, onde senhoritas e senhoras, lados do campo, barreira... e até havia gente trepada em árvores³⁵¹.

O time do Paysandu aplicou uma goleada histórica de 15 a 0 contra o Internacional, garantindo a conquista da medalha da Imprensa. Esse resultado trouxe alívio para os maranhenses, que haviam perdido duas partidas para o time paraense – 7 a 0 e 7 a 1 –, mas conseguiram segurar um empate em outro confronto. O placar final destacou a evidente superioridade técnica do Paysandu, que se mostrava em um nível muito superior ao dos dois clubes nordestinos, o F.A.C. e o Internacional de Parnaíba.

No quinto confronto, disputado no dia 3 de janeiro de 1918 pela Taça dos Empregados do Comércio, o Internacional sofreu outra goleada. O jogo foi noticiado pelo jornal *Pacotilha*: “Realizou-se às 16:30 horas de ontem o 5º match de football do torneio interestadual, entre o Paysandu e o Internacional. Saiu vitorioso o primeiro pelo *Score* de 9x0. A assistência foi inferior à dos outros encontros, em vista de o jogo se ter efetuado num dia útil”³⁵². A partida foi narrada, mostrando os detalhes e emoção:

[...] Às 16:30 o *toss* [cara ou coroa] é tirado favoravelmente ao Paysandu, que escolhe o *goal* [gol] sul. Batido o *kick-off* [pontapé inicial], a bola vai logo parar aos pés dos alvi-azuis que operam uma avançada. Leite comete um *hand* [toque de mão], punido com um *free-kick* [tiro livre]. Nunes, ao rebater um *shoot* [chute], faz *corner* [escanteio]. Zito bateu, indo a bola certa à trave e, daí, resvalando para fora. Apenas cinco minutos depois, Astrogildo, tendo a esfera nos pés, manda-a em direção ao *goal* [gol] de Zezico, marcando o 1º ponto para seu *team* [equipe] às 16:35, por entre cuidadosas aclamações da assistência. Carlos dá o *place-kick* [cobrança de saída], Lennie fura algumas bolas. Às 16:44, Leôncio, a um passe de Artur, conquista o segundo *goal* [gol]. As investidas contra o retângulo de Zezico são constantes. Arthur tem livre toda a extrema, fazendo, por isso, bons passes aos seus colegas de linha, e chutando também em *goal* [gol], certamente. Zezico faz uma boa defesa, ajoelhado. Silvio e Guimarães cansam-se durante algum tempo num

³⁵¹ XYZ. Pelo esporte. *Pacotilha*, São Luís, 02 jan. 1918, ano 37, n. 2, p. 4.

³⁵² XYZ. Pelo esporte. *Pacotilha*, São Luís, 04 jan. 1918, ano 38, n. 11, p. 1.

interessante *dribbling* [drible]. Dois *free-kicks* [tiros livres] são o castigo imposto pelo juiz por um *hand* [toque de mão] de Zito e outro do Internacional. Lá uma vez ou outra, os *forwards* [atacantes] alvi-rubros operam bons avanços, inutilizados por Genaro e Garcia. Um *corner* [escanteio] contra o Internacional é tirado por Zito, sem resultado. Rick dá um S. João bem sobre o *goal* [gol] de Zezico. Essas bolas são, em geral, perigosas, mas o *keeper* [goleiro] parnaibano consegue pegá-la. Atirando-a, porém, perto, quando bem podia fazer um *carrying* [condução de bola], Aristides trava o *ballon* [bola] e, com um pontapé certo, vara a cidadela leste pela terceira vez, marcando, assim, mais um ponto para os seus às 16:53. [...] Às 17:20, Leôncio dá o *place-kick* [cobrança de saída]. Um parnaibano faz *corner* [escanteio]. Batido, Zezico intercepta-o e comete novo *corner* [escanteio], assim como Nunes, segundos depois. Um *full-back* [zagueiro] alvi-rubro incorre num *hand* [toque de mão] na área de *goal* [gol], castigado com um *penalty* [pênalti] que Leôncio bate, mas Zezico defende. [...] Dois *shoots* [chutes] ele não pôde defender, deixando sua rede ser vazada. O 4º *goal* [gol] foi de Astrogildo às 17:40, e Rick marcou o 5º às 17:42. Artur conquistou o 6º *goal* [gol] às 17:45. [...] Em dois magníficos avanços dos *forwards* [atacantes] belenenses, Leôncio cavou dois *goals* [gols], um às 17:30 e outro às 17:50. Zezico, quando dá fé, as bolas já estão dentro da rede. [...] Artur, com um certo *shoot* [chute] enviesado, faz mais um *goal* [gol] para seu *team* [equipe], o 9º, às 17:58³⁵³. (Grifos próprios)

Segundo Martins, os dois resultados expressivos, somando 24 gols contra a meta piauiense, sem nenhuma resposta, nem mesmo um gol de honra, decepcionaram a colônia piauiense. O Internacional, apesar de seu prestígio na Liga Parnaibana, apresentou um desempenho muito abaixo do esperado. Não havia como encontrar justificativas, tampouco apelar para o tradicional “são coisas do futebol”. Na verdade, a pesada derrota confirmava a clara e indiscutível superioridade do futebol praticado no Pará³⁵⁴.

Essa diferença pode ser compreendida pelas restrições no intercâmbio esportivo e pela dificuldade dos clubes parnaibanos em enfrentar equipes mais qualificadas. Em Parnaíba, os investimentos ingleses dinamizaram o comércio local e criaram condições para a organização do futebol. A cidade mantinha contato com outras regiões, mas realizava poucos amistosos, tendo seus confrontos mais expressivos contra equipes maranhenses. Esse cenário limitava as oportunidades de enfrentar adversários de maior prestígio e dificultava o aprimoramento técnico das equipes locais. Para elevar o nível do futebol parnaibano, seria necessário um calendário mais consistente de jogos contra times mais competitivos.

Enquanto Parnaíba tinha um alcance regional mais restrito, outras cidades do Norte, como Manaus, possuíam um intercâmbio esportivo mais intenso. Os clubes manauaras enfrentavam adversários de diversos estados e tinham uma relação mais estreita com equipes

³⁵³ XYZ. Pelo esporte. *Pacotilha*, São Luís, 5 jan. 1918, ano 38, n. 5, p. 1.

³⁵⁴ MARTINS, 1989, p. 417.

do Pará, do Nordeste e até de regiões do Sudeste, favorecendo a absorção de diferentes estilos de jogo. Esse contato ampliado proporcionava maior diversidade tática e técnica, permitindo que os jogadores se adaptassem a padrões mais exigentes de competição. Além disso, a própria posição de Manaus dentro das rotas comerciais e fluviais facilitava a vinda de times visitantes e a realização de torneios interestaduais, algo que Parnaíba não conseguia manter com a mesma regularidade.

O intercâmbio esportivo ultrapassava as fronteiras paraenses e se intensificava nos estados vizinhos, Piauí e Maranhão. Entre os confrontos mais aguardados desse circuito, destacava-se o duelo entre equipes maranhenses e piauienses, que despertava grande expectativa entre torcedores e cronistas esportivos. No dia 6 de janeiro de 1918, ocorreu o sexto jogo do Torneio Interestadual de Futebol, com a disputa da Taça Urbano Santos, entre o *Football Athletic Club* e o *Internacional Athletic Club*, no campo do time maranhense. O jogo, que começou às 16h10, reuniu de “[...]uma multidão calculada, sem exagero, em mais de 3000 pessoas, e dentre a qual se destacava um elegante e seletto conjunto de famílias e gentis senhorinhas. E é de ver-se o entusiasmo sincero com que sabem ‘torcer’, ora pelo clube local, ora pelos visitantes, conforme o valor dos ‘players’ [...]”³⁵⁵. A partida transcorreu em uma atmosfera vibrante e amigável, e o F.A. Club venceu por 8 a 2, demonstrando amplo domínio técnico ao longo do confronto.

No dia 10 de janeiro de 1918, o *Internacional Athletic Club*, de Parnaíba, surpreendeu ao vencer o *Football Athletic Club* (F.A.C.) na última partida do Torneio Interestadual de Futebol, que valia a disputa das taças Félix Pacheco e Predial do Norte. O resultado foi inesperado, já que o F.A.C. era visto como o grande favorito após vencer a primeira partida por 8 a 2. Segundo Nascimento, os maranhenses entraram em campo “de salto alto”, subestimando o Internacional. O jogo, realizado no campo do F.A.C., contou com uma grande presença de torcedores, e o time piauiense, que vinha de uma derrota expressiva, surpreendeu ao dominar a partida e impor sua superioridade técnica em momentos decisivos, garantindo a vitória por 4 a 1³⁵⁶.

O comércio ludovicense tinha um papel central no apoio ao futebol local, especialmente nas competições interestaduais. As lojas costumavam doar taças, incentivando as disputas e, ao mesmo tempo, promovendo seu nome ao associá-lo aos eventos esportivos. Além disso, muitos empregados do comércio eram atletas ou faziam parte das diretorias dos clubes, o que tornava comum o fechamento antecipado dos estabelecimentos em dias de jogos importantes, para

³⁵⁵ XYZ. Pelo esporte. *Pacotilha*, São Luís, 7 jan. 1918, ano 38, n. 6, p. 1.

³⁵⁶ NASCIMENTO, 2013, p. 260.

permitir que os funcionários comparecessem. Como relatado pelo jornal *Pacotilha* de janeiro de 1918: “Em vista de ser o de amanhã o último encontro da atual temporada esportiva, é de esperar que o nosso comércio feche as portas, às 15 horas, para que os seus empregados possam a ele assistir”³⁵⁷.

Nesse contexto, a partida foi amplamente descrita pelo jornal maranhense, que destacou os detalhes do último jogo do torneio interestadual de futebol entre o F.A.C. e o Internacional, de Parnaíba:

Realizou-se ontem, à tarde, o último “*match*” [jogo] do torneio interestadual de “*foot-ball*” [futebol], entre os “*teams*” [equipes] do F.A.C. e do Internacional, de Parnaíba. O “*toss*” [cara ou coroa] foi favorável ao Internacional, que escolheu o “*goal*” [gol] sul. Cabe a saída a Heroldo, que passava a bola a Carvalho, perdendo este para o Internacional, que logo obriga Lisboa a I “*corner*” [escanteio] [...] Haroldo, porém, faz o I “*goal*” [gol], às 16:32, em seguida a um bonito avanço das cores rubro-negras. [...] O jogo, apesar de mal combinado, não se acha localizado em nenhum dos campos; ao contrário do que sucedeu no primeiro encontro, os alvi-rubros obram constantes e perigosas avançadas contra o “*goal*” [gol] de Tavares. Este defende grande número de bolas. [...] Lennie procura abrir o “*score*” [placar] para os seus; não o faz, entretanto, por “*shutar*” [chutar] alto, bem defronte do “*goal*” [gol] [...]. É este mesmo jogador que, às 16:56, depois do juiz haver punido um “*foul*” [falta] do F.A.C., obtém o ponto, com um forte pontapé dado à curta distância da cidadela de Tavares. [...] Iniciando o 2º tempo, Lennie dá o “*plane kick*” [pontapé inicial] e tenta uma escapada que a nossa defesa inutiliza. [...] Às 17:22 Lennie obra magnífica escapada, varando o nosso “*goal*” [gol] pela 2ª vez. [...] Cinco minutos depois, isto é, às 17:27, o Internacional obtém o 3º “*goal*” [gol]. [...] Às 17:54 Lennie vasa a rede de Tavares. É quando os nossos “*players*” [jogadores] abandonam o campo³⁵⁸. (Grifos próprios)

A permanência do Internacional em São Luís abriu a oportunidade para um confronto decisivo no dia 13 de janeiro de 1918, uma chance para determinar qual equipe, F.A.C. ou Internacional, se sobressairia, já que ambos haviam vencido uma vez. O empate em 1 a 1 evidenciou o equilíbrio entre os times e a competitividade do torneio³⁵⁹. No entanto, o grande destaque foi o Paysandu, que conquistou a maioria das taças, confirmando sua superioridade ao longo da competição. Apesar de suas vitórias pontuais, tanto o F.A.C. quanto o Internacional ficaram aquém das expectativas, já que se esperava um desempenho mais sólido de ambos. Mesmo assim, o torneio deixou uma marca importante no futebol regional, mostrando que as competições interestaduais eram essenciais para o desenvolvimento técnico e a integração do esporte local.

³⁵⁷ XYZ. Pelo Esporte. *Pacotilha*, São Luís, 09 jan. 1918, ano 38, n. 8, p. 1.

³⁵⁸ XYZ. Pelo Esporte. *Pacotilha*, São Luís, 11 jan. 1918, ano 38, n. 10, p. 1.

³⁵⁹ MARTINS, 1989, p. 418-419.

O jornal *Pacotilha* de 11 de janeiro de 1918 capturou com detalhes a grandiosidade das confraternizações que iam muito além das disputas em campo. A celebração de encerramento da excursão do Paysandu e Internacional em São Luís foi marcada por uma *soirée* memorável no “Casino Maranhense”, oferecida pelo Internacional de Parnaíba. Com a presença de autoridades, famílias influentes e jogadores, o evento destacou o espírito festivo e de camaradagem que envolvia o futebol na época. A seguir, uma descrição detalhada da noite oferecida às delegações visitantes:

Decorreu, animadíssima, a *soirée* dançante que a colônia piauiense e os admiradores do Internacional A. Clube lhe ofereceram, ontem, no Casino Maranhense. [...] Verificou-se uma brilhante comparência de famílias distintas de S. Luís, tendo coparticipado, igualmente, altas autoridades civis e militares. O belo palacete do Casino oferecia um magnífico aspecto. A orquestra, muito harmoniosa, composta de dez professores, executou admiravelmente o programa de danças, que se prolongaram, com a maior animação e a mais efusiva cordialidade, até às 2 horas de hoje. À meia-noite, o sr. Hugo Leão, chefe da delegação do Paysandu S. Clube, que também compareceu, ofereceu ao Internacional uma bonita placa de prata, pronunciando um brinde muito amistoso. Respondeu-lhe o poeta Antônio Freitas, do Clube parnaibano, levantando muitas vivas aos dois clubes e ao F.A.C. retribuindo a gentileza, ofertou, em nome do Internacional, ao P.S.C., um bonito estojo com um cartão de ouro e prata, onde se lia: Ao P.S.C., o I.A.C., Parnaíba, 1918. O buffet, abundante, foi servido com ordem e prontidão, cumulando-se os convidados de todas as gentilezas. À porta do Casino, até o começo da festa, tocou a banda de música do corpo militar do Estado³⁶⁰.

Outro clube do litoral piauiense que passou uma temporada em São Luís para jogos amistosos foi o Parnahyba, principal rival do Internacional. O time, representado pelo seu presidente José de Moraes Correia, desfrutava de uma invejável estrutura e de um bom futebol. Na ocasião, o jogo contra o Luso-Brasileiro foi o primeiro confronto do *Parnahyba Sport Club* fora das terras piauienses:

O promotor da temporada foi o Luso Brasileiro. Não foi relatado o placar do primeiro jogo, apesar de ter sido mencionado que o jogo realizou-se em um domingo, com a presença de D. Helvécio, Bispo de São Luís, convidado especial do Parnahyba. O segundo jogo deu-se a 16/01/1918, o Luso Brasileiro vencendo por 2x0. A 20, do mesmo mês, enfrentaram-se novamente, num jogo cheio de confusões, arbitrado pelo juiz Quevedo, pertencente à Liga Parnaibana de Futebol, saindo vencedor o Parnahyba, pelo escore de 2x0, devolvendo o placar da anterior derrota. Face à grande confusão e críticas dos dirigentes maranhenses e da imprensa local, o quarto jogo não foi realizado e a comitiva do Parnahyba regressou de imediato, via Tutoia, sem dar satisfação ao clube maranhense³⁶¹.

³⁶⁰ XYZ. UMA BELA festa. Pelo Esporte. *Pacotilha*, São Luís, 11 jan. 1918, ano 38, n. 10, p. 1.

³⁶¹ NASCIMENTO, João Batista de Oliveira. *Parnaíba, terra do futebol*. Fortaleza: Premius, 2013, p. 261.

Os amistosos entre clubes envolviam partidas tanto nas cidades de origem quanto nas dos adversários. Foi o caso do Parnahyba, que, após competir no Maranhão, convidou o *Foot-ball Athletic Club* para uma série de jogos em sua casa, em 1920. No primeiro embate entre o F.A.C. (do Maranhão) e o Parnahyba S.C., o resultado foi um empate por 2x2. A arbitragem, sob o comando de Muniz de Vasconcelos, validou os gols de José Corrêa e Oliveira para o Parnahyba, enquanto Milton e Cantuário marcaram pelo F.A.C. O jogo foi bastante disputado, com ambas as equipes se empenhando intensamente³⁶².

No segundo confronto, o time maranhense venceu o Internacional por 5 a 3. Já no terceiro jogo, um desempate contra o *Parnahyba Sport Club*, o F.A.C. perdeu por 2 a 1. Contudo, essa partida decisiva ficou marcada por tumultos e acusações de parcialidade do árbitro, o que resultou na retirada dos jogadores do F.A.C., que alegaram ter suas jogadas ofensivas sistematicamente anuladas por supostos impedimentos. A situação piorou com agressões físicas e disparos de arma de fogo, gerando um clima de grande tensão. Os detalhes desse conflito foram narrados pelo cronista intitulado *Elle*, colaborador da revista maranhense *Vida Sportiva*:

Acaba de regressar da Parnaíba, o F.A.Club (Foot-ball Athletic Club), o qual se viu obrigado a regressar antes de terminado o torneio marcado entre este e o Parnahyba S.C. daquela cidade, devido a má punição do *referee* (árbitro), o sr. Raymundo Nunes, no jogo de desempate entre os mesmos clubes. Na ocasião em que os *players* (jogadores) se retiraram de campo, foram agredidos a cacetete e tiros de revólver, escapando milagrosamente de serem mortos o diretor de esportes e o sr. Alvim Valente e Zeca Jorge³⁶³.

Em 10 de dezembro de 1921, o *Diário de S. Luís* noticiou que, “por intervenção da Liga Maranhense, acham-se bem encaminhadas as providências para a confederação da Liga Piauiense. Esse fato, uma vez concretizado, facilitará o intercâmbio entre os estados vizinhos, intensificando as visitas dos clubes de *foot-ball* do Piauí ao Maranhão e vice-versa”³⁶⁴.

Em 1922, os amistosos interestaduais continuaram ganhando destaque nos jornais piauienses. A visita do Guarany Atlético Clube, de Fortaleza, à cidade de Parnaíba foi amplamente registrada pelo *Correio do Piauí*, com diversas menções ao longo do mês de janeiro. Nascimento, em Parnaíba, terra do futebol, resgatou essas publicações, destacando os confrontos entre o clube cearense e o Parnahyba.

³⁶² O FOOTBALL no Piauí. *Vida Sportiva*, Rio de Janeiro, 20 nov. 1920, ano 4, n. 169, p. 11.

³⁶³ ELLE. O F.A.C. no Parnaíba. *Vida Sportiva*, Maranhão, 1921, n. 176, p. 26.

³⁶⁴ MAIS UMA LIGA confederada. *Diário de S. Luís*, São Luís, 10 dez. 1921, ano 2, n. 292, p. 3.

[...] O 1º amistoso deu-se a 12/01/1922, com vitória do Guarany (1x0), que ganhou a taça Ceará-Piauí. No dia 15, veio o segundo amistoso e a primeira vitória piauiense 2x0, placar construído no segundo tempo, com excelente público. Não há registro sobre os goleadores, mas a arbitragem do Tenente da Armada Mário dos Guaranys foi bastante elogiada. Com esta vitória, o azulino do litoral ficou com a Taça Guarany, ofertada pelos visitantes. Os dois times jogaram assim: PARNAYBA- Anderson; Basílio e Xixico; Albino e Brandão; Antônio, Colibri, Lyra, Zeca, Milton Ramos e Milton Moreira. GUARANY- Feitosa; Vidal e Pinheiro; Moacyr e Mamede; Girad, Zé Maria, Arthur Cearense, Gradin e Lulu³⁶⁵.

Ainda em janeiro daquele ano, jogou mais duas partidas contra o Guarany, onde conquistou mais duas vitórias. Na Taça Iracema, venceu por 4 a 0, e na Taça Comércio, por 2 a 0. De acordo com o relato de Nascimento, “no dia 19, o Parnahyba goleou por 4x0 e ficou com a Taça Iracema, ofertada pela colônia alencarina radicada em Parnaíba. No último jogo, dia 22, nova vitória piauiense (3x1), e mais uma taça arrebatada: Taça do Comércio, oferta dos comerciantes locais”³⁶⁶.

Em janeiro de 1923, a viagem do Sport Club Luso-Brasileiro a Parnaíba representou um marco no intercâmbio desportivo entre o Maranhão e o Piauí. A delegação, composta por figuras de destaque da sociedade maranhense e liderada pelo capitalista Joaquim Faria, partiu de São Luís no dia 6, após uma solenidade que ressaltou a importância do esporte como ferramenta de integração entre os estados. O presidente do estado e o prefeito de São Luís deram seu apoio à comitiva, que seguiu viagem, levando uma estatueta de bronze como presente para o *Internacional Athletic Club*, simbolizando a amizade entre os clubes. A travessia incluiu paradas em Tutoia, onde foram calorosamente recebidos por uma comissão do Internacional, e em Araisos, onde o intendente dr. José Lopes os acolheu, antes de prosseguir para Parnaíba³⁶⁷.

³⁶⁵ NASCIMENTO, 2013, p. 172-173.

³⁶⁶ NASCIMENTO, 2013, p. 173.

³⁶⁷ VIDA Desportiva. *Diário de S. Luiz*, São Luís, 1 jan. 1923, ano 3, n. 1, p. 2; VIDA Desportiva. *Diário de S. Luiz*, São Luís, 5 jan. 1923, ano 4, n. 5, p. 2; VIDA Desportiva. *Diário de S. Luiz*, São Luís, 8 jan. 1923, ano 4, n. 6, p. 2; VIDA Desportiva. *Diário de S. Luiz*, São Luís, 9 jan. 1923, ano 4, n. 7, p. 3; VIDA Desportiva. *Diário de S. Luiz*, São Luís, 10 jan. 1923, ano 4, n. 8, p. 2.



Figura 26 - Delegação do Luso Brasileiro em Parnaíba, em 1923

Fonte: Álbum do Maranhão em 1923. *Sport Maranhense*, p. 108.

Ao chegar a Parnaíba no dia 8 de janeiro, o Luso-Brasileiro foi recebido com uma recepção calorosa e festiva. A população piauiense, junto com membros do Internacional, aguardava ansiosamente a chegada da comitiva no porto. A recepção contou com discursos entusiásticos, sendo o dr. José Pires Rebelo quem saudou os visitantes em nome da população local, destacando a importância da amizade entre Maranhão e Piauí. O dr. Carlos Reis, representando o Maranhão, respondeu com uma eloquente fala, que foi calorosamente aplaudida pela multidão.

Foi estrondosa a recepção entre as aclamações do povo piauiense. A multidão imensa ovacionou a embaixada na rampa, sendo ali proferida empolgante saudação pelo dr. José Pires Rebelo, que falou em nome do povo piauiense. Em seguida, assomou à tribuna o dr. Carlos Reis, que, falando em nome do povo maranhense, desenvolveu substanciosa e brilhante oração, entre delirantes aplausos. O festejado orador estudou magistralmente os interesses que ligam os dois Estados limítrofes e a necessidade da harmonia social desportiva entre eles, mostrando o elevado alcance de manter as relações cada vez mais estreitas entre Maranhão e Piauí, mesmo sem ser sob o pretexto dos jogos desportivos. A palavra brilhante e sugestiva do orador maranhense arrebatou a sociedade parnaibana, despertando grande expectativa³⁶⁸.

Após a recepção, os jogadores do Luso, acompanhados do diretor de esportes Anthero Novaes, foram hospedados em uma pensão familiar, enquanto Joaquim Faria e Carlos Reis

³⁶⁸ VIDA Desportiva. *Diário de S. Luiz*, São Luís, 10 jan. 1923, ano 4, n. 8, p. 2.

ficaram no palacete do coronel Veras. Na mesma noite, a delegação maranhense foi oficialmente recebida na sede do Internacional, a Casa Inglesa de James Clark, onde ocorreu uma cerimônia com troca de brindes e discursos, reforçando o espírito de camaradagem entre as equipes. O primeiro jogo entre o Luso e o Internacional foi marcado para o dia 12 de janeiro, cercado de grande expectativa, com a Caixa Forte, sociedade predial de São Luís, oferecendo uma linda taça para ser disputada³⁶⁹.

A temporada do Luso no Piauí envolveu partidas contra tradicionais equipes de Parnaíba, como Internacional, Coroa, Piauí e Artístico. O primeiro desses confrontos ocorreu em 11 de janeiro de 1923, disputando as taças do Município da Parnaíba e da empresa Salinesia. Sob a arbitragem do Sr. Raimundo Argentino, o Sport Club Luso-Brasileiro enfrentou o Internacional em uma partida bastante equilibrada. Conforme relatado nos telegramas iniciais, o Internacional venceu por 2 a 1, com o gol decisivo, resultado de um pênalti cometido por Belleza, jogador do Luso. Mais tarde, as crônicas da época elogiaram o desempenho do time maranhense, destacando a postura dos jogadores em campo. Em uma dessas crônicas, na coluna Vida Desportiva do *Diário de S. Luiz*, o esforço da equipe foi enaltecido: “Dico portou-se à altura, fazendo 15 defesas brilhantes, arrancando palmas estrondosas da assistência numerosa, que aclamava Carvalho, Guilhon, Mundiquinho e Japyra. [...] A delegação do Luso está recebendo cumprimentos pelo modo correto como se portou no campo”³⁷⁰.

O segundo jogo do Sport Club Luso-Brasileiro em Parnaíba foi contra o Corôa S. Club, uma equipe que havia se destacado no campeonato passado da Liga Parnaibana. A partida, realizada na tarde do dia 14 de janeiro de 1923, valia duas taças: uma oferecida pela Estrada de Ferro Central do Piauí e outra pela sociedade maranhense Caixa Forte, com arbitragem de Antônio Menezes, do Internacional. Apesar de algumas baixas por problemas de saúde, o Luso dominou amplamente o jogo, com Travassos marcando o único gol após sofrer uma falta. O Corôa, que contava com uma equipe robusta, chegou a marcar um gol com Chico Cazuza, mas o lance foi anulado por uso da mão, gerando intensos protestos da torcida.

A coluna *Vida Desportiva* do jornal *Diário de S. Luiz* forneceu os detalhes da partida: “Foi esse o resultado do jogo de ontem: 1x0. O Luso, dominando em absoluto todo o tempo, obrigou o team [equipe] do Corôa a cometer 9 corners [escanteios], 10 fouls [faltas], 3 free-kicks [tiros livres], 1 penalty [pênalti], que foi cobrado por Guilhon sem sucesso, e 1 off-side [impedimento]. O team [equipe] do Luso cometeu apenas 1 corner [escanteio], 3 hands [toques de mão] e 1 foul [falta]. Dico, apesar de estar com febre, portou-se à altura, fazendo brilhantes defesas, pelo que arrancou estrondosas palmas da

³⁶⁹ VIDA Desportiva. *Diário de S. Luiz*, São Luís, 10 jan. 1923, ano 4, n. 8, p. 2.

³⁷⁰ VIDA Desportiva. *Diário de S. Luiz*, São Luís, 12 jan. 1923, ano 4, n. 10, p. 2.

numerosa assistência. Em dado momento, Travassos recebeu forte foul [falta], conseguindo logo em seguida 1 goal [gol] para o Luso. O team [equipe] do Corôa apresentou-se muito forte, composto somente de homens robustos. Já no fim do campeonato de 1922, este team [equipe] conseguiu uma vitória sobre o Internacional. Foi marcado um goal [gol] contra o Luso, que foi visivelmente à mão pelo player [jogador] Chico Cazuza, habilíssimo nestas proezas, o que motivou grandes e demorados protestos da assistência, sendo finalmente anulado. Deixaram de jogar, devido a ligeiro incômodo de saúde, os players [jogadores] do Luso Joaquim Carvalho, Elpídio, Mundiquinho e Belleza³⁷¹. (Grifos próprios)

No dia 15 de janeiro de 1923, o Sport Club Luso-Brasileiro enfrentou o Piauihy, então campeão da Liga Parnahybana de 1922, em um confronto que prometia ser o *match* mais sensacional da temporada. Em disputa estava a cobiçada Taça da Fábrica Caxias, uma oferta dos senhores Azevedo & Cia, de Recife, com a colaboração de seus representantes no Piauí, os senhores Rabello Bastos & Cia. A partida foi arbitrada por Amerley Keeper, do Internacional, e a taça era descrita como uma das mais lindas, conferindo ainda mais prestígio ao evento. A coluna *Vida Desportiva*, do jornal *Diário de S. Luiz*, detalhou os principais momentos da partida, oferecendo um balanço completo do jogo:

Sabemos por telegrama particular que o jogo de ontem em Parnaíba, entre o *team* [equipe] alvi-azul e Piauihy, campeão local, decorreu debaixo do maior entusiasmo, resultando 3x2 a favor deste último. Sabido este resultado, é para louvar o heroísmo dos nossos rapazes ao defrontar-se com elementos da primeira ordem no *foot-ball* [futebol] piauiense, defendendo com ardor as suas cores e elevando ao nível merecido a nossa cultura desportiva. Num ambiente todo desfavorável, tendo contra si um terreno diferente, ventos que açoitam fortemente a área da peleja, uma torcida naturalmente favorável aos locais e, porventura, o favoritismo dos juizes; tudo isto induz-nos a pensar que o quadro maranhense está merecendo os calorosos elogios de todos os seus conterrâneos³⁷². (Grifos próprios)

No dia 17 de janeiro de 1923, o quarto jogo da temporada em Parnaíba foi disputado entre o Sport Club Luso-Brasileiro e o Artístico. A partida terminou com a vitória do Artístico pelo placar de 2x1. Segundo a crônica publicada no jornal *Diário de S. Luiz*, “[...] O goal (gol) do Luso foi conquistado por Jupira. Foi disputada a linda taça “Andes” oferecida pela Companhia Nacional de Tabacos. O Luso desenvolveu um jogo admirável, notando-se que perdeu exclusivamente por falta absoluta de sorte aliás verificada em todos os matchs (times)”³⁷³.

³⁷¹ VIDA Desportiva. *Diário de S. Luiz*, 15 jan. 1923, ano 4, n. 12, p. 2.

³⁷² VIDA Desportiva. *Diário de S. Luiz*, 15 jan. 1923, ano 4, n. 12, p. 2.

³⁷³ DIÁRIO de S. Luiz. Maranhão, 18 jan. 1923, ano 4, n. 15, p. 2.

No dia 19 de janeiro de 1923, a temporada Maranhão-Piauí chegou ao fim com o último confronto entre o Sport Club Luso-Brasileiro e o Internacional, realizado em Parnaíba. A partida, marcada pela disciplina e pelo respeito às regras, foi vencida pelo Internacional, que se impôs com um placar de 2x1. Apesar da derrota, o Luso se destacou pelo excelente desempenho, com jogadores como Sant'ana, Guimarães 2 e Jupyra sendo elogiados por seu jogo admirável. Em crônica publicada no *Diário de S. Luiz* relata que: O Internacional, com jogo rápido, fez verdadeiro bombardeio a cidadela do Luso, conseguindo Dico fazer 15 defesas, mantendo até 4 minutos antes de terminar o *match* [partida], empate de 1x1, quando Belleza comete 1 *corner* [escanteio] que, punido por Catão, deu o resultado de 2 *goal* [gol] para a vitória do Internacional. O Luso cometeu 2 *corners* [escanteios], 2 *goal* [gols], 4 *hands* [toques de mão] e 2 *off-sides* [impedimentos], e o Internacional 3 *corners* [escanteios], 1 *penalty* [pênalti], 2 *faul* [faltas], 7 *hands* [toques de mão] e 9 *off-sides* [impedimentos]³⁷⁴. (Grifos próprios)

As festas de premiação dos jogos interestaduais, conforme narrado no *Diário de S. Luiz* em 20 de janeiro de 1923, eram eventos de grande relevância social e esportiva, realizadas em espaços simbólicos, como o palacete da Capitania do Porto. Nessas ocasiões, os discursos de figuras como Dr. Castro Cavalcanti e Dr. Pires Rebello exaltavam a cooperação entre os clubes, além da entrega de taças e lembranças simbólicas, reforçando a harmonia entre os participantes. Um exemplo claro desse tipo de celebração pode ser visto no relato a seguir:

Realizou-se ontem, às 20 horas, uma sessão na Liga da Parnahyba para a entrega dos troféus aos vencedores, com o Dr. Castro Cavalcanti falando em nome da Liga. Pelo Internacional, o Dr. Pires Rebello ofertou ao Luso uma linda taça e as fotografias dos *teams* (times) do Internacional; já pelo Piauihy Sport Club, falou o Dr. Merval Veras, ofertando um lindo bronze ao Luso como lembrança da temporada esportiva. O Dr. Pires Rebello também discursou em nome do Artístico, agradecendo a honra do *match* (jogo) e hipotecando a sua solidariedade. Por fim, o Dr. Carlos Reis proferiu uma brilhante alocução, agradecendo a maneira gentil com que o Internacional tratou a delegação do Luso, sendo suas últimas palavras abafadas por uma estrondosa salva de palmas³⁷⁵. (Grifos próprios)

Outro clube de peso nas competições interestaduais foi o *Parnahyba Sport Club*, uma potência no litoral piauiense. O time foi multicampeão, conquistando torneios tanto nas ligas locais quanto em outros estados, acumulando diversos troféus em disputas regionais e interestaduais. Como evidencia o *Almanack da Parnahyba* de 1926 na legenda de sua imagem: “Entre eles, destacam-se as taças dos torneios com o S. Club Luso Brasileiro, F.A. Club do Maranhão e GUARANY ATHLETIC CLUB do Ceará, demonstrando a brilhante trajetória e as dignificadoras vitórias do velho PARNAHYBA S. CLUB”³⁷⁶.

³⁷⁴ O LUSO Brasileiro na Parnaíba. *Diário de S. Luiz*, São Luís, 20 jan. 1923, ano 4, n. 17, p. 2.

³⁷⁵ O LUSO Brasileiro na Parnaíba. *Diário de S. Luiz*, São Luís, 20 jan. 1923, ano 4, n. 17, p. 2.

³⁷⁶ PARNAHYBA Sport Club. *Almanack da Parnahyba*, 1926, ano 3, p. 40.

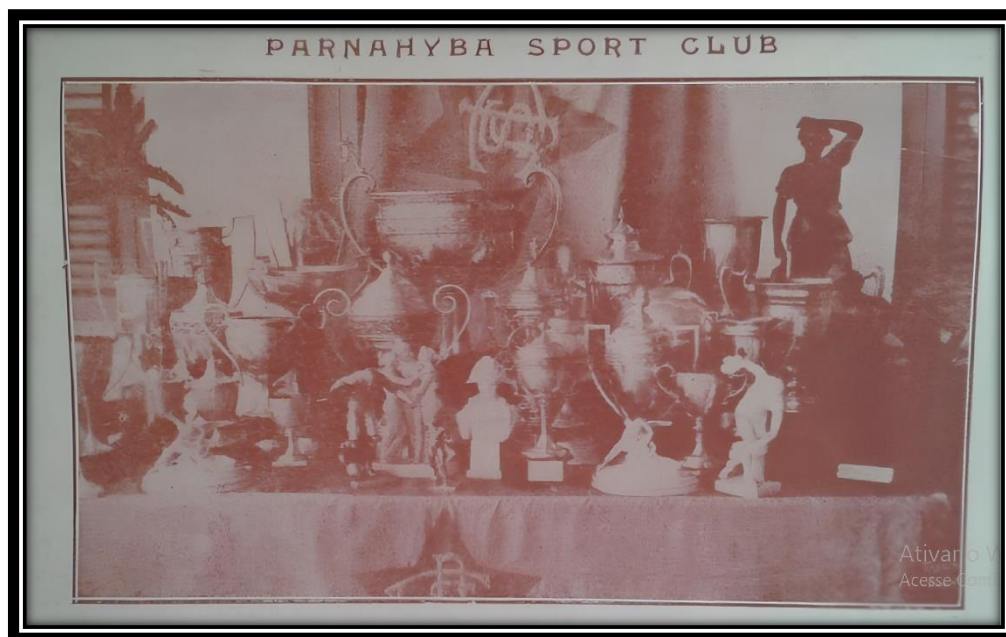


Figura 27 - Galeria de Troféus do Parnahyba Sport Club

Fonte: *Almanack da Parnahyba*, 1926, ano 3, p. 40.

Embora o Piauí tenha permanecido oficialmente vinculado à Confederação Brasileira de Desportos, o cenário esportivo piauiense enfrentava desafios em sua integração com as competições nacionais, principalmente por questões financeiras. A partir de 1927, com a concentração dos jogos da CBD no Rio de Janeiro, os custos de deslocamento tornaram-se um grande obstáculo para as equipes piauienses, que não dispunham de estrutura financeira para arcar com viagens longas e estadias.

A crônica do *Imparcial* de 23 de agosto de 1927, ao comentar sobre os jogos entre o Parnahyba e os grêmios que formavam a Associação Maranhense de Esportes Athleticos, levanta a questão de como o clube piauiense conseguia disputar partidas com equipes que não faziam parte da “comunhão oficial” da CBD, sem infringir os regulamentos. “Estamos a ver com certa curiosidade o modo como conseguia o valoroso clube transparnaibano, sem infringir os rígidos regulamentos da Confederação Brasileira de Desportos”³⁷⁷, observa o jornal. Isso indica uma situação ambígua: enquanto o Parnahyba se mantinha vinculado à CBD por meio da Liga Parnahybana, também encontrava maneiras de participar de competições interestaduais com clubes não federados³⁷⁸. Essa flexibilidade pode ter sido uma resposta às dificuldades de inserção plena do Piauí nas deliberações da CBD, conforme relatado em 1925, quando a *Folha do Povo* registrou:

³⁷⁷ PARNAHYBA X Luso Brasileiro. *O Imparcial*, São Luís, 23 ago. 1927, ano 2, n. 440, p. 2.

³⁷⁸ Em 1934, ocorreu outro caso de possível violação das regras da CBD. O Parnahyba planejava amistosos com o Maranhão A. Club, mas havia incertezas sobre se a Liga Piauiense arriscaria sua posição oficial na entidade para realizar esses jogos, já que os lucros previstos eram considerados pequenos. Ver: NOTÍCIAS. *Echos Esportivos*, 3 mar. 1934, p. 7. edição de 8 páginas.

Nas deliberações da Confederação Brasileira dos Desportos sobre a zona nortista para a disputa do campeonato brasileiro de foot-ball não cogitaram do Estado do Piauí onde existem clubes que praticam, com grande interesse, o jogo de bretão. É uma falta que precisa ser sanada, pois os piauienses estão em condições de disputar o campeonato. Seria um gesto digno se a L.M.S. procurasse trabalhar a entrada dos nossos vizinhos e amigos nesse torneio nortista³⁷⁹.

Mesmo diante de tantas polêmicas, em 1927, o Piauí teve sua primeira experiência em competições nacionais na capital brasileira. Naquele ano, a seleção piauiense, que deveria ser formada por um combinado de jogadores do Internacional e do Parnahyba, acabou sendo composta quase exclusivamente por atletas do Internacional. Isso ocorreu devido a uma confusão envolvendo a Confederação Piauiense, que enfrentou dificuldades para definir o número de pessoas de cada clube que faria parte da delegação, resultando na desistência do Parnahyba.

Em reunião não oficial, a Liga Piauiense designou a embaixada que deveria seguir para o Rio de Janeiro [...]. Sabendo dessa deliberação, os senhores BCM de Melo, diretor técnico do Parnahyba e representante do mesmo junto à Liga Piauiense e o também diretor técnico do internacional Luiz Menezes, ambos declararam não se conformarem com a decisão, dizendo o primeiro ter duas teses a apresentar a consideração da Liga e o segundo afirmando não concordar com a exclusão de seu nome perante a embaixada, sob a pena de tirar da seleção piauiense os atletas do internacional. [...] No entanto, foi incluso o tal diretor, mas foi retirado um atleta do Parnahyba, reduzindo assim a delegação apenas com doze jogadores. Na verdade, os dirigentes do Parnahyba não souberam fazer um acordo ou sensibilizar a Liga para os demais membros da Comissão Técnica, por isso acabou retirando todos os seus jogadores. [...] Ao final a seleção do Piauí ficou apenas com jogadores do Internacional³⁸⁰.

Ao chegar ao Rio de Janeiro com a difícil missão de enfrentar o forte selecionado de Minas Gerais, a seleção piauiense disputou sua fase eliminatória no dia 12 de outubro de 1927. O jogo ocorreu no estádio das Laranjeiras, com arbitragem de Álvaro Pereira, e resultou em uma goleada de 7 a 0 a favor dos mineiros³⁸¹. A imprensa, por meio de um telegrama, registrou a viagem da seleção piauiense à capital: “A embaixada de football piauiense, que embarcou para o Rio tem dado o seguinte resultado: os cearenses perderam de 10 x 0 e os sergipanos perderam para os fluminenses por 13 x 1. Os piauienses jogaram com os mineiros, realizando a partida no dia 12 de outubro”³⁸².

³⁷⁹ O PIAUHY não deve ser excluído. *Folha do Povo*, São Luís, 27 fev. 1925, ano 3, n. 48, p. 3.

³⁸⁰ BRITO, José de Paulo. *Memórias urbanas: uma viagem ao passado do futebol em Parnaíba, 1898-1920*. Parnaíba: Circulando Comunicação Visual Gráfica, 2013, p. 37.

³⁸¹ BRITO, 2013, p. 37.

³⁸² TELEGRAMAS. *A Imprensa*, Teresina, 6 out. 1927, ano 3, n. 301, p. 4.

Embora os confrontos da Liga em Teresina fossem predominantemente realizados entre os próprios clubes locais, havia casos pontuais de amistosos fora de seus domínios, especialmente menos frequentes, em comparação aos realizados por equipes de Parnaíba. Em janeiro de 1930, o clube maranhense Syrio Brasileiro, convidado por clubes de Parnaíba, realizou uma excursão ao Piauí para disputar uma série de partidas de futebol. Durante a viagem, a equipe também jogou em Caxias e Teresina, aproveitando sua passagem pelas cidades. No entanto, a imprensa criticou a falta de critério técnico na organização desses amistosos, o que, segundo os críticos, comprometia a imagem esportiva do Maranhão em âmbito externo. Assim, foi sugerido que as autoridades e a imprensa evitassem apoiar delegações sem organização adequada, reforçando a diferença entre os amistosos improvisados e as partidas das Ligas vinculadas à CBD, que seguiam uma estrutura formal e bem planejada. Assim, relata o jornal *O Imparcial*, do Maranhão:

Pelo trem do horário de hoje, regressa de sua excursão ao vizinho estado do Piauí a embaixada do S.C. Syrio Brasileiro, que, a convite de alguns clubes da cidade de Parnaíba, ali fôra realizar uma temporada do popular *jogo de bretão*. De passagem, o *team* [equipe] jogou uma partida em Caxias e diversas em Teresina. A viagem da delegação do Syrio Brasileiro, segundo os informes que nos chegaram, alcançou o melhor êxito social, sendo os maranhenses cercados em Parnaíba, durante sua estadia ali, das mais cativantes homenagens. [...] Essa apreciação, porém, justa nos seus conceitos e livre de qualquer prevenção ou qualquer má crença ao Syrio Brasileiro, não nos priva de condenarmos as organizações de *teams* [equipes] de *foot-ball* [futebol], feitas sem o menor critério técnico e que só têm servido para ridicularizar o nome esportivo fora do Estado. [...] O exemplo que deve ficar é o de que as autoridades civis e esportivas, assim como a imprensa, devem no futuro negar o seu apoio a delegações de *foot-ball* que não possuam organização regular, eficiência e reconhecida idoneidade representativa³⁸³.

Assim, conclui-se que os intercâmbios futebolísticos eram importantes tanto como prática esportiva quanto como evento social, envolvendo intensamente as comunidades locais. No contexto piauiense, embora Teresina já contasse com várias agremiações esportivas na década de 1920, foi Parnaíba, por intermédio de seus clubes – Internacional e Parnahyba –, que se consolidou como a principal referência do futebol no Estado. Enquanto o futebol em Teresina permanecia mais restrito ao cenário local, os clubes parnaibanos ampliavam seu alcance, realizando excursões e competindo em regiões do Norte, Nordeste e até mesmo no Rio de Janeiro, destacando-se pela projeção interestadual e representatividade fora do Piauí. Essa diferença reforça o papel pioneiro de Parnaíba no futebol piauiense.

³⁸³ EMBAIXADA do Syrio Brasileiro volta hoje do Piauí. *O Imparcial*, São Luís, 1930, ano 5, n. 2.196, p. 4.

4 “MANIA DE *FOOTBALL*”: UM PONTAPÉ NAS RELAÇÕES SOCIAIS

Este capítulo tem como objetivo examinar o processo de consolidação do futebol amador no Piauí, entre os anos de 1905 e 1941, ressaltando como o esporte se transformou em um espaço de disputas sociais e culturais que refletiam as tensões entre a elite e as camadas populares. Inicialmente restrito a clubes aristocráticos, o futebol foi progressivamente incorporado pelas camadas trabalhadoras, gerando um cenário de competição pelo controle sobre a prática. Essa apropriação popular, simbolizada pelas “peladas” – jogos informais realizados em espaços públicos – desafiava as normas impostas pela elite, tornando-se um ato de resistência às tentativas de disciplinar e controlar o esporte.

No contexto do sertão, especialmente no Piauí, o futebol ganhou interpretações diversas, envolvendo debates sobre raça, corpo e cultura. O esporte atuava como um elemento de modernização e, ao mesmo tempo, revelava mudanças nas práticas sociais e nas relações de poder. Nesse cenário, o ideal do *sportman* e a valorização do *fair play* ajudaram a promover o “homem moderno”, em que a disciplina física e moral eram essenciais para moldar indivíduos saudáveis e produtivos, alinhados às novas exigências da sociedade capitalista.

Além disso, o capítulo aborda a criminalização das práticas populares de futebol, como as críticas feitas pela elite ao futebol de rua, que não seguia os regulamentos formais dos clubes. Essa rejeição se manifestava por meio de discursos que qualificavam essas práticas como ameaças à ordem pública, levando a ações repressivas e a exclusões sociais, como restrições de emprego para aqueles que jogavam futebol de maneira informal.

Por fim, o papel das torcidas é destacado como uma força significativa no futebol amador piauiense. A paixão dos torcedores conferia aos jogos uma dimensão emocional intensa, transformando-os em eventos de grande significado social. Embora os estádios reunissem pessoas de diferentes classes sociais, as divisões permaneciam claras, com a elite nas áreas privilegiadas, e as camadas populares próximas ao campo. Ainda assim, o fervor das torcidas, vistas como o “12º jogador”, criava uma atmosfera de intensa participação coletiva, na qual emoções como tensão, euforia e frustração eram compartilhadas. O futebol, além de um lazer, funcionava como um espaço simbólico para a liberação controlada dessas tensões, evidenciando tanto a união entre diferentes grupos quanto a permanência das hierarquias sociais.

4.1 Futebol, raça e corpo

Na crônica “XI” de *Linhas tortas*, Graciliano Ramos³⁸⁴ apresenta uma visão cética sobre a chegada do futebol ao sertão brasileiro. O cronista demonstra uma postura incrédula em relação ao sucesso do esporte naquela região, argumentando que as características locais não favoreciam a aceitação do futebol. No Piauí, por exemplo, havia um grupo de cronistas ligados à tradição que via no futebol algo que desvirtuava valores. Na crônica de Zé Fernandes, publicada em 1920 no jornal *O Nordeste*, observa-se uma crítica à transformação dos valores sociais e culturais em Teresina, refletida no crescente protagonismo do futebol nas celebrações cívicas. O autor utiliza figuras históricas importantes, como Tiradentes e Benjamin Constant, não para contrastá-las diretamente com o jogo, mas para ressaltar a mudança de foco nas comemorações nacionais. Ele sugere que, enquanto em tempos anteriores esses heróis eram reverenciados com solenidade, as festividades agora se limitavam a partidas de futebol, em que, simbolicamente, os feitos patrióticos eram “relembrados a ponta do pé”.

Hoje, porém, as coisas estão mudadas. Outros costumes, outras as modas. Assim é que os áureos dias da pátria são, em geral, comemorados com a partida de foot-ball, onde os Tiradentes, os Gonzagas, os Peixôtos, os Andradas, os Benjamins Constant, os Silvas Jardins são ruidosamente relembrados a ponta do pé. É o progresso que tudo desloca, que tudo transforma, que tudo modifica. E se assim não fora, está claro, o pé não teria, em tais caso, a prioridade sobre o cérebro. O pé, sim... duvidam os senhores? O “Pé da Vitória” vale mais, hoje em dia, do que qualquer brilhante manifestação do cérebro. [...] É o que lhes digo: o cérebro, entre nós, vai sendo, pouco a pouco, substituído pelo pé³⁸⁵.

A menção ao “Pé da Vitória”, que ele argumenta ter mais valor do que qualquer manifestação intelectual, reforça a ideia de que o futebol estava substituindo as expressões de pensamento e reflexão nas celebrações públicas. Zé Fernandes denuncia uma inversão de prioridades culturais: o domínio da prática esportiva, que mobilizava grandes públicos, ofuscava as atividades intelectuais e cívicas que outrora tinham destaque. Para ele, o futebol, embora representasse modernidade, também trazia superficialidade ao deslocar a importância do intelecto e da reflexão, centrais para a cidadania. Assim, o autor resiste às mudanças que o futebol representava, especialmente ao transformar o espaço do pensamento em entretenimento físico. Ele questiona até que ponto o “progresso”, simbolizado pelo futebol, estaria contribuindo para o empobrecimento das manifestações culturais associadas à história e ao patriotismo.

³⁸⁴ RAMOS, Graciliano. *Linhas tortas*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1981, p. 81.

³⁸⁵ ZÉ FERNANDES. É Progresso. *O Nordeste*, Teresina, 18 set. 1920, ano 1, n. 42, p. 7.

Ramos observa que, no sertão brasileiro, era “extremamente difícil encontrar um homem forte”, e que, ao contrário, via-se “gente que tropeça, que corcova, que arfa”. Para ele, as condições físicas e o modo de vida dos sertanejos, aliados às “broncas tradições dos sertanejos e dos matutos”, não permitiam a adoção de um esporte que exigia um vigor físico e uma organização que não condiziam com a realidade local. Ele sugere que, enquanto nas grandes cidades o futebol se expandia, influenciado por uma diversidade cultural e uma proximidade com influências estrangeiras, no sertão, as tradições locais e o isolamento cultural dificultavam a entrada de “estrangeirices” como o futebol, o boxe e o turfe³⁸⁶.

Essa preocupação de Ramos com a “fragilidade” física dos sertanejos dialoga com o pensamento eugênico que ganhava força no Brasil no mesmo período. Esse movimento, como analisado em *O espetáculo das raças* de Lilia Moritz Schwarcz³⁸⁷ e *Uma história do negro no Brasil* de Wlamyra Albuquerque e Walter Fraga Filho³⁸⁸, esteve profundamente influenciado pelas teorias raciais desenvolvidas na Europa e nos Estados Unidos no século XIX. Essas teorias defendiam a superioridade da raça branca e apontavam a miscigenação como um fator de degeneração social, sendo amplamente aceitas no Brasil entre 1870 e 1930.

Conforme destacado em *O espetáculo das raças*, cientistas como Raimundo Nina Rodrigues incorporaram essas ideias em suas análises, argumentando que a mestiçagem resultava em uma população biologicamente inferior, supostamente incapaz de atingir o mesmo nível de civilização dos brancos. Nesse contexto, os mestiços eram vistos como predispostos a problemas psiquiátricos, fraqueza física e mental, o que os tornava inadequados para contribuir com o progresso do país. Esse discurso serviu para justificar políticas que buscavam mitigar os efeitos da miscigenação, alinhando-se ao projeto de embranquecimento promovido pelas elites da época.

Na Faculdade de Medicina da Bahia, onde Nina Rodrigues lecionava, essas convicções encontraram terreno fértil. Segundo a análise de Schwarcz, as teorias eugênicas aplicadas na medicina legal sustentavam que as raças mestiças, especialmente os mulatos, representavam um obstáculo ao desenvolvimento nacional. Essa visão associava a miscigenação a doenças e desvios físicos e mentais, propondo a eugenia como um meio de “corrigir” tais “defeitos”. Nesse sentido, a eugenia se apresentava como uma estratégia para purificar a raça e alinhar o

³⁸⁶ RAMOS, 1981, p. 81.

³⁸⁷ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

³⁸⁸ ALBUQUERQUE, Wlamyra; FRAGA FILHO, Walter. Lutas sociais nas primeiras décadas do século XX. In: ALBUQUERQUE, Wlamyra; FRAGA FILHO, Walter. *Uma história do negro no Brasil*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

Brasil aos padrões de civilização das nações europeias, reforçando hierarquias raciais e projetos de modernização excludentes.

Abdias Neves foi diretamente influenciado por essas correntes de pensamento. Em seus escritos, como na coluna Noções de Pedagogia Aplicada, no jornal *Diário do Piauí* de 1907, ele descrevia o povo do Norte do Brasil como fisicamente degenerado e preguiçoso, características que, segundo ele, eram agravadas pela miscigenação. Para Neves, o esporte e a educação física eram os meios adequados para regenerar a população, moldando corpos saudáveis e disciplinados, corrigindo, assim, os “defeitos” provocados pela mistura racial. Essa defesa da regeneração física refletia o impacto das ideias eugênicas no pensamento de Neves, que, como outros intelectuais, via na educação física um instrumento para moldar uma sociedade mais forte e civilizada.

Para nós, os nortistas principalmente, a educação física deve ser uma questão de vida e morte. Ser-nos-á tão útil e proveitosa como o ar que respiramos e a sadia alimentação que ingerimos. Somos um povo ainda em via de formação. Não temos ainda bem definidos os traços físicos característico de nossa raça e profundas diferenças se notam entre o brasileiro do norte e o do sul. O nortista é a velhice precoce. O seu raquitismo, o atrofiamento muscular, a debilidade e o enfraquecimento orgânico deixam acentuada a sua decadência. Enquanto o filho do sul é bem desenvolvido, musculoso e forte, o nortista é anêmico e enfezado, apresentando geralmente desvio na coluna vertebral. Esquece-se de que o desenvolvimento corporal, obtido pelos jogos e exercícios ginásticos feitos cientificamente, trazem como consequência o vigor, a energia, a harmonia do corpo e a resistência à fadiga³⁸⁹.

Embora o futebol tenha se espalhado por diversas regiões do Brasil, o ritmo de inserção variou conforme a localidade. No Norte, desafios estruturais e culturais atrasaram o estabelecimento do esporte com a mesma intensidade observada nas grandes capitais do Sul e Sudeste. Parnaíba no Piauí, porém, foge à regra. Próxima ao litoral e influenciada pela presença inglesa em suas fábricas e comércio, a cidade, mesmo sem ser capital, teve contato direto com influências externas, permitindo que o futebol se popularizasse rapidamente. A atividade industrial e as conexões comerciais tornaram Parnaíba um polo relevante para o desenvolvimento do esporte no estado.

Essa inserção do futebol em Parnaíba refletia um projeto de modernização mais amplo, no qual o esporte desempenhava um papel crucial na formação de indivíduos disciplinados e produtivos, alinhados às demandas sociais e econômicas do período. Inspirado pelas ideias de

³⁸⁹ CORPORE Sano. *O Monitor*, Teresina, 24 out. 1907, ano 2, n. 52, p. 1.

Foucault³⁹⁰ sobre poder e disciplina, o futebol funcionava como uma ferramenta de controle, utilizando o condicionamento físico para moldar os corpos dos jogadores e garantir o máximo de eficiência. Nesse processo, o corpo era fortalecido para o lazer, ao mesmo tempo em que era preparado para atender às exigências de racionalidade e produtividade que impulsionavam o desenvolvimento social. O treinamento esportivo transformava o corpo em uma mercadoria, moldada pelas expectativas de desempenho, e alinhada aos padrões de saúde e higiene, essenciais para o progresso social.

Esse processo de disciplina no futebol promove a construção de um corpo ideal, que segue normas de beleza, força e desempenho, mas resulta na alienação do indivíduo em relação ao próprio corpo. Como bem observa Foucault, o poder se exerce tanto pela repressão quanto por estímulos e manipulação positiva³⁹¹. Nesse sentido, o futebol se torna uma ferramenta que reforça essa lógica de controle, transformando os corpos dos atletas em bens consumíveis, cujo valor está diretamente relacionado ao rendimento e à disciplina imposta sobre eles.

Essa mudança de percepção é especialmente evidente quando se compara o futebol aristocrático com o futebol moderno. No contexto aristocrático, o trabalho era visto como incompatível com a prática esportiva. Participar do futebol era um símbolo de prestígio e lazer para a elite, que se dedicava ao jogo justamente porque tinha o privilégio de não precisar trabalhar. A ausência de trabalho conferia *status* social, e o futebol destacava essa distinção. No entanto, à medida que o esporte se popularizou e passou a ser praticado pelas camadas populares, a relação entre futebol e trabalho foi reformulada. O esporte começou a ser visto como um espaço de disciplina corporal e preparo físico, valorizando o esforço e a capacidade produtiva, refletindo os ideais de modernidade, que exigiam do homem moderno um corpo forte e apto ao trabalho.

A valorização do trabalho consolidava-se como um tema central nas discussões sociais da época. Em *O Artista*, de 1922, o jornal parnaibano destacava: “[...] O trabalho é o tema da ciência e nada mais civilizador que ele. Seguindo esta opinião, Orville Dewey escreveu ‘o trabalho é toda a educação, toda disciplina, é o desenvolvimento de energia, o alimento das virtudes, a escola do progresso’”³⁹². Nesse contexto, a disciplina começava a ser associada tanto ao campo educacional quanto à construção de um corpo produtivo, alinhado às demandas da sociedade moderna. Em Teresina, a crítica à ociosidade e à vagabundagem permeava os

³⁹⁰ BRACHT, Valter. O corpo disciplinado: corpo e poder em M. Foucault. In: BRACHT, Valter. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2005.

³⁹¹ BRACHT, 2005, p. 47.

³⁹² O TRABALHO. *O Artista*, Parnaíba, 01 maio 1922, ano 3, n. 11, p. 1.

discursos dos cronistas da época, que viam no trabalho uma força civilizadora, enquanto a ausência dele era considerada um obstáculo ao progresso social.

No livro *Teresina moderna e civilizada: as sociabilidades teresinenses sob o olhar dos cronistas (1900-1930)*³⁹³, apresento a visão do trabalho como um elemento central na formação do “homem moderno”, uma concepção que também se expandia para o campo esportivo. Para ser considerado um esportista respeitado, era essencial possuir saúde, higiene e disciplina, valores que se alinhavam ao ideal do trabalhador produtivo. Os cronistas da elite local promoviam o esporte como uma ferramenta de disciplina, destinada a educar e moldar os jovens dentro de padrões modernos. O esporte, assim, tinha o objetivo de proporcionar um bom condicionamento físico, além de aumentar a força e a disposição para enfrentar os desafios laborais do dia a dia. Como Sevcenko aponta, após a Primeira Guerra Mundial, emergiu o desejo de se constituir um “mundo novo”, centrado na coletividade e na disciplina, com a juventude sendo moldada para atuar de forma coordenada e eficiente nesse novo cenário social³⁹⁴.

A conexão entre trabalho, esporte e civilização fica clara nas palavras de um cronista do jornal *O Piauí* de 1920, ao enfatizar que o homem moderno deve ser “forte, ágil, despachado, energético, para poder suportar os trabalhos e as fadigas; que o desenvolvimento harmônico de todas as suas partes lhe dê toda a beleza que pode ter”³⁹⁵. Esse ideal de homem moderno, associado à civilização e ao progresso, também se manifestava no contexto do futebol. O esporte, quando praticado de forma organizada e sob regras rígidas, era visto como um caminho para a disciplina física e moral.

Sidney Chalhoub³⁹⁶ reforça essa visão ao salientar que a ociosidade era vista como um vício, enquanto o trabalho simbolizava responsabilidade e progresso. A distinção entre “bons” e “maus” cidadãos se baseava, em grande parte, na adesão aos valores do trabalho e da disciplina. No futebol, essa distinção também estava presente: os praticantes organizados nos clubes formais eram exaltados como exemplos de civilidade, enquanto os praticantes das peladas, que jogavam de forma desorganizada e em espaços públicos, eram vistos como ligados à ociosidade e à desordem. Dessa forma, o controle sobre o esporte servia para manter a ordem

³⁹³ BARROS, Fransuel Lima de. Corpo, esporte e saúde em Teresina. In: BARROS, Fransuel Lima de. *Teresina moderna e civilizada: as sociabilidades teresinenses sob o olhar dos cronistas (1900-1930)*. Teresina: Cancioneiro, 2021, p. 128-129.

³⁹⁴ SEVCENKO, Nicolau. História da vida privada no Brasil. v. 3. In: SEVCENKO, Nicolau. *A capital irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 577.

³⁹⁵ PEDAGOGIA. Excertos trazidos [...]. *O Piauí*, Teresina, 16 set. 1920, ano 31, n. 411, p. 1.

³⁹⁶ CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhos do Rio de Janeiro da belle époque*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 74-75.

nas ruas e para reafirmar a superioridade moral de quem seguia as normas estabelecidas. O futebol, assim, se tornava uma arena onde as disputas sobre disciplina, moralidade e controle social eram refletidas de maneira evidente.

No início do século XX, tanto Teresina quanto Parnaíba emergiram como centros importantes para o desenvolvimento do futebol no Piauí, refletindo o impacto da modernização em curso e dinâmicas regionais específicas. A expansão dos meios de comunicação, eletricidade e urbanização alterou profundamente as relações sociais e os hábitos da população, especialmente entre os jovens. Nesse cenário, o futebol foi promovido como uma ferramenta eficaz para moldar comportamentos e disciplinar corpos, alinhando-os aos valores do mundo moderno. A elite local, por meio de cronistas, identificou no futebol uma estratégia para integrar essas cidades e o estado ao contexto de progresso e modernidade.

Esse processo de modernização tinha como objetivo central transformar jovens ociosos em cidadãos produtivos e disciplinados. Nesse contexto, o conceito de *sportsman* ganhou destaque, simbolizando o atleta que, além de demonstrar habilidades esportivas, personificava elevados padrões de moralidade e conduta. O *sportman* era admirado por sua postura de cordialidade, educação e lealdade, tanto dentro quanto fora dos campos. O *fair play* reforçava essa disciplina, promovendo a ética, a honestidade e o respeito ao adversário, com a competição acontecendo de forma justa e equilibrada. Esses valores se alinhavam aos princípios centrais da sociedade moderna, como igualdade e justiça, assegurando que todos tivessem as mesmas oportunidades de competir dignamente. Quando o ideal de *sportsman* foi trazido para o Brasil, ele passou por adaptações culturais para se adequar ao contexto local. No Maranhão, Clissold destacou:

[...] todos os domingos, há jogo de *Foot-Ball* e reunião de rapazes, todos de boa sociedade. Mesmo assim, nestes pequenos jogos há discussões que nunca deveriam ocorrer. Afinal de contas, estamos só jogando pelo amor do *Sport*, e o *sportsmanship* deveria guiar-nos em todas as nossas ações³⁹⁷.

Nesse cenário, o conceito de *sportsmanship* exigia mais do que o simples cumprimento das regras: demandava integridade e autocontrole, especialmente em momentos de pressão. Embora os princípios centrais do *fair play* fossem preservados, o ideal foi ressignificado para refletir a realidade brasileira, com foco na ordem e na civilidade.

Um exemplo claro dessa adaptação pode ser encontrado no periódico *Almanaque da Parnaíba* de 1937, que destaca um personagem dos círculos esportivos parnaibanos,

³⁹⁷ CLISSOLD, C. E. O Sport. *Pacotilha*, São Luís-MA, 03 fev. 1916, ano 36, n. 28, p. 1.

representando o que seria o *sportsman* em uma versão local. O relato revela que, embora não tivesse o físico típico de um atleta, ele incorporava os princípios do *fair play*. Segundo a revista:

Um lusitano bem brasileiro é o nosso velho camarada José Antonio Carneiro – o Zécarneiro, como é geralmente conhecido – vindo para o Brasil há longos anos, aqui constituiu família e empregou com denodo sua atividade comercial, própria da raça. Gordo como uma pipa, mas bom, simples e laborioso, Zécarneiro é um dos homens que se impõem em qualquer meio onde se ache. Proprietário do melhor hotel da cidade, do melhor bar e de três das principais panificadoras locais, ainda lhe sobra tempo para o esporte. Ali o vemos, todo lépido e garboso, no Campo do Internacional, pelejando ao lado dos nossos *players*³⁹⁸.



Figura 28 - ZéCarneiro

Fonte: *Almanaque da Parnaíba*, 1937, ano 14, p. 234.

Essa busca por ordem e disciplina não se limitava ao campo. Os clubes esportivos, como o Artístico Foot-Ball Club de Teresina, implementavam estatutos rigorosos e criavam comissões disciplinares para garantir que seus sócios seguissem os códigos de conduta. O Estatuto do Artístico Foot-Ball Club, de 1918, detalhava as sanções aplicáveis a quem desrespeitasse as normas, como multas e expulsões, assegurando que o esporte refletisse os valores de controle social e progresso.

³⁹⁸ UM VERDADEIRO Sportman. *Almanaque da Parnaíba*, 1937, ano 14, p. 234.

Art. 20º - Os sócios pagarão a joia de 3\$000 e a quota de 2\$000.

Art. 21º - Por qualquer infração ocorrida a primeira vez os sócios pagarão de \$500 a 5\$000 de multa; consoante a gravidade da falta que será criteriosamente julgada pela Diretoria.

Art. 22º - Serão eliminados os sócios:

1º- Quando, por seus atos, prejudicarem a coletividade.

2º- Quando deixarem de pagar suas quotas mensais.

3º- Quando reincidirem em qualquer infração dos estatutos³⁹⁹.

Essa visão dialoga com as análises de Roberto DaMatta, ao afirmar que “o jogo ajuda a disciplinar os corpos e aplinar os corações, tornando-os obedientes às regras”⁴⁰⁰. Para ele, o futebol atua como uma metáfora da ordem social, promovendo a disciplina e reforçando os valores de uma sociedade hierarquizada. Em sua multivocalidade, o futebol é, simultaneamente, “jogo e esporte, ritual e espetáculo, instrumento de disciplina de massas e evento prazeroso”. Ao incorporar o *fair play* ou “espírito esportivo”, o esporte organiza os comportamentos, assegurando que jogadores e torcedores sigam regras universais. Da mesma forma, Pierre Bourdieu destaca o *fair play* como a capacidade de manter uma distância crítica no jogo, sem deixar que a paixão pela vitória comprometa o respeito às regras⁴⁰¹.

Em Teresina, os cronistas difundiram amplamente, por meio da imprensa local e das escolas, o ideal de disciplinarização do corpo. Instituições como o Centro Proletariado e o Ateneu Piauiense tiveram um papel central na construção de um discurso que associava a prática esportiva à formação moral e social, reforçando valores como ordem, disciplina e produtividade. Nesse contexto, esporte e trabalho eram apresentados como pilares do progresso, contrapondo-se à ociosidade. Essa retórica consolidava uma visão normativa da educação física e da conduta juvenil, como ilustra a seguinte publicação de *O Monitor*, de 1907:

O diretor da escola mantida pelo “Centro Proletário” Sr. Gerson Figueiredo acaba de incluir os exercícios físicos entre as disciplinas ali praticadas. O “Ateneu Piauiense” estabelecerá, obrigatoriamente, os mesmos exercícios, no próximo ano. Bela e prometedora iniciativa! Não se deve cuidar somente, com efeito, de aparelhar o espírito para cercá-lo de elementos de triunfo nas contingências futuras da luta pela vida. Não vence o mais culto: vence o mais apto pelas condições de resistência física⁴⁰².

O Regimento Escolar de 1911 também refletia essa preocupação com a formação física. O Art. 35 permitia uma série de jogos escolares, como o futebol, a peteca, o *cricket* e outros,

³⁹⁹ ESTATUTOS do “Artístico Foot-Ball Club”. *O Artista*, Teresina, 22 set. 1918, ano 1, n. 1, p. 3-4.

⁴⁰⁰ DAMATTA, Roberto. A antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. *Revista da USP*, n. 22, 1994, p. 11-12.

⁴⁰¹ BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Trad. Jeni Vaitsman. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 139.

⁴⁰² EDUCAÇÃO Física. *O Monitor*, Teresina, 10 out. 1907, ano 2, n. 50, p. 1.

escolhidos para desenvolver “a força e destreza dos alunos, sem pôr em risco a saúde”⁴⁰³. Dessa forma, a prática esportiva nas escolas de Teresina se consolidava como parte fundamental do currículo, alinhada aos ideais de higiene e disciplinarização corporal que dominavam o pensamento da época.

Na crônica *Apello ao Povo Theresinense*, publicada no *Voz do Norte* em 24 de maio de 1931, Romão Ribeiro dos Santos faz um forte apelo à comunidade de Teresina para que se engaje na revitalização do esporte local, em especial o futebol. Ele apresenta o esporte como uma ferramenta central para a regeneração física e moral, ligando o fortalecimento corporal ao compromisso patriótico, em um momento de instabilidade global. Nesse contexto, Santos escreve:

[...] A fim de nos auxiliar para podermos intensificar o desenvolvimento físico de nossa raça. Começamos para isto, pelo Foot-Ball, esporte excelente e salutar, o qual tem probabilidade de desenvolver todos os órgãos humanos e dar mais sagacidade aos espíritos apoucados, nesta época em que a Pátria precisa que todos os seus filhos estejam a posto defendê-la do cataclismo que ameaça toda a humanidade. Sejam os mais patriotas, esforcemo-nos mais por aquilo que nos é tão útil; trabalhem pelo levantamento do esporte teresinense; mostremos aos nossos irmãos de além de coragem nós também somos elementos construtores e não destruidores Povo teresinense [...]⁴⁰⁴.

O entusiasmo em torno do futebol e sua função regeneradora já havia sido destacado por Jônatas Batista, que, em 1918, no jornal *O Arrebol*, sublinhou a importância dos exercícios ao ar livre como meio de combater o enfraquecimento físico e a anemia. Para ele, o esporte, quando praticado com moderação e inteligência, servia como um remédio eficaz para preservar a saúde da população: “[...] Ao ar livre os campos, aspirando o puro oxigênio, servindo-vos do esporte, do exercício físico, com moderação e com inteligência, como remédio mais eficaz e mais infalível contra a anemia que abate, contra o enfraquecimento que aniquila e que entristece [...]”⁴⁰⁵.

Dois anos mais tarde, em uma crônica publicada no jornal *O Nordeste*, Batista voltou a exaltar os benefícios do futebol, destacando o fervor gerado em torno das competições e sua capacidade de desenvolver a força física dos praticantes. Ele reforçou a relevância das festividades em torno do esporte, afirmando que eram uma recomendação essencial para o

⁴⁰³ DO REGIME Escolar. *Diário do Piauí*, Teresina, 11 maio 1911, ano 1, n. 61, p. 2.

⁴⁰⁴ SANTOS, Romão Ribeiro dos. *Apello ao povo theresinense*. *Voz do Norte*, Teresina, 24 maio 1931, p. 1.

⁴⁰⁵ BATISTA, Jônatas. Discurso. *O Arrebol*, Teresina, 19 set. 1918, p. 2.

fortalecimento do corpo e do espírito: “[...] Trata-se, cremos, de uma destas festas de foot-ball muito recomendável ainda hoje pelo desenvolvimento da força física [...]”⁴⁰⁶.

Esse discurso sobre a importância do esporte para a saúde física não se restringia apenas a intelectuais e cronistas. A própria imprensa também desempenhava um papel fundamental na promoção da relação entre bem-estar corporal e eficiência no trabalho, reforçando a necessidade de cuidados com o corpo para maximizar o desempenho. Um exemplo claro dessa influência pode ser encontrado na edição de 21 de outubro de 1927 do jornal *O Momento*, de Teresina. Nesse caso, a propaganda do medicamento “Mitigal” foi associada ao contexto esportivo, destacando a importância dos cuidados físicos para o desempenho dos atletas: o goleiro leva um gol e o treinador reclama: “Logo agora é que lhe deu coceiras! Passe Mitigal nisso antes de vir pra cá”⁴⁰⁷.



Figura 29 - Propaganda do medicamento “Mitigal”
Fonte: *O Momento*, Teresina, 21 out. 1927, ano 5, n. 459, p. 2.

Além de funcionar como uma ferramenta de disciplinarização e controle, o futebol no Piauí também desempenhou um papel importante como espaço de interação social, resistência cultural e lazer. Embora fosse utilizado pela elite para moldar corpos saudáveis e produtivos, de acordo com os valores da modernidade e eficiência, o esporte também oferecia uma oportunidade para a vivência comunitária e para contestar certas imposições sociais. O futebol, em vez de se limitar a um instrumento de conformação, refletia a pluralidade da sociedade

⁴⁰⁶ O NORDESTE. Jônatas Baptista. Teresina, 17 abr. 1920, p. 1.

⁴⁰⁷ MITIGAL. *O Momento*, Teresina-PI, 21 out. 1927, ano 5, n. 459, p. 2.

piauiense, proporcionando um espaço em que diferentes tensões culturais e sociais se manifestavam. Assim, ao lado dos ideais de progresso e modernização, o futebol emergiu como um fenômeno multifacetado, integrando-se às complexas dinâmicas sociais e culturais da região.

4.2 Do campo às ruas: a popularização do futebol e as tensões entre o formal e as “peladas”

O futebol amador no Piauí teve início em 1905, com a chegada da primeira bola em Parnaíba, e pode ser dividido em dois períodos principais. O primeiro, que vai até 1915, marcou o começo do esporte na região, ainda restrito a eventos sociais e aos jovens elegantes que frequentavam os principais clubes das cidades. O segundo período, de 1916 a 1941, foi caracterizado pela consolidação e expansão do futebol, momento em que o esporte passou por uma “democratização”, sendo adotado por diversas classes e grupos sociais e transformando-se em uma verdadeira “mania” no Piauí.

Nesse cenário, podem ser observadas duas formas distintas de “popularização” do futebol: uma entre a elite e outra nas camadas populares. No primeiro caso, esse processo foi impulsionado por iniciativas como a prática do futebol nas escolas, com as inúmeras fundações de clubes, o incentivo dos jornais da época, a participação das mulheres da alta sociedade na organização dos eventos esportivos, além dos jogos interestaduais e das disputas das Ligas municipais entre os clubes. Esses fatores consolidaram o futebol como um evento amplamente aceito, refletindo uma busca por padrões mais modernos de organização, ainda que nem sempre totalmente alcançados.

No segundo caso, a popularização do futebol ocorreu entre as camadas menos favorecidas, principalmente por meio das “peladas”. Esses jogos informais, disputados por homens, especialmente crianças e adolescentes, nas ruas e praças, contribuíram para tornar o esporte mais acessível e amplamente difundido. A simplicidade dos jogos, com bolas e campos improvisados, facilitou sua prática entre os jovens piauienses. Como observa Lopes, “a apropriação desse esporte pelas diferentes classes sociais, independentemente da cor e da etnicidade” foi um fator central na difusão do futebol no Brasil⁴⁰⁸.

A prática do futebol em espaços não institucionalizados desafiou diretamente o modelo de sociedade defendido pela elite piauiense no início do século XX. Ao atrair para as ruas

⁴⁰⁸ LOPES, José Sérgio Leite. Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro. In: BATALHA, Claudio H. M.; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre (org.). *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Unicamp, 2004, p. 124.

principalmente indivíduos das camadas populares, o esporte passou a ser percebido como um fator de desordem, conforme descrito em diversas publicações da época. Nesse contexto, o futebol se tornou alvo das autoridades policiais, com a imprensa desempenhando um papel central na intensificação dessa vigilância.

No entanto, mais do que uma prática efetiva de repressão, essa vigilância sobre o futebol popular foi, em grande parte, construída no discurso moralista da imprensa e dos cronistas da época. Mesmo após inúmeras denúncias contra jogos de rua, as instituições de controle não atuavam de forma sistemática para proibir essas práticas. A polícia, embora pudesse intervir, raramente tomava providências, o que indica que a repressão não era uma política estatal efetiva. Se o Estado realmente tivesse interesse em erradicar o futebol das ruas, teria implementado ações mais concretas para esse fim. Assim, as crônicas que denunciavam a “bagunça” e a “desordem” causadas pelo futebol parecem refletir menos um esforço repressivo real e mais uma tentativa de construção de opinião pública negativa sobre a prática popular do esporte, associando-a a uma ameaça à moralidade e à ordem social.

Diante dessa construção discursiva, o futebol passou a ser ressignificado pela elite, que buscava legitimar sua prática nos grandes clubes do Estado. Como contraponto à crítica ao futebol de rua, os jornais promoviam uma imagem mais positiva do esporte quando vinculado a espaços institucionais e regulamentados, reforçando o discurso de que a prática esportiva deveria ser reservada às camadas superiores. Esse processo consolidava as fronteiras sociais entre aqueles que tinham acesso aos espaços esportivos formais e os que eram relegados à marginalidade.

Com o tempo, o futebol, que inicialmente seguia uma política aristocrática, passou a ser amplamente praticado em diversas cidades piauienses. À medida que o futebol se difundia, a elite piauiense começou a valorizar a disciplina como um aspecto fundamental, adotando estratégias para desqualificar a prática popular e rotulando-a como um passatempo de “moleques de rua”. Essa visão disciplinadora buscava inibir comportamentos considerados inadequados, promovendo o cuidado com o corpo e a dedicação física, elementos fundamentais para o desempenho esportivo.

A distinção entre os “seletos” e os *outsiders* no contexto do futebol reflete um processo de rotulação social, como descrito por Howard Becker. Aplicando seus conceitos, os “seletos” poderiam ser caracterizados como membros das classes altas, que controlavam os clubes, eventos e as regras do futebol formalizado, preservando o esporte como um símbolo de *status* social. Esses grupos se autoclassificavam como prestigiados, e sua participação no futebol

representava um lazer disciplinado e organizado, acessível apenas àqueles com recursos e educação adequados. Em contraste, os *outsiders* poderiam ser vistos como os jovens das camadas populares, que, sem acesso às mesmas estruturas, praticavam o futebol de maneira espontânea, nas ruas e praças. Para a elite, essas “peladas” eram consideradas desordeiras e uma ameaça à ordem social. Essa interpretação reflete o argumento de Becker sobre a imposição de regras por grupos dominantes e a rotulação daqueles que não se adequam como desviantes, mesmo que os grupos marginalizados possuam suas próprias normas e práticas⁴⁰⁹.

Essa exclusão social pode ser observada em anúncios publicados nos jornais da época. Alguns desses anúncios incluíam a restrição de que o pretendente ao emprego não praticasse o futebol pelas ruas, como no seguinte exemplo de *O Nordeste*: “Na rua Dr. Areolino de Abreu nº 10, precisa-se de um menino para fazer mandado (que não jogue bola). Paga-se seis mil réis semanais, almoço e janta”⁴¹⁰.

Além das tentativas de desqualificação, que retratavam as “peladas” como barulhentas, violentas e marcadas por palavrões, cujos praticantes eram chamados de vagabundos e desocupados, a elite manifestava sua preocupação com a rápida inserção do esporte de massa nas relações sociais. Em uma crônica publicada na coluna Notas do jornal *Piauí*, em 27 de novembro de 1919, o autor advertia sobre o perigo de o futebol se tornar uma “mania perigosa”, capaz de prejudicar a educação e o desenvolvimento dos jovens:

Não há dúvida que o organismo dos moços precisa de exercícios físicos e que o jogo bretão, usado com moderação, é um esporte salutar. Infelizmente, porém, a forma abusiva de que ele se revestia, entre nós, o fez degenerar em mania perigosa, cujos efeitos prejudiciais precisam ser apontados e remediados, quanto antes. Abandonar os estudos pelo esporte, passar o dia inteiro a dar pontapés em bolas, esquecendo os livros, desenvolver as pernas e atrofiar o cérebro, como estão fazendo os nossos moços, absolutamente não convém. Não exageremos. Ali estão os bancos do Liceu despovoados, deixando a maior parte dos estudantes matriculados de fazer exames, por terem quase todos dado, durante o ano, mais de 40 faltas, sem motivo justo. Enquanto isso, o *fott-ball*, joga-se, furiosamente por toda a parte, nas praças, nas ruas, nos quintais, com bolas de couro, de borracha, de pano e até com laranja, limão e jenipapo verde!⁴¹¹.

Essa preocupação com o futebol ia além do abandono dos estudos e começava a afetar também as relações familiares. Carlos Augusto Figueiredo, ao relatar a influência do futebol no cotidiano, narra a situação de D. Júlia, que buscava o filho Gerson para ajudá-la com os

⁴⁰⁹ BECKER, Howard. *Outsiders* - estudos de sociologia do desvio. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

⁴¹⁰ ANÚNCIO. *O Nordeste*, Teresina, 18 set. 1920, ano 1, n. 42, p. 5.

⁴¹¹ NOTAS. *Piauí*, Teresina, 27 nov. 1919, ano 30, n. 333, p. 1.

preparativos para o casamento de sua irmã Gracildes e Mundico. Contudo, Gerson já havia se rendido à “febre” do futebol, e D. Júlia, visivelmente frustrada, exclama: “Venham arrumar-se antes que o juiz chegue. Mesmo saindo amanhã, não há tempo a perder. Onde foi Gerson? Já saiu para o maldito futebol? Aquele menino não toma jeito”⁴¹².

Embora não seja possível afirmar em que proporção essa concepção realmente modificou os hábitos da população, é necessário considerar até que ponto as crônicas da época refletiam uma prática cotidiana ou apenas um discurso moralista dos cronistas e da imprensa sobre o futebol. As denúncias frequentes sobre o suposto impacto negativo do esporte na educação e nas relações familiares indicam uma tentativa de moldar a opinião pública, enfatizando os riscos do futebol para a juventude. Todavia, a insistência nesse tipo de narrativa sugere que, apesar das constantes críticas, o esporte continuava sendo amplamente praticado, especialmente entre os setores populares. A própria diversidade de espaços mencionados – praças, ruas, quintais – aponta para a dificuldade de controle efetivo dessas atividades. Assim, mais do que uma representação fiel da realidade, essas crônicas parecem operar dentro de uma lógica disciplinadora, que buscava associar o futebol a um desvio de comportamento, reforçando a necessidade de controle social sobre as práticas de lazer da população.

Gradualmente, o futebol foi adquirindo um caráter semiprofissional, deixando de ser uma prática amadora restrita às classes aristocráticas e associada ao lazer. O esporte passou a incorporar normas formais que deveriam ser seguidas, como a presença de árbitros para garantir o cumprimento das regras, campos apropriados para as partidas e a necessidade de um bom preparo físico dos jogadores. Essa formalização tornou-se evidente em clubes como o *Artístico Foot Ball Club*, cujo estatuto de 1918, no Artigo 2º, estabelecia que o objetivo do clube era “proporcionar a desenvoltura física a seus sócios; organizar matches, concursos, etc. e, conforme o estado financeiro da sociedade, oferecer prêmios aos vencedores”⁴¹³.

Para se associar ao clube, os membros precisavam cumprir diversas obrigações, conforme o Artigo 9º do estatuto. A formalização dessas responsabilidades reforçava o movimento de modernização e disciplinarização do esporte, marcando a transição do futebol de uma atividade recreativa para uma prática mais organizada. Entre essas obrigações, destacavam-se:

1º - Pagar a joia de entrada e uma quota mensal; 2º- Continuar pagando pontualmente as mensalidades, obedecendo a ordem cronológica dos meses.

⁴¹² MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. *Rua da Glória 3: no tempo dos revoltosos (1921-1934)*. v. 3. Teresina: EDUFPI, 2015, p. 13.

⁴¹³ ESTATUTOS do “Artístico Foot-Ball Club”. *O Artista*, Teresina-PI, 22 set. 1918, ano 1. n. 1, p. 3-4.

3º Comparecer aos treinos e matches designados pela Diretoria e respectivos Capitães. 4ª- Concorrer monetariamente e em reciprocidade para o contrato de uma banda musical, destinadas a tocar nos matches e festas oficiais, 5º - Pagar as multas impostas pela Diretoria. 6º- Acatar e cumprir à risca as prescrições dos presentes Estatutos. 7º- Comparecer as sessões para que forem convocados. 8º - Concorrer sempre que se fizer mister, para o desenvolvimento do Club. 9º - É expressamente proibido aos jogadores saírem de suas casas com o uniforme do Club, sob pena de suspensão de um mês, os que não cumprirem à risca o presente estatuto⁴¹⁴.

Nesse contexto, as mulheres começaram a ser incentivadas a participar do ambiente futebolístico, embora em papéis secundários. Elas eram vistas como importantes organizadoras dos eventos sociais que ocorriam em torno das partidas. O estatuto do *Artístico Foot-Ball Club* criava, por exemplo, uma comissão de “associadas especiais”, permitindo que as mulheres tivessem direito a ingressos para as festas organizadas pelo clube⁴¹⁵. Contudo, essa participação era simbólica e restrita às funções sociais, uma vez que a prática esportiva em si era considerada inadequada para elas. O corpo feminino, idealizado para a maternidade, não se enquadrava nos padrões do esporte, visto como violento e essencialmente masculino.

A marginalização feminina no esporte se manifestava de diversas maneiras. No Maranhão, a revista *Vida Sportiva*, dedicada ao esporte, destacava em suas colunas o perfil das senhoritas associadas aos times de futebol em diversas regiões do Brasil, reforçando a ideia de que o papel das mulheres estava restrito à representação simbólica, enquanto o campo de jogo permanecia dominado pelos homens. Na coluna “Traços Característicos de Torcedoras”, publicada em 1920 na *Vida Sportiva* do Rio de Janeiro, o cronista, sob o pseudônimo *Sportsman*, exemplifica essa visão ao descrever *Mademoiselle* Maria de Lourdes Carvalho:

Mlle. Maria de Lourdes é, dentre as mais graciosas torcedoras do F.A.C., uma das que mais se destacam, já que seu perfil *chic* e modos delicados, sua voz branda como a dessas *mères* caridosas, e, finalmente, pela simpatia com que faz todos apreciá-la. Mlle. tem olhos azuis, cabelos crespos ao pescoço, voz agradável e cor moreno claro. Eis mais uma das grandes apreciadoras do veterano⁴¹⁶.

No Piauí, embora a imprensa local não tenha registrado diretamente a prática do futebol feminino, conjectura-se que essa exclusão pudesse ter encoberto indícios de participação feminina nas “peladas” ou até mesmo crônicas esportivas escritas por mulheres sob pseudônimos. O Decreto-Lei n.º 3.199, de 14 de abril de 1941, que proibia a prática de esportes

⁴¹⁴ ESTATUTOS do “Artístico Foot-Ball Club”. *O Artista*, Teresina-PI, 22 set. 1918, ano 1. n. 1, p. 3-4.

⁴¹⁵ ESTATUTOS do “Artístico Foot-Ball Club”. *O Artista*, Teresina-PI, 22 set. 1918, ano 1. n. 1, p. 3-4.

⁴¹⁶ SPORTSMAN. Traços característicos de torcedoras. *Vida Sportiva*, Rio de Janeiro, 1920, n. 175, p. 7.

como o futebol por mulheres, sob a justificativa de que esses esportes eram “incompatíveis com as condições de sua natureza”, reforça a ideia de que o futebol feminino já vinha sendo praticado de forma não oficial. Contudo, essas possibilidades receberam pouca atenção nas fontes.

Embora os cronistas piauienses destacassem a importância do envolvimento feminino na organização das festas esportivas, essa visão limitada perpetuava a perspectiva machista que relegava as mulheres ao papel de organizadoras ou figuras simbólicas. Ao restringir sua atuação a essas funções, a documentação histórica deixou de reconhecer outras dimensões da participação feminina, como sua presença nas peladas ou seu possível envolvimento na crítica esportiva. A memória oficial do futebol piauiense, assim, privilegiou os feitos masculinos, sem captar a complexidade do papel das mulheres nesse cenário social e cultural.

Entretanto, a formalização do futebol não ocorreu de maneira uniforme. Nem todos os clubes conseguiram seguir o modelo de futebol moderno. Muitas equipes amadoras mantinham práticas bastante rudimentares, operando com recursos limitados e baixo investimento. Como relatado por Nascimento, alguns clubes enfrentavam grandes dificuldades financeiras, o que evidenciava as desigualdades na consolidação do esporte entre diferentes grupos sociais:

O nosso esporte amador, de tão simples e objetivo, dispensava gastos com uniformes, ou material de uso. As chuteiras eram confeccionadas por sapateiros locais, alguns jogadores de um time, e feliz era o clube que possuía dois uniformes. Normal era jogador no final de semana (sábado ou domingo) e segunda-feira lavar o uniforme para o próximo fim de semana. Era o famoso *lava e enxuga*. Efetivamente necessário era ter um orientador, mesmo não sendo treinador, e jogadores suficientes para escalar no futuro jogo⁴¹⁷.

Diante das limitações de estrutura e material, o futebol amador no Piauí era caracterizado por sua simplicidade e capacidade de adaptação. Nascimento ressalta como os clubes, com poucos recursos, encontravam formas práticas de manter o esporte ativo, improvisando com o que tinham disponível:

A preparação física, um capítulo muito interessante, não tinha profissional de educação física e os treinamentos eram realizados em campos de muita areia, não exigia grama, e de grande dimensão que facilitava o fortalecimento da musculação da panturrilha. Dificilmente os jogadores sentiam câibras. Complementavam-se de exercícios respiratórios na travessia do rio Igarçu, ocasião em que se nadava de ida e de volta, de uma margem a outra margem, inúmeras vezes. Os treinos começavam muito cedo da manhã e os dirigentes de futebol saíam, a partir das cinco horas, a acordar os atletas para conduzi-los, normalmente em *jeep* ou caminhão, para o local de treinamento.

⁴¹⁷ NASCIMENTO, 2013, p. 43.

Finalizadas as atividades era servido um latão cheio de mingau de milho, conhecido como *chá-de-burro*, a parte alimentar e de resistência corporal⁴¹⁸.

Com o passar dos anos, o futebol começou a adquirir um viés mais competitivo, e as preocupações com os sócios jogadores foram além da simples promoção do lazer. Um exemplo disso é o regulamento do time do Tiradentes, de junho de 1925, redigido por Pedro Coutinho, que impunha restrições claras aos jogadores designados para os jogos. Segundo o regulamento, “ficava expressamente proibido nas vésperas de jogos deste clube, os elementos designados para representá-lo, tomarem parte de diversões noturnas, tais como danças, saraus etc”⁴¹⁹.

Além disso, foi instituída uma comissão fiscal, formada pelos sócios Adão Vieira de Carvalho, Salvino Oliveira e Cândido Pereira de Alencar, com a função de garantir o cumprimento dessas regras. As atribuições da comissão incluíam retirar os jogadores das festas noturnas, quando escalados para os jogos do dia seguinte, e apresentar relatórios à diretoria sobre os infratores. O regulamento também previa sanções progressivas para aqueles que desobedecessem às normas: “na primeira falta, censura pela diretoria; na segunda, multa de 29.000 réis; na terceira, duplicação da multa; na quarta, suspensão por dois meses; e, na quinta, eliminação do clube”⁴²⁰.

Essas medidas demonstram o esforço crescente dos clubes em disciplinar seus jogadores, evidenciando o caráter cada vez mais estruturado e competitivo que o futebol começava a adquirir. À medida que o esporte se tornava mais disputado, os clubes passaram a interferir diretamente na vida privada dos atletas, impondo restrições sobre suas atividades sociais, especialmente nas vésperas dos jogos. Essa intervenção estava fortemente relacionada à necessidade de disciplinar os corpos dos jogadores, garantindo que estivessem fisicamente aptos para as partidas. A proibição de participar de eventos noturnos, como saraus e festas, refletia a preocupação dos clubes em preservar a condição física de seus atletas, demonstrando que o futebol, antes associado ao lazer, estava se transformando em uma prática de controle e vigilância sobre o corpo. Assim, os jogadores não eram apenas peças no jogo, mas se tornavam sujeitos de regulação, visando otimizar seu desempenho e garantir sucesso nas competições.

⁴¹⁸ NASCIMENTO, 2013, p. 43.

⁴¹⁹ COUTINHO, Pedro. Tiradentes A. Clube. *O Arrebol*, Teresina, 28 jun. 1925, ano 9, n. 80, p. 3.

⁴²⁰ COUTINHO, Pedro. Tiradentes A. Clube. *O Arrebol*, Teresina, 28 jun. 1925, ano 9, n. 80, p. 3.

4.3 “Jogo sujo”: a criminalização das “peladas”

No cenário do futebol amador piauiense, as “peladas” ocupavam um espaço significativo, como uma prática que resistia à institucionalização. Rosângela Duarte Pimenta⁴²¹ define a “pelada” como uma forma de futebol amador, caracterizada pela ludicidade e espontaneidade, em que as regras são flexíveis e adaptadas ao contexto social. Nesse ambiente, os jogadores negociavam as normas conforme as circunstâncias, refletindo as dinâmicas regionais e as hierarquias sociais dos grupos. Além de ser uma atividade esportiva, a “pelada” servia como um espaço de convivência e interação social, muitas vezes prolongado pelo “terceiro tempo”, quando os participantes se reuniam para estreitar laços. Embora vista como uma brincadeira, a “pelada” também carrega um espírito competitivo, em que ninguém joga “querendo perder”. No entanto, essa competição é equilibrada pelo prazer do jogo e pela preocupação com o bem-estar dos participantes, refletida em regras informais que proibiam jogadas violentas, evitando lesões que pudessem comprometer o trabalho de um jogador no dia seguinte.

Essas “peladas”, longe do controle e da regulamentação dos clubes, formavam um contraponto à estrutura mais rígida do futebol institucional. Na década de 1920, o futebol amador no Piauí dividia-se entre dois grupos distintos: os clubes, com uma organização formal e regras bem definidas, e as “peladas”, que subvertiam essa lógica ao priorizarem a ludicidade e o prazer do jogo sobre a normatização. O primeiro grupo, embora não profissional, dispunha de uma certa institucionalidade, pois contava com uma estrutura bem definida: dirigentes, juízes, uniformes, torcida e espaço específico para os seus jogos. Na contramão dessa prática, havia as “peladas”, que “driblam” essa institucionalidade, colocando as regras, os locais e os horários para segundo plano. O importante para os peladeiros era o prazer proporcionado pela ludicidade do esporte.

A imprensa piauiense evidenciava constante vigilância sobre o comportamento dos jovens jogadores que praticavam futebol fora do ambiente controlado dos clubes. Os cronistas, em sintonia com a elite local, defendiam a necessidade de disciplinar e organizar o esporte, associando-o à ideia de progresso e moralidade. Práticas desordenadas, como o futebol jogado em ruas e praças, eram vistas como sinais de falta de controle e indisciplina social, sendo frequentemente apontadas como um desvio dos padrões estabelecidos. Esse discurso buscava

⁴²¹ PIMENTA, Rosângela Duarte. *Desvendando o jogo: o futebol amador e a pelada da cidade e no sertão*. 2009. 226 f. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Recife, 2009.

legitimar a centralização das atividades esportivas em espaços regulados, evitando que o futebol, quando praticado de forma espontânea, fosse associado ao desrespeito às normas sociais. No *Jornal de Notícias*, em 1919, um exemplo dessa postura é relatado ao expressar a preocupação da população com a prática do futebol em logradouros públicos:

Pessoas prejudicadas e que constituem a maioria da população da cidade pedem-nos que reclamemos providências à polícia contra o desenfreado jogo de futebol que se faz por toda parte. É bem de ver que não nos referimos aos clubes, que treinam ou têm os seus encontros em lugares apropriados. Mas os jogos inconvenientes pelas ruas, patamares de igrejas, praças e demais logradouros. Além de prejudicar o trânsito, serve de ponto de reunião dos meninos vadios que ali demoram, em vez de seguirem para as escolas, fábricas e empregos para onde os pais os destinam. O Dr. João Lima deve, pois, prestar um serviço aos prejudicados e a estas crianças inadvertidas, com a Intendência para que só nos lugares apropriados se encontrem os jogadores, profissionais ou amadores⁴²².

Essa crítica reflete o desejo comum da elite de promover uma regulamentação mais rígida, que protegesse o espaço urbano e, ao mesmo tempo, impusesse limites à prática esportiva fora dos clubes. Além de se preocuparem com a desordem causada, os cronistas também viam nesses jogos uma distração para os jovens, que deveriam estar voltados a atividades mais produtivas, como o trabalho ou os estudos. Eles reiteravam a necessidade de intervenção das autoridades para que o futebol fosse jogado apenas em locais específicos, como campos de clubes, garantindo maior controle e segurança.

Um exemplo dessa preocupação pode ser encontrado na crônica publicada em 1925 no *Jornal de Notícias*, no qual o autor narra um incidente ocorrido na Rua da Glória, em que uma criança foi ferida durante um jogo de “pelada”. O texto mostra como esses jogos informais em espaços públicos causavam incômodo e perigo aos transeuntes, levando a polícia a intervir para limitar tais práticas:

Meninos desocupados tem péssimo costume de jogar *foot-ball*, em certas ruas desta capital com prejuízo para os proprietários, que vêem constantemente as vidraças de seus prédios arrebatadas, e muitas vezes causando perigo aos transeuntes. Domingo último, ao lado da rua da Glória, quando vários rapazinhos se entretinham nesse jogo, aconteceu que a bola alcançou uma criança de três anos de idade, atirando-a ao solo, produzindo-lhe um grande ferimento na cabeça. A menor ofendida é filha do nosso amigo sr. Joaquim Bastos, que levou o fato ao conhecimento da polícia. O delegado João Braz tomou as necessárias providências e vai no sentido de por termos aos tais jogo em plena rua⁴²³.

⁴²² O FOOT BALL nas ruas. *Jornal de Notícias*, Teresina, 1919, ano 2, n. 11, p. 1.

⁴²³ BRINQUEDO prejudicial. *A Imprensa*, Teresina, 2 dez. 1925, ano 1, n. 45, p. 4.

A crônica assinada pelo pseudônimo Cinha, publicada no jornal *O Nordeste* em 1920, oferece uma análise crítica sobre o estado do esporte em Teresina, evidenciando os problemas de organização e o impacto social do futebol, sobretudo entre os meninos ociosos que utilizavam os espaços públicos de maneira desordenada. Cinha, com ironia, aponta para a realidade de uma Teresina em que o futebol, apesar de popular, ainda carecia de estrutura adequada, refletindo as dificuldades socioeconômicas da cidade e o desinteresse por uma organização mais cuidadosa do esporte.

[..] Progresso de Teresina? Pura ilusão, minha querida. [...] População? Essa se compõe na sua totalidade de indigentes. Os pobres em Teresina atingem 90 por cento dos seus habitantes, e assim como poderão eles contribuir para o progresso, si muito mal conseguem adquirir o pão nosso de cada dia! Clubes de esportes? Que me conste só um único esporte está sendo usado entre nós, o do jogo de *foot-ball*, quando existe inúmeros outros, tanto para rapazes como para moças. Temos diversos clubes de *foot-ball*, mas esses mesmos sem organização cuidada, e sem aparelhamento devida, como se encontra em outros Estados, em sociedades congêneres. O mesmo entusiasmo do começo está muito amortecido, como acontece com todas as iniciativas desse gênero na mossa boa terra. [...] E que direi dos meninos abandonados? É espetáculo diário nas praças e adros das igrejas, a reunião de grupos desses desocupados que, de sol a sol, jogam um interminável *foot-ball*, entrementes de discussões e gritarias, com grave incômodo para a vizinhança⁴²⁴.

Casos semelhantes eram relatados em outras cidades, como São Luís do Maranhão. Em 1916, o jornal *Pacotilha* criticou a “mania de football” nas ruas, chamando atenção para os danos ao patrimônio público e pedindo a intervenção da polícia.

Chegou ao auge a mania do *foot-ball* entre a garotagem que por aí anda a encher as ruas de pernas. Por quase todas as ruas e praças vemos, diariamente, grupos de pequenos que, em linha de combate, jogam o *foot-ball*, impedindo dessa maneira o trânsito, e não raro, dando bordoadas com a bola nos que passam, quando não acontece ir a mesma parar dentro das casas próximas, quebrando vidraças, deitando por terra jarros, tetéias e outras coisas. Na praça da Alegria então já não se pode passar. O *foot-ball* ali impera todos os dias e os que se arriscam a atravessar aquela via pública ficam sujeitos a levar pancadas de todo o jeito e feitio. Pelo menos foi o que aconteceu, há dias, com uma senhora que por ali passava. A bola deu-lhe uma forte bordoadas na cabeça, tão forte que quase a atira no chão. A polícia bem podia tomar providências sobre o assunto⁴²⁵.

As “peladas” incomodavam aqueles que defendiam um futebol formal, praticado em campos apropriados, com regras e horários bem definidos. Para esses defensores da ordem, o futebol jogado por jovens pobres em espaços públicos era visto como uma ameaça à

⁴²⁴ CINHA. Cartas femininas. *O Nordeste*, Teresina, 15 maio 1920, ano 1, n. 25, p. 2.

⁴²⁵ A MANIA do “foot-ball”. *Pacotilha*, São Luís, 21 set. 1916, ano 36, n. 223, p. 1.

organização social. A solução proposta pelos cronistas da época era restringir a prática esportiva aos clubes, reforçando a exclusividade dos espaços e das normas que delimitavam o futebol institucionalizado.

Esse pensamento estava alinhado ao discurso médico e higienista, que associava o controle e a disciplina do corpo à melhoria da saúde e ao progresso social. Para esses especialistas, definir onde, quando e como o futebol deveria ser praticado era uma forma de garantir a ordem e promover o bem-estar físico dos praticantes, evitando excessos que pudessem comprometer sua condição física. Nesse sentido, os cronistas sugeriam que as partidas fossem realizadas de maneira prudente, em horários apropriados e durante os meses de menor calor. As “peladas”, por outro lado, eram vistas como uma ameaça à ordem e à saúde, por ignorarem essas recomendações ideais para a prática esportiva. A preocupação com o clima tropical e os riscos de excessos físicos levou à percepção de que “jogar futebol de manhã à noite, o ano inteiro, num clima como o nosso, é anti-higiênico”⁴²⁶. Dessa forma, buscava-se regular a prática esportiva, afastando-a do ambiente desorganizado das “peladas” e promovendo um futebol mais controlado e seguro, em conformidade com as normas de higiene e civilidade da época.

Nesse contexto de preocupações com a saúde e a disciplina, surgiram discussões mais amplas sobre o uso legítimo do corpo e as diretrizes que deveriam moldar a prática esportiva. Além de garantir maior controle, essas normas refletiam o ideal moral associado ao futebol, destacando a importância de regular o esporte para assegurar sua adequação aos padrões sociais vigentes. Essas implicações foram constantemente ameaçadas por disputas em torno do significado e da definição de como o futebol deveria ser praticado. Nesse cenário, a imprensa desempenhou um papel fundamental ao reafirmar o que seria o “autêntico futebol”. Jornalistas e cronistas da época retratavam o esporte de bretão, especialmente o de rua, como brutal e perigoso, enfatizando a frequência de acidentes e lesões. No Maranhão, em 1910, o *Jornal da Tarde* associava o futebol a fraturas, mortes e traumas graves, chegando a sugerir sua proibição, especialmente para mulheres, devido à percepção de que a prática era violenta e inadequada ao sexo feminino.

O *foot-ball* é um manejo de primeira ordem para magoar e estropiar os seus adeptos. E a higiene, creio que nada lhe deve. Aquilo não é ginástica que se recomende, é simplesmente uma fábrica de traumas e lesões das partes moles e do sistema ósseo e muscular. Diz-se que os casos cirúrgicos são mais frequentes e graves na América do que na França ou Inglaterra, por serem diversas as regras seguidas, neste jogo, nos dois países citados em último lugar

⁴²⁶ NOTAS. *Piauí*, Teresina, 27 nov. 1919, ano 30, n. 333, p. 1.

com referência às regras do mesmo *foot-ball*, conforme os americanos usam jogá-lo. Por isso, estes entenderam modificar essas regras, mas nem assim se diminuiram os casos de contusões, fraturas, luxações e outros acidentes. A equipe de futebol de Harvard registrou 34 casos cirúrgicos entre 75 jogadores, razão pela qual se pensa, na América, em proibir o esporte. E é muito bem feito. O joelho, o perônio e os maléolos são os que mais vezes, como costuma-se dizer, “pagam as favas”. Verdade é que tudo isto se cura, mas pode o restabelecimento levar meses e até anos, e quem sofre estas lesões, além do episódio de dores vivas que lhe reaparecem, quando faz esforços, fica logo perdido para o atletismo. Que, pelo menos, seja absolutamente proibido as raparigas; os que advogam as belezas do *foot-ball*, não querendo que lhe chame jogo brutal, concordam, todavia, que é vivo de mais, mesmo violento, para o sexo feminino. Todas as razões físicas, psicológicas e até morais conduzem a impedir este jogo às meninas novas. E, mesmo para os rapazes, não sei que valor tenha argumentado de que ele seja o antídoto da precocidade sexual com todo o seu cortejo de cuidados e sobressaltos⁴²⁷.

O mesmo tom crítico aparece em Teresina em 1919, na coluna Notas do jornal *Piauhy*, na qual se mencionam jovens frequentemente feridos nas ruas, vítimas de quedas e choques durante as partidas. Esses relatos refletem uma visão conservadora do esporte, reforçando a ideia de que o futebol, além de perigoso, podia ser prejudicial à saúde física.

Mas não é só a instrução que o abuso do brinquedo inglês prejudica. Os acidentes, fraturas, luxações e traumatismo de toda sorte estão se verificando com uma frequente inquietação. Não é raro ver-se agora, nas ruas de Teresina, rapazes com braços na tipoia, com o nariz machucado ou capengando lamentavelmente.

– Que foi isto?

– Um chute em falso, um tranco ou um tombo no campo de “Teresinense”, do “Militar” ou do “Artístico” – responde infalivelmente o estropeado⁴²⁸.

Essa percepção é ainda mais bem ilustrada na descrição de figuras como Odette, mencionada no *Diário do Piauhy*⁴²⁹, em 1912, que herdara o espírito esportivo do pai, um famoso *sportman* americano que morreu após um violento jogo de futebol. Essa narrativa reforça a conexão entre o futebol e os perigos que o cercavam, perpetuando a imagem de um esporte que, embora vigoroso, trazia consigo sérios riscos à saúde e à integridade física.

Para a elite piauiense, a prática do futebol deveria seguir todo um ritual, com bolas e chuteiras de couro e importadas da Inglaterra, por exemplo, além disso, as partidas deveriam acontecer em local apropriado. No entanto, com a popularização do esporte, muitas dessas práticas foram apropriadas e ressignificadas. Os substitutos populares, como bem ilustra Lopes, tinham um baixo custo, uma vez que “as bolas de meia serviam de veículos para as partidas

⁴²⁷ O FOOT-BALL. *Jornal da Tarde*, São Luís, 4 maio 1910, ano 30, n. 104.

⁴²⁸ NOTAS. *Piauhy*, Teresina, 27 nov. 1919, ano 30, n. 333, p. 1.

⁴²⁹ A LINDA MAMÃ. *Diário do Piauhy*, Teresina, 17 set. 1912, ano 2, n. 203, p. 1.

disputadas em terrenos baldios de terra, com jogadores descalços e balizas facilmente improvisadas com uma diversidade de materiais possíveis”⁴³⁰. Compreendendo determinados locais como inapropriados para tais práticas, alguns cronistas deixam claras suas insatisfações diante da ampliação do futebol na capital do Estado:

O foot-ball como todas as belas invenções tem as suas vantagens e as suas perigosas inconveniências, tem verso e reverso, como toda medalha bem cunhada. E uma das maiores desvantagens para não falar de todas que nos trouxe o jogo bretão foi, inegavelmente, a vagabundagem de menores, principalmente de menores da baixa classe social, pequenos garotos, rapazinhos maltrapilhos, sem ocupação conhecida e sem domicílio certo. No campo da Praça Saraiva, então a vadiagem é consciente e ininterrupta. O jogo não tem começo e nem fim: – começa às primeiras horas da manhã e vai até adiantadas horas da noite, o que vale dizer que aquilo ali está se transformando de campo de foot-ball em campo de vagabundos, escola da malandrice, centro de reunião de desocupados. E isso é um perigo bem maior do que se possa imaginar. A polícia devia tomar providência neste sentido, agindo de acordo com os rapazes do *Theresinense Athletic Club*, donos do referido campo, a fim de que fosse proibida a reunião menores vagabundos da qual vimos nos ocupando neste ligeiro assunto⁴³¹.

O futebol, ao contrário de outras modalidades, estava se consolidando como uma prática apreciada tanto pela elite quanto pelas camadas populares. Entretanto, essa aceitação por parte dos diferentes estratos sociais gerava tensões em torno da sua prática. Para os setores mais influentes da sociedade, a popularização do esporte retirava seu caráter exclusivo, o que levou a uma reação crítica por parte dos jornalistas e cronistas. Como destaca Henrique Sena dos Santos, os periódicos de Salvador se esforçavam em criar uma distinção entre o futebol “saudável”, praticado pelos grandes clubes sob regras bem definidas, e o futebol “nocivo”, associado a grupos populares, compostos por “vadios e desordeiros”⁴³². Esse esforço buscava preservar o controle da elite sobre a prática esportiva, de forma a garantir que o futebol continuasse a refletir os valores de ordem e disciplina defendidos por essas camadas sociais.

Apesar das tentativas de distinção, a popularização do futebol continuou a avançar nos espaços públicos. O esporte atraía cada vez mais trabalhadores e meninos que, sem acesso a campos formais, improvisavam jogos em terrenos baldios, ruas e praças. Esse fenômeno de apropriação popular subvertia o modelo de futebol institucionalizado, apoiado pela elite, e criava novas formas de vivenciar o esporte. Como sugere Bourdieu, o futebol pode ser entendido como um “campo”, onde diferentes grupos sociais disputam o “monopólio da

⁴³⁰ LOPES, 2004, p. 129.

⁴³¹ VAGABUNDOS. *O Nordeste*, Teresina, 6 dez. 1919, ano 1, n. 2, p. 1.

⁴³² SANTOS, Henrique Sena dos. Desastres materiais, desordens morais: o “football de vagabundos” nas ruas de Salvador, 1905-1920. *Recorde: História do Esporte*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 1-26, jun. 2012, p. 16.

imposição da definição legítima da prática desportiva e da função legítima”⁴³³. Para compreender essas dinâmicas, Bourdieu propõe que o futebol também seja um reflexo das relações sociais, moldado por estruturas de poder e capital simbólico. Sua teoria sobre o *habitus* sugere que as disposições sociais dos praticantes, que derivam de suas posições na estrutura social, influenciam suas práticas esportivas. Críticos como Bracht⁴³⁴ apontam que o conceito de *habitus*, embora útil, pode ser excessivamente determinista, pois tende a subestimar a capacidade de agência dos jogadores. Mesmo condicionados socialmente, os praticantes demonstravam criatividade e autonomia em suas práticas esportivas. No Piauí, as “peladas”, jogadas em espaços públicos e informais, ilustram essa resistência popular à formalidade e às regras impostas pela elite, ressignificando os espaços urbanos para novas dinâmicas no futebol.

A ideia de resistência por meio da criatividade popular também pode ser observada nas análises de Michel de Certeau, em *A invenção do cotidiano*. O conceito de “tática”, segundo Certeau, refere-se às ações adaptativas dos “fracos”, que subvertem as regras impostas pelos mais fortes. No contexto das “peladas”, essa prática pode ser compreendida como uma tática de resistência contra o futebol institucionalizado, que impunha normas rígidas e locais controlados. Ao improvisar os espaços, materiais e regras dos jogos, os praticantes das “peladas” reconfiguravam o futebol e se apropriavam dos espaços urbanos de uma maneira que escapava ao controle da elite, recriando o esporte segundo suas próprias realidades.

Assim, as “peladas” ultrapassavam a dimensão de um simples jogo informal, configurando-se como uma forma de subversão às imposições elitistas. Enquanto a elite buscava normatizar o futebol, tornando-o um esporte organizado e disciplinado, os peladeiros resistiam a essa institucionalização, criando suas próprias regras e reorganizando o espaço público de acordo com suas necessidades e criatividade. Certeau sublinha que, “as táticas são procedimentos que jogam com os eventos para transformá-los em ocasiões favoráveis”⁴³⁵, e é exatamente isso que as “peladas” faziam: subvertiam a ordem estabelecida, utilizando o futebol como uma forma de resistência e apropriação popular.

⁴³³ BOURDIEU, Pierre. Como se pode ser esportivo? In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Tradução de Jeni Vaitsman. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 189.

⁴³⁴ BRACHT, 2005.

⁴³⁵ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. artes de fazer. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 101.

4.4 O 12º jogador: torcida, paixão e emoções

Em um mundo onde quase todos os relacionamentos são movidos por interesses financeiros, a paixão desinteressada do torcedor causa espanto. O amor pelo futebol é semelhante à paixão dos casais apaixonados, exceto que o primeiro tende a durar⁴³⁶. Torcedores e torcedoras de diferentes origens e *status* sociais compartilham um forte vínculo aos seus times ou seleções e parecem conseguir unir todos numa mesma emoção. Para Elias e Dunning, “aquilo que as pessoas procuram nas suas atividades miméticas de lazer não é o atenuar das tensões, mas pelo contrário, um tipo específico de tensão”⁴³⁷, uma forma de excitação que não perturba, que convida a uma explosão de emoções – o temor, a angústia, a euforia, a ansiedade. Dessa forma, o esporte moderno, com suas regras de contenção da violência, desenvolve-se em paralelo ao processo de civilização, contribuindo para o controle social das emoções.

Dessa maneira, o esporte moderno, especialmente o futebol, surge como uma válvula de escape para as tensões acumuladas nas sociedades civilizadas, em que o processo civilizador reprime e controla os impulsos emocionais. Elias e Dunning argumentam que o esporte oferece uma oportunidade de liberação dessas tensões de forma organizada, permitindo que a excitação do confronto físico e emocional ocorra sem os riscos da violência real. Assim, o futebol cria um ambiente simbólico onde a agressão e o confronto são expressos de maneira regulamentada, contribuindo para a manutenção da ordem social ao mesmo tempo em que proporciona alívio emocional aos seus participantes e espectadores.

No texto “Lazer, Trabalho e Cultura Popular”, José Sérgio Leite Lopes⁴³⁸ explora como, nas sociedades industriais capitalistas, o lazer foi inicialmente concebido como “não-trabalho” ou “tempo livre”, vinculado ao descanso e à diversão fora das obrigações profissionais. Leite Lopes critica essa visão restritiva, apontando que a sociologia falhou ao não considerar o lazer como um campo autônomo de estudo, com suas próprias dinâmicas e significados. Ele também destaca a contribuição de Norbert Elias e Eric Dunning, que aprofundaram a análise do lazer, especialmente no contexto esportivo, desvinculando-o da esfera do trabalho. Para esses autores, o lazer, em especial o esporte, não serve apenas para aliviar as tensões do trabalho, mas também gera novas tensões e excitações, que são, em grande parte, desejáveis.

⁴³⁶ FAUSTO, Boris. De alma lavada e coração pulsante. *Revista de História*, São Paulo, jun./dez. 2010, n. 163, p. 139-148.

⁴³⁷ ELIAS, N; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992, p. 188.

⁴³⁸ LOPES, José Sérgio Leite. Lazer, trabalho e cultura popular. *Licere*, Belo Horizonte, 2003, v. 6, n. 2, p. 107-116.

Leite Lopes reitera que, para Elias e Dunning, o esporte possui qualidades “miméticas”, recriando simbolicamente as tensões da vida cotidiana de maneira controlada, proporcionando emoções intensas, porém reguladas. O futebol, por exemplo, além de proporcionar diversão, permite que emoções reprimidas pelas exigências sociais sejam liberadas de forma organizada. O autor também discute como o esporte foi utilizado como ferramenta de disciplinarização nas escolas de elite inglesas, moldando o comportamento e o autocontrole dos jovens para prepará-los para as exigências da vida social.

No Brasil, Leite Lopes faz referência à obra de Roberto DaMatta, que analisa o futebol e o Carnaval como expressões centrais da cultura popular. Para DaMatta, essas práticas revelam as tensões sociais e raciais da sociedade brasileira, dramatizando suas contradições. O futebol, nesse contexto, funciona como um espaço de construção da identidade nacional, em que emoção e improvisação, características do estilo brasileiro, contrastam com as tensões sociais mais amplas do país.

Essas ideias se manifestam claramente no futebol em Parnaíba, onde o esporte transcendia o simples lazer fora das obrigações profissionais, gerando uma forte identificação dos torcedores com os clubes locais e criando um ambiente de tensões controladas. O futebol, como analisado por Leite Lopes, tornava-se um espaço onde as emoções e as identidades sociais eram vividas intensamente, evidenciando como esse lazer esportivo refletia a complexidade das relações sociais e culturais.

Um exemplo concreto dessa dinâmica pode ser observado nos frequentes intercâmbios esportivos entre os times de Parnaíba e equipes de outros estados. Esses confrontos, favorecidos pela boa estrutura dos clubes do Internacional e do Parnahyba, eram marcados por grande expectativa e tensão, reunindo multidões e intensificando a rivalidade entre os estados. No *Almanaque da Parnaíba* de 1936, uma imagem retrata um jogo interestadual entre Piauí e Ceará, refletindo bem esse clima, com o estádio lotado e a empolgação dos torcedores.



Figura 30 - Jogo Interestadual: Ceará x Piauí
 Fonte: *Almanaque da Parnaíba*, 1936, ano 13, p. 65.

Um evento particularmente notável foi o embate entre Internacional-PI e Maguary Sport Club-CE, que atraiu grande atenção, apesar do alto valor dos ingressos. Muitos torcedores recorreram a suas redes de amizade para garantir um lugar no estádio. A importância de um jogo desse porte, envolvendo um adversário de outro estado, intensificou ainda mais as emoções entre o público. Para evitar a entrada de “penetras”, foram adotadas medidas rigorosas de segurança, mas, devido aos muros baixos, as tentativas de invadir o estádio continuaram.

O jogo prometia ser sensacional. As despesas com a caravana cearense avultaram em muitos contos de réis. A fim de cobrir estas despesas, o Internacional dobrou o preço das entradas. Arquibancadas, dois mil réis; geral, um mil réis. Para coibir a entrada dos “penetras”, o então delegado da polícia, Sr. Odílio Neves, deslocou um destacamento policial para cobertura do estádio, pois os muros baixos propiciavam uma fácil entrada por cima deles; uma segunda alternativa era conseguida pela cerca lá de casa⁴³⁹.

Nesse contexto de agitação e busca por acesso ao estádio, as conexões pessoais também desempenhavam um papel importante. José Pires, amigo particular de Septimus Clark e advogado da Casa Inglesa, era um exemplo de como as redes de amizade facilitavam o acesso em jogos importantes. Sua casa, que fazia limite com o terreno do estádio, possuía um portão que permitia acesso direto ao campo. Em partidas locais, era comum que amigos e familiares de José Pires se beneficiassem desse privilégio, reforçando como o prestígio e as relações pessoais influenciavam a experiência nos eventos esportivos. No entanto, no jogo do time cearense, a entrada foi restrita apenas à família:

⁴³⁹ REBELO, 1984, p. 64.

O terreno de nossa casa limitava-se por uma cerca de arrame farpado, com o terreno do estádio, mas devido aos “laços cor de rosa”, antes citados, foi-nos dado o privilégio de uma passagem privativa com direito assegurado de entrada grátis, para todos os jogos que houvessem. Nos jogos comuns, muitos garotos amigos nossos comeram um pedacinho desse bolo doce... Mas nesse jogo especial com Maguary, foi destacado um soldado para fiscalizar nossa passagem, com ordem severa de só deixar entrar os “meninos do Dr. José Pires”. Nós éramos (os meninos do Dr. Zé Pires) oito rapazes e três moças (coincidentemente, o número de jogadores de um time de futebol), todos naturalmente bastante parecidos entre si, como irmãos, o que de certo modo facilitava a fiscalização do soldado⁴⁴⁰.

Segundo Rebelo, na hora do jogo, chegou o primo Maurício para também assistir à partida. No portão de entrada, o soldado desconfiou do garoto, apesar de o rapaz possuir características bem parecidas com os demais familiares. A narrativa se desenrolou assim:

– “Esse garoto aí não me parece ser filho do Dr. Zé Pires!”
 Virando-se para mim, o Maurício disse:
 – “Olha aí, Goethe; eu não sou filho do Tio José?!”
 O soldado, meio “perdido”, acabou decidindo:
 – “Então, pode entrar!...”⁴⁴¹.

Essa rede de influências sociais, compreendida como capital social, conforme Bourdieu, não se restringia apenas a eventos locais. A forma como o futebol era organizado no início do século XX refletia um ambiente de diferenciação social. Praticado principalmente nos clubes, o futebol simbolizava *status* e prestígio entre a elite, que via no esporte uma maneira de afirmar sua inserção nos valores modernos de progresso e civilização. Além disso, o capital simbólico, derivado da participação nesses eventos esportivos, reforçava a posição social desses indivíduos, conferindo-lhes reconhecimento e distinção.

José Pires fazia parte de um grupo privilegiado, no qual o acesso exclusivo aos eventos esportivos era uma forma de afirmar sua influência social. Sua capacidade de facilitar a entrada de amigos e familiares, além de sua atuação na organização dos jogos, contribuía para fortalecer sua imagem pública e ampliar seu capital simbólico, consolidando sua posição nas redes de relacionamento da época.

Essa ligação entre o futebol e o *status* social também aparece nas memórias de Bugyja Brito, que recorda sua paixão pelo esporte em 1918. Aos 11 anos, como muitos jovens de sua geração em Teresina, ele se tornou um entusiasta do futebol. As partidas, como a entre o *Theresinense Foot Ball Club* e o *Militar Sport Club*, mostram como o esporte já fazia parte do cotidiano da elite, atuando como um espaço de interação e fortalecimento de prestígio.

⁴⁴⁰ REBELO, 1984, p. 65.

⁴⁴¹ REBELO, 1984, p. 65.

Em 1918, eu tinha 11 anos e tornei-me, como os meninos do meu tempo em Teresina, um apaixonado por *foot-ball*, eu mesmo tentei ser jogador entre os companheiros de minha idade e gostava imensamente de assistir às partidas dos clubes. Ainda agora eu lembro de uma célebre partida entre dois teans [*sic*] fortes da cidade: o *Theresinense Foot Ball Club* e o *Militar Sport Club*. O primeiro venceu o segundo pelo score de 4x0 num jogo de ardente animação entre os torcedores dos dois clubes⁴⁴².

Enquanto Bugyja Brito vivia essa paixão em Teresina, em Parnaíba, Francisco das Chagas Caldas Rodrigues, outro entusiasta do futebol, também demonstrava seu envolvimento com o esporte. Natural de uma família tradicional da cidade e filho do importante comerciante Poncion Rodrigues, Chagas Rodrigues desde cedo se interessou pelo futebol, que já começava a ganhar popularidade entre os adolescentes da região. Em 1927, aos 14 anos, ele aproveitava os eventos esportivos para exercitar sua habilidade de orador, tornando-se uma figura ativa nas ocasiões que envolviam o esporte. Sua irmã, Terezinha Rodrigues, recorda um desses momentos com vivacidade:

Chagas Rodrigues lia muito e não perdia uma oportunidade para discursar. José Alexandre não gostava de andar com ele porque onde chegava fazia discurso. Uma vez, veio um time de futebol jogar em Parnaíba. Todo mundo já sabia o que ele queria fazer (e fez). Mal os jogadores começaram a descer, não sei de onde, ele conseguiu um banquinho, subiu e passou a dar as boas-vindas aos jogadores e a conclamar que as pessoas fossem ao estádio prestigiar aquele grande acontecimento na cidade. José Alexandre, como sempre, saiu correndo do local, mas Chagas Rodrigues foi muito aplaudido⁴⁴³.

A distinção social se refletia nitidamente na organização dos estádios. A elite ocupava as arquibancadas, mais confortáveis, enquanto os torcedores de menor poder aquisitivo ficavam nas áreas próximas ao campo. As formas de vivenciar e expressar o futebol variavam conforme a classe social, reforçando as divisões presentes naquele ambiente. Normalmente, as arquibancadas eram um espaço mais confortável e destinadas às “boas famílias” piauienses. Já a “Geral” ficava mais próximo do campo, e era frequentada por aqueles que pagavam metade do preço das arquibancadas e entravam por um portão aberto no muro do estádio. Segundo Rebelo, “era a parte mais alegre da torcida, tendo como seu rei um preto forte e crítico inteligente, que punha apelidos em todos os jogadores durante as partidas. Sua voz forte era ouvida por todo o estádio. Chamava-se Calebre”⁴⁴⁴.

⁴⁴² BRITO, Bugyja. *Narrativas autobiográficas*. v. 1. Rio de Janeiro: Folha Carioca, 1977, p. 175.

⁴⁴³ KRUEL, Kenard. *Chagas Rodrigues: grandes vultos que honraram o Senado*. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2018, p. 35.

⁴⁴⁴ REBELO, 1984, p. 63.

A criatividade dos frequentadores da “Geral” se destacava especialmente nas brincadeiras e apelidos dados aos jogadores. Um dos apelidos mais marcantes, que se tornou famoso em todo o Estado, foi dado ao ponta-esquerda do Parnahyba, conhecido como “Tarzan”. A sátira era porque, na época, os filmes de Tarzan, passados no Cine Teatro Éden, “exibiam a imagem do ator Johnny Weissmuller, um figurão de alta estatura, corpo sarado de atleta de academia física, olhos azuis e cabelos lisos e louros”. Contradizendo esse perfil, o “Tarzan” tupiniquim tinha 1,60 m de altura, “era entroncado, chegando a magro, olhos pretos e cabelos quase encarapinhados”⁴⁴⁵.

Rebello relata, ainda, que esses emblemáticos personagens, além de alegrar os torcedores nas principais Ligas Parnaibanas, serviam como uma espécie de garoto que realizava pequenos mandados:

Merece um destaque especial um crioulinho franzino, simpático, que não era atleta e sim torcedor do seu querido Coroa. Ferrenho incentivador do esporte, a quem a Federação Parnaibana de futebol muito deve. O famoso “Calebre” era uma espécie de “office-boy” que prestava serviços gratuitos. Suas tarefas aos domingos, dias de jogos, começavam na saída da missa das cinco horas da manhã, na Matriz. Distribuíam informativo do jogo, no Mercado Central, aos compradores de alimentos, cuidava dos preparativos para o jogo, inclusive acomodação da Banda Municipal, terminando o seu trabalho minutos antes da partida, pois era justo que ele tivesse direito a torcer, aos gritos, atrás da baliza do goleiro de seu time⁴⁴⁶.

Essas figuras que movimentavam os bastidores do futebol parnaibano não foram os únicos elementos que destacavam a popularidade do esporte. O grande número de torcedores nos jogos interestaduais também refletia esse sucesso. Uma foto de 1940, tirada no Campo do Internacional durante um confronto entre o Flamengo de Parnaíba e o Tuna Comercial do Pará, revela um estádio lotado⁴⁴⁷. A imagem é um testemunho visual de como o futebol havia se enraizado profundamente na cultura local. O público expressivo e a presença massiva de torcedores demonstram a crescente importância do esporte e como ele passou a conferir identidade e pertencimento aos piauienses.

⁴⁴⁵ NASCIMENTO, 2013, p. 276-277.

⁴⁴⁶ NASCIMENTO, 2013, p. 169.

⁴⁴⁷ ALMANARQUE da Parnaíba, Parnaíba-PI, 1940, ano 17, p. 177.



Figura 31 - Arquibancada do Campo do Internacional em jogo interestadual
 Fonte: *Almanaque de Parnaíba*, 1940, ano 17, p. 177.

Na compreensão de João Batista de Oliveira Nascimento⁴⁴⁸, a popularização do futebol trouxe muitas mudanças ao esporte, alterando a dinâmica das relações entre os clubes. O crescente sentimento de pertencimento aos times fomentava rivalidades e competições, que muitas vezes resultavam em conflitos e violências, tanto dentro quanto fora dos gramados. Relatos frequentes na imprensa noticiavam discussões acaloradas entre dirigentes, brigas entre torcedores e provocações que culminavam em jogos disputadíssimos. Em algumas ocasiões, esses embates resultavam em agressões físicas e fraturas, além de episódios curiosos, como brigas entre senhoritas durante bailes por causa de preferências clubísticas. À medida que esses sentimentos se intensificavam, o espírito cavalheiresco que caracterizava a fase amadora do futebol ia se esvaindo.

Um exemplo notável dessa transformação ocorreu em uma partida entre o Parnahyba e o *Foot-ball Athletic Club* do Maranhão, realizada no dia 24 de outubro de 1920. Incomodado com o que considerava um favorecimento do árbitro ao time da casa, o Athletic abandonou o campo antes do fim do jogo. A decisão gerou uma reação violenta por parte dos espectadores: “Tal foi a violência e ódio com que o povo tentou levar a efeito esse ato de verdadeira selvageria, pois todos os torcedores estavam munidos de facas e cacetes, que os jogadores maranhenses saíram de campo acompanhados das autoridades do lugar [...]”⁴⁴⁹. Nesse episódio,

⁴⁴⁸ NASCIMENTO, 2013.

⁴⁴⁹ O F.A.C. na Parnahyba. *O Jornal*, São Luís-MA, 26 out. 1920, ano 4, n. 1.814, p. 1.

fica evidente a forte identificação dos torcedores com o clube local e como, dependendo do andamento do jogo, esses sentimentos podiam explodir de forma incontrolável.

Esses fenômenos ilustram a tensão entre controle social e liberação de emoções no esporte, conforme analisado por Elias e Dunning⁴⁵⁰. Embora o esporte atue como um mecanismo de regulação social, em determinados contextos, como grandes competições ou eventos populares, essa estrutura pode se fragilizar. Quando isso ocorre, a excitação controlada tende a ultrapassar os limites, resultando em confrontos físicos, como brigas entre torcidas ou agressões entre jogadores. Para os autores, esse fenômeno se manifesta com mais intensidade entre as classes trabalhadoras, onde os mecanismos de autocontrole típicos das elites nem sempre são plenamente assimilados.

De fato, a torcida atua como um verdadeiro termômetro do jogo. Ela adiciona uma dimensão emocional às partidas, transformando-as em espetáculos de devoção. A euforia com um gol, a tensão de um pênalti e a decepção de uma derrota são momentos de intensa emoção nas arquibancadas. Considerada o 12º jogador, a torcida é responsável por transmitir energia positiva aos atletas, incentivando-os a se empenharem ainda mais em campo. Esse envolvimento extrapola os limites dos estádios e forma autênticas tribos futebolísticas, cujas paixões movem e influenciam o ambiente esportivo.

⁴⁵⁰ ELIAS; DUNNING (1992).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jogo ainda não terminou...

O esporte, sobretudo o futebol, é considerado um elemento chave na construção da cultura brasileira. Diversos agentes, especialmente os cronistas, desempenharam um papel central nessa construção narrativa ao longo da primeira metade do século XX, popularizando o futebol em nível nacional e regional. No Piauí, o futebol rapidamente extrapolou o ambiente dos campos e se tornou tema recorrente nos círculos sociais das principais cidades, refletindo disputas de poder e representações de modernidade. Esta tese, portanto, buscou problematizar a relação entre a crônica e o futebol, investigando como esse gênero literário se consolidou como um dos principais símbolos de uma identidade esportiva piauiense entre os anos de 1916 e 1941.

Compreender essa relação passa pelo resgate das crônicas esportivas como fontes privilegiadas para a História, já que esses textos oferecem uma perspectiva detalhada sobre as dinâmicas sociais, políticas e culturais que moldaram o Piauí no início do século XX. Esses registros possibilitam compreender o futebol tanto como prática esportiva quanto como um espaço de disputas de poder, onde identidades regionais se estruturaram em diálogo com influências nacionais e globais. Além disso, essas fontes revelam aspectos das relações entre cultura popular e elite, controle social e resistência, oferecendo elementos essenciais para o estudo dos processos de formação cultural e social de maneira contextualizada.

Ao se considerar o papel dos cronistas como mediadores culturais, é possível aplicar o conceito de “cidade letrada” de Ángel Rama⁴⁵¹ para entender como esses intelectuais locais consolidaram uma narrativa que legitimava um projeto elitista de progresso. Segundo o autor, a “cidade letrada” é formada por um grupo de letrados que detêm o monopólio do conhecimento escrito e administra a ordem simbólica por meio de normas, leis e discursos. Em diferentes contextos latino-americanos, essa estrutura centralizava o controle político e cultural, estabelecendo uma hierarquia social excludente. No Piauí, os cronistas esportivos desempenhavam essa função ao estabelecer uma ordem discursiva que associava o futebol às influências europeias e ao ideal de modernidade, criando uma visão elitizada do esporte. Esse discurso reforçava uma hierarquia social e cultural, excluindo as manifestações populares e refletindo a centralização política e simbólica, característica da “cidade letrada”.

⁴⁵¹ RAMA, Ángel. *A cidade das letras*. São Paulo: Boitempo, 2015.

Além disso, é importante observar como esses cronistas refletiam as influências da *Belle Époque* tropical, que permeava o Estado. Esse período, que marcou o final do século XIX e o início do século XX, foi caracterizado por avanços tecnológicos, prosperidade econômica e intensa efervescência cultural, especialmente na Europa, expressando um ideal de progresso e sofisticação. No Piauí, a *Belle Époque* se manifestou de forma particular, com adaptações locais de práticas culturais europeias e eventos sociais ligados ao futebol, expressando um desejo de alinhamento às tendências cosmopolitas da época. A hegemonia de Parnaíba como centro do futebol no Estado ilustra bem essa conexão, fortemente influenciada pela presença inglesa na região. Em Teresina, o futebol simbolizava a busca por modernização, ao mesmo tempo em que lidava com a resistência de costumes tradicionais e provincianos. Essa convivência entre o novo e o antigo era registrada pelos cronistas, que narravam a dualidade de uma capital em busca de desenvolvimento e reconhecimento, enquanto ainda preservava traços de seu passado colonial.

Teresina e Parnaíba, apesar de suas diferenças, enfrentavam o desafio de construir uma identidade moderna em meio a profundas transformações sociais e culturais. O futebol surgiu como um espaço de disputas e negociações, refletindo as tensões entre tradição e modernidade. As crônicas esportivas desempenharam um papel crucial ao retratar ambas as cidades em formação, buscando um equilíbrio entre inovações e influências externas. No entanto, essa construção não foi isenta de conflitos, pois alguns cronistas questionavam a legitimidade do futebol como símbolo de progresso.

Para entender melhor o impacto dessas influências externas, é relevante situar o futebol piauiense em um contexto mais amplo de circulação de práticas e ideias. A abordagem da História Global, segundo Sebastian Conrad⁴⁵², enfatiza a mobilidade e o intercâmbio de práticas e instituições que atravessam fronteiras e moldam contextos locais. No caso do futebol, Tony Collins⁴⁵³ e Hilário Franco Júnior⁴⁵⁴ destacam que o esporte está intimamente ligado à Segunda Revolução Industrial e ao capitalismo, refletindo valores como competição, produtividade e especialização. Assim, a expansão do futebol no Piauí se alinha com essas transformações globais, revelando o esporte como um reflexo das mudanças econômicas e culturais em diferentes regiões.

⁴⁵² CONRAD, Sebastian. *What is global history?* Princeton: Princeton University Press, 2016.

⁴⁵³ COLLINS, Tony. *How football began: a global history of how the world's football codes were born*. 1º edition (English edition). Abingdon, UK: Routledge, 2019.

⁴⁵⁴ FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

Nesse contexto de circulação de ideias e influências externas, as crônicas esportivas desempenharam o papel de mediadoras culturais entre o local e o global. Por meio de um discurso que combinava informações, críticas e reflexões, os cronistas legitimaram o futebol como símbolo de uma modernidade em construção, ao mesmo tempo em que revelavam as tensões sociais, econômicas e raciais que permeavam a prática esportiva. Nesse sentido, os cronistas ajudaram a consolidar uma memória coletiva sobre o futebol, integrando o esporte à vida social e revelando as disputas simbólicas em jogo.

Sob essa perspectiva, o conceito de campo de Pierre Bourdieu⁴⁵⁵ permite compreender o futebol como um espaço social dinâmico, onde diferentes agentes, como jogadores, dirigentes, cronistas, torcedores e outros, interagem e competem por prestígio e recursos. Essa abordagem revela como as relações de poder são moldadas por instituições-chave, como clubes e ligas, que definem normas, valores e práticas no campo futebolístico. Nesse contexto, o papel da imprensa esportiva, e dos cronistas em particular, era essencial para reforçar ou questionar as hierarquias sociais e culturais, legitimando discursos e símbolos que diferenciavam grupos e interesses no cenário esportivo piauiense.

Nesse ambiente de disputas simbólicas, a organização de torneios interestaduais e a presença de agentes influentes, como Septimus Clark e Clissold, além de profissionais ligados ao comércio e à navegação, reforçaram a dimensão cosmopolita do futebol no Piauí. Essas conexões contribuíram significativamente para a estruturação de uma prática esportiva local, consolidando o futebol como um ponto de interação entre práticas locais e modelos globais.

Nesse processo de estruturação, a linguagem específica do futebol, amplamente disseminada pelas crônicas, desempenhava um papel crucial na construção de identidades e distinções sociais, ao reforçar ou questionar valores de pertencimento e exclusão. Atuando como narradores dessa trajetória, as crônicas ajudavam a estruturar práticas, normas e percepções em torno do futebol, promovendo um discurso que influenciava diretamente as relações de poder entre os diferentes agentes do campo esportivo.

Dessa forma, os cronistas assumiram um papel ativo na moldagem da percepção pública, relatando eventos esportivos e legitimando o futebol como um marcador de diferenciação social e identitária. A imprensa, assim, desempenhava um papel essencial como mediadora cultural, conectando o Piauí às influências globais e reforçando o papel do esporte como agente de mudanças sociais. Por meio das crônicas, promovia-se um diálogo constante

⁴⁵⁵ BOURDIEU, 2010.

entre intelectuais e o público, estimulando discussões sobre o papel do futebol na sociedade piauiense e sua crescente relevância cultural.

Até 1916, os jornais piauienses raramente mencionavam o futebol, concentrando-se mais em temas políticos. Contudo, com a organização das primeiras Ligas Parnaibanas, o futebol começou a ganhar espaço, noticiado com entusiasmo pela imprensa, assim como o cinema, integrando as rodas de conversas nas praças públicas. Nesse contexto, as influências inglesas foram determinantes, sobretudo pela presença de empresas britânicas como a *Booth-Line* e a Casa Inglesa, que estabeleceram padrões de jogo e formalidades que logo foram adaptados e abraçados pela população local. A prática informal do futebol, especialmente entre crianças e jovens, foi fundamental para a popularização do esporte.

O futebol foi gradualmente incorporado pelas camadas populares, tornando os jogos informais ou “peladas” como algo que fazia parte do cotidiano do piauiense. Nesse cenário, as “peladas”, disputadas em praças e campos improvisados, representavam uma alternativa ao formalismo das ligas oficiais e simbolizavam uma forma de resistência às normas impostas pela elite. A repressão a essas práticas evidencia o esforço das classes dominantes em disciplinar os corpos e regular comportamentos alinhados aos ideais de modernidade e progresso.

A padronização das regras do futebol coexistia com a improvisação de materiais entre os praticantes populares, que, diante da dificuldade de acesso às bolas de couro dos clubes mais estruturados, recorriam a bolas feitas de meias, trapos ou itens reaproveitados. Uniformes improvisados e a adaptação de campos em espaços públicos também contribuíram para tornar o esporte mais inclusivo e amplamente praticado. Essas mudanças permitiram que o futebol, antes restrito à elite, fosse incorporado pelas camadas populares. A análise das crônicas futebolísticas foi fundamental para entender como o esporte contribuiu para a formação das identidades regionais, ao construir narrativas que reforçavam o sentimento de pertencimento e diferenciação social.

A relevância deste trabalho reside no fato de que, até então, o futebol piauiense, dentro do recorte temporal entre 1916 e 1941, não havia sido explorado de forma tão aprofundada. Os estudos existentes sobre o futebol no Estado, sejam eles produzidos por jornalistas ou historiadores, em sua maioria, concentravam-se em períodos posteriores, especialmente a partir da década de 1970, ou apresentavam um enfoque excessivamente localizado. Severino Filho, por exemplo, em sua obra *100 anos de futebol*, adota uma abordagem positivista, oferecendo uma coleta de dados descritiva que, embora valiosa, não se detém nas nuances sociais e culturais mais amplas que envolvem o esporte no Estado.

A presente tese, portanto, preenche uma lacuna ao abordar as condições sociais para o surgimento e a consolidação do futebol piauiense em suas primeiras décadas, revelando as complexidades e contradições que marcaram o esporte nesse período. Ao contrário de uma visão linear e simplista, o estudo propõe uma análise que conecta o futebol piauiense com transformações sociais, políticas e culturais mais abrangentes, tanto no plano local quanto nacional. Essa abordagem busca entender o futebol como uma prática esportiva dentro de um campo de disputas simbólicas, políticas e culturais.

Além disso, é importante destacar que esta pesquisa não teve a pretensão de esgotar a discussão sobre o futebol no Piauí. Pelo contrário, um dos objetivos centrais é abrir novas frentes de investigação. Aspectos fundamentais, como a atuação dos árbitros, a influência e o papel dos dirigentes, e a participação das mulheres no cenário esportivo, permanecem pouco explorados. Esses temas merecem ser analisados em profundidade, já que são elementos essenciais para uma compreensão mais completa da história do futebol no Estado.

Dessa forma, ao reafirmar que o futebol no Piauí foi um microcosmo das transformações sociais e culturais pelas quais o Estado passava, esta tese demonstra como o esporte se tornou uma arena de negociação entre elite e camadas populares, refletindo disputas de poder, identidade e pertencimento. Mais do que um esporte, o futebol piauiense evidenciou as tensões sociais e culturais da época, contribuindo para uma compreensão mais ampla das interações entre esporte, política e cultura no Brasil, e propondo novos caminhos para investigações sobre a relação entre futebol e práticas populares de resistência.

O apito final ainda não soou. No campo da História, cada descoberta é como um passe inesperado, abrindo espaço para novas jogadas e questionamentos. Assim como em uma partida, onde o desfecho só se revela no último segundo a pesquisa segue descortinando camadas e nuances, montando um quebra-cabeça que ainda está longe de ser formado. Nesse sentido, as crônicas esportivas desempenham um papel inegável, atuando como narradoras desse jogo inacabado, trazendo à tona cenas do cotidiano e revelando um projeto sociocultural em construção. Elas moldam percepções e ressignificam o passado, desafiando o tempo e convidando o leitor a não abandonar as arquibancadas da curiosidade. O jogo continua, e cada nova peça é um convite a revisitar a trajetória do futebol piauiense, reconhecendo suas influências, contradições e agentes, e refletindo sobre os caminhos que nos trouxeram até aqui.

REFERÊNCIAS

ABREU, Areolino de. *Discursos*. Teresina: Imprensa Oficial, 1913.

ALABARCES, Pedro. *Historia mínima del fútbol en América Latina*. Ciudad de México: El Colegio de México, 2018.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado; ensaios de teoria e história*. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

ALBUQUERQUE, Wlamyra; FRAGA FILHO, Walter. Lutas sociais nas primeiras décadas do século XX. In: ALBUQUERQUE, Wlamyra; FRAGA FILHO, Walter. *Uma história do negro no Brasil*. Uma história do negro no Brasil. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

AMADO, Gilberto. *Assunto sério: aparências e realidade*. São Paulo: Monteiro Lobato e Cia., 1922.

ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. “*Com brasileiro, não há quem possa*”: crônicas de futebol e identidade nacional. 1999. 250 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

ANTUNES, Fátima Martins Rodrigues Ferreira. “*Com brasileiro não há quem possa*”: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: UNESP, 2004.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Os gênios da pelota: um estudo do futebol como profissão*. 1980. 90 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 1980.

AVELINO, Jarbas Gomes Machado. *As escritas dos bacharéis: a ciência e o direito como mediadores para a construção de uma sociedade republicana*. 2010. 193 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

BARROS, Fransuel Lima de. Corpo, esporte e saúde em Teresina. In: BARROS, Fransuel Lima de. *Teresina moderna e civilizada: as sociabilidades teresinenses sob o olhar dos cronistas (1900-1930)*. Teresina: Cancioneiro, 2021.

BARROS, Fransuel Lima de. *Teresina moderna e civilizada: as sociabilidades teresinenses sob o olhar dos cronistas*. Teresina: Cancioneiro, 2021.

BARROS, José D’Assunção. Histórias interconectadas, histórias cruzadas, abordagens transnacionais e outras histórias. *Secuencia* (103), enero-abril, 2019. doi: 10.18234/secuencia.v0i103.1528.

BARROS, José D’Assunção. *Teoria da História V: A Escola dos Annales e a Nova História*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BECKER, Howard. *Outsiders* – estudos de sociologia do desvio. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BOAS, Franz. Raça e progresso. In: CASTRO, Celso (org.). *Franz Boas: antropologia cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BOURDIEU, P.; DARBEL, A. A. *O Amor pela arte* – os museus de arte na Europa e seu público. São Paulo: Edusp, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

BOURDIEU, Pierre. Como se pode ser esportivo? In: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, Pierre. O espaço social e gênese das classes. In: BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Thomaz. Lisboa; Rio de Janeiro; DIFEL: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Trad. Jeni Vaitsman. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRACHT, Valter. O corpo disciplinado: corpo e poder em M. Foucault. In: BRACHT, Valter. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2005.

BRACHT, Valter. O esporte e as instituições. In: BRACHT, Valter. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. 4. ed. Ijuí: Unijuí, 2011.

BRANCO, Lívio Castello. *Almanaque da Parnaíba*. Parnaíba, 1927.

BRANDÃO, Tanya Pires. *A elite colonial piauiense: família e poder*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.

BRASIL. Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. *D.O.U* de 16/04/1941, p. 7.453.

BRITO, Bugyja. *Narrativas autobiográficas*. v. 1. Rio de Janeiro: Folha Carioca, 1977.

BRITO, José de Paulo. *Memórias urbanas: uma viagem ao passado do futebol em Parnaíba, 1898-1920*. Parnaíba: Circulando Comunicação Visual Gráfica, 2013.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CÂNDIDO, A. et al. *A crônica*. Campinas: Unicamp, 1992.

CAPRARO, André Mendes. *Identidades imaginadas: futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX*. Curitiba: Programa de Doutorado em História, Departamento de História, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, 2007.

CARVALHO, Claunísio Amorim. *Terra, grama e paralelepípedos: os primeiros tempos do futebol em São Luís (1906-1930)*. São Luís: Café e Lápis, 2009.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres plurais*. Recife: Edições Bagaço, 2005.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHALHOUB, Sidney. *Capítulos de história social*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhos do Rio de Janeiro da belle époque*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Sousa; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Org.). *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas, SP: Unicamp, 2005.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. *Defesa e ilustração da noção de representação*. Fronteiras, Dourados, MS, v. 13, n. 24, 2011.

COLLINS, Tony. *How football began: a global history of how the world's football codes were born*. 1º edition (English Edition). Abingdon, UK: Routledge, 2019.

CONRAD, Sebastian. *What is global history?* Princeton: Princeton University Press, 2016.

COSTA, Nelson Nery. O Piauí na primeira metade do século XX. In: CONRAD, Sebastian. *História piauiense: aventura, sonho e cultura*. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2018.

CROSSLEY, Pamela Kyle. *O que é história global?* Petrópolis: Vozes, 2015.

CUNHA, Olívia Maria Gomes da. Do ponto de vista de quem? Diálogos, olhares e etnografias dos/nos arquivos. *Estudos Históricos*, 2005, v. 2, n. 36.

DAMATTA, Roberto. A antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. *Revista da USP*, n. 22, 1994, p. 11-12.

DAMATTA, Roberto; NEVES, Luiz Felipe Baêta; GUEDES, Simoni Lahud; VOGEL, Arno. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Pinakothke, 1982.

DARNTON, Robert. Os trabalhadores se revoltam: o grande massacre de gatos na rua Saint-Séverin. In: *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

ELIAS, N. *Introdução à sociologia*. Portugal: Edições 70, 1980.

ELIAS, N. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

ELIAS, N; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

FAUSTO, Boris. De alma lavada e coração pulsante. *Revista de História*, São Paulo, jun./dez. 2010, n. 163, p. 139-148.

FILHO, Mário. *O negro no foot-ball brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmão Pongetti Editores, 1947.

FILHO, Severino. *Memórias do futebol piauiense*. Teresina: Halley, 2014.

FILHO, Severino. *Piauí, 100 anos de futebol*. Teresina: Halley, 2005.

FONTENELE, Walter. Memórias dos primórdios do futebol de Parnaíba. *Portal PHB*. 2023. Disponível em: <https://www.portalphb.com.br/2023/01/memorias-dos-primordios-do-futebol-de.html>. Acesso em: 20 jan. 2024.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

FREYRE, Gilberto. Futebol brasileiro e dança. In: FREYRE, Gilberto. *Seleção para jovens*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

FREYRE, Gilberto. *Ingleses no Brasil*: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil. 3. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GRUZINSKI, Serge. Os mundos misturados da monarquia católica e outras connected histories. In: *Topoi*, Rio de Janeiro, mar. 2001.

GUEDES, Simoni Lahud. *O futebol brasileiro: instituição zero*. 1977. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Museu Nacional, 1977.

HABERMAS, J. *Para a reconstrução do materialismo histórico*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996, 2003.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estatísticas do Século XX. Diretoria-geral de Estatística. *População das capitais dos estados do Brasil* (1872, 1890, 1900, 1910). p. 256. Disponível em: https://seculoxx.ibge.gov.br/images/seculoxx/arquivos_download/populacao/1908_12/populacao1908_12v1_022.pdf. Acesso em: 27 dez. 2023.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estatísticas do Século XX. Diretoria-geral de Estatística. *População do Brasil por Estados* (1872, 1890, 1900, 1910). p. 252. Disponível em: https://seculoxx.ibge.gov.br/images/seculoxx/arquivos_download/populacao/1908_12/populacao1908_12v1_018.pdf. Acesso em: 27 dez. 2023.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo IBGE 2022: panorama Piauí*. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 27 dez. 2023.

IELO, Antônio Mario. *Internacional Athletic Club – Parnaíba-PI*. História do Futebol. Disponível em: <https://historiadofutebol.com/blog/?p=2270>. Acesso em: 19 mar. 2024.

KRUEL, Kenard. *Chagas Rodrigues: grandes vultos que honraram o senado*. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2018.

LOPES, José Sérgio Leite. A vitória do futebol que incorporou a pelada – a invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro. In: *Revista USP* nº 22, jun./jul. ago., 1994.

LOPES, José Sérgio Leite. Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro. In: BATALHA, Claudio H. M.; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre (org.). *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Unicamp, 2004.

LOPES, José Sérgio Leite. Lazer, trabalho e cultura popular. *Licere*, Belo Horizonte, 2003, v. 6, n. 2, p. 107-116.

MACHADO, André Roberto de Arruda. Entre o nacional e o regional: uma reflexão sobre a importância dos recortes espaciais na pesquisa e no ensino da História. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 24, n. 45, p. 293-319, jul. 2017, p. 306.

MANHÃES, E. D. *Política do esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MAPA do Estado do Piauí, 1913. *Arquivo Nacional*. Fundo Paulo de Assis Ribeiro. BR_RJANRIO_S7_0_MAP_0371. Disponível em: <https://www.gov.br/arquivonacional/>. Acesso em: 27 jan. 2025.

MELLO, Sérgio. *História do futebol Parnahyba Sport Club – Parnaíba (PI)*. Escudo de 1920. Disponível em: <https://historiadofutebol.com/blog/?p=62430>. Acesso em: 25 jun. 2024.

MENDES, Felipe. Formação econômica. In: SANTANA, R. N. Monteiro de. (Org.). *Piauí: evolução, desenvolvimento, perspectivas*. Teresina: Halley, 1995.

MENESES, Maria Luiza Mota de. *Parnaíba no século XX*. Fortaleza: Produção Independente, 1994.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

MICELI, S. *Poder, sexo e letras na república velha*. São Paulo: Perspectivas, 1977.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. *Rua da Glória 2: as armas e as máquinas (1986-1921)*. v. 2. Teresina: EDUFPI, 2015.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. *Rua da Glória 3: no tempo dos revoltosos (1921-1934)*. v. 3. Teresina: EDUFPI, 2015.

MOORE, Rob. Capital. In: BOURDIEU, Pierre. *Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais*. Tradução de Fábio Ribeiro. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

NAPOLITANO, Marcos. O longo modernismo: reflexões sobre a agenda político-cultural do século XX brasileiro. *Revista Vórtex*, Curitiba, v. 10, n. 3, p. 1-23, dez. 2022.

NASCIMENTO, João Batista de Oliveira. *Parnaíba, terra do futebol*. Fortaleza: Premium, 2013.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. Futebol nos anos 1930 e 1940: construindo a identidade nacional. *História: Questões & Debates*, Curitiba: UFPR, n. 39, p. 121-151, 2003.

NEVES, Margarita de S. História da crônica, crônica da história. In: REZENDE, Beatriz (Org.). *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olímpio: CCB, 1995.

NOVAIS, Fernando A.; SEVCENKO, Nicolau. *História da vida privada no Brasil 3: República – da belle époque à era do rádio*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

NUNES, Maria Cecília S. de A. A influência britânica em Parnaíba-PI. In: ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino de; EUGÊNIO, João Kennedy (Org.). *Gente de longe: história e memória*. Teresina: Halley, 2006.

PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. Crônica: a leitura sensível do tempo. *Revista do Programa de Pós-Graduação em História*, Porto Alegre, n. 7, jul. 1997.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. Este mundo verdadeiro das coisas de mentira: entre a arte e a história. In: *Revista Estudos Históricos*. Arte e História, v. 2, n. 30, Rio de Janeiro, FGV, 2002.

PIMENTA, Rosângela Duarte. *Desvendando o jogo: o futebol amador e a pelada da cidade e no sertão*. 2009. 226 f. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal de

Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Recife, 2009.

PINTO, João Vieira. O porto de Amarração. *Almanack da Parnahyba*, 1928, ano 5, p. 35.

PISANI, Mariane. Região e regionalidades: o futebol piauiense. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE O FUTEBOL, 4, 2022, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo, 2022. Museu do Futebol. Mesa 03: Regionalidades. Mediação: Flavio de Campos. Mesa redonda transmitida pelo YouTube.

PONTES, Ailton Vasconcelos. *Depoimento* de 1º de fevereiro de 2005.

POZENATO, José Clemente. *Algumas considerações sobre região e regionalidade*. Programa de Pós-graduação em Letras e Cultura Regional. Disponível em: https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/artigo_pozenato.pdf. Acesso em: 01 nov. 2022.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *A importância da borracha de maniçoba: 1900-1920*. Teresina: FUNDAPI, 2006.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *Os literatos e a república: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo*. Teresina: EDUFPI, 1998.

RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo, Boitempo, 2015.

RAMOS, Graciliano. *Linhas tortas*. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 1981.

RAMOS, José de Nicodemos Alves. Casarão de Simplicio Dias. In: RAMOS, José de Nicodemos Alves. (Org.). *Parnaíba de A a Z: guia afetivo*. Brasília: Multicultural Arte e Comunicação, 2008.

REBELO, Goethe Pires Lima. *Tempos que não voltam mais: crônica sobre a Parnaíba antiga*. Rio de Janeiro: ADOIS, 1984.

REGO, Junia Motta Antonaccio Napoleão do. *Dos sertões aos mares: história do comércio e dos comerciantes de Parnaíba (1700-1950)*. 2010. 290 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2010.

REGO, Junia Motta Antonaccio Napoleão do. O Piauí na rota do comércio internacional: a presença dos comerciantes ingleses no Piauí oitocentista. *Informe Econômico (UFPI)*, Teresina, ano 16, n. 31, jun. 2014.

REVEL, Jacques. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. In: *Revista Brasileira de Educação*, v. 15, n. 45, set./dez. 2010. p. 443.

RIBEIRO, Jakson dos Santos. A escrita do cronista maldito: quando o visto, o vivido, o sentido, se tornam narrados. In: CARVALHO E SILVA, Márcio Douglas de; FERREIRA, Ronyere; BARROS, Fransuel Lima de (org.). *História, literatura e imprensa: meios e modos de pensar o passado*. Teresina: Cancioneiro, 2020.

RIBEIRO, Luiz Carlos. Futebol: por uma história política da paixão nacional. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 57, p. 15-43, jul./dez. 2012. Editora UFPR.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. Pierre Bourdieu: esquemas analíticos e contribuição para uma teoria do conhecimento na sociologia do esporte. *Sociedade e Cultura*, v. 8, n. 1, jan./jun. 2015.

SALES, Antônio Vieira; NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Uma viagem ao mundo de pintinho. *Revista Cadernos de Teresina*. Ano 7, n. 15, Teresina, 1994, p. 22-24.

SANTOS, Henrique Sena dos. Desastres materiais, desordens morais: o “football de vagabundos” nas ruas de Salvador, 1905-1920. *Recorde: História do Esporte*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 1-26, jun. 2012, p. 16.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; DRUMOND, Maurício. A construção de histórias do futebol no Brasil (1922 a 2000): reflexões. *Revista Tempo*, Niterói, v. 19, n. 34, p. 30, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/QNV8GYn3T6V79XCg7R9nr8m/>. Acesso em: 2 dez. 2024.

SANTOS, Lyndon de Araújo. *As outras faces do sagrado: protestantismo e cultura na primeira república brasileira*. 2004. 340 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2004.

SAPIR, Edward. Cultura autêntica e cultura espúria. *Sociologia & Antropologia*, v. 2, n. 4, 2012.

SAPIRO, Gisèle. *A sociologia da literatura*. Belo Horizonte, MG: Moinhos; Confatios, 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

SEVCENKO, Nicolau. O exercício intelectual como atitude política: os escritores-cidadãos. In: SEVCENKO, N. *Literatura como missão*. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da vida privada no Brasil*. v. 3. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desatinos. *Revista USP*. São Paulo, n. 22, 1994, p. 30-37.

SEVCENKO, Nicolau. História da vida privada no Brasil. v. 3. In: SEVCENKO, Nicolau. *A capital irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 577.

SILVA, Alexandre Wellington dos Santos. *A pobreza urbana em Parnaíba, Piauí (1890-1920)*. 2018. 259 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Ceará, 2018.

SIMPÓSIO TEMÁTICO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, 1, 2003, João Pessoa. In: Simpósio Nacional de História, 2003. *Anais [...]*. João Pessoa, Paraíba, 2003.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. *Connected histories: notes towards a reconfiguration of early modern Eurasia*. In: *Modern Asian Studies*, 31, 3, 1997.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. Em busca das origens da história global: aula inaugural proferida no collège de France em 28 de novembro de 2013. *Estudos históricos*: Rio de Janeiro, 2017, v. 30, n. 60.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

VELOSO, M. & MADEIRA, A. *Leituras brasileiras – itinerários no pensamento social e na literatura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

VIANA, Rodrigo Silva. *Crônica de futebol: o drible entre a literatura e o jornalismo*. 2008. 94 f. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2008.

Fontes hemerográficas

A CRÔNICA esportiva. *Pacotilha*, São Luís-MA, 01 nov. 1917, ano 37, n. 258, p. 1.

ÁLBUM do Maranhão em 1923. *Sport Maranhense*. 1923. p. 108.

A MANIA do “foot-ball”. *Pacotilha*, São Luís-MA, 21 set. 1916, ano 36, n. 223, p. 1.

ALMANACK da Parnahyba, Parnaíba, 1925, ano 2.

ALMANACK da Parnahyba, Parnaíba, 1925, n. 2.

ALMANACK da Parnahyba, Parnaíba, 1926, ano 3.

ALMANACK da Parnahyba. Parnaíba, 1928, ano 5.

ALMANAQUE da Parnaíba, Parnaíba, 1935, ano 12.

ALMANAQUE da Parnaíba, Parnaíba, 1936, ano 12.

ALMANAQUE da Parnaíba, Parnaíba, 1936, ano 13.

ALMANAQUE da Parnaíba, Parnaíba, 1940, ano 17.

ALMANAQUE da Parnaíba, Parnaíba, 1977, n. 54.

ANÚNCIO. *O Nordeste*, Teresina, 18 set. 1920, ano 1, n. 42, p. 5.

ARTÍSTICO versus Theresinense. *O Arrebol*, Teresina, 19 out. 1919, ano 5, n. 42, p. 5.

AS MULHERES e o bigode. *O Arrebol*, Teresina, 20 dez. 1922, ano 9, n. 26.

- BATISTA, Jônatas. Discurso. *O Arrebol*, Teresina, 19 set. 1918, p. 2.
- BATISTA, Jônatas. Discurso. *O Artista*, Teresina, 22 set. 1918, ano 1, n. 1, p. 2.
- BECK. Teremos uma liga Sportiva em 1919? *O Artista*, Teresina, 5 out. 1918, ano 1, n. 2, p. 1.
- BRINQUEDO prejudicial. *A Imprensa*, Teresina, 2 dez. 1925, ano 1, n. 45, p. 4.
- CALIXTO. Liga Sportiva. *O Nordeste*, Teresina, 17 abr. 1920, ano 2, n. 21, p. 4.
- CARTEIRA local. *O Comércio*, Teresina, 5 ago. 1906, ano 1, n. 6, p. 2.
- CARVALHO, Mario. O golpe do campo. *Inovação*, Parnaíba, nº 72, 1988.
- CASTELO BRANCO, Renato. “Parnaíba tem memória”, 1996, p. 338.
- CINHA. Cartas femininas. *O Nordeste*, Teresina, 15 maio 1920, ano 1, n. 25, p. 2.
- CLISSOLD, C. E. O Sport. *Pacotilha*, São Luís, 03 fev. 1916, ano 36, n. 28, p. 1.
- COLUNA Sportiva. *A Imprensa*, Teresina, 12 nov. 1925, ano 1, n. 37, p. 4.
- COLUNA Sportiva. *A Imprensa*, Teresina, 15 set. 1925, ano 1, n. 13, p. 1.
- COLUNA Sportiva. *A Imprensa*, Teresina, 20 out. 1925, p. 1.
- CONSTRUÇÃO do campo de foot-ball. *A Imprensa*, Teresina, 17 nov. 1925, ano 1, n. 27, p. 4.
- CORPORE Sano. *O Monitor*, Teresina, 24 out. 1907, ano 2, n. 50, p. 4.
- CORPORE Sano. *O Monitor*, Teresina, 24 out. 1907, ano 2, n. 52, p. 1.
- COUTINHO, Pedro. Tiradentes A. Clube. *O Arrebol*, Teresina, 28 jun. 1925, ano 9, n. 80, p. 3.
- DE TUDO. *O Jornal*, São Luís, 1 de jul. 1916, ano 2, n. 486, p. 1.
- DIÁRIO de S. Luiz. São Luís, 18 jan. 1923, ano 4, n. 15, p. 2.
- DO REGIME escolar. *Diário do Piauí*, Teresina, 11 maio 1911, ano 1, n. 61, p. 2.
- EDUCAÇÃO Physica. *O Monitor*, Teresina, 10 out. 1907, ano 2, n. 50, p. 1.
- ELLE. O F.A.C. no Parnaíba. *Vida Sportiva*, São Luís, 1921, n. 176, p. 26.
- EMBAIXADA do Syrio brasileiro volta hoje do Piauí. *O Imparcial*, São Luís, 1930, ano 5, n. 2196, p. 4.
- ESQUADRÃO do Luna Sport Club [...]. *Sport Illustrado*, 11 de jan. 1940, ano 2, n. 92, p. 27.

ESTATUTOS do “Artístico Foot-Ball Club”. *O Artista*, Teresina, 25 maio 1918, ano 1, n. 2, p. 3.

ESTATUTOS do “Artístico Foot-Ball Club”. *O Artista*, Teresina, 22 set. 1918, ano 1, n. 1.

F.A.C. em Parnahyba. *Pacotilha*. São Luís, 16 out. 1920, ano 40, n. 245, p. 1.

FESTIVAL Sportivo. *Jornal de Notícias*, Teresina, 2 jun. 1918, ano 1, n. 42, p. 2.

FOOTBALL nos estados. *O Globo Sportivo*, Rio de Janeiro, 15 nov. 1940, ano 1, n. 10, p. 1.

FOOT-BALL. *A Imprensa*, Teresina, 15 set. 1925, ano 1, p. 4.

FOOT-BALL. *A Luz*, Floriano, 4 dez. 1920, ano 1, n. 3, p. 3.

FOOT-BALL. *O Momento*, Teresina, 24 out. 1937, ano 5, n. 462, p. 1.

FORA de troca. *O Nordeste*, Teresina, 16 out. 1920, ano 1, n. 46, p. 8.

FREYRE, Gilberto. Foot-ball mulato. *Diário de Pernambuco*, Recife, 17 jun. 1938, p. 4.

INTERNACIONAL Board. *Sport Illustrado*, Rio de Janeiro, 11 jan. 1940, ano 2, n. 92, p. 1.

LAGRECA. Coluna Sportiva: os jogos de 21. *O Arrebol*, Teresina, 1925, n. 71, p. 1.

LIGA Piauihyense de Sports Terrestres. *A Imprensa*, Teresina, 2 jun. 1928, ano 3, n. 397, p. 4.

LIGA Piauihyense de Sports Terrestres. Pelo Esporte. *A Imprensa*, Teresina, 7 fev. 1928, ano 3, n. 349, p. 4.

MAGALHÃES, Augusto Lopes. Discurso. *O Artista*, Teresina, 22 set. 1918, ano 1, n. 1, p. 1.

MAIS UMA liga confederada. *Diário de S. Luís*, São Luís, 10 dez. 1921, ano 2, n. 292, p. 3.

MEETING. *Reacção*, Teresina, 4 fev. 1922, ano 1, n. 5, p. 1.

MITIGAL. *O Momento*, Teresina, 21 out. 1927, ano 5, n. 459, p. 2.

MORAES, João. América Foot-ball Club-Convite. *A Imprensa*, Teresina, 7 fev. 1928, ano 3, n. 349, p. 4.

NO PIAUHÍ. *Pacotilha*, São Luís, 3 maio 1917, ano 37, n. 103, p. 1.

NOTAS Sportivas. *O Arrebol*, Teresina, 9 out. 1924, ano 10, n. 66, p. 2.

NOTAS Sportivas. *Piauihy*, Teresina, 27 nov. 1919, ano 33, n. 333, p. 1.

NOTAS Sportivas. *Piauihy*, Teresina, 7 mar. 1920, ano 30, n. 360, p. 2.

NOTAS. *Jornal Piauihy*, Teresina, 27 nov. 1919, ano 30, n. 333, p. 1.

- O DR. JOSÉ de Abreu em Floriano. *A Imprensa*, Floriano, 5 nov. 1925, p. 4.
- O F.A.C. na Parnahyba. *O Jornal*, São Luís, 26 out. 1920, ano 4, n. 1.814, p. 1.
- O FESTIVAL da liga. *A Imprensa*, Teresina, 12 nov. 1925, ano 1, n. 37, p. 4.
- O FOOT BALL nas ruas. *Jornal de Notícias*, Teresina, 1919, ano 2, n. 11, p. 1.
- O FOOTBALL no Piauí. *Vida Sportiva*, Rio de Janeiro, 20 nov. 1920, ano 4, n. 169, p. 11.
- O FOOT-BALL. *Jornal da Tarde*, São Luís, 4 maio 1910, ano 30, n. 104.
- O LUSO em Parnaíba. *Diário de S. Luiz*, São Luís, 20 jan. 1923, ano 4, n. 17, p. 2.
- O NORDESTE. Jônatas Baptista. Teresina, 17 abr. 1920, p. 1.
- O NOSSO primeiro centenário. *Almanack de Oeiras*, Oeiras, 1923, p. 13-14.
- O PIAUHY não deve ser excluído. *Folha do Povo*, São Luís, 27 fev. 1925, ano 3, n. 48, p. 3.
- O SUCESSO do nosso concurso esportivo. *O Piauihy*, Teresina, 1919, ano 30, n. 290, p. 1.
- O TRABALHO. *O Artista*, Parnaíba, 1 maio 1922, ano 3, n. 11, p. 1.
- PARNAHYBA Sport Club. *Almanack da Parnahyba*, 1926, ano 3, p. 40.
- PARNAHYBA X Luso Brasileiro. *O Imparcial*, São Luís, 23 ago. 1927, ano 2, n. 440, p. 2.
- PARNAÍBA moderna. *Almanack da Parnahyba*, Parnaíba, 1926, ano 3, p. 17.
- PEDAGOGIA. Excertos trazidos [...]. *O Piauihy*, Teresina, 16 set. 1920, ano 31, n. 411, p. 1.
- PELO Esporte. *A Imprensa*, Teresina, 18 jan. 1928, ano 3, n. 345, p. 4.
- PELO Piauihy. *Diário de S. Luiz*, São Luís, 27 out. 1924, ano 5, n. 242, p. 4.
- PROGRESSO do Brasil. *O Malho*, 25 jan. 1913, n. 541, p. 48.
- REALIZA-SE [...]. *O Arrebol*, Teresina, 12 out. 1924, ano 10, n. 67, p. 1.
- REMINISCÊNCIA do foot-ball. *Almanaque da Parnaíba*, 1936, ano 12, p. 261.
- RUFIAO. Foot-ball. “Cuidemos quanto antes de organizar um quadro de juizes”. *O Nordeste*, Teresina, 27 dez. 1919, n. 5, p. 3.
- SANTOS, Romão Ribeiro dos. Apello ao povo theresinense. *Voz do Norte*, Teresina, 24 maio 1931, p. 1.
- SEMANA elegante. *O Nordeste*, Teresina, 6 dez. 1919, ano 1, n. 2, p. 3.

SEMANA elegante. *O Nordeste*, Teresina, 8 maio 1920, ano 1, n. 24, p. 3.

SÓLIDA e elegante edificação. *Almanack da Parnahyba*, 1926, ano 3.

SPORTSMAN. Traços característicos de torcedoras. *Vida Sportiva*, Rio de Janeiro, 1920, n. 175, p. 7.

THERESINENSE “versus” Artístico – a primeira vence o segundo 2x1. *O Nordeste*, Teresina, 1º maio 1920, ano 1, n. 23.

THERESINENSE Athletic Club. *O Nordeste*, Teresina, 10 abr. 1920, ano 1, n. 20, p. 2.

UM VERDADEIRO sportman. *Almanaque da Parnaíba*, 1937, ano 14, p. 234.

UMA DAS tradicionais tardes emotivas [...]. *Almanack da Parnahyba*, 1928, ano 5, p. 45.

UMA VISITA que honra. *Almanack da Parnahyba*, 1928, ano 5, p. 56.

VAGABUNDOS. *O Nordeste*, Teresina, 6 dez. 1919, ano 1, n. 2, p. 1.

VIDA Desportiva. *Diário de S. Luiz*, São Luís, 1 jan. 1923, ano 3, n. 1, p. 2.

VIDA Desportiva. *Diário de S. Luiz*, São Luís, 5 jan. 1923, ano 4, n. 5, p. 2.

VIDA Desportiva. *Diário de S. Luiz*, São Luís, 8 jan. 1923, ano 4, n. 6, p. 2.

VIDA Desportiva. *Diário de S. Luiz*, São Luís, 9 jan. 1923, ano 4, n. 7, p. 3.

VIDA Desportiva. *Diário de S. Luiz*, São Luís, 10 jan. 1923, ano 4, n. 8, p. 2.

VIDA Desportiva. *Diário de S. Luiz*, São Luís, 12 jan. 1923, ano 4, n. 10, p. 2.

VIDA Desportiva. *Diário de S. Luiz*, São Luís, 15 jan. 1923, ano 4, n. 12, p. 2.

XYZ. *Pacotilha*, São Luís, 31 dez. 1917, ano 37, n. 308.

XYZ. Pelo esporte. *Pacotilha*, São Luís, 02 jan. 1918, ano 37, n. 2, p. 4.

XYZ. Pelo Esporte. *Pacotilha*, São Luís, 17 dez. 1917, ano 37, n. 296, p. 1.

XYZ. Pelo esporte. *Pacotilha*, São Luís, 19 dez. 1917, ano 37, n. 298, p. 1.

XYZ. Pelo Esporte. *Pacotilha*, São Luís, 20 dez. 1917, ano 37, n. 299, p. 1.

XYZ. Pelo Esporte. *Pacotilha*, São Luís, 21 dez. 1917, ano 37, n. 300, p. 4.

XYZ. Pelo esporte. *Pacotilha*, São Luís, 31 dez. 1917, ano 37, n. 308, p. 4.

XYZ. Pelo Esporte. *Pacotilha*, São Luís, 31 dez. 1917, ano 37, n. 308, p. 1.

XYZ. Pelo Esporte. *Pacotilha*, São Luís, 4 jan. 1918, ano 38, n. 11, p. 1.

XYZ. UMA BELA festa. Pelo Esporte. *Pacotilha*, São Luís, 11 jan. 1918, ano 38, n. 10, p. 1.

ZÉ FERNANDES. É Progresso. *O Nordeste*, Teresina, 18 set. 1920, ano 1, n. 42. p. 7.